

MAIS FORTE QUE O DESTINO

Notorious

Kathryn Kramer



Uma **Inglaterra,** **1655**
dama **notável**

Ela é Devondra Stafford, filha do "Cavalheiro James", um salteador de estradas que rouba dos ricos para dar aos pobres. Mas quando James é capturado e condenado à morte, Devondra aceita um acordo por puro desespero: para salvar seu pai da forca, ela concorda em se deitar com Quentin Wakefield, um nobre atraente e sedutor... Como magistrado de Londres, Quentin tem poder para absolver o Cavalheiro James, e embora despreze o fora da lei, ele fará qualquer coisa para possuir a bela filha do salteador.

Porém Devondra não imaginava que viveria uma noite de paixão indescritível, uma noite que ela jamais esqueceria... Até descobrir que Quentin não cumpriu sua palavra... Determinada a se vingar, Devondra traça um plano para arruinar Quentin, que terá de arriscar a própria vida para salvá-la de um inimigo decidido a vê-la pendurada no cadafalso, assim como fez com o pai dela...

Digitalização e Revisão:
Projeto Revisoras





Querida leitora,

Você vai ler uma história fascinante, de uma jovem que, em um momento de desespero, concorda em passar a noite com um nobre poderoso e influente, em troca da absolvição de seu pai, condenado à forca. Nada, porém, acontece conforme o esperado... Devondra não imaginava que fosse se apaixonar perdidamente por Quentin, e tampouco que este fosse traí-la, ao descumprir com sua palavra... Começa, então, uma aventura romântica sem igual, à medida que Devondra arquiteta sua vingança e Quentin enfrenta todos os perigos para salvá-la de um inimigo perigoso e traiçoeiro...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©1996 by Kathryn Kramer

Originalmente publicado em 1996 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KATHRYN KRAMER BOULDER.CO-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: NOTORIOUS

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Cristina Calderini Tognelli

Revisão: Patrícia Chaves

ARTE

Mônica Maldonado

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua



© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 - sala 20a - Jd. Rancho Alegre - Santana do Parnaíba —

CEP 06515-200 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Nota da Autora

A palavra “salteador” continha uma conotação romântica, no passado. Os primeiros salteadores eram oficiais monarquistas que iam para as estradas quando perdiam seus bens e eram considerados renegados. O fato de esses homens estarem familiarizados com as relativamente recém-inventadas pistolas representava uma vantagem sobre suas vítimas, que normalmente só tinham espadas como arma. Bandos organizados desses bandoleiros ficavam de tocaia em lugares como Hounslow Heath, Gadshill, Shooter’s Hill e Salisbury Plains, na Inglaterra.

“Cavalheiros da Estrada” ou “cavaleiros da estrada” era como esses homens se denominavam. Como eles se concentravam em atacar os ricos, eles logo se tornaram populares para o cidadão comum. Ninguém das classes menos afortunadas ficava triste porque o duque de Northumberland ou de St. Albans tinha sido apossado e roubado. Na verdade, ser roubado por um salteador famoso era muitas vezes considerado uma honra.

As charnecas, florestas e estradas proporcionavam esconderijos para esses salteadores, que surgiam de repente com seus gritos de “Mãos ao alto!” ou “O dinheiro ou a vida!”. Não é de admirar que muitas viagens fossem feitas com pressa, e que certos trechos do interior do país fossem atravessados o mais rápido possível. Onde havia homens ricos, por certo havia também salteadores, prontos para atacar.

Muitos salteadores viviam uma vida de luxo e até se tornavam objeto de lendas e baladas românticas. Mas havia também o lado sombrio. Os cadafalsos foram se tornando cada vez mais comuns ao longo das estradas, tanto quanto as estalagens. A execução pública em lugares como Tyburn tornou-se um símbolo daqueles que transgrediam a lei e não conseguiam enganar seus perseguidores. Muitas vezes traídos, esses bandidos-heróis terminavam com o pescoço pendurado em uma corda, e vários locais de enforcamento chegaram mesmo a se tornar marcos nos mapas do século XVIII.

As execuções logo se transformaram em acontecimentos populares, acompanhadas por uma espécie de feira, com vendedores de frutas, trovadores e batedores de carteiras se misturando à multidão. Era frequente esses espetáculos mórbidos terminarem em tumulto, quando, após um enforcamento, a corda era finalmente cortada e o corpo de um galante herói caía sobre o patíbulo, deixando para trás uma viúva, filhos, namorada, ou alguém disposto a planejar vingança.

Este é o cenário da minha história, da filha de um salteador que decide enfrentar o homem responsável pelo enforcamento de seu pai. Embarcando num caminho de aventura e vingança, ela encontra o amor onde menos esperava.

Capítulo I

Middlesex e Londres, 1655

A tensão pairava no ar tal qual a calmaria antes da tempestade; a sensação de perigo era bem perceptível para Devondra Stafford, que parada do lado de fora da estalagem Devil's Thumb, esperava pelo pai. O caminho, no entanto, estava deserto; não havia sombras, nem silhuetas, nenhum sinal de vida.

— Oh, onde ele está?

Ansiosa por ouvir os relatos das aventuras daquela noite, estava impaciente e compreensivelmente agitada, visto que o pai não se ocupava de algo comum. Ele era um salteador. De fato, todas as noites, quando saía de casa, o "Cavalheiro James" brincava com o perigo.

Num período em que a vida de muitos ingleses submetidos às regras do Commonwealth de Cromwell era enfadonha e sem-graça, a de Devondra era excitante por causa de seus relatos, mesmo que por vezes cheia de riscos.

O pai era impetuoso. Ousado. Inegavelmente, o mais galante dos salteadores da charneca. Vistoso. Nobre. Charmoso. Considerado vilão pelos ricos, era um herói para os pobres que viviam em Hounslow Heath, que com freqüência se beneficiavam de suas pilhagens.

A partir de seu quartel-general na estalagem, o Cavalheiro James iniciava muitas de suas façanhas, que logo se tornavam assunto em Londres. Ainda que existissem diversos salteadores, ele sempre levava certo glamour às confusões das estradas, talvez por ser um romântico em sua essência. Ele não saberia roubar sem um floreio, assim como não saberia caminhar ou cavalgar sem graciosidade.

A verdade era que se dizia que muitas damas secretamente fantasiavam encontrá-lo. Muito mais depois que se soube que ele havia dançado com uma bela dama em vez de assaltar-lhe a carruagem. Havia boatos na cidade de que ele propusera exonerar o pagamento do acompanhante de uma senhora caso ela lhe concedesse um beijo.

Devondra riu dessa história, pois conseguia imaginar o pai sendo leniente por causa de um rosto bonito. Os últimos tempos tinham sido bons para eles. Se as cavalgadas noturnas não os haviam tornado ricos, ao menos lhes permitiam cobrir as necessidades básicas e mesmo alguns luxos.

A realidade, todavia, não fora sempre assim. Houve um tempo em que haviam sido muito pobres. Um dos partidários do deposto rei Charles I, James Stafford teve todos os bens confiscados, perdendo terras, dinheiro e o título quando os monarquistas perderam. Empobrecido, vagou pelas ruas de Londres em busca de trabalho, mas a resposta era sempre a mesma. O país vivia um tumulto, as pesadas taxas impostas pelo Parlamento a fim de bancar a guerra foram responsáveis por tempos difíceis. Imposições rígidas vigoravam nos bolsos e na consciência das pessoas. Havia poucos empregos, e esses eram concedidos somente aos seguidores do lado vitorioso.

O pai, porém, não sucumbiu ao destino. Seguindo a estrada, o nobre viúvo encontrou um modo de ressurgir da pobreza, apesar de à margem da lei. Usando um chapéu emplumado, uma capa esvoaçante, botas de couro, calça e camisa pretas, montava um cavalo negro decorado com estribos prateados em suas incursões noturnas. Nesse ínterim,

o país fervilhava de pessoas ávidas por capturá-lo.

— Não tema. James é tão esquivo quanto a neblina de Londres. Ninguém conseguirá pegá-lo.

Sem se virar, Devondra reconheceu a voz de Tobias, o amigo mais fiel de James.

— Não estou com medo.

— Então por que está aqui fora esperando? A noite está fria. Seria melhor entrar e se aquecer perto da lareira.

— Tal qual um gato no tapete? — Ela meneou a cabeça. — Não. Quero esperar por ele. Quero ouvir...

— As aventuras desta noite? — Tobias riu. — Só sei que James planejava atacar um dos homens de Cromwell.

Ela se virou para fitar o baixinho ruivo.

— Ótimo!

Ela detestava Cromwell e todos que serviam ao homem responsável pela execução do rei ungido. Oliver Cromwell tomara o poder de quem de direito na Inglaterra. Pior, era mais ladrão que seu pai, pois tomara não só o dinheiro das pessoas, mas também seus corações e almas.

Agora havia leis proibindo imprecações, danças, jogos de cartas e competições esportivas. Teatros e hospedarias em Londres e em outras áreas populosas haviam sido fechados. Ninguém podia trabalhar aos domingos. No inverno anterior, mesmo a ceia de Natal fora proibida. A frivolidade e o divertimento eram menosprezados. Devondra detestava o Commonwealth e as leis rígidas que o acompanhavam. Ansiava pelo retorno das coisas como elas eram. Quem sabe o pai pudesse recuperar o título e as terras e assim abandonar as estradas? Nesse meio tempo, o que mais desejava era poder partilhar de suas aventuras.

— Eu queria tanto...

Embora ele a tivesse levado consigo em algumas de suas incursões, as regras tinham mudado, e ele a deixava para trás agora.

— Que ele a levasse junto. — O sorriso com poucos dentes de fobias demonstrava sua empatia. — Sabe que ele jamais pensaria nisso. Não agora, com a cabeça a prêmio.

— Eu sei... — Ela suspirou.

Não valia a pena capturar salteadores até que um prêmio fosse oferecido pelas suas cabeças. Devondra sabia que eles só eram perseguidos após conquistarem uma reputação pela sua ousadia, pois assim o prêmio era mais alto. Os caçadores de recompensa esperavam até que o salteador se tornasse notório para dar o bote.

— Mas, Tobias, quero me sentir como ele se sente. Quero partilhar de seus sonhos, da excitação...

— Do perigo. — Tobias balançou a cabeça. — Sabe que ele sempre a proibirá.

— Para me proteger.

Tobias se apressou em apaziguar a frustração da moça.

— James é um homem solitário. Ele gosta de ir sozinho. — Dando de ombros, completou: — Eu mesmo venho sendo deixado para trás, apesar de me achar muito necessário.

O som do galope de cavalos interrompeu a conversa.

— Papai?

— Não. — Tobias arqueou uma sobrancelha e encostou o ouvido no chão, percebendo que se tratava de diversos cavaleiros.

Logo uma sombra escura se movimentou no alto da montanha mais próxima, vindo na direção da estalagem.

— Quem será? — Devondra se perguntou. Ao vislumbrar os capacetes e as capas vermelhas, exclamou: — Os soldados de Cromwell!

— Por Deus! Mas como?

Devondra sabia o que os levava até ali.

— Papai! — exclamou em pânico.

Precisava interceptá-lo antes que ele voltasse para a estalagem. Levantando as saias, correu para o estábulo, superando Tobias, que por causa de um antigo ferimento de guerra ficava para trás.

Arfando, chegou ao estábulo, empurrou a porta e hesitou só um segundo para recobrar o fôlego.

Na quietude do estábulo, somente os cavalos quebravam o silêncio. Mesmo assim estava nervosa ao andar de baia em baia, mas logo fez sua escolha: um cavalo negro, que se misturaria à escuridão da noite. Vendo que selá-lo tomaria tempo demais, visto que tinha as mãos trêmulas, montou sem a sela e sem as rédeas, segurando-se à crina.

— Vamos lá, garoto! — Segurando-se ao pescoço da montaria, partiu na noite escura, rezando freneticamente para não chegar tarde demais.

Movendo-se na sela, Quentin Wakefield resmungou alto ao guiar o cavalo trilha abaixo. As estradas de Londres e do entorno estavam em péssimas condições, não passando de trilhas de cascalho ligando vilarejos, um incômodo para os viajantes. Em alguns trechos, as passagens eram tão estreitas que as carruagens só conseguiam prosseguir diminuindo a velocidade consideravelmente. Não era de se admirar que ele, como magistrado, recebesse tantas reclamações.

— E este trecho é o pior...

Heath, como era chamada aquela charneca, era a área mais perigosa no sudeste da Inglaterra. Era ali que bandos organizados aguardavam para pilhar. Com uma carranca, Quentin segurou o cabo da espada, depois relaxou. Depois daquela noite, haveria um ladrão a menos com quem se preocupar.

— Hoje o Cavalheiro James atacou sua última carruagem. Traído por um dos seus, o malfadado salteador veria a carreira chegar ao fim, Quentin concluiu com certo alívio. Os soldados que agora desciam a encosta logo encurralariam a raposa na toca.

— E o audacioso vilão ficará pendurado na corda!

De repente, sem aviso algum, uma figura apareceu em seu campo de visão, voando como o vento através do prado pantanoso em direção às árvores, como quem desafiando a seguir. Se fosse o próprio Cavalheiro James, Quentin teria a glória de capturá-lo. Se não fosse, nada se perderia nesse encontro. Pensando assim, pôs o cavalo a galope, avidamente perseguindo cavalo e cavaleiro.

Sua montaria era muito mais ágil e, com uma ponta de satisfação, notou que a distância entre os cavalos diminuía.

— Pare, em nome do Lorde Protetor! — exclamou. Devondra ouviu o grito, mas não obedeceu. Ao contrário, incitou seu cavalo a um passo ainda mais rápido, pois caso falhasse, seria a sentença de morte do pai. Com o som dos cascos dos cavalos reverberando nos ouvidos, seguiu estrada abaixo, procurando por sinais do pai. Por fim o avistou adiante, movendo-se sem pressa, sem saber do perigo que o espreitava. Acenando freneticamente na tentativa de alertá-lo, gritou:

— Perigo! Cuidado! Cui...

Antes que terminasse, um braço forte a segurou.

— Avisá-lo? Acho que não!

Tentando se desvencilhar do homem, ela se esquivou, esquecendo-se de que não segurava as rédeas, e caiu, num baque que a deixou sem fôlego. Em questão de segundos, foi imobilizada por seu perseguidor, que se deitou sobre ela.

— Seu velhaco! — Quentin exclamou para quem pensava ser um dos comparsas do

salteador. — Pode tentar lutar, mas não se livrará do carrasco!

Ao ouvir tal afirmação, Devondra se encheu de forças e o esmurrou no peito.

— Chega! Pare de me bater ou juro que o esganarei eu mes... — Um vislumbre do belo rosto que o fitava o imobilizou. Era bonito demais para pertencer a um rapaz. Afastando-se ligeiramente, Quentin perscrutou a pessoa que segurava com tanta aspereza. A curva dos seios a denunciou, bem como os longos cabelos escuros. — Uma mulher?!

Devondra reencontrou a voz e disse:

— Solte-me!

— Soltá-la? — Ele riu, divertindo-se com a situação. — Ora, mas não é toda noite que um homem consegue uma caça tão surpreendente.

— Muito engraçado! — ela respondeu, chutando-o na canela.

Ele se retraiu, mas não gritou. Sentando-se sobre as pernas dela, advertiu:

— Faça isso de novo e esquecerei que sou um cavalheiro.

— Cavalheiro! *Bastardo* é a palavra que me vem à mente, senhor!

A resposta o surpreendeu, pois era de fato bastardo. A mãe fora uma sonhadora romântica, e o pai um marinheiro que nunca deixara os mares. Fitando-a, lembrou-se de tempos mais turbulentos em sua vida. Tempos cruéis que alimentaram um amargor em seu íntimo.

Refletida pelo luar, a expressão dele a fez se lembrar do demônio, silenciando nova declaração. Em vez disso, mudou de tática, suplicando:

— Por favor, deixe-me ir.

— Para que possa alertar o salteador? — Quentin meneou a cabeça enfaticamente. Um homem como Cavalheiro James não merecia uma segunda chance. — Não. Seu amante terá de enfrentar seu destino.

Sabendo muito bem que minutos preciosos se perdiam, ela disse, tentando manter a calma:

— Não é meu amante... é meu pai.

Com expressão impassível, Quentin soltou-lhe os pulsos e recuou.

— O Cavalheiro James é seu pai?

— Sim! — afirmou ela com orgulho ao se sentar, perscrutando o horizonte a fim de ver se o pai ouvira seu alerta.

— Ora essa... — O homem se tornara renomado demais para ser deixado em paz, então por que o tom de súplica da filha o afetava tanto? Por que o rosto da jovem o encantava a despeito de seus esforços para não notá-la?

— Por favor, deixe-o ir.

Ela pedia o impossível... Por que achava que ele cederia? Só porque era uma bela mulher?

— Não há nada que se possa fazer. Não mais.

Por ter treino militar, Quentin sabia que o Cavalheiro James não tinha como escapar. Mesmo que tivesse ouvido o alerta da filha e seguido pela estrada, ele seria caçado. O mais provável era que não a tivesse ouvido e, ao retornar para seu quartel-general, já devia estar cercado. Mesmo assim, Quentin a soltou de vez.

— Deve haver! — Pondo-se de pé, ela correu para o cavalo sem olhar para trás.

Vendo-a se afastar, Quentin também se levantou, mas apesar de montar no cavalo, não a perseguiu.

Um tropel avançava, abarcando uma área cada vez maior à medida que os cavaleiros desciam a encosta. A charneca foi alvoreçada pelos homens ávidos pelo ouro prometido àquele que capturasse o Cavalheiro James. Conforme os soldados se aproximaram de Hounslow Heath, o tenente os dividiu em dois grupos, enviando um para o leste e outro

para oeste, como numa manobra militar. Depois os grupos foram divididos novamente. Enquanto James se encaminhava para a estalagem, a ordem foi emitida e o salteador se viu cercado.

Observando do alto da montanha, Quentin pôde testemunhar toda a ação iluminada pelo luar, semelhante a um jogo de tabuleiro. Um jogo com conseqüências letais. Sem se importar com o perigo, porém, a filha do bandoleiro se encaminhava diretamente para o centro da escaramuça iminente.

— Pai! Siga-me! — ele a ouviu gritar.

Abrindo caminho por entre a vegetação, pai e filha mostraram destreza com os cavalos. Uma corrida começou quando os homens de Cromwell puseram-se no encalço deles. Passaram por caminhos tortuosos, por entre casas de telhado de sapé, atravessando riachos e pontes.

Mulher teimosa! Esse larápio não tem chance alguma..., Quentin pensou. Tinha, porém, de admirar a coragem e a determinação da moça. A maioria das mulheres estaria tremendo de medo, procurando um refúgio. A bela morena não demonstrava temor, estava ocupada demais tentando salvar o pai. Estava claro que havia muito mais ali do que somente um belo rosto.

Quanto ao bandido, as estrelas não brilhavam em sua direção naquela noite. O tiro de um soldado atingiu o flanco do cavalo, que caiu, quase o esmagando contra o chão. No último segundo, ele saltou e só lhe restou correr.

— Para a estalagem, pai!

Devondra sabia que seria sua única chance. Se conseguisse entrar e se entrincheirar, poderia ter tempo de seguir pelo túnel escondido do porão que conduzia até a igreja. Ali se esconderia até que o tumulto diminuísse, e os soldados, derrotados, fossem embora.

O salteador perseguido rapidamente seguiu até a estalagem e fechou a porta atrás de si. Devondra entrou logo depois e trancou a porta, amontoando cadeiras e mesas contra a porta, trabalhando ao lado do pai apesar de sua insistência para que o deixasse.

Confusos de início, logo os soldados entenderam que ele se refugiara na estalagem.

— Atrás dele!

O vigor das batidas na porta logo indicou que usavam bate-estacas.

— Deixe-me, Devondra. Vai acabar se matando se ficar comigo.

— Ou posso ajudá-lo a escapar — ela argumentou. — Venha. Depressa.

Acendendo uma vela, ela amparou a chama e se dirigiu para o alçapão, abrindo-o com uma mão apenas. O ar que subiu pela passagem era gélido e úmido, um lembrete das águas do rio próximo que com frequência inundava as escadas. Esfregando os braços, Devondra liderou o caminho, debatendo-se com obstáculos e se desvencilhando de teias de aranha. Foi recompensada pela luz ao longe no fim do túnel.

— Pai! Pai?

O som de janelas estilhaçando foi sua única resposta. Dando meia-volta, espiou para fora do alçapão e viu que o pai lutava com um dos soldados, primeiro com a espada, em seguida com os punhos. O que mais a amedrontou foi o cheiro acre de fumaça e as chamas que lambiam as paredes da estalagem. Os soldados haviam ateado fogo à construção.

— Fuja e salve-se, filha! — A camisa e o casaco de James estavam rasgados. A espada e a pistola jaziam no chão. As mãos do soldado, apertando-lhe o pescoço, o fizeram engasgar e tossir.

— Não!

Aquilo estava fora de questão. Ela era leal. Não permitiria que levassem o pai.

Em vez de fugir, Devondra pegou uma cadeira e acertou o soldado na cabeça. O pai ficou livre por um instante apenas, visto que o soldado foi substituído por outro e mais outro em seguida.

— Estamos em desvantagem! — James reconhecia o que sua filha se negava a ver: — Estou perdido.

— Não! — Ela sabia que era verdade, mas não podia deixar que ele enfrentasse tudo aquilo sozinho.

— Peguem-nos! — alguém gritou.

— Façam o que quiserem comigo, mas deixem-na em paz! — O Cavalheiro James se interpôs entre eles e a filha, as mãos estendidas numa súplica. — Ela não tem culpa dos meus pecados.

Apesar dos protestos de Devondra, ele se rendeu.

Na rua, encontraram confusão quando as pessoas perceberam que o salteador havia sido capturado. A despeito do fogo queimando a estalagem, elas se aproximaram para ver o que acontecia.

— Para trás! — Quentin exclamou, recebendo vaias como resposta.

A multidão desafiou os soldados de Cromwell abertamente. No início numa tentativa de resgatar o Cavalheiro James, depois num ato egoísta, brigando entre eles a fim de tomar o que podiam de dentro da estalagem. Os tesouros do Cavalheiro estavam à mercê do povo: dinheiro, ouro, jóias, relógios, até mesmo metros de seda bordada eram jogados pelas janelas. Foi só depois que a construção fumegante ficou vazia que alguma paz retornou.

— Olhe para eles! Um bando de animais gananciosos! — Quentin exclamou, com desgosto. Depois voltou a atenção para outra coisa: — A garota!

Procurou por ela, mas já era tarde. Assim como o pai, ela fora levada cercada pelos soldados. Uma multidão que ele começou a seguir e depois desistiu.

Não era de sua conta o que aconteceria com a moça. Pelo menos era do que tentava se convencer. Ainda assim, conforme se afastava, não conseguia tirar a filha do salteador do pensamento.

Um raio cruzou o céu da tarde cinzenta tal qual uma chama, iluminando a carroça de madeira da prisão conforme ela percorria as ruas pavimentadas com pedras. Devondra colocou os braços ao redor do pai, abraçando-o com força, tentando confortá-lo naquele momento de vergonha e perigo.

— Vai ficar tudo bem, pai — ela sussurrou de encontro ao seu peito. — Tenho certeza.

Estava à beira das lágrimas, mas esforçou-se para mostrar bravura e manter a voz controlada, para o bem dele. Ele tinha de se livrar daquilo. De algum modo. Qualquer um. O Cavalheiro James sempre lhe dissera que nenhum carrasco jamais o pegaria, não? Se alguém conseguisse escapar, seria seu pai. Recusava-se a acreditar que era tarde demais para salvá-lo. Ele era o herói de seu grupo. Sendo um homem leal e corajoso, não merecia morrer pendurado na ponta de uma corda.

Levantando o rosto, estudou as feições do pai com adoração, passeando o olhar desde os cabelos grisalhos até os pés calçados em botas de couro. Seu modo de vestir, desde o penacho do chapéu até a capa de cetim preta, a barba e o bigode bem-aparados, denunciava seu gosto pelo luxo, seus laços com um passado de nobreza. Ninguém era mais alto, elegante e belo que ele. Devondra duvidava que existisse alguém à altura de seu pai. Um dia sir James Earlwood Stafford fora um nobre, um general do rei. Hoje as circunstâncias o faziam enfrentar uma situação de penúria.

— Vai ficar tudo bem — repetiu ela, numa tentativa de apaziguar seus próprios medos.

Deus misericordioso, eles o estavam levando para Newgate! O lugar mais temido por aqueles que viviam à margem da lei. "Inferno" seria um nome mais adequado e, provavelmente, um destino melhor. Só restava esperar que a estadia fosse breve.

— Não, filha. As coisas nunca mais ficarão bem para mim. — Ao romper o silêncio, a voz de James soou rouca.

— Vão, sim. Tobias encontrará um modo de resgatá-lo e...

— Não. Não posso permitir que acalente esperanças vãs. — Os olhos castanhos estavam velados pela tristeza. Segurando-a pelo queixo, forçou-a a fitá-lo. — Precisa se preparar para enfrentar o fato de que sou um homem condenado.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Condenado? Não! — Ela balançou a cabeça, recusando-se a aceitar no que o pai dizia. — Encontrarei um modo de libertá-lo.

Devia haver Uma maneira!

— Devondra... — Ele se condoia com o que o futuro reservava para a filha. Tão jovem e bonita, com a vida inteira pela frente... Mesmo ali ela se mantinha ativa e forte, tentando esconder seus receios. — Querida e adorada Devondra...

Como ela se parecia com ele, desde a determinação que cintilava nos olhos castanho-esverdeados até o modo como mantinha o queixo erguido! Mesmo com as roupas e o rosto sujos pelo pó da estrada, era o tipo de garota que deixaria qualquer pai orgulhoso. Não era nada comum, mas sim uma pérola impecável. Uma dama, de nascimento e criação, apesar de as circunstâncias a terem forçado a viver entre malandros. Ah, como ele queria estar presente para protegê-la das injustiças da vida, no entanto sabia que essa era um desejo tolo. O destino o forçara a uma vida de pilhagens, e agora só lhe restava pagar o preço.

— Pai... eu... — Um trovão a interrompeu, lembrando-a de como ela detestava tempestades. O troar se assemelhava aos canhões da guerra civil. Embora não passasse de uma criança na época, ainda conseguia se lembrar das batalhas lideradas por Oliver Cromwell contra as forças do rei que haviam dilacerado a Inglaterra.

— Vai chover. — Erguendo o rosto, James fitou o céu. — Tantas nuvens... Como fantasmas negros e furiosos. Logo me juntarei a eles, a todas as pobres almas que sucumbiram...

— Não! — Devondra cobriu os ouvidos com as mãos, mas o pai as afastou com gentileza.

— Não tenho medo de morrer, filha, ainda que imagine que a corda resvalará minha pele com muito mais aspereza do que estou acostumado com minhas gravatas. — Ele tentou sorrir, mas não conseguiu erguer os cantos da boca. — Prometi a mim mesmo ser corajoso.

— Não vamos chegar a isso. Não vão enforcá-lo. Eles... Ele deixou escapar um suspiro profundo.

— Se acredita mesmo nisso, meu bem, então lamento muito por você.

Ele teria dito mais, porém o tumulto causado pela multidão do mercado da cidade da qual se aproximavam o interrompeu. Vendo a carroça que se aproximava, os espectadores funestos tomavam a rua, formando um círculo ao redor do veículo que passava com lentidão.

— É ele! O Cavalheiro James em pessoa! Ele assaltou vinte e quatro carruagens em dois meses!

— Valente!

— Não tão valente agora, hein? — Alguém riu conforme a carroça se adiantava.

Dedos em riste apontavam em sua direção. Olhos arregalados o encaravam.

— Olhe para as roupas dele... Que o diabo o carregue assim mesmo!

O desfile prosseguiu entre o populacho. Devondra tentou não reparar, mas era muito difícil. A excitação deles era tão alta quanto o som das trombetas que anunciavam a procissão humilhante do prisioneiro. Acotovelando-se e empurrando uns aos outros para dar uma boa olhada no famoso salteador, pareciam mais animais do que humanos.

— Dizem que ele era corajoso...

— Quero ver a coragem dele quando estiver com a corda no pescoço!

Ouviram-se vaias e imprecações. Alguns jogavam pedras, outros, pedaços de madeira, e todos zombavam das duas pessoas de pé na carroça. O veículo estava cercado por quatro guardas montados, mas eles não moveram um dedo sequer para proteger o prisioneiro. Devondra os ouvia rir, como se estivessem apreciando o espetáculo.

A multidão acompanhou a carroça, que desceu por Tyburn Lane, depois dobrou a esquina e seguiu na direção da prisão de Newgate.

De repente Devondra ficou com raiva. Das pessoas, dos guardas, de Cromwell, do

destino que parecia dar as costas a seu pai.

— Tolos! — Apoiando-se na lateral da carroça, soltou a língua contra o populacho: — Meu pai nunca lhes fez mal! Ele roubou dos ricos. As mesmas pessoas que legalmente roubam de vocês! Qualquer um que precisasse de ajuda podia contar com a generosidade de meu pai. Como podem ser tão cruéis?

— Ela está certa! — Uma matrona deu um passo à frente. — Numa noite de inverno ele me deu o próprio manto para me aquecer.

Um garotinho espiou por trás das saias da senhora idosa.

— Ele encheu minha mão de moedas quando precisei.

— Certa vez, quando fiquei a pé na estrada, ele me ofereceu uma carona em sua carruagem — uma jovem revelou.

— Ele é um cavalheiro! Um Robin Hood!

Os ânimos da multidão mudaram de pronto. Apesar de ainda seguirem a carroça, fizeram-no com maior sobriedade. Em lugar das zombarias, ofereciam solidariedade e preces, alheios às primeiras gotas da chuva que logo engrossou. Como se alguém tivesse tirado a rolha de um barril, as nuvens despejaram toda a umidade do céu. Eram as lágrimas dos anjos que choravam por seu pai por saberem que se tratava de um bom homem, Devondra concluiu. Um homem que dividia os lucros dos roubos com aqueles que mais necessitavam.

— Inferno! Vamos nos molhar até os ossos! — um dos guardas vociferou antes de apressar o cavalo que puxava a carroça com um tapa no flanco.

A carroça deu um solavanco e por um triz Devondra não caiu pela lateral.

— Devondra! — As mãos fortes de James seguraram a filha. Ele olhou com ódio para o guarda antes de praguejar: — Tolo! Ah, se eu tivesse uma espada em minha mão, eu lhe daria aulas de boas maneiras!

— Duvido, que ele seja capaz de aprender — ela replicou, mordaz.

Afastando uma mecha do rosto, Devondra fitou os quatro brutamontes que os acompanhavam. Eram bem o tipo que servia a Oliver Cromwell. Mas logo as pessoas se cansariam da mão de ferro do Lorde Protetor. E quando esse dia chegasse, homens como seu pai voltariam ao poder.

— Olhe para ela. Uma graça, hein, Tom? Sempre gostei das morenas... E com olhos como esses! Castanhos e verdes ao mesmo tempo. Uma beleza. — O olhar do homem atravessava Devondra. — E que peitos! Se ela gostar de mim, como vou me divertir...

Tal comentário a fez estremecer.

— Gostar de você? — O companheiro riu e balançou a cabeça. — Harold, veja como ela o encara. Como se você não passasse de um inseto. Só porque o pai era um dos traidores do lado do rei, ela se acha uma dama.

Trazendo o cavalo para perto da carroça, olhou ameaçadoramente para ela.

— Eu *sou* uma dama! — Os olhos de Devondra reluziam de ódio.

— Ora, é uma gata selvagem. — O homem se esticou para tocá-la, mas ela se retraiu com violência.

— Não me toque! — explodiu, sentindo ódio do homem que tentava tirar vantagem de sua condição precária.

Com uma risada de escárnio, ele a prendeu pelos pulsos.

— Bastardo! — James se adiantou em defesa da filha, mas foi atingido pelo soldado, caindo no chão coberto de palha da carroça.

— Pai!

Devondra tentou se ajoelhar ao lado dele, mas o guarda a segurava com muita força. O vento açoitou seu cabelo, cobrindo-lhe o rosto.

— Por favor, não o machuque! — Encharcado pela chuva, o vestido se agarrava a seu corpo. — Por favor! — implorou, os dentes batendo de frio e de medo.

— Solte a moça! — A voz profunda era autoritária, como que acostumada a dar

ordens. Em resposta, o guarda a soltou. — Volte ao trabalho, Ridgewood!

— Sim, senhor. — Naquela confusão a carroça tinha parado no meio do caminho.

Devondra olhou por debaixo dos cílios para a figura imponente que subjugara o soldado com tanta facilidade. A capa safira estava encharcada. Alto e musculoso, com uma aura de força esmagadora, ele se mantinha ereto na sela do cavalo apesar da chuva. Um soldado acostumado às intempéries, ela concluiu. Os cabelos escuros e espessos chegavam aos ombros. O maxilar era forte e bem-definido, o nariz, cinzelado à perfeição. As sobrancelhas faziam sombra sobre os olhos de um azul cristalino, olhos que pareciam penetrar em sua alma. Era um belo homem, seguro de si. E o que mais a incomodou, ele lhe parecia familiar.

— Quem é você? — ela perguntou.

— Não se lembra de mim, no entanto eu me lembro muito bem de você.

Os olhos dele a percorreram, depois se detiveram em seu rosto, relembando a noite em que a tivera sob seu corpo.

Um tremor a percorreu de alto a baixo quando ela sentiu o calor do olhar dele. Nesse instante, entendeu de quem se tratava.

— Você!

Se não fosse por aquele homem, ela teria salvado o pai.

— Vejo que se lembrou por fim.

— Lembro-me muito bem! — respondeu Devondra, com raiva. Sustentou-lhe o olhar sem conseguir se desviar. — Veio aqui para se vangloriar?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Verdade fosse dita, ele mesmo não sabia por que seguira a carroça da prisão. Talvez por querer vê-la novamente, ou somente para se certificar de que ela ficaria bem.

Olhando fixamente para Quentin, Devondra se ajoelhou ao lado do pai, que, apesar do golpe do guarda, não parecia machucado. Segurando-o pela mão, ajudou-o a se erguer.

— Isto logo vai terminar.

Uma dúvida cruel a sobressaltou: depois que chegassem a Newgate, o que aconteceria?

Quentin achou estranho o quanto ela parecia inocente. Será que as aparências podiam enganar tanto? Não importava. Detestava ver uma mulher tão bonita se sujeitar a tanto.

— Por que está nessa carroça? Você não é uma prisioneira.

Olhando por sobre o ombro, ela viu que ainda era objeto de observação do belo homem. Devia ser uma visão e tanto, encharcada daquele modo... Se ao menos a maldita chuva cessasse... Mesmo assim, procurou manter a pose.

— Não sou uma prisioneira, mas alguém com autoridade e compaixão permitiu que eu acompanhasse meu pai nesta hora tão angustiante.

Ele olhou de pai para filha.

Intrigada pelas perguntas do estranho e preocupada que ele pudesse causar problemas, perguntou:

— O que o senhor tem a ver com isso?

— Eu? Nada. — Ele deu de ombros. — Só estava curioso. E confuso pelas emoções que o sobressaltavam.

— Curioso? — Vendo que o homem estava ao menos interessado no que pudesse acontecer a seu pai, Devondra concluiu que talvez aquela fosse a oportunidade pela qual tanto ansiava. — Bem, já que é assim, devo dizer que meu pai vem sendo tratado muito injustamente. — Moveu-se na direção dele. — Ele é um homem distinto e orgulhoso; não um ladrão qualquer para ser maltratado e empurrado de um lado para o outro.

Quentin ergueu uma sobrancelha.

— Sem dúvida, é inocente...

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Inocente... sim!

Devondra ficou pouco à vontade em mentir, mas conseguia justificar as ações do pai. Ele só roubara a fim de sobreviver.

Na realidade, Cromwell era o verdadeiro criminoso.

— Todos são — retrucou ele com sarcasmo. — Cada um deles é inocente. Nenhum homem ou mulher em Newgate é culpado. — Os olhos dele se tornavam cortantes. — Só pode ser um caso de identidade trocada...

Devondra assentiu, ousando ter um pouco de esperança.

— Sim, identidade trocada! — A chuva parou se súbito, assim como tinha começado, e ela encarou isso como um bom sinal. — Meu pai é um homem bom! Ele não fez nada para merecer tratamento tão cruel. Newgate não pode ser o seu destino!

— Bom Deus, mas como mente, senhorita...

— Como? — A esperança de Devondra se estilhaçou ao ver que toda a simpatia se esvaíra do belo rosto. A expressão dele se tornara fechada.

— Eu disse que suas palavras são falsas. Ela se retraiu ante a acusação.

— Eu não minto. Meu pai é um bom homem. — Aos seus olhos, ele era o homem mais nobre de toda a Inglaterra.

— Um salteador! — Quentin fitou James Stafford com um brilho de reconhecimento nos olhos. — Um que tive o desprazer de encontrar na estrada. — Desejando pôr fim à conversa, cutucou o cavalo com os calcanhares. — Identidade trocada? Não! Agora que o vejo de perto, eu o reconheço, assim como a reconheci antes. — Com um olhar de desdém, afastou-se.

— Espere! Por favor, ouça o que tenho a dizer...

De nada adiantou a súplica de Devondra, pois ele não parou, tampouco olhou para trás. Em desespero, ela deixou a cabeça pender.

— O que foi que eu fiz? Ah, pai, eu tive uma chance, mas a deixei escapar...

Segurando-a com força, James a equilibrou quando a

MAIS FORTE QUE O DESTINO 29

carroça voltou a se mover.

— Não, fui eu que arruinei tudo. Fui um tolo ao me arriscar tanto. Eu não deveria ter me deixado pegar nessa armadilha. Ser pego desprevenido. Eu deveria ter tomado mais cuidado.

— Não foi sua culpa, pai. Como poderia imaginar que os soldados de Cromwell iriam até a vila? — Só podia ser uma traição. De que outro modo os soldados saberiam que o esconderijo do Cavalheiro James era na estalagem Devil's Thumb?

— Sim, acho que fui traído, mas por quem e por que, não faço idéia. — Balançando a cabeça, James permaneceu calado ao se aproximarem do destino.

Ainda que tentasse manter o otimismo, Devondra sentia as esperanças definhar. O pai jamais tentara esconder a identidade. Havia muitos que podiam testemunhar contra ele. Pessoas demais. De nada adiantaria alegar inocência. Mas o que fazer, então? Ela não podia simplesmente deixar que o carrasco o levasse.

Sua mente trabalhava furiosamente conforme a carroça avançava, mas nada de concreto surgia. Então, quando as paredes horrendas de concreto apareceram diante de seus olhos, seu sangue gelou.

Arrastaram James para fora da carroça com a mesma deferência como se ele fosse um saco de farinha. Nem Devondra recebeu um mínimo de gentileza. Empurrados, ela e o pai entraram no lugar mais temido por aqueles que viviam de roubos: Newgate.

— Ora, ora, ora, enfim chegamos — o guarda anunciou, estalando a língua. — Suas novas acomodações.

— Bom Deus! — Ela sentiu a boca secar. Por um instante ficou paralisada de medo. O pesadelo era real. Queria gritar, mas calou-se pelo bem do pai. E se...?

Forçou os pensamentos ruins para fora da mente, pois tinha de acreditar que havia

uma saída ou enlouqueceria. E mesmo assim, quando as portas de ferro se fecharam, ela estremeceu. E, de repente, eles estavam lá dentro.

A sala estava fria, apesar do fogo aceso na lareira. Ou será que era a apreensão que gelava seus ossos?, Quentin se perguntou. Qualquer que fosse o motivo, tinha de admitir que não aguardava ansiosamente a reunião daquela tarde com Oliver Cromwell.

O que ele queria? Vangloriar-se da captura de James Stafford, sem dúvida. Sendo um dos líderes da cavalaria real, Stafford fora a pedra no sapato de Cromwell durante a guerra. Só podia ser por isso que ele foi perseguido na noite anterior, Quentin concluiu ao se lembrar da jovem que ainda naquele instante estava viva em sua mente.

Mesmo encharcada, ela era linda. E vulnerável. Lembrou-se da centelha de esperança que lhe iluminou os olhos quando ela acreditou que ele pudesse ajudar seu pai, a determinação com que defendeu o salteador, apesar do perigo em que se colocava.

Ela ama aquele homem vaidoso, egoísta e tolo. Um homem que escolhera roubar em vez de trabalhar para ganhar seu sustento, com isso colocando o futuro da filha em risco. *Apesar de tudo, ela o vê como herói.*

Que olhos... Por só um átimo foram as janelas de sua alma, revelando todo o amor que ela era capaz de sentir. Amor, algo que ele sempre invejou e que tinha poucas esperanças de encontrar. Aquilo que secretamente sempre temeu.

Estou melhor sozinho. A verdade é que em alguns momentos não sentia empatia alguma pelas pessoas, pelo menos aquelas com que andava ultimamente. Somente uma vez ele amou. Ela fora a personificação do bem. Beleza, gentileza e generosidade numa única pessoa.

Tentando se acomodar na cadeira dura de espaldar alto, recostou-se e esticou as pernas. Enquanto aguardava a chegada de Cromwell, pensou nela.

Elizabeth Wakefield foi uma mulher sempre sorridente, com os pensamentos além da dura realidade. Quentin pressentia que ela contava os dias para que o amado voltasse para junto dela. Com isso, ele se viu partilhando desse sonho, amealhando fantasias assim como um miserável junta moedas. Mas seu pai nunca voltou.

Quentin passou muitas manhãs e fins de tarde brigando com os moleques, levando socos e pontapés, ganhando hematomas e olhos roxos ao defender a honra da mãe daqueles que a escarneciam. Fora chamado de bastardo tantas vezes que perdera a conta, aprendendo com isso que a força era seu único defensor.

Sua mãe penara muito. Embora ela não desse voz à melancolia e sempre acalmasse seus ânimos, ele sabia que ela se sentia sozinha e cansada, apesar de procurar criar um mundo de contentamento onde os problemas não poderiam atingi-los. Por fim, numa tentativa de recuperar a respeitabilidade, casara-se com um açougueiro corpulento, atarracado de corpo e alma, e tratara de se conformar.

Quentin, por sua vez, imaginara por fim ter encontrado um companheiro nesse puritano avantajado, recebendo somente reprimendas e punições severas em troca. Alegando que por ter sido concebido em pecado sua alma corria perigo iminente, o padraсто o fizera trabalhar de sol a sol, surrando-o caso ele ousasse reclamar.

Por fim, os abusos ao seu espírito e seu orgulho tornaram-se insuportáveis. Quentin perdera a cabeça, chegando perto de esganá-lo. O confronto quase levava a um homicídio e, por mais que amasse a mãe, ele tivera de fugir.

Aflito com suas lembranças, pôs-se de pé e começou a caminhar pela sala.

— Deveras, Wakefield, vai acabar criando buracos em meu tapete.

A voz aguda era gélida, e Quentin sentiu os cabelos da nuca se eriçar. Com toda a franqueza, não confiava naquele homem. Talvez por isso tivesse se virado, preferindo falar com Cromwell de frente.

— Ou em minhas botas — replicou, avaliando o homem que governava a Inglaterra.

Vestido de maneira sóbria, mais parecia um clérigo puritano e não um quase-rei. Mesmo assim, Quentin se curvou ligeiramente.

— Veio rápido.

— Sua mensagem pareceu urgente.

— Nem tanto. — A expressão de Cromwell era tão impassível quando a de uma estátua. Em seguida, com um aceno, indicou uma saleta acarpetada para a qual Quentin seguiu. — Mesmo assim, vou direto ao ponto. O Parlamento me ofereceu a Coroa. O que acha disso?

Que é o paradoxo supremo. Cromwell, o assassino do rei, o chamado visionário, sentia-se tentado a se tornar rei Oliver. Um homem que, assim como Quentin, tinha origens humildes. Nascido em Huntingdon, era o filho único de um fazendeiro. De maneira arrogante, seu credo incluía a convicção de que ele tinha a obrigação de expandir a influência de Deus de todos os modos. Também tinha certeza de que sabia quais eram os desígnios de Deus.

— E então? — Cromwell parecia impaciente para ouvir uma resposta.

— Recuse.

— O quê? — retrucou, descontente com a resposta, Quentin logo se explicou:

— Aceitar seria limitar seus poderes. Estaria amarrado por precedentes e pela lei. E, acima de tudo, seria muito perigoso restaurar um governo que você mesmo depôs.

— Entendo.

Cromwell permaneceu em silêncio por um bom tempo. Lançou uma acha na lareira e observou a chama se avivar. O som e a imagem da madeira queimando pareciam fasciná-lo.

Rei, Quentin pensou. Que ironia seria ver Cromwell colocar uma coroa sobre a cabeça, logo ele, que lutara contra Charles de todos os modos!

Cromwell entrara no Parlamento antes da Guerra Civil, tirando vantagem do conflito entre o rei e as Casas dos Lordes e dos Comuns. O rei acreditava que deveria ter poder absoluto, mas o Parlamento se considerava merecedor mais autoridade no governo.

Quando a guerra começou, Cromwell organizara uma tropa de Cavalaria pró-Parlamento e, com a ajuda de Quentin, liderara-a com tamanho sucesso que em dois anos se tornara tenente-general e segundo no comando do Exército do Parlamento. Esse novo modelo de exército fora o responsável pelas brilhantes vitórias em Marston Moor e Naseby. Ele fora um dos membros da corte que julgara e sentenciara o rei Charles à morte.

Esse foi o ato que quase significou a derrocada de Cromwell, pois a dignidade e a ancestralidade de Charles tornaram sua decapitação uma propaganda negativa para seus oponentes. A execução pública em Whitehall se realizou diante de uma platéia aturdida. Vivo, ele era impopular; morto, o rei conquistou a coroa de mártir.

A Inglaterra foi declarada uma nação democrática, governada sem um rei nem a Casa dos Lordes. Os Comuns se tornaram o poder governante, e o Conselho de Estado, do qual Cromwell era membro, foi indicado para tocar o governo. Como líder do Exército, Cromwell era o homem principal desse novo governo.

No entanto, poder limitado não lhe bastara. Pressionado pelos radicais puritanos de um lado e pelos elementos conservadores do outro, ele aboliu o Parlamento, assumindo o título de "Lorde Protetor da Nação". Como tal, ele se tornou o governante supremo, um rei sem o título, um homem visto como santo, demônio, gênio militar, assassino implacável, defensor da liberdade ou tirano sangrento, dependendo do ponto de vista. E o homem que tinha o futuro de Quentin Wakefield na palma da mão. Não era de se admirar que olhasse desconfiado para o Lorde Protetor agora. Até que ele sorriu.

— Mas é claro que você tem razão. Do modo como as coisas estão, sou mais poderoso do que Charles jamais foi. — Devagar, ele caminhou até a escrivaninha e ajeitou os papéis sobre o tampo. — Sou mais profeta que rei, um Moisés liderando os israelitas até a Terra Prometida.

Uma noção um tanto estranha, Quentin pensou.

— Moisés?

Um brilho iluminou o olhar de Cromwell.

— Os ingleses estavam escravizados no Egito dos Stuart, penando pelo deserto do infortúnio. — Fez uma pausa e sorriu. — Preciso de um homem como minha mão direita. Alguém que partilhe de minhas convicções.

Quentin enrijeceu. Não queria ser o fantoche de ninguém. Daria sua lealdade à Inglaterra, sua vida até, mas não entregaria sua alma por preço algum.

— E elas seriam...

— Que qualquer um que represente uma ameaça seja eliminado.

Quentin compreendeu o que Cromwell dizia.

— James Stafford.

— Exato. Certifique-se de que ele não cause problemas. — Tendo dito o que queria, Cromwell ergueu uma sobrancelha em silêncio e se retirou.

O ar pareceu estremecer. As sombras se mostraram mais ameaçadoras. Se Quentin não tinha certeza antes, agora já sabia. Os dias de James Stafford estavam contados. Mas, e quanto à filha dele?

Capítulo II

O salão nobre era um mar de rostos inclementes, frios e hostis. Aqueles homens não simpatizavam com o ladrão que os humilhara, assim como aos seus conhecidos na mira da pistola. E, no entanto, o destino do pai de Devondra estava nas mãos deles. Ela viu quando o guarda anotou num floreio com a pena no volumoso e gasto tomo da prisão o nome de James Earlwood Stafford e a data, 9 de maio de 1655. A prisão do pai era oficial, ela concluiu ao acompanhá-lo para seu lugar na frente do salão.

— Só me resta rezar a Deus que Sua sabedoria e misericórdia toque aqueles de coração endurecido — Devondra sussurrou. Sentando-se ao lado do pai, apertou-lhe a mão para transmitir coragem.

— Duvido que mesmo Ele possa suavizá-los... — James respondeu sem inflexão na voz.

— James Earlwood Stafford, de pé! — O juiz em suas vestes negras olhava com seriedade para o réu no alto de seu trono no tablado. Ao seu lado estavam os homens apontados a dar um veredito justo.

Justo? Pelas expressões nos rostos deles, Devondra já temia o resultado.

O julgamento, a bem da verdade, foi um pesadelo, uma zombaria do início ao fim. Um a um, os prejudicados pelos atos do infame salteador foram chamados para testemunhar, e cada palavra dita condenava o homem conhecido como Cavaleiro James. Os epitáfios lançados sobre a cabeça de seu pai eram proclamados com ódio e ressentimento, sem reconhecimento nenhum por ele lhes ter poupado a vida. Outros daquela profissão silenciavam as vítimas permanentemente, mas James Stafford era um homem misericordioso. Era óbvio, contudo, que o salteador não encontraria justiça ali. Já tinha sido julgado e condenado nos corações de todos eles. O que piorava a situação era que todos pareciam querer concluir o assunto com a maior prontidão possível, a fim de seguir para o próximo caso. Não havia tempo para palavras de defesa.

Era um arremedo de tudo o que era decente suportar aquela horrível simulação de

justiça. James Stafford nem tinha como se defender. Estava escrito em sua testa que ele sabia qual seria seu destino. Os olhos procuraram os da filha com tamanha suavidade que lhe tocaram a alma. Mesmo com o mundo ruindo aos seus pés, ele se preocupava com o bem-estar dela.

— Pai...

— Silêncio! — o juiz a admoestou. Com um gesto, ordenou que se calasse.

E agora ele concederá a vida ou condenará à morte com um simples aceno de cabeça, pensou Devondra. Mesmo assim, ficou abalada quando ele o declarou culpado. Talvez de fato acreditasse em milagres.

— Será levado para o patíbulo em Tyburn pela manhã, e lá, diante de todos, será enforcado.

As palavras ecoaram como sinos em um funeral, na cabeça de Devondra.

— Não! — Ela se ergueu, pouco se importando com as conseqüências. — Por favor! Clemência! Prisão sim, mas não a morte! Ele não matou ninguém.

— Todos os crimes hediondos são punidos com a força — o juiz declarou, irado. — A lei sentenciou seu julgamento. A pena por roubo é enfrentar o carrasco. E isso ele fará, assim que o galo cantar!

Devondra caiu de joelhos, implorando por mais tempo. Alguns poucos dias era tudo de que precisava, o suficiente para que Tobias e os outros pensassem em algo.

— Não amanhã. Conceda tempo a meu pai para que ele apele.

— Está decidido. — Com um resmungo incompreensível, o juiz fez com que os guardas levassem o prisioneiro.

Abalada, Devondra acompanhou em silêncio o pai que era arrastado.

— Fique com Tobias, Devondra. Não há por que ficar aqui. Você não é uma prisioneira. — James foi inflexível em sua ordem. — Deixe-me. Não quero que sofra aqui.

Devondra balançou a cabeça. Deixar o pai? Nunca. Desde a morte da mãe, sempre estiveram juntos. Enfrentaram a pobreza lado a lado. A fome. Superaram os tempos difíceis por causa do amor que sentiam um pelo outro. Partilharam o bom e o ruim. Se não havia nada que pudesse fazer para salvá-lo, ao menos ficaria a seu lado para lhe dizer o quanto o amava antes de sua morte. Com isso em mente, seguiu o pai como que entorpecida.

— Devondra, volte! Ordeno que me obedeça. Não é seguro permanecer aqui. É perigoso ficar perto destes abutres! — James, frenético, tentava dissuadi-la a demonstrar sua lealdade. — Saia daqui enquanto pode. Não é você quem está sendo punida. Você é livre. Vá!

— E deixá-lo sozinho? Não. — Palavras valentes, mas a cada passo ela se forçava a esquecer a covardia.

Em silêncio, atravessou os corredores e desceu os degraus íngremes que pareciam conduzi-los ao centro da Terra.

O odor nauseante de Newgate a engolfou, abalando seus sentidos. O fedor de corpos imundos, de despojos humanos e de bolor pairava tal qual uma neblina espessa, sufocando-a como um pesado cobertor. Instintivamente, ela cobriu o nariz com a mão.

— O perfume de Newgate — o odioso guarda informou, sorrindo ironicamente. — Misturado ao odor da morte. Dos corpos pendurados nas "árvores".

Devondra estremeceu ante o lembrete do destino do pai. Olhou para os rostos esmaecidos atrás das grades e os olhos desesperançados, provas vivas do sofrimento dentro da prisão. Mãos procuravam agarrá-los, num pedido de clemência...

— Pelo amor de Deus, saia daqui — James grunhiu, numa última tentativa desesperada de fazê-la enxergar a razão. — Você é jovem, tem a vida inteira adiante.

Aquele lugar horrendo só faria mal à sua doce e sensível filha.

Devondra umedeceu os lábios e engoliu em seco, tentando dizer alguma coisa. Nenhum som saiu de sua boca e então foi tarde demais. Escolhendo uma das chaves do molho amarrado à cintura, o guarda a inseriu na fechadura.

— Se insiste em ficar com ele, entre. — Ele abriu a porta enferrujada e empurrou James e a filha para dentro da cela. — Espero que fique confortável aqui. — Fechou a porta e seu riso ecoou pelo corredor. — Pensando bem, sua estada será breve...

Devondra olhou ao redor, examinando o cubículo diminuto. Paredes escuras de pedras brilhantes pela umidade se erguiam bem alto. Não havia janelas, somente as fendas na porta permitiam uma visão do que acontecia além das barras de ferro. Não havia como escapar; devia deixar de lado quaisquer feitos heróicos. A pele formigava com a sensação de perigo; algo mais ainda estava para acontecer. Sentia isso em cada nervo e tendão do corpo.

— Deveria ter me ouvido. — James pôs uma mão em seu ombro. — Mas fico orgulhoso por ter uma filha assim.

De repente ele se sentiu muito cansado. Velho. Era como se naquele dia tivesse envelhecido dez anos. Por certo os olhos estavam fundos, carregados de tristeza.

— E eu de ter um pai como o senhor... — Pegando-o pelo braço, Devondra o conduziu até o colchão de palha num canto. O dia fora longo e cansativo. Mesmo ela, jovem, sentia o desgaste. — Precisa descansar.

— Descansar? — Sentando-se na ponta do colchão, James cobriu o rosto com as mãos. — Vou descansar mais do que o necessário aonde eu vou. O túmulo será meu leito. Não, não quero saber de dormir.

Mesmo dizendo isso, ele se sentia exausto, desprovido de forças e energia. Com um suspiro profundo, deitou-se no colchão e fechou os olhos. Embora lutasse contra a sonolência, o som gutural de seus roncos logo ecoou pelo cômodo.

Devondra ficou de pé por um bom tempo, observando o pai, como se assim pudesse protegê-lo de todos os perigos que o rondavam, depois se sentou num banquinho de madeira. Só então permitiu que as emoções das últimas horas a assaltassem... Emoções e lembranças.

A manhã começara bem, os dois haviam tomado o desjejum na estalagem, no refúgio que os protegia entre as incursões. Mais tarde ele partira numa de suas galopadas noturnas, uma das pequenas viagens das quais sempre retornava são e salvo. Como haveriam de saber que aquela noite em particular acabaria com suas vidas? Como poderiam prever que seriam traídos?

Fechando os olhos, Devondra reviveu a cena, ouviu os sons dos cascos, viu as silhuetas dos soldados. O tropel de cavaleiros aproximando-se num galope furioso. James teria uma chance de escapar caso ela tivesse conseguido alertá-lo a tempo.

Ou não? Jamais saberia. O que sabia, entretanto, era que o amor do pai por ela e a recusa em deixá-la para trás eram os atos mais nobres que ela conseguia imaginar. Quando os soldados atearam fogo na estalagem e ameaçaram deixá-la ruir com ela dentro caso ele não se entregasse, ele se rendera. Para protegê-la. Para que ela ficasse em segurança. Alguém podia se admirar, então, que ela não conseguisse sequer pensar em desertá-lo?

E amanhã meu pai vai morrer, pensou com pesar.

Um gemido de desespero passou por sua garganta. Os olhos ardiam com as lágrimas que ela já não conseguia sufocar. Não queria mais detê-las. Foi como se uma represa se rompesse. Apoiada à parede, chorou até não poder mais. Em seguida, enxugando os olhos com o dorso da mão, prometeu nunca mais chorar, pois isso demonstrava fraqueza, e daquele momento em diante ela tinha de ser forte!

O som da chave girando na fechadura se intrometeu em seus pensamentos. Levantando o rosto, viu que o guarda espiava pela fresta e sentiu o estômago revirar, temendo o motivo que o levara a retornar tão rápido.

— Tem uma visita — ele resmungou, como se ir até ali fosse uma inconveniência.

— Uma visita? — Devondra virou-se para o pai, perguntando-se se queria mesmo acordá-lo.

— Não para ele. Para você.

— Para mim? — Só podia ser Tobias! Ele viera com um plano para libertar o pai. — Onde ele está?

Olhou de um lado para outro, procurando a figura jovial do amigo.

— Ele quer falar com você a sós. — Abrindo mais a porta, o guarda deu um passo para o lado.

— A sós...? — Era um pedido estranho. Tobias não escondia segredos de seu pai. Talvez temesse que fossem ouvidos se discutissem o assunto dentro da cela. — Bem, leve-me até ele, então.

Foi até a porta, mas hesitou. E se o guarda estivesse tramando alguma coisa? Talvez não houvesse visita alguma. Podia ser um plano para ficar com ela a sós. As lembranças do tratamento dos guardas no caminho até ali ainda eram muito vividas.

— Espere. Não sei se quero ir com você. — Aprumou os ombros e levantou o queixo. — E se isso não passar de um truque? Como posso ter certeza de que há alguém querendo falar comigo de fato? — Não havia por que confiar naquele homem.

— Porque eu disse! — Com um resmungo de desagrado, ele abriu os braços. — Ah! Fique se quiser. Não me importo com o que pode acontecer.

O guarda começou a se afastar, mas Devondra o alcançou, segurando-o pelo casaco.

— Espere!

Ela precisava se arriscar. Que outra escolha teria? A vida de seu pai poderia ser poupada. Apalpando a adaga escondida na meia, começou a caminhar pelo corredor.

A realidade de Newgate atingiu Quentin como um golpe físico. Era como estar mergulhado no pior pesadelo, tentando desesperadamente acordar. Como magistrado de Londres, acreditava estar preparado para o que encontraria atrás das paredes de pedra cobertas de sujeira, mas estava errado. O barulho, os gritos, o fedor da prisão o assaltaram conforme ele percorria os corredores sem fim.

Que lugar impressionante, pensou ao ver as barras de ferro, as portas massivas cheias de cravos de ferro. Era formidável, de um modo sinistro. Parecia mais uma série de gaiolas do que celas abrigando seres humanos. Por certo o lugar mais horrendo para uma jovem, fosse ela a filha de um salteador ou do próprio demônio.

— Por aqui. — O guarda inseriu a chave na fechadura de uma pesada porta de madeira, hesitando, como se esperasse que Quentin mudasse de idéia. Vendo as vestimentas caras de Quentin, murmurou: — A visão pode deixar o cavalheiro nauseado.

— Nauseado? — Quentin riu secamente, depois se tornou sério. — Durante a guerra testemunhei todos os horrores de que o homem é capaz. — Como comandante de Cromwell, viu mais mortos e moribundos, padecendo em poças de sangue, do que seria imaginável, testemunhara atrocidades que ainda assombravam seu sono. — Não há nada na face da Terra que possa me chocar.

— Quer apostar? — Inclinando o rosto, ele avaliou Quentin. — Gosta de apostar, senhor?

Algo nos modos do guarda enfureceu Quentin. Ele parecia presunçoso demais para seu gosto. Estava claro que precisava ser colocado em seu lugar.

— Não tenho tempo para tolices. Vim aqui com um propósito. — Indicando a porta, Quentin se mostrou sério. — Abra-a de uma vez. Tenho alguém esperando por mim.

— Como quiser.

Impassível, ele seguiu o guarda pelos degraus de uma escada íngreme. O mau cheiro aumentava conforme desciam, engolfando-o como um manto espesso. Ele se retraiu, ansioso por concluir sua missão e sair dali o mais rápido possível.

Por que diabos estou aqui?, pensou. Nada daquilo era de sua conta. Um ladrão fora capturado e ia ser punido.

Era algo corriqueiro. E mesmo assim, sentira-se compelido a vir a Newgate. Por quê? Ainda estava confuso quanto ao que parecia ter tomado conta de suas vontades. Por que aquela moça o impressionara tanto? Por que se sentira atraído a ir até ali? O que o fascinava nela? O orgulho, talvez. E a determinação com que protegia o pai, mesmo que este não fosse merecedor.

— Ela é sua amante? — A voz do guarda interrompeu suas reflexões.

— O quê?

— Bem, deve haver um motivo para o senhor vir a este inferno para falar com uma mulher. Pensei que ela pudesse ser...

— Ela não é! — A voz de Quentin soou mais alta e ríspida do que ele pretendia, talvez porque a beleza da moça incitasse desejos que ele não queria ter. — Vim até aqui porque a jovem não fez nada de errado e não deveria estar confinada entre estas paredes. Como magistrado, tenho a intenção de libertá-la.

— Se veio aqui para soltá-la, pode dar meia-volta. — O guarda deu de ombros. — Ela quer ficar com o pai. De livre e espontânea vontade.

— Lealdade descabida — Quentin retrucou. — O homem é um patife.

O Cavaleiro James era um salafário. Durante a guerra, como general do rei, fora impiedoso. Nas estradas, como salteador, comprazia-se em atormentar todos os que Cromwell colocara no poder. Mesmo assim, Quentin lamentava o modo como gritara com a moça. Afastara-se num rompante por causa da maneira como ela defendera a inocência do pai quando ele sabia que a verdade era outra. Todavia, tinha de admitir que sua raiva era dirigida ao pai, e não à filha.

Jamais se esqueceria da humilhação quando o Cavaleiro James o obrigara, sob a mira do revólver, a se despir e se esconder na mata, completamente nu. Ainda conseguia ouvir a risada do ladrão quando ele informara estar "acertando contas antigas de guerra". Cromwell e seus capangas o despojaram de tudo o que lhe era mais caro; só estava retribuindo o favor, ele disse.

— Um patife que logo vai para a forca. — Olhando de um lado para o outro para se certificar de que não seria ouvido, o guarda disse: — Claro que, se houver uma troca considerável de moedas, tudo pode acontecer. — Os olhos diminutos brilharam quando ele sorriu. — Isso pode deixar a moça bem agradecida, se é que me entende...

Quentin fitou o rosto marcado, menosprezando o homem cada vez mais com o passar dos minutos.

— Entendo perfeitamente.

Conhecia o tipo: um homem capaz de vender a própria mãe pelo preço certo.

— Está se referindo a suborno... — Um delito punível. O guarda ficou na defensiva.

— Suborno, não. Prefiro chamar de cooperação. — Os dedos gorduchos remexeram nas chaves ao recolocá-las em seu lugar no cinto. — Pense a respeito.

— Pegando uma tocha, seguiu pelo corredor e disse por sobre o ombro:

— Melhor ficar perto. Muitos homens se perderam neste labirinto. — E deu uma risada agourenta.

As passadas largas de Quentin permitiam que ele seguisse o guarda baixinho sem problemas. Ao chegarem a uma sala espaçosa, ele perscrutou a semiescuridão e viu uma figura se aproximar. De algum modo, sabia quem era antes mesmo de ela ficar visível, e se surpreendeu com os batimentos acelerados de seu coração.

— Aqui está seu visitante — o guarda que a acompanhava anunciou.

Uma tocha brilhava na sala, momentaneamente cegando Devondra. Ela piscou várias vezes e protegeu os olhos da claridade, depois encarou Quentin com expressão surpresa.

— Você!

— Vejo que se lembrou de mim desta vez.

Ele deu um passo à frente, curvando-se. Passou os olhos pelos cabelos despenteados e pelos inesquecíveis olhos expressivos que agora traziam cansaço em suas profundezas.

— Como eu poderia esquecer?

Ele continuava arrogante como antes, assim como elegante e belo. Devondra procurou manter a calma, observando-o com distanciamento. Ela esperava encontrar Tobias. O que ele estaria fazendo ali?

— Por que veio? — Afinal, ele já deixara suas opiniões bem claras.

— Vim tirá-la deste lugar! — Havia uma rispidez na voz dele ao fitá-la, como se esperasse obediência cega.

Devondra sustentou seu olhar.

— Como eu já disse mil vezes antes para quem quisesse ouvir: não!

— Não pode estar falando a sério.

Ela era ainda mais bela do que se lembrava. As feições, de perfil quando ela se virou, eram tão belas quantos as de um camafeu. A pele aveludada se estendia sobre os ossos de perfeita simetria. Embora o vestido esmeralda estivesse manchado e amarrotado, ela ainda estava gloriosa, convencendo-o de vez de que ela não poderia permanecer em Newgate. Nem um dia a mais, nem mesmo uma hora.

— Não saio sem meu pai.

Ela não conseguia desviar o olhar da figura alta e imponente. Ele trocara de roupa e agora vestia um conjunto púrpura decorado em dourado. Ele, ao contrário dos outros puritanos, parecia favorecer cores fortes. Pelo visto era alguém importante. Pensando assim, Devondra sentiu a esperança de poder salvar o pai renascer. Aquela visita era sua última chance. Implorando mais uma vez, num tom mais brando, acrescentou:

— Senhor, meu pai é um homem bom.

Naquela questão, a opinião dele era outra, mas Quentin a guardou para si, dizendo apenas:

— Vim por sua causa, não para salvar seu pai. — Queria deixar isso bem claro.

— Então não há nada mais a ser dito.

Devondra virou-se e começou a andar, mas ele se esticou e a tocou de leve no braço.

— Não vai conseguir nada ficando aqui. Seu senso de lealdade só lhe trará mais pesar. Seu pai deve ter lhe dito isso. — Sentindo os olhos dos dois guardas às suas costas, ele se virou e exclamou: — Por Deus! Saiam daqui, vocês dois! Este assunto requer um mínimo de privacidade.

Como os ratos que habitavam aquele buraco, eles guincharam, mas saíram às pressas, deixando Quentin e a moça a sós.

— Meu pai discutiu comigo, mas nesta instância resolvi desobedecê-lo. Não vou sair sem ele. Não vou me desesperançar. Deve haver um modo. Tem de haver... — Devondra enfrentou o possível salvador de seu pai, sabendo instintivamente que o único modo de conseguir o respeito dele era se mostrar tão determinada quanto ele. — Meu pai merece uma segunda chance. Faço qualquer coisa para que ele a consiga.

A sala estava escura. Quentin pegou uma tocha e a acendeu em um dos candeeiros da parede, depois a suspendeu para iluminar o cômodo, pensando no que ela acabara de dizer. Ela declarara ter a intenção de fazer *qualquer coisa* para salvar o pai. Essa promessa o deixou intrigado. Até onde ela estaria disposta a ir?

— Faria mesmo qualquer coisa para libertá-lo? — perguntou, arqueando uma sobrancelha ao fitá-la diretamente nos olhos.

— Sim, qualquer coisa!

Precisava de tempo. Se o pai conseguisse mais uma semana, Tobias poderia juntar dinheiro o bastante para comprar um pouco de justiça para seu pai. A corrupção corria desenfreada em todos os níveis do governo; prata e ouro, e não a ética, regiam a Inglaterra daqueles dias.

— É mesmo?

Quentin se perguntou que tipo de mulher ela seria. Enxergava inocência nos imensos olhos castanho-esverdeados, porém sabia que poderia ser fingida. Viver entre ladrões e

assassinos tornava a moral dela questionável.

Atrevido, Quentin passeou o olhar da cabeça aos pés dela, sem esconder sua admiração. Ela era tentadora. Incrivelmente adorável. A filha do salteador. Única descendente do Cavaleiro James. Uma jóia rara, como nenhuma roubada nas estradas.

Devondra corou ao enfrentar a análise minuciosa do homem. Sem dúvida ela, como qualquer outro, poderia ser comprada se moedas em número suficiente trocassem de mãos. Não era para esse caminho que a conversa seguia? Rapidamente ela disse:

— Eu... Eu posso lhe fazer uma oferta razoável.

— Razoável? — Quentin sorriu, intrigado. Aquilo estava ficando interessante. — E o que considera razoável?

Por um instante ela se agitou. O modo como os olhos dele brilhavam a deixava nervosa. Seria ele muito ganancioso? Por mais que quisesse manter a calma e barganhar, estava desesperada. O que era dinheiro comparado com a vida de seu pai?

— Cinquenta libras!

A resposta dela o divertiu e ele riu.

— Não era isso que eu tinha em mente.

Umedecendo os lábios, Devondra se preparou para o início da negociação. Então aquele homem era tão ganancioso quantos os outros chamados homens da lei. Que fosse. Se tivesse de passar o resto de seus dias trabalhando na estalagem para compensar aquele homem, ela o faria com alegria se isso significasse a liberdade de seu pai.

— Sessenta!

Mais uma vez ele riu. Será que ela era tão inocente a ponto de não entender seus desejos, ou seria apenas fingimento?

— Quero muito mais — disse com voz rouca, devorando-a com os olhos de novo.

Devondra se empertigou.

— Estou preparada para oferecer o que quiser — retrucou com frieza, furiosa com a risada dele.

Ele a fitou por um bom tempo, a expressão impassível, depois disse com franqueza:

— Não quero dinheiro; quero você.

— Eu?

Uma mão gélida pareceu se fechar ao redor de seu pescoço. Ele não podia estar falando a sério. Mas sim, era isso mesmo, ela concluiu quando ouviu as palavras seguintes.

— Vou providenciar para que seu pai seja poupado se passar esta noite comigo.

Devondra respirou fundo. Depois sua voz não passou de um sussurro em sua mente, mas em seguida ela conseguiu falar:

— O que disse?

— Você me ouviu. — Ele deu um passo na direção dela, a voz era profunda. — O que proponho, senhorita, é usar minha influência para libertar seu pai, caso concorde em se deitar comigo.

As intenções dele não poderiam ser mais claras. Devondra comprimiu os lábios, furiosa. Que tipo de homem faria uma proposta tão imoral?

— Bastardo! — *Homem arrogante...* Trêmula, ela se sentou num banco de madeira.

— Pode me chamar do que quiser, mas esta é a troca que proponho.

Não! A palavra ecoava em sua mente, num protesto mudo. Ele devia ser um dos lunáticos de Bedlam se acreditava que ela fosse concordar. *Nunca!* Tobias viria e traria os outros para libertar seu pai. Era somente uma questão de tempo.

Tempo... Mas a areia da ampulheta já estava quase no fim. Fechou os olhos, tentando controlar as emoções, mas de nada adiantou. Tudo o que conseguia pensar era a expressão do pai ao ouvir a sentença. Amanhã. *Tão rápido. Cedo demais.* Com o enforcamento marcado para a manhã seguinte, havia pouco tempo para encontrar um modo de salvar James Stafford.

Tinha de enfrentar os fatos: Tobias não apareceria. Qualquer tentativa de resgate seria

idiotice. Não havia como passar por aquelas paredes, nem mesmo o mais intrépido dos renegados conseguiria. Ninguém seria tolo o bastante de tentar roubar seu pai das mãos do carrasco. Era inútil ter tal sonho. Impossível.

Vou encontrar mais alguém para me ajudar. Por certo encontrarei alguém com compaixão. Alguém me compreenderá.

Em Londres? Levou as mãos ao rosto. Dificilmente. Aquela era uma cidade conhecida pela sua crueldade. E mesmo que encontrasse alguém disposto a ajudá-la, não seria de graça... O mais provável seria ter de pagar o mesmo preço que aquele homem pedia pela sua intervenção.

O que fazer então? Havia outra esperança?

Quentin observava as diversas expressões passar pelas belas feições, a raiva se transformar em confusão, e soube que havia vencido.

— Seu pai tem pouco tempo. A menos... — Inclinou a cabeça ligeiramente na direção dela.

Os olhos dela cintilaram de fúria.

— O senhor não é nenhum cavalheiro!

Tantos haviam tentado seduzi-la, mas ela sempre se orgulhara de manter a virgindade. Era o tesouro de uma mulher, o pai lhe dissera. E agora aquele homem insolente pretendia se apossar disso para aplacar seus desejos. Não significaria nada para ele; apenas um momento de prazer, sem importância e logo esquecido nos braços de outra mulher. Devondra, sendo como era, queria oferecer o coração antes de consumir a união dos corpos.

— Ah, mas sou sim um cavalheiro, um que valoriza beleza tal qual a sua. — Cruzou os braços diante do peito. — Só não sou um homem que floreia as palavras com galanteios. Eu a vi; eu a desejei.

— E isso torna a sua proposta algo decente? — Ela meneou a cabeça. — Não importam os motivos, as mulheres gostam de ser galanteadas, não compradas! — sibillou.

Ele deu de ombros.

— Não tenho tempo. Sou um homem ocupado. Mas vim até Newgate para ajudá-la. E é o que farei. — Fez uma pausa. — Se aceitar, consigo o que quero e você também. O que pode ser mais simples do que isso?

Devondra se pôs de pé e, avançando na direção dele, esmurrou-o no peito. Mas o peito dele era tão firme e rijo que foi ela quem se machucou e não ele. Com lágrimas nos olhos, fitou as próprias mãos.

— Já chega!

De repente Devondra se viu presa num abraço, os seios esmagados contra o peito forte. Quentin deu um giro, com ela suspensa em seus braços, os pés balançando longe do chão como se ela nada pesasse. Vendo o brilho nos olhos safira, ela pensou que deveria sentir aversão, contudo outra emoção a percorreu. Uma tensão se fez em seu estômago, e um arrepio a perpassou enquanto fitava os lábios bem-delineados.

Devagar, Quentin baixou a cabeça, com a intenção de tirar vantagem do momento e beijá-la. Seriam aqueles lábios tão macios quanto aparentavam?

Encarando-o, Devondra pressentiu as intenções dele.

— Solte-me!

Quentin obedeceu, embora relutante, deslizando-a pelo corpo. Rapidamente, ela se afastou.

— Age como se estivesse reclamando seus direitos.

— Tomei uma decisão — ele respondeu. — Agora basta você tomar a sua.

Ela bem que gostaria de jogar a sua recusa naquele rosto arrogante, mas sabia ser tolice. A frustração se amontoava em seu íntimo.

— Que escolha eu tenho?

— Nenhuma. — A voz dele era suave, profunda. Com intimidade, ele disse: — Mas

prometo que a experiência será bem diferente do sacrifício que imagina. — Os dedos eram surpreendentemente suaves ao tocá-la no rosto. — Lembrará desta noite pelo resto da vida.

O toque a fez estremecer. Era uma carícia erótica que avivava todos os seus nervos. Mesmo assim, ela se retraiu com brusquidão.

— Nunca apreciarei ser apalpada por alguém como você! — Virou a cabeça, fazendo os cabelos açoiar os ombros. — Vou me lembrar que ao me voltar para um homem à procura de misericórdia, ele tirou vantagem de minha situação para aplacar a própria luxúria.

— Foi você quem disse que faria qualquer coisa para salvar seu pai — ele replicou. — Só estou aceitando sua oferta. Agora precisa aceitar a minha.

Já estava formulando um plano. Havia muitos homens da lei que lhe deviam favores. Cobraria alguns débitos em troca da vida do salteador. O mais provável era que voltassem a capturá-lo de algum modo e devolvê-lo às garras da justiça.

— Por que eu? — ela arfou. — Você nem me conhece.

— Conheço o que preciso. Sei que é bela e desejável. — Mas talvez houvesse algo mais, Quentin pensou. Talvez fosse mais que luxúria a trazê-lo até ali. Seria possível que aquilo se tratasse de uma sutil forma de vingança contra o homem que lhe fizera mal? Não queria crer que fosse capaz disso. — Uma boa quantia de dinheiro e as devidas influências serão necessárias para libertar seu pai. Qualquer um haveria de querer um retorno sobre esse investimento.

Devondra suspirou e deu-lhe as costas, procurando discernir seus pensamentos. Como poderia agir de outro modo?

— Está bem. Em troca da vida de meu pai, farei o que quer. O acordo fora feito: a vida do pai pela sua virtude.

— Ótimo.

Ela seria sua! Observando-a, Quentin sentiu o coração pulsar na garganta. Ah, como estava impaciente. Aquela seria uma noite memorável.

Removendo o paletó, colocou-o sobre os ombros dela, depois com uma ligeira pressão no braço dela, conduziu-a para fora da sala até o corredor sombrio. Uma a uma, as portas se fecharam às suas costas conforme eles venciam o labirinto que era aquela prisão. E depois chegaram ao lado de fora.

— Meu pai... Preciso falar com ele... — E dizer o quê? Que estava comprando a vida dele com a sua virtude? O pai jamais concordaria com tal sacrifício. *A escolha é minha, não dele.*

A última porta bateu atrás dela com um caráter final, ressoando em seus ouvidos. Não havia volta. Não poderia mudar de idéia. Ainda assim, por um segundo Devondra teve vontade de fugir, de correr daquele homem que propusera tal intimidade.

— Vamos? — Quentin perguntou com suavidade. Devondra parou para olhar por sobre o ombro para a fortaleza. Um tremor a percorreu e ela pensou que deixar aquele lugar horrendo com aquele homem era quase tão aterrador quanto a experiência de entrar ali.

O ar estava fresco depois daquele respirado na cela fétida. Ela respirou fundo antes de responder:

— Sim.

Quentin a conduziu até o cavalo. Pegando as rédeas, montou com graciosidade e se inclinou, oferecendo o braço para ajudá-la a subir. Ela sentiu a força dos braços ao seu redor quando ele a segurou pela cintura. E então, antes que Devondra tivesse tempo de pensar no que estava por vir, puseram-se a caminho. Os cascos do cavalo ecoavam nos paralelepípedos das ruas, deixando Newgate para trás.

A cavalgada foi fria. Pelo caminho, Devondra viu as ruas londrinas mal-iluminadas passar como numa neblina inspirada num sonho. Aquilo não podia estar acontecendo com ela. A captura do pai, o horrível trajeto até Newgate e agora aquela viagem com um

desconhecido sem coração que só podia ser um pesadelo!

Na esperança de que aquele fosse o caso, beliscou o braço direito. Em vez de não sentir nada, arfou de dor. Não era um sonho!

Quentin ouviu o profundo inspirar e a sentiu tremer.

Acreditando que ela estivesse com frio, estreitou os braços ao seu redor e sussurrou:

— O trajeto não será longo. A Mansão Wakefield fica além dos portões da cidade, logo depois da floresta.

— A floresta...

— Sim, um lugar perigoso, concordo. — Levantou uma sobrancelha e deu um sorriso desdenhoso. — Dizem que está repleta de salteadores, mas você não deve saber nada a esse respeito.

Devondra sentiu-se corar ao se lembrar das poucas vezes em que acompanhara o pai em seu "trabalho" tarde da noite.

Quentin não tentou esconder o desdém que sentia por aqueles que ganhavam a vida à margem da lei.

— Assassinos, assaltantes e salafrários!

Eles tornavam as viagens perigosas. Abusavam, ameaçavam e aterrorizavam os cidadãos ingleses respeitadores das leis.

Pensando no pai, Devondra partiu em defesa de todos os salteadores com fervor:

— São apenas homens que foram forçados a fazer o que fosse necessário para sobreviver. Cromwell, aquele imbecil que se declarou governante da Inglaterra, foi injusto ao deixá-los à margem da lei por terem sido leais ao rei. Forçou-os à penúria e, portanto, a uma vida na qual precisam tomar o que lhes falta.

— Roubar, você quer dizer! De fato, eu arrisco dizer que nada é sagrado para esse tipo de pessoa. A bolsa, um casaco, um relógio ou até...

Mais uma vez Devondra foi rápida na defesa desses atos:

— A maioria é formada por bons homens, cavalheiros das estradas cujo único crime foi ser derrotado em seus esforços valorosos de defender os Stuart.

Esforços vãos. O rei Charles fora decapitado, e o único filho buscava refúgio na França, esperando sua chance de retornar ao seu lugar de direito.

— Cavalheiros? — Ele balançou a cabeça com veemência. — Não. Foragidos, é o que são. — Pelo tanto que sabia, ela mesma podia ser desonesta.

— Foragidos? — Não seu pai. O sangue dos cruzados, de menestréis, de campeões de justa e da nobreza corria pelas veias de James Stafford. Perante seus olhos, ele era um herói, um homem cujos olhos castanhos faziam derreter os corações das mulheres.

— Sim, foragidos!

Circunspecto, Quentin levou a mão ao cabo da espada, só para o caso de algum seguidor do Cavaleiro James aparecer. Ou qualquer outro salteador.

— Não tenho medo *deles*. Na verdade, eu me sentiria muito mais segura com qualquer um deles do que me sinto com o senhor — disse ela por entre os dentes.

Quentin se zangou com as farpas dela.

— Então depositou sua confiança no lugar errado.

E o que ele esperava? Tendo vivido entre os laráprios que atormentavam as florestas e as charnecas, a jovem não poderia ser um exemplo de bom juízo.

— No lugar errado? — Lembrando-se da camaradagem que partilhava com os companheiros do pai, ela discordou veementemente. Mas de que adiantaria discutir? O que quer que dissesse àquele homem seriam palavras desperdiçadas.

A noite estava escura, somente uma meia lua a iluminar o caminho. As folhas e galhos das árvores pareciam renda negra contra o cinza do céu conforme cavalgavam pela floresta. A exceção do pio ocasional de uma coruja, tudo estava muito quieto, como se os animais estivessem desconfiados dos intrusos. Sem dúvida, se eles pudessem falar, teriam muitas histórias sombrias para contar. Bem, nenhum homem mascarado ousaria atacá-lo

despercebidamente, Quentin pensou. Determinado, prestou atenção a todos os sons, ao menor movimento.

Somente quando chegaram ao limite externo da floresta, ele relaxou a guarda.

— Logo chegaremos. — Respirou fundo. — Ah, como é bom se afastar do ar carregado de fuligem de Londres!

Devondra espiou por sobre o ombro e viu a linha contínua de telhados e chaminés ao longe. Era verdade, o uso contínuo e crescente de carvão nas fornalhas de Londres contaminara o ar com fumaça. Todavia, apesar dos pesares, ela voltaria com prazer.

— Quanto falta para... Ele apontou.

— Ali. Você já pode ver as janelas iluminadas da Mansão Wakefield por entre as árvores.

Arregalando os olhos, Devondra fitou os quadrados iluminados que podiam ser vistos da colina e estremeceu ao contemplar sua chegada à imensa casa. Com uma claridade nauseante entendeu sua situação. Entregara-se a um homem desconhecido, colocando-se à sua mercê.

Não sei nada a respeito dele. O coração batia descompassado de medo ao se lembrar de brutos sádicos cujos prazeres incluíam surras, violência e muitas vezes até a morte de outrem. Como saber se o senhor da Mansão Wakefield não se encaixava nesse tipo?

— Por favor...

Queria voltar, desesperadamente. Mesmo os horrores de Newgate eram preferíveis à companhia do desconhecido. Mas como poderia ser tão egoísta e pedir por si própria quando a vida do pai estava em jogo? Quer gostasse, quer não, esse acordo era a única salvação para ele.

Quentin incitou o cavalo a seguir num galope mais rápido.

— Logo estará aquecida pelo calor da lareira. — *E da minha paixão*, ele pensou sem dizer.

Estava impaciente demais. A fragrância do cabelo dela, a proximidade do corpo, a lembrança de que ela seria sua, mesmo que por somente uma noite, eram potentes afrodisíacos.

De novo Devondra estremeceu, duvidando que mesmo o fogo mais quente pudesse derreter a camada de gelo que se formara ao redor de seu coração. Tensa dos pés à cabeça, lutou contra a vontade histérica de se afastar dele, pular do cavalo e correr pela floresta de volta à cidade.

Não seja covarde, admoestou-se. Sentir pânico de nada adiantaria. Em vez disso, forçou-se a manter a calma. Tinha feito um acordo, não importavam as consequências. Pensando assim, ergueu o queixo e se preparou mentalmente para o que estava por vir. Permaneceu calada o resto do trajeto, ignorando a queimação no estômago e a fraqueza nos joelhos quando, por fim, ele a desceu do cavalo.

— Siga-me. — As palavras foram ditas enquanto ele passeava os olhos pelo seu corpo.

Por um instante, Devondra temeu que seus joelhos não a sustentassem e ela caísse bem ali. Estava aterrorizada pelo que estava para acontecer. Ele a atacaria de imediato para dar vazão à luxúria? Ou ao menos teria algum tato em sua sedução? Imersa em pensamentos, ficou imóvel por um momento; depois, respirando fundo, seguiu-o pelo caminho que conduzia à pesada porta de madeira da mansão.

— Por fim, no covil do lobo... — sussurrou.

Um covil decorado com opulência, apesar da sobriedade que os seguidores de Cromwell mostravam no vestir e na decoração.

Ao entrar no vestíbulo fracamente iluminado, notou de imediato que o senhor da mansão tinha propensão a veludos coloridos, madeira entalhada, vidro veneziano, belas pinturas e prataria.

Quentin ouviu, mas ignorou o comentário sarcástico que comparava sua casa a um

covil. Devagar e com insolência, percorreu os olhos pela silhueta dela ao fechar a porta atrás de si. Dirigindo-se à lareira, acendeu o fogo.

— Pronto, pode ficar à vontade. — Tirando o casaco e o chapéu, gesticulou para que ela o imitasse.

— Não! — respondeu ela com prontidão, segurando o xale com mais força ao redor do corpo e analisando o dono da casa.

A luz da lareira enaltecia os ângulos do rosto, mistificando a profundidade dos olhos azuis e acentuando o acobreado dos cabelos escuros. Era um homem estonteante. Muitas mulheres a invejariam por estar ali com ele. Até mesmo ficariam felizes pelo que estava por vir. Mas ela não era esse tipo de mulher. Todavia, não conseguia deixar de pensar no que teria acontecido caso tivessem se conhecido em outras circunstâncias. Sem dúvida teria se sentido irresistivelmente atraída por ele.

Quentin se apercebeu da maneira teimosa com que ela se agarrava ao xale.

— Deseja continuar com seu abrigo. Como quiser. Caminhando na direção dela, tocou nos cabelos que caíam sobre a têmpora, depois fechou a mão. Ela era adorável. Observando-a naquele instante, era difícil acreditar que tivesse vivido entre criminosos. Era verdade que as aparências enganavam.

Sentindo seu toque, Devondra se retraiu. Agora que o momento se aproximava, sentia-se tomada pelo nervosismo, perguntando-se se teria coragem de cumprir o prometido. Mais uma vez temeu um ataque violento.

O senhor da Mansão Wakefield, contudo, provou ter mais elegância do que o imaginado, pelo menos por enquanto. Rapidamente chamou os criados e pediu que providenciassem uma mesa farta. Havia rosbife e presunto, travessas com legumes temperados com ervas, pão e uma ampla escolha de frutas. E vinho.

Normalmente Devondra se abstinha de bebidas fortes, mas acabou tomando três longos goles da taça oferecida, permitindo que o líquido dourado a aquecesse. Talvez assim conseguisse a coragem necessária.

— Devagar... Não há pressa. — Vendo que a taça já estava vazia, voltou a enchê-la. O vinho a relaxaria. Talvez assim ela parasse de encará-lo como se ele fosse um ogro. — Pode tomar o quanto quiser.

Cruzando os braços, apoiou um pé na pedra da lareira e a contemplou, comparando-a com as outras mulheres que conhecia, e chegando à conclusão de que ela era a mais bela. Os imensos olhos castanho-esverdeados ameaçavam enfeitiçar qualquer homem que os fitasse por tempo demais. O mais importante era o ar de boas maneiras, ou talvez a altivez intrigante. Filha de salteador ou não, ela agia como se fosse uma princesa.

Devondra estava incomodada com o exame detalhado; era como se ela fizesse parte do cardápio. Pior, havia um preocupante brilho no fundo daquele olhar. Não foi surpresa, então, quando ela apressou-se a dizer:

— Vamos comer?

Atravessando a sala com a maior graciosidade possível, sentou-se à pequena mesa redonda.

Desejando atividades mais amorosas, Quentin, todavia, logo se lembrou das boas maneiras.

— Como quiser. — Com uma ligeira mesura, sentou-se diante dela. — Seu nome... Acho que não me disse — ele falou.

— Devondra.

— Devondra... — Um nome pouco usual. Sussurrou-o mais uma vez: — Devondra.

— E você, como se chama?

— Quentin Wesley Wakefield.

Ela sustentou seu olhar por sobre a borda da taça. Estranho... Estava determinada a odiá-lo por causa do acordo que haviam feito, mas sentados ali, era como se um casulo enfeitiçado os tivesse envolvido. Era como se estivessem se movendo em câmera lenta, e

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

ela conseguiu perceber todos os detalhes a respeito dele. Os gestos, as expressões, o sorriso. Havia muito nele que a fazia lembrar-se do pai. A mesma força, a beleza, o charme. Ora, pelo menos até o momento estava se divertindo. Até se lembrar de por que estava ali.

— Fale-me de você — ele pediu, pegando garfo e faca, e constatando que não tinha fome.

Ela o fitou, curiosa.

— O que quer saber?

Normalmente um exímio conversador, Quentin procurava algo para dizer, sempre cômico da mulher sentada logo em frente.

— Fale-me dos homens em sua vida. Há algum pretendente ou amante?

— Não. — Assim que a palavra escapou de sua boca, ela se perguntou se não teria sido melhor mentir. Talvez ele desistisse.

A resposta o agradou. Assim não teria de competir com outro homem pelo afeto e pela atenção dela se aquela noite corresse tão bem quanto esperava.

— Melhor assim... — murmurou, mais para si mesmo do que para ela.

Por um bom tempo ele não disse mais nada, apenas se banqueteara com a figura feminina. Ansiava por acariciar o corpo firme, desnudá-la e sentir a pele aveludada. Deus, como era possível uma mulher ser tão bela? Ela era uma joia rara, extraordinária. Algum homem teria o direito de possuir tal mulher, acordo feito ou não?

Levantando-se, Quentin foi até a lareira para avivar o fogo, não por estar frio, mas para ter algo para fazer. Observou as chamas aumentar.

— Devondra... — Passou o peso do corpo de um pé para o outro, desviando o olhar para as escadas, sabendo que lá em cima havia uma ampla cama com colchão de plumas. Era estranho sentir-se dividido entre carregá-la nos braços e fazer amor ao mesmo tempo que sentia a consciência pesar e querer libertá-la do acordo feito. Era de se admirar que tivesse o semblante carregado?

As reflexões de Devondra foram interrompidas ao notar a mudança de expressão no rosto dele.

— Mudou de idéia? Não vai ajudar meu pai?

— Sim, vou ajudá-lo — Quentin assentiu; não era homem de quebrar promessas.

Ela suspirou, aliviada.

— Por um minuto pensei... Temi que...

— Que eu provasse ser um bastardo inescrupuloso? — Sentando-se nas pedras da lareira, esticou as pernas, conseguindo passar a imagem de estar mais relaxado do que se sentia. Lamentou ter avivado as chamas, pois de súbito a sala estava quente demais. Puxando o colarinho, garantiu: — Não precisa se preocupar. Sempre mantenho a palavra.

— Então é o que farei também. — Ela ergueu o queixo. Passando os dedos pelos cabelos, Quentin franziu o cenho. Por que propusera tal coisa? Não por lhe faltar companhia feminina, certamente. Quaisquer que fossem os motivos, sentia-se pouco à vontade agora. Queria que ela fosse para a sua cama por desejá-lo, não por se sentir obrigada.

— Vai permitir que eu me deite sobre você para salvar a vida de seu pai. — Seu tom soou mordaz.

A franqueza dele a sobressaltou, e ela deixou a colher cair.

— Se prefere ser tão rude...

— E se não existisse tal acordo, o que faria?

Em outro momento, em outro lugar, teriam se tornado amantes? Seus olhos soturnos a olhavam tão fixamente que ela quase sentia seu calor.

Devondra lutou contra as repentinas lágrimas de vergonha.

— Então eu teria de encontrar outro modo de ajudar meu pai. — Imploraria, pediria emprestado ou roubaria para subornar os carcereiros do pai.

— Entendo.

Outro homem, outra oferta... Mas fora ele quem chegara primeiro.

— Amo muito meu pai.

— É o que parece. — O que era uma pena; o ladrão inescrupuloso não merecia aquele tipo de amor. Ele não era melhor do que os reles batedores de carteira de Londres, mesmo que se vestisse bem e se autoproclamasse "cavaleiro das estradas". Quentin deu de ombros. — Por isso, e não por me importar com o que lhe aconteça, vou atenuar a pena dele.

Apressado, ele chamou um dos criados, um jovem alto que era excelente cavaleiro. Pegando papel e pena, escreveu uma carta instruindo o diretor de Newgate a mudar a sentença de morte de James Stafford para aprisionamento, o que era tão ruim quanto a força, na opinião de Quentin. Ser condenado a uma pena em Newgate era como ser enviado para o inferno.

— Richard, leve isto até. Newgate, agora mesmo. Entregue diretamente nas mãos de Ebenezer.

— Sim, senhor.

A deferência com que o rapaz tratou o senhor de Wakefield deu a impressão a Devondra de que os dois tivessem lutado lado a lado em uma guerra.

— Está feito.

— Sou muito agradecida. — Chegou a hora, como seu pai dizia, de "pagar a conta".

— Agradecida... — Por algum motivo, talvez culpa, ele detestou a palavra.

— Por salvar a vida de meu pai.

Nervosa, ela abria e fechava as mãos. Até então, sua experiência com homens se restringia a alguns poucos beijos e abraços no escuro. Resguardara sua virtude para o homem que viesse a amar, mas agora era tarde demais. Ou não? Ergueu os olhos e fitou Quentin Wakefield.

— E agora?... — Por certo ela sabia o que ele estava pensando.

Sentindo a respiração presa na garganta, ela sussurrou:

— Fica a seu critério.

Ele a deixaria ir? Provaria ser, no fim das contas, um cavalheiro? Só restava ter esperanças.

Mais uma vez, Quentin percorreu os olhos pelo corpo dela, refeitando-se na sua doçura. Estava claro que agora que o pai fora salvo, ela queria sair dali. Mas o que ele esperava? Que ela caísse em seus braços por livre e espontânea vontade? Nesse caso, estivera sonhando.

— Que pena que está aqui esta noite apenas para selar um negócio.

Ela engoliu em seco, sem saber como reagir.

— Sim.

Mas por que seu coração batia tão rápido?

— Talvez eu precise fazer alguma coisa para mudar isso. Num movimento fluido, ele se levantou e caminhou até perto dela. Nas profundezas daqueles olhos, Devondra viu uma centelha de paixão que a fez tremer por inteiro.

— O que quer dizer?

Quentin respondeu com ações, não com palavras. Levantando a mão, afagou-lhe o braço, depois se ajoelhou, o rosto ficando na altura do dela. Devagar uma mão a circundou pela cintura, trazendo-a para junto de si. A outra mão traçou o contorno do maxilar, do rosto. Aproximou-se e disse:

— Vamos selar nosso acordo?

Devondra não conseguiu responder. Mal respirava. Era como se o ar tivesse abandonado seus pulmões no instante em que os lábios dele tocaram os seus. Com suavidade no início, depois com desejo e paixão, ele explorou sua boca.

Embora lutasse a princípio, a relutância gélida dela começou a derreter. Sua cabeça rodopiou ao se aperceber dele.

O beijo foi infinitamente mais prazeroso do que ela poderia ter imaginado. A língua a

tocava saboreando o vinho que tinha tomado. Retribuindo o beijo com completo abandono, Devondra sentiu o desejo se espalhando pelo corpo, traçando um caminho desde os joelhos até o topo da cabeça. O tempo pareceu parar. Era um feitiço, um encantamento. Ela esperou para ver o que aconteceria em seguida.

Com hesitação no começo, mas com crescente audácia, imitou a gentil exploração dos lábios e língua, impotente ante a onda de desejo que a consumia. Uma sensação estonteante atravessou seu corpo quando a mão dele subiu e contornou seu seio.

— Adorável... — As palavras escaparam numa respiração entrecortada quando os lábios seguiram para seu pescoço. E depois a boca máscula reencontrou a sua.

O beijo de Quentin ia muito além de um simples toque de lábios. A língua investigava a caverna úmida da boca numa exploração lenta que intensificava sua recém-descoberta paixão. Por quanto tempo se beijaram ela não sabia, pois perdera a noção do tempo. O mundo era em seus braços; a proximidade dele, sua única realidade. Abraçou-o, deixando de lado a timidez, o medo, todos os sentidos clamando por ele. Estava faminta por aqueles beijos.

— Devondra!

Interrompendo o beijo, Quentin fitou o rosto afogueado. O calor de seu corpo aumentava vertiginosamente. Levantando-se, trouxe-a para junto de si, ensinando-lhe o que era a ereção de um homem. Depois a carregou no colo escada acima.

Gentilmente depositou-a no colchão macio, depois se posicionou a seu lado. A mão se fechou sobre o seio numa lenta e prazerosa exploração. Puxando o corpete, expôs um, e em seguida o outro, sorrindo ante o movimento instintivo dela de se cobrir. Surpreendeu-se ante a demonstração de pudor. Todavia, em vez de arrefecer seu desejo, ela o encantou ainda mais, incendiando uma paixão até então desconhecida. Abaixando a cabeça, beijou o vale entre os seios, depois acariciou cada monte com os lábios e a língua, incitando os mamilos até ela arfar.

Devondra havia temido deitar-se com ele. Agora, a língua e as mãos tocavam seu corpo, fazendo-o soar e estremecer como um instrumento, deixando sua mente confusa. Suas defesas estavam caindo por terra, levadas pelos desejos de seu próprio corpo.

Só estou cumprindo minha parte no acordo, pensou. Mas se era assim, por que o abraçava com tanta força? Por que se sentia dominada pelo desejo? Por que não protestava quando ele acariciava seus mamilos? Doía-se de vontade de ficar nua... Isso a tornava uma devassa?

Quentin inalava o perfume de Devondra. A fragrância tentadora invadia suas narinas, engolfando-o. Não se importava com o que ou quem ela fosse; só com o fato de ela parecer ter sido feita somente para ele. As curvas femininas se encaixavam em seus músculos.

— Devondra... — Tirando a camisa, pressionou o peito contra o dela, estremecendo com a sensação excitante, que enviava fagulhas por suas veias.

Devagar, apreciando os segundos, Quentin a despiu para em seguida explorar com dedos lânguidos a textura da pele. Procurou a abertura do umbigo, depois desceu para enroscar os dedos nos pelos suaves que cobriam a junção das pernas. Afastando-se alguns centímetros, deixou que seus olhos se maravilhassem com o que os dedos libertavam.

— Faz idéia de quanto a quero? — Ele arfou, depois riu. — Claro que sim. Afinal, para que tanta beleza? Para atender os homens além do imaginável...

— Pegando a mão dela, levou-a até a prova de sua excitação, depois inclinou-se para beijá-la, sua boca mantendo a dela cativa por muito, muito tempo.

O calor e o ardor dos lábios dele e a lembrança de seus dedos tocando-o intimamente provocaram uma dor doce em todo o corpo de Devondra. Tornando-se audaz, deixou que as mãos o explorassem, passando pelo tórax, pelos ombros largos e músculos dos braços, pela extensão das costas. Ele era perfeito, um homem lindo. Com um suspiro, enroscou os dedos na penugem do peito, fazendo círculos que imitavam o que ele fizera antes com ela.

— Por todos os santos!

Quentin tinha feito um acordo, um do qual, sabia, jamais se arrependeria. Tirando o resto das roupas com impaciência, deixou-as de lado. Ela era sua, nunca permitiria que ela se fosse. Não depois daquilo.

Deitados, beijaram-se e tocaram-se, rolando de um lado para o outro sobre a cama macia. As mãos largas provocavam sensações maravilhosas, que a faziam se contorcer e gemer. Cada palmo de seu corpo ardia com a paixão que se alastrava. Ondas de prazer explodiam em cada nervo do corpo. A excitação rígida resvalava-a contra as coxas e, então, a masculinidade testou a sua entrada suave.

De repente Devondra se enrijeceu, temendo o desconhecido.

— Não sou o que pensa — sussurrou. — Eu sou...

Os beijos dele calaram quaisquer palavras que ela pudesse dizer. Sentiu-o invadir sua feminilidade, rompendo a delicada membrana com um único movimento. Por um instante houve dor, mas então a paixão de Devondra reavivou. Querendo experimentar aquela nova sensação, ergueu o quadril.

— Meu Deus!

Só ao penetrar, Quentin percebeu a verdade. Não podia ser. Virgem? Aquela mulher que acompanhava os maiores salafrários da Inglaterra era virgem! E ainda assim, ele não conseguiu se afastar. Ela era tão quente, tão apertada ao seu redor, que ele fechou os olhos em doce agonia ao se movimentar com extremo cuidado. Não queria machucá-la, desejava iniciá-la completamente nas profundezas da paixão. E do amor. Sim, amor, pois era isso o que sentia no momento. Um sentimento doce. Como as correntezas do mar que cercavam a Inglaterra, seu corpo era atraído para o dela.

Os olhos de Devondra no começo refletiram temor, depois reverência. Era como se estivesse flutuando, flando. Instintivamente, agarrou-se a Quentin.

— Prenda suas pernas ao meu redor — ele instruiu, gemendo quando ela obedeceu e se moveu num ritmo sincronizado ao seu. — Sim...

Devondra arqueou-se numa sensual urgência. Sentia-se derreter por dentro, fundindo-se a ele num único ser. O ato de amor não era nada do que imaginara, pois a preenchia, inundava.

Quentin grunhiu ao sentir a pele quente envolvendo-o. Não queria que aquilo terminasse. Ela podia ser a filha de um salteador, mas ele queria que ela ficasse a seu lado para sempre.

Capítulo III

Richard incitou o cavalo a seguir viagem, determinado a cumprir sua missão. Havia lhe dito que levasse, aquele pedaço de papel a Londres o mais rápido possível, e ele pretendia cumprir essa ordem, mesmo que isso significasse atravessar a área mais perigosa da Inglaterra no meio da noite. Chegaria a tempo!

Determinado, segurou a espada. Mas o som de cascos a galope atrapalhou sua concentração. Um alarme o perpassou ao ver a silhueta agourenta de três homens vindo logo atrás. Estariam seguindo-o ou seria mera coincidência? Teve a sua resposta ao prosseguir viagem.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

Inclinando-se na direção do pescoço do cavalo, segurou-se firme ao galopar numa velocidade vertiginosa, pois sabia que seria desastroso caso fosse pego. No entanto, seus valorosos esforços de nada serviram. Logo o alcançaram e detiveram.

— Não se mexa se não quiser pagar com a vida! — o mais alto dos três exclamou.

Brandindo uma pistola, ele não parecia ser do tipo que tolerava ser desafiado.

A dedicação de Richard o incitava a protestar, contudo. Sua resistência durou pouco, pois logo o imobilizaram.

— Revistem-no!

Montado num garanhão negro, o salteador parecia forte e intimidador. Era tão arrogante que nem tentou esconder o rosto marcado pela cicatriz. Na mão trazia uma pistola pronta para atirar mirando o peito de Richard.

— Tenho pouco dinheiro, mas ele é seu.

As moedas logo trocaram de mãos, mas o ladrão não se mostrou contente. Rudemente, vasculhou cada bolso do rapaz.

— O que é isso?

A carta logo foi entregue ao que parecia ser o chefe. Desdobrando o papel, o salteador leu a mensagem e depois sorriu.

— Então Jamie encontrou um amigo disposto a lhe dar uma segunda chance. — De propósito, acompanhado pelo olhar fixo de Richard, rasgou o papel ao meio. — Pena que isto tenha sido interceptado. — Estalou a língua. — Pobre, pobre Jamie...

— Não! — Esticando-se, Richard tentou recuperar o papel rasgado. A recompensa pela sua lealdade e honra foi uma brutal coronhada que o deixou inconsciente.

O luar inundava o quarto, iluminando Devondra e Quentin, nus e enlevados após se amarem. Fitando-a nos olhos, ele afastou uma mecha do belo rosto.

— Não posso deixá-la ir agora. — Ela era sua daquele momento em diante.

Aninhando-se a ele, ela sussurrou:

— Também não quero ir.

Longe de ser a experiência humilhante que tanto temia, sua iniciação às intimidades entre um homem e uma mulher fora uma revelação sensual e tocante.

Lembrava-se de cada toque, cada beijo, cada carícia. Estar junto com Quentin fora a experiência mais emocionante de sua vida, um deleite para os sentidos e o coração. Nada no mundo a preparara para aquele instante. Era como se tivesse passado sua existência faminta e só agora tivesse descoberto o alimento. Mas somente Quentin Wakefield era capaz de saciar essa fome. Agora o queria para si para sempre. Caminhar a seu lado, partilhar seus sonhos. Mas quais seriam as intenções dele?

Ele lhe segurou o rosto entre as mãos.

— Hoje algo aconteceu. Uma coisa que jamais experimentei. — Suas emoções estavam completamente fora de controle, a ponto de sentir-se perturbado somente ao pensar em deixá-la ir embora.

— Nem eu. — Devondra entendeu que ele também sentia o mesmo que ela.

Quentin se inclinou para depositar um beijo suave em seus lábios. Um beijo que pareceu durar para sempre.

Quando ele se afastou, um anseio crescente se apoderou do coração de Devondra. Ele a pediria em casamento ou a considerava muito alguém de sua situação por ser a filha de um salteador? E se assim fosse, ela se contentaria em ser somente sua amante? Seria capaz de se rebaixar a esse tipo de relacionamento?

Observando-o, ficou imóvel como uma pedra. Quais eram os sentimentos dele? Importava-se com ela ou apenas sucumbira à luxúria? Quando ele a possuísse, ela se sentiria plena, cheia de amor. Mas e ele? No que pensava agora?

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

Quentin fechou os olhos, lembrando-se da paixão compartilhada. Nunca pensara que fazer amor pudesse ser daquele modo, um êxtase como nenhum outro. O que fazer agora? Casar-se?

Não, isso estava fora de questão. Cromwell seria impiedoso... Casar-se com a filha de um antigo monarquista, um homem que assaltava carruagens, seria a sua ruína. E mesmo assim não queria deixá-la ir. Emocionalmente, pelo menos, estavam ligados. Ela nunca estivera com outro homem antes... Como poderia deixar de se sentir responsável?

— Seu pai ficará em Newgate por pelo menos um ano. — Um período no qual ela ficaria muito vulnerável.

Devondra estremeceu, ainda que devesse admitir que a carceragem era mil vezes preferível à força. Ao menos ele estaria vivo. E onde havia vida, havia esperança.

Devondra tinha motivos para se preocupar, por isso ele se apressou em assegurar:

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que o tratem com justiça. — Acariciou-a no rosto. — Nesse meio-tempo, você precisará de alguém que cuide de você. Alguém em quem você confie. Alguém que se importe com você. — Fez uma pausa e declarou: — Assim como eu.

Os olhos dela o procuraram.

— Acredito que se importe.

Beijou-o de leve, e esse simples gesto revelou tudo o que ela queria dizer: que também se importava. Depois disso, suas preocupações quanto às intenções dele ficaram de lado.

Devagar, as mãos de Quentin se fecharam sobre seus ombros, trazendo-a para perto, respondendo ao beijo tímido com uma paixão que a deixou arfando.

— Está resolvido, então.

As mãos dele desceram, demorando-se no volume dos seios, e seguindo a fim de não deixar nenhuma parte intocada.

Devondra se entregou às emoções selvagens que a percorreram, respondendo aos toques com as mãos, retribuindo as carícias. Abraçando-o pelo pescoço, ofereceu-se, contorcendo-se numa dança lenta e sensual.

A força dele se fundia à delicadeza dela. Como o fogo, seus lábios traçaram um caminho de um seio ao outro, provocando espirais de sensações que a assolaram como uma tempestade.

A boca de Quentin a tomou, e ele aprofundou o beijo conforme as carícias se tornavam mais ousadas. Devondra se deliciava com o prazer do amor deles, acariciando-o e beijando-o. Quentin a deixava sem fôlego. Era como cair por sobre um balaústre, despencando sem nunca chegar ao chão.

Segurando-o com força, arqueou o corpo numa dança sensual, deixando de lado todas as inibições a fim de expressar seu amor. Algo explodiu dentro de seu corpo, uma erupção ardente.

Mesmo depois que a magia se desfez, permaneceram abraçados, sem querer que aquele momento acabasse. Devondra não queria que ele deixasse seu corpo, desejando que a paixão partilhada os fundisse num só por toda a eternidade. Sorrindo, enroscou-se na curva do braço dele.

— Assim que amanhecer, voltaremos a Londres para que você pegue seus pertences — ele sussurrou, segurando-a. — Farei tudo o que puder para que se sinta confortável aqui.

— Já estou confortável. — Tanto que sentia uma ponta de culpa. Enquanto estava vivendo em meio ao luxo, o pai estava sofrendo. Não, não poderia ser tão egoísta e desleal a esse ponto. — Meu pai...

— Ele quer o que é melhor para você.

— Não!

Quentin pousou um dedo sobre os lábios macios.

— Sim.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Mas... — Mesmo argumentando, sabia que ele tinha razão.

— Vou cuidar para que ele tenha alguns privilégios durante seu período na prisão. Muitos carcereiros lhe deviam favores, outros poderiam ser subornados.

— Mais uma vez fico grata.

Com um suspiro, Devondra abraçou-se a ele, aproveitando-se do calor do peito largo e aspirando a essência masculina. Queria aproveitar a sensação de estar naqueles braços, mas conforme ele a acarinhava nas costas, acabou adormecendo.

Ao acordar, desapontou-se ao se ver só.

— Quentin? — Enrolando-se numa manta, levantou-se e voltou a chamá-lo. Da janela, viu que ele cavalgava ao longe, indo na direção da cidade. — Foi sem mim.

Devondra não ficou alarmada. Por certo algum dever o chamara a Londres. Bem, ela também tinha o que fazer. Precisava encontrar o pai e contar o que acontecera. Ele ficaria extasiado ao saber que sua vida seria poupada. Mas o que pensaria de Quentin? Ele lhe daria sua bênção?

Sentia as mãos trêmulas ao se vestir, sem conseguir parar de pensar no assunto. Contaria tudo ao pai. Com muito tato, tentaria fazê-lo entender os motivos que a levaram a sair de repente. Ele teria de se conformar com os últimos eventos.

Ela não era mais criança, e seu pai teria de aceitar isso. E teria de aceitar também o fato de que, apesar de nunca ter devido nada a ninguém, as coisas haviam mudado. Ele precisaria de amigos se quisesse sobreviver à experiência em Newgate. Amigos como Quentin Wakefield.

Correndo escada abaixo e saindo pela porta da frente, Devondra foi em direção ao estábulo, onde pegou um cavalo emprestado. Em seguida saiu galopando.

Seguiu em meio à floresta, passou pelos portões da cidade e logo avistou a Ponte de Londres no horizonte. As ruas da cidade pavimentadas com pedras fervilhavam com o trânsito: carruagens, carroças e pedestres. Nos caminhos se formava uma cacofonia indistinguível de homens e animais: cavalos relinchando, cachorros que latiam quando as carruagens passavam perto demais, homens e mulheres conversando.

Devondra estava ansiosa para ver o pai, tão ansiosa que praguejou contra as pessoas que lhe dificultavam a passagem.

— Mas o que está havendo? — perguntou.

— Um enforcamento! — um senhor de idade respondeu antes de entregar algumas moedas a uma vendedora de laranjas.

— Enforcamento? — Devondra sentiu o sangue gelar ao olhar na direção de Tyburn Tree. Ali, sob a estrutura em tripé, conseguiu ver a silhueta pendurada da pobre vítima. — Quem foi enforcado? — E repetiu a pergunta, impaciente, quando o homem demorou a responder.

Ele abriu a boca, revelando um sorriso desdentado.

— Ora, o Cavalheiro James...

O tenebroso dobrar dos sinos da Igreja do Santo Sepulcro reverberava nos ouvidos de Devondra enquanto ela fitava o corpo sem vida oscilar sobre o patíbulo.

— Morto!

Estava horrorizada. Ao desmontar e caminhar naquela direção, foi tomada por uma dor entorpecente praticamente impossível de suportar. A dor era tanta que precisou ser liberta num grito descontrolado. O grito de um animal ferido.

Muitos passantes formaram um círculo ao seu redor, encarando-a como se temessem que ela tivesse perdido a razão. E foi assim, pelo menos por um minuto.

— Ela enlouqueceu!

Ignorando-os, Devondra fechou os olhos e abraçou a si mesma. Caindo de joelhos, balançou o corpo para frente e para trás, lamentando a morte do homem que tanto amava. O homem que fora mais do que um pai. Amigo, companheiro e herói, James Stafford fora o centro de seu mundo. E agora estava morto.

— Pai!

Fechando os olhos, bloqueou a visão horrenda, procurando se lembrar dele como a figura elegante de sempre. Um verdadeiro cavalheiro, não importando sua profissão. Um homem valente.

Como se anos tivessem sumido de pronto, lembrou-se dele em seu resplandecente uniforme vermelho real, chapéu preto e botas de couro. Montado num cavalo branco, entristecido, ele se despedira da menina de sete anos, escondendo as lágrimas ao prometer que logo retornaria. Aquela fora sua única promessa quebrada, ainda que não tivesse culpa. Como ele haveria de saber que a Guerra Civil duraria quatro longos anos?

— E agora afastaram o senhor de mim de novo... — Mas desta vez, ele não retornaria.

Falhei em salvá-lo. O acordo que fiz não valeu de nada...

A culpa a corroeou ao se lembrar das horas apaixonantes passadas na Mansão Wakefield. Ela deveria ter ficado em Newgate, ao lado do pai, naquelas preciosas últimas horas, em vez de partilhar o leito de Quentin Wakefield. Um homem vil, que traíra não só a ela, mas a seu pai também.

— Mentiroso! — exclamou ao se lembrar da promessa feita por ele. Quentin sussurrara palavras de amor, jurara salvar a vida de seu pai, mas o homem em cujos braços ela passara a noite não mantivera a palavra. — Não!

Embora não fosse uma mulher dada ao choro, cedeu às lágrimas. Dera sua confiança a ele. Por um instante, permitira acesso ao seu coração. Agora seus sonhos haviam sido estilhaçados de modo brutal. Fora desapontada por um homem que lhe tomara a virtude sem ter a intenção de poupar seu pai da força.

E quanto à mensagem escrita e enviada pelo mensageiro? Tudo não passara de uma farsa? Uma brincadeira ridícula para ganhar sua confiança e gratidão? Ao presenciar o corpo suspenso do pai, chegou à conclusão de que só podia ser isso.

O mundo era cruel, mas ao lutar para se pôr de pé, percebeu que era cruel demais.

Por um infortúnio, um titereiro apareceu naquele instante, manipulando duas marionetes, uma óbvia réplica do Cavalheiro James e a outra a figura do algoz, e teve a audácia de reencenar a execução:

— Vai dançar na ponta da corda — uma marionete disse. — Traído por dinheiro. Sua vida acaba aqui, em Tiburn Tree...

— Não, não. Eu, Cavalheiro James, não vou morrer nas mãos de qualquer um...

Mas o homem não teve a chance de terminar sua apresentação. A dor e a raiva de Devondra jorraram com tanta intensidade que ela perdeu o controle. Pulando em cima dele, agarrou as marionetes e jogou o "carrasco" no chão, pisoteando-o enquanto segurava o "pai" junto ao peito.

— Ela enlouqueceu!

— Chamem os guardas!

Convencidos de que ela era perigosa, a multidão logo se dispersou, correndo para todos os lados. Devondra foi deixada só para, por fim, expressar toda a sua dor.

Forçando-se a recompor a serenidade, deixou cair a marionete. Esticando-se, tocou no corpo do pai. As calças de veludo estavam sujas, e ela, sem pensar, tentou tirar o pó da roupa, lembrando-se de como ele sempre se preocupara com a aparência.

E de que adiantava isso agora? James Stafford estava além das preocupações terrenas. Para sempre.

— Ele foi valente até o fim.

Reconhecendo a voz rouca de Tobias, Devondra se virou, feliz por encontrar o rosto familiar do melhor amigo de seu pai.

— Eu sei. Meu pai nunca foi covarde.

— Você teria ficado orgulhosa... — Parado com o chapéu de plumas na mão, o rechonchudo baixinho, de nariz gorducho, barba ruiva e olhos verdes úmidos, enxugou uma lágrima.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

A voz de Devondra saiu entrecortada pela emoção ao sussurrar:

— Quero que me conte tudo. Mas antes...

Pegando a espada da bainha de Tobias, atacou com violência a corda que prendia o pai. Diferentemente dos outros condenados, o corpo do Cavalheiro James não ficaria pendurado para servir de lição. Muito menos seria roubado por aqueles que dissecavam cadáveres humanos.

— Ajude-me!

Juntos, ela e Tobias abaixaram o corpo de James e colocaram-no sobre o cavalo de Quentin.

— Vou cuidar para que meu pai descanse em paz. Nunca mais o tocarão. — Providenciaria um enterro decente para o pai. Pelo menos isso Quentin Wakefield lhe devia. — E depois vou me vingar daquele que me ludibriou. Eu prometo!

Antes que alguém conseguisse impedi-la, Devondra subiu atrás do corpo rígido de James, amparando-o com os braços, e saiu a galope. Arfando e resfolegando, Tobias a seguiu, sabendo muito bem para onde ela se encaminhava: Hounslow Heath, o lugar onde o espirituoso salteador criara seu lar.

A corda oscilava sobre o patíbulo como um pêndulo agourento enquanto uma multidão se aglomerava por perto. Os dias de enforcamento atraíam pessoas que, excitadas, mostravam-se ansiosas por entretenimento.

— Olhe para eles, amontoam-se tal qual abutres... — Quentin sussurrou, consternado em ver, mais uma vez, que homens, mulheres e crianças pudessem ficar fascinados pelo assassinato de outro ser humano.

Verdade que as execuções eram necessárias. Malandros, assassinos e vagabundos espalhavam-se por toda a Inglaterra, à toa nas ruas e à espreita nas sombras. Alguns eram antigos soldados, outros trabalhadores sem emprego. Londres era um caldeirão de desafortunados e canalhas. O furto era uma arte, e havia muitos talentos nessa área.

Todavia ele abominava a alegria com que o espetáculo das punições era recebido na cidade. Era algo primitivo e indecente, quase tão revoltante quanto os crimes cometidos dentro daqueles muros.

Esse era um ponto em que seu modo de pensar diferia do de Cromwell. O Lorde Protetor tinha a intenção de que as execuções atraíssem espectadores, dizendo que se um enforcamento não juntasse uma multidão, não servia ao seu propósito, o de ser um alerta contra o crime. A realidade, contudo, era que não importava a quantidade de execuções, elas não detinham os criminosos.

A bem da verdade, alguns salteadores eram vistos como heróis pelos homens do povo. Cidadãos decentes secretamente caçoavam toda vez que um dos ricos era roubado por covardes mascarados que temiam mostrar o rosto para suas vítimas.

— Se está esperando pelo enforcamento, senhor, chegou tarde demais.

— O que disse? — A introspecção de Quentin foi interrompida por um garoto que lhe puxava o casaco. — Enforcamento? De quem?

O menino mostrou surpresa ao arquear as sobrancelhas.

— Ora, do Cavalheiro James!

— Stafford? Não, não. Eu mesmo suspendi a pena dele — rebateu, sorrindo.

— Suspendeu? Não sei o que é isso, mas eu mesmo vi o salteador pendurado logo ali. Era o Cavalheiro James!

Quentin sentiu uma súbita queimação no estômago. Algo de muito errado acontecera.

— O Cavalheiro James foi executado esta manhã? Tem certeza do que está dizendo?

O menino assentiu e Quentin praguejou. Ainda que não nutrisse nenhuma amizade pelo ladrão, ele jurara a Devondra que salvaria seu pai. Restava saber se Richard, seu

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

criado, ou Ebenezer, o diretor da prisão, contrariara suas ordens. Já que tinha de dar a triste notícia a ela, queria saber de tudo.

Como vou lhe contar? O que vou dizer? Lembrou-se de suas palavras, de sua promessa... Em troca, recebera a virtude dela, um bem precioso por demais.

Praguejando ainda mais, praticamente voou até Newgate. Subiu as escadas imprecando tal qual um desvairado, fazendo com que lhe abrissem caminho. Lá dentro, exigiu ver o diretor.

Encontrou Ebenezer atrás da escrivaninha, em meio a uma confusão de papéis.

— Desde quando você ignora minhas ordens? Levantando o olhar, ele o fitou com surpresa.

— O que quer dizer com isso?

— O salteador. O maldito monarquista.

— O que tem ele?

— Foi executado, apesar das minhas instruções.

Por fora, Quentin parecia tranqüilo, mas estava borbulhando por dentro. Uma coisa que não tolerava era ter as ordens desrespeitadas. A obediência era algo que valorizava desde os seus dias de exército.

— Instruções? Que instruções? — Ebenezer parecia genuinamente surpreso.

— Enviei Richard com uma mensagem para você, suspendendo a sentença de James Stafford. Ele não a entregou? — Encarou-o deliberadamente. Se o diretor estivesse mentindo, ele saberia.

— Não vi Richard, nem sua missiva! — respondeu o diretor, num tom bastante controlado. Seu olhar expressava sinceridade.

Quentin esmurrou o tampo da escrivaninha.

— Bom Deus, se o rapaz me desobedeceu, vai lamentar muito!

— Talvez não tenha tido culpa. — Ebenezer cruzou os braços e se recostou na cadeira. — Pode ser que algo tenha lhe acontecido no caminho para cá.

Quentin franziu o cenho, refletindo a respeito. Era verdade que estava muito tarde quando o mandara em sua missão, e a floresta podia ser perigosa...

— Deus permita que nada tenha lhe acontecido.

Preocupado com o paradeiro do criado, Quentin se encaminhou para a porta e estava para sair quando um carcereiro o empurrou de lado, exclamando:

— Ele desapareceu!

Ebenezer e Quentin perguntaram ao mesmo tempo:

— Quem?

— O salteador!

Por um segundo Quentin se encheu de esperanças.

— Ele fugiu?

O carcereiro meneou a cabeça.

— Não, mas o corpo dele sim.

— O que disse?

— O corpo foi roubado. Cortaram a corda e o levaram.

— Quem fez isso? — Quentin exigiu saber. Já era ruim ter de explicar a Devondra que o pai fora executado, agora teria de dizer que o corpo estava desaparecido.

— Umas testemunhas disseram que foi uma mulher.

— Uma mulher!

Claro, o salteador era conhecido pelo seu charme. Sem dúvida uma de suas amantes o levava. Apesar da seriedade do assunto, Quentin riu ao imaginar a cena.

— Não entendo por que está rindo — disse Ebenezer. — Não podemos permitir que esse tipo de coisa aconteça! O corpo dele nos pertence. — Depois de um instante de silêncio, ordenou: — Quero que encontrem a responsável por isso e que seja castigada a contento.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Sim, senhor! — O carcereiro já retomava o caminho da porta quando parou e perguntou: — Mesmo que quem o tenha levado seja a filha dele?

— A filha? — Quentin se apegou a todo o seu autocontrole.

— Algumas pessoas reconheceram a moça como sendo a mesma que chegou a Newgate na carroça com o Cavalheiro James.

Quentin exclamou com os olhos inflamados:

— Deus Todo-Poderoso!

Pobre Devondra... Só conseguia imaginar como ela se sentira ao ver o pai pendurado com a corda no pescoço. Como ela devia tê-lo odiado naquele instante... Devia estar acreditando que ele a traía.

— Preciso encontrá-la.

Tinha de se apressar. Não havia tempo a perder. Tinha de fazer tudo o que estivesse a seu alcance para compensá-la, isso se fosse humanamente possível.

Oito velas compridas queimavam lentamente, iluminando o cômodo da taverna com uma luz tênue. Vozes surgiam em tons solenes enquanto o bando dava seu último adeus a um de seus companheiros.

— Pobre Jamie. Está tão sereno... Difícil acreditar que nunca mais acordará. — Pegando um lenço branco, Tobias enxugou os olhos e assoou o nariz.

Não, ele nunca mais abrirá os olhos, Devondra pensou, fitando a figura imóvel. Morte. Ah, como ela a odiava! Era tão inflexível... Tão... final. Tomava-lhe as pessoas a quem mais amava no mundo.

— Lamento muito, senhorinha... — Sentindo a angústia dela, Tobias deu uns tapinhas em seu ombro.

Devondra não respondeu de pronto, hesitando em falar por temer perder o já precário autocontrole. Quando por fim o fez, só perguntou:

— O que imagina que foram seus últimos pensamentos, Tobias?

Ele a observou antes de responder:

— Difícil dizer, mas pela paz em seu semblante, eu diria que ele pensava em você e se lembrava do quanto você o amava. E o quanto ele a amava.

— Acha mesmo?

— Eu sei.

Ah, como ela queria acreditar nisso! Como desejava apagar da mente as imagens torturantes de seu pai subindo os degraus do patíbulo. Conseguia imaginar o carrasco passando a corda pelo pescoço, apertando cada vez mais forte...

Levou as mãos ao pescoço.

— Tobias, acha que ele sofreu? — Ainda que soubesse que a verdade seria dolorosa, precisava saber.

— É difícil saber... Alguns homens têm pescoços grossos e musculosos, e demoram mais tempo para morrer, mas seu pai era magro. Deus misericordioso, espero que o fim dele tenha sido rápido.

Ela fechou os olhos, tentando bloquear as imagens que dançavam diante de seus olhos. Não adiantou. Apesar de seus esforços, tudo o que via era o corpo do pai pendurado.

— Meu Deus, ele morreu sozinho. — Por um instante, só conseguia pensar nisso.

— Sozinho, não. — Sylvester franziu o nariz em desgosto. — Ele estava cercado por abutres.

— Quietos! — Tobias cutucou o amigo com o cotovelo e se apressou em acalmar Devondra. — Não se culpe. Seu pai não haveria de querer que você testemunhasse espetáculo tão cruel. Além disso, nos dois últimos dias não saiu do lado dele.

Uma vigília constante fora montada ao redor do corpo a fim de que o espírito de James

Stafford tivesse companhia. Deitado no meio da sala chamuscada da estalagem Devil's Thumb, o bar servindo como sala de velório, James parecia estranhamente em paz. Era como se, de algum modo, mesmo na morte, ele soubesse que por fim estava entre amigos.

— Ah, Tobias, é tão difícil acreditar que ele tenha partido, que ele teria sido deixado pendurado...

— Se não fosse por você.

Devondra estremeceu ao imaginar o que teria sido feito do corpo do pai se ela não tivesse interferido. Teria sido preservado em piche ardente para durar um bom tempo pendurado no patíbulo. O "fruto da força", era como as vítimas das execuções eram chamadas quando exibidas desse modo a fim de servir de aviso aos malfeitores. Ou pior, seu pai poderia ficar exposto aos abutres e corvos...

Em vez disso, vestia seu uniforme real, tinha o cabelo e a barba bem penteados, as mãos cruzadas sobre o peito e a espada ao lado do corpo. Devondra faria com que seu pai fosse ao encontro do descanso eterno com respeito e honra.

— Ele está tão bem que merecia um quadro. — Conan, um homem rotundo de trinta e um anos, fitava o homem que tanto admirara.

— Um quadro que desse imortalidade a Jamie. — Tobias logo aderiu à idéia.

— Imortalidade... — Jacob Jackson, o farmacêutico cujos dotes haviam sido usados em lugar dos de um agente funerário, resmungou. — Não acredito nessa arte pós-morte. É vã e frívola.

— Vã? Frívola? — Conan redarguiu. — Está parecendo um puritano.

— Puritano? — o farmacêutico repetiu. — Pode ser. Conan continuou:

— Seria bom contratarmos um artista. — Estava em voga encomendar óleo sobre tela dos mortos. — Podemos erigir uma tumba e...

Devondra meneou a cabeça.

— Prefiro me lembrar de meu pai como ele era. — Lutando contra as emoções, olhou para a figura imóvel e rígida, mais parecida com uma estátua de cera. — Ah, papai, você era tão alegre, tão charmoso e belo...

Ela amaldiçoou Quentin Wakefield pela centésima vez. Ele pagaria pela sua crueldade e traição! Olho por olho, era o que estava escrito na Bíblia. Faria com que ele pagasse na mesma medida.

— Se ao menos nós tivéssemos roubado o carrasco... — Tobias parecia estar se culpando pelo destino de James.

— Mas como? Havia muitos guardas ali. — E quantas vezes Devondra não pensara se isso seria possível?

— Se tivéssemos tentado, nós todos acabaríamos tendo o mesmo fim — Sylvester insistiu, balançando dois dedos no ar, como se eles fossem as pernas pensas de um enforcado.

— Mesmo assim, deveríamos ter tentado — Tobias argumentou. — James jamais ficaria de lado, permitindo que um de nós fosse enforcado. Ele teria agido, mesmo que isso significasse risco à sua liberdade. — Suspirou. — Admitam ou não, nós o decepcionamos. — E olhou os companheiros um a um.

— Está dizendo asneiras. Concordo com Sylvester — Conan insistiu.

Devondra fitou cada um dos companheiros do pai nos últimos anos, perguntando-se por que nenhum deles tivera a astúcia ou a audácia de tentar um resgate. Nenhum deles era capaz? Seu pai fora o único ousado e corajoso naquele bando?

Conan, com sua eterna expressão azeda, não parecia um forte candidato a herói. Nem sempre honesto, por certo o legado de sua última profissão, que para divertimento de muitos, era a de advogado. Ele agora trabalhava do outro lado da lei.

Barnaby? Não de novo. Alto e magro, com um nariz que parecia um bico, não tinha a aparência de um paladino. Era atrapalhado demais, desajeitado demais... Alfaiate no passado, ele era o responsável pelas roupas do bando e pelos vestidos coloridos de

Devondra.

Sylvester, talvez? Definitivamente não. Sly, como era chamado, era ardiloso demais. Faltava-lhe uma orelha e, como ex-açougueiro, usava um cutelo em lugar de pistola ou espada.

Virou-se para Hyacinth, a outra mulher do grupo. Garçonete até que Cromwell mandasse fechar todas as tavernas, ficara sem trabalho até encontrar seu lugar no refúgio em Teddington. Rechonchuda e bem-humorada, a ruiva ao menos era honesta e arrojada. Se fosse um homem, Hyacinth teria lutado contra os seguidores de Cromwell.

E por fim, Tobias. Leal, constante, valente Tobias. De todos eles, era nele que Devondra mais confiava. Se não fossem pelas ordens do pai, desconfiava que ele ao menos tivesse tentado salvar-lhe a vida, mesmo que para perder a própria no processo.

Notando sua expressão solene, Tobias depositou uma mão em seu braço.

— Está pensando que decepcionei seu pai?

— Não, Tobias. Sylvester tem razão. Papai não haveria de nos querer pendurados na forca a seu lado. — Era a verdade amarga. — Depois da captura, somente os anjos de Deus poderiam tê-lo ajudado.

Ou Quentin Wakefield. Como magistrado, ele poderia ter atenuado a sentença de seu pai. Mas não o fizera. E como ela o desprezava por isso!

Com ódio no coração, ajoelhou-se junto aos outros e rezou pela alma do pai.

— Terra a terra, cinza a cinza, pó a pó: com a certeza da ressurreição para a vida eterna — Hyacinth sussurrou, sabendo as palavras de cor. A suavidade de seu olhar revelou o amor que ela sentia por James Stafford, um amor que sempre mantivera escondido.

— Vida eterna — Tobias repetiu. — Rezo para que Jamie aproveite o que vem daqui por diante.

— E para que encontre paz — Hyacinth completou.

O silêncio que se seguiu mostrou respeito. Com voz trêmula, Tobias leu partes da Bíblia autorizada, a traduzida durante o reinado de Jaime.

O serviço solene continuou, não ao modo Puritano, pois James Stafford jamais aprovaria tal coisa, mas do modo Anglicano e de acordo com os costumes. No caixão foi colocada uma vela para que ele tivesse o caminho iluminado, alimento para seu sustento e um martelo com o qual bateria à porta de seu destino final. Uma moeda foi colocada em sua palma para que ele pudesse pagar a viagem para o outro mundo.

Nas últimas homenagens, Barnaby, o mais alto entre eles, tomou para si a responsabilidade dos pecados do Cavaleiro James. Mordeu um pedaço de pão e sorveu um gole de vinho num processo chamado de "o comer dos pecados".

— No meio da vida encontramos a morte — Devondra entoou.

Desejando que seu toque o protegesse no outro mundo e como sinal de amor, resvalou a testa do pai com um beijo.

Houve outras leituras das escrituras e orações, depois se reuniram numa festa de despedida que começou serena mas logo se tornou mais alegre. Contaram histórias nas quais o Cavaleiro James era o personagem principal.

— Um Robin Hood moderno, ele era — Barnaby declarou. — Sempre oferecendo boa parte de suas conquistas aos pobres.

— Ele era educado — Hyacinth disse com suavidade.

— Bondoso — Devondra acrescentou.

— Corajoso — Sylvester exclamou.

— Um exemplo de cavaleiro.

— Sim, sempre dizia "por favor" ao roubar as damas.

— E "obrigado" quando elas entregavam as jóias.

— Ah, e seu charme! — Tobias gargalhou. — Lembro da vez em que ficou encantado por aquela mulher e pediu uma dança em vez da bolsa...

— E a vez em que roubou somente um beijo?

— Ah, como sentiremos saudades dele... — Conan murmurou.

— Nunca mais será a mesma coisa. Conan ergueu a caneca vazia.

— James haveria de querer uma festa de despedida. Pois é o que faremos, companheiros!

Do seu ponto de vista, esse seria o melhor sinal de afeto e respeito. Além disso, acreditava-se que festas ajudavam a proteger as almas em sua longa jornada. Desse modo, os salteadores acabaram cedendo à cerveja e ao vinho.

— Chegou a hora de deixá-lo descansar, Jamie. — Uma triste verdade, mas inegável.

A procissão levou o querido companheiro para fora da taverna, até a entrada da igreja, onde o clérigo o aguardava. Nesse momento o controle de Devondra se foi.

— Não! — Pensar que o pai seria levado à terra fria era mais do que conseguia suportar. — Ele vai ficar sozinho. Não podem levá-lo! Não!

— Senhorinha, precisa ser assim. Tem de deixá-lo ir. — Com carinho, Tobias a abraçou como quando ela era apenas uma criança. Afagou-a e enxugou suas lágrimas. — Seu pai está nas mãos de Deus agora.

A torrente de tristeza de Devondra durou pouco tempo. Tão rápido quanto as lágrimas haviam surgido, elas secaram. Uma onda de fúria tomou conta dela. Diziam que amor e ódio eram emoções profundas e equiparáveis e, naquele instante, ela entendeu que isso era verdade. Com o mesmo fervor com que amara Quentin Wakefield, agora o odiava.

— Sim, ele está nas mãos de Deus, mas a vingança está nas minhas. — Tinha de dar vazão ao seu ódio, precisava encontrar alguma medida de justiça. Se isso significava tomá-la nas mãos, que fosse assim. — Ouça-me com atenção, Tobias — disse, elevando a voz. — Não vou descansar, tampouco procurar a felicidade, até que Quentin Wakefield esteja deitado em seu túmulo!

Haveria um prazer perverso em encontrar justiça para o homem que a destruíra.

Devondra reuniu os companheiros para formular um plano.

A floresta estava escura, sinistra. O vento uivava. Em meio às sombras, árvores retorcidas esticavam-se como enormes braços prontos a agarrar.

Guiando a montaria por entre as árvores, Quentin sentiu-se tentado a dar meia-volta, mas não queria passar a noite em sua casa em Londres. Contudo, havia algo estranho no ar. Sentia arrepios na nuca. Uma premonição? Não. Eram só seus nervos que ainda estavam tensos desde a execução de James Stafford.

Fora tudo uma desafortunada seqüência de eventos, mas nada daquilo poderia ter sido evitado, dadas as circunstâncias, continuava a repetir para si mesmo. Richard caíra nas mãos de assaltantes, e por isso a carta que escrevera jamais chegara às mãos de Ebenezer. Quanta ironia!

— Não tive culpa, mas não consegui cumprir minha promessa.

Escrevera e assinara a missiva, enviara-a para a autoridade competente. Contudo, a entrega não fora feita por causa de um bando de ladrões. Não era culpa sua...

Não simpatizava com o Cavaleiro James; ainda era de opinião que quanto menos larápios no país, melhor. Mas não podia deixar de pensar no amor que Devondra demonstrara pelo pai ao falar dele e, por isso, lamentava. Vagabundo e ladrão, esse era o pai dela, porém não havia como questionar o amor que ela sentia por ele.

O que aconteceria com ela agora?

Seus pensamentos vagavam enquanto se encaminhava para casa. As ruas de Londres estavam tomadas pelos piores vermes da espécie humana. Uma mulher sozinha estaria vulnerável.

— Onde ela está? — Procurara em todos os cantos para encontrá-la e se explicar, para oferecer sua proteção, mas ela desaparecera. Depois de horas de busca, acabara

desistindo.

De repente, uma figura escura, mascarada da testa ao queixo, surgiu de trás de umas árvores, com uma pistola pronta para atirar na mão direita e uma espada reluzente na esquerda; não havia como confundir sua intenção, mas Quentin perguntou mesmo assim:

— O que quer? — Estreitou os olhos, tentando enxergar na escuridão.

— Desmonte! — O comando foi feito numa voz áspera, como se o ladrão tentasse disfarçar a verdadeira voz.

Quentin queria recusar, mandar o larápio ao diabo, mas quando resvalou os dedos no cabo da espada, recebeu nova ordem.

— Toque nisso e vai se arrepender.

A tensão que emanava do salteador alertou Quentin para que não fizesse pouco da situação. Desistiu, pelo momento, de qualquer ato heróico. Tinha de se acautelar até saber a que ponto aquele homem seria capaz de chegar. Também precisava descobrir se aquele era um assalto aleatório ou se ele era o alvo procurado.

— Asseguro-lhe que não tenho intenção de ser alvejado ou perfurado.

Entretanto, teve de se controlar ao ver o cavalo correr em disparada depois de ter o flanco açoitado e ouvir a risada de escárnio do ladrão.

— Lamento, mas ficará desapontado, pois não sou homem de carregar posses. — Inclinou o chapéu, numa zombaria. — Quem sabe da próxima vez?

O salteador não achou graça.

— Logo veremos. — O vândalo vestido de negro desmontou e, com rudeza, vasculhou seus bolsos, conseguindo apenas poucas moedas.

— Tenho poucas libras.

Quentin observou o ladrão atentamente, pois sabia captar detalhes. Algo naquele perfil o intrigava. Parecia familiar. Percebendo a observação de Quentin, Devondra virou o rosto rapidamente. Pensou no plano formulado pelo bando. Sabendo que aquela era a estrada que ele tomava para retornar à Mansão Wakefield, vigiaram e esperaram. Por fim, ele estava à sua mercê. Contudo, ainda não queria que ele conhecesse sua identidade. Só depois que se cansasse de brincar com ele.

Ah, mas a vingança era doce! Ele estava em seu poder, assim como seu pai estivera sob o dele. Fora esse o pensamento que a motivara naquela noite, ao prender os cabelos e escondê-los debaixo do chapéu. Usara um tecido e amarrara os seios a fim de esconder as formas de seu corpo. Usando as roupas do pai, ela poderia enganar qualquer um. Uma máscara negra escondia suas feições, e luvas cobriam as mãos delicadas.

Quando Tobias lhe estendeu um espelho, ela sorriu. Nem mesmo o pai a teria reconhecido. Poderia até pensar que se tratasse de um rival. E em seguida tomara a estrada, escondendo-se nas sombras à espera do momento certo. Que, por fim, chegara.

— Tire o casaco!

— Meu casaco? — Quentin balançou a cabeça. Já fora humilhado uma vez pelo Cavaleiro James e mesmo que aquela não fosse sua peça favorita, jurara que nunca mais passaria por aquilo. — Não!

Mesmo quando o salteador encostou a ponta da espada em sua manga, recusou-se a cooperar. Avaliando a situação, tentava encontrar um modo de subjugar o adversário. Entretanto quaisquer planos que tivesse foram destruídos pela chegada de duas sombras.

— De pé e renda-se! — disse um dos homens. Quentin foi rápido em indicar que já estava de pé.

— É mesmo. — Desmontando, o mais alto dos recém-chegados tropeçou ao se aproximar.

Quentin não conseguiu reprimir o riso. Por certo, esse último, quem quer que fosse, não tinha o mínimo de desenvoltura.

— Bem, o dinheiro ou a vida. — O atrapalhado estendeu a mão.

De modo direto, Quentin respondeu:

— Lamento, mas seu companheiro já tomou todas as minhas posses. — Quando o homem deu um passo à frente, ele assegurou: — Garanto que a busca foi minuciosa.

Deu uma piscadela, aliviado pela presença do ladrão atrapalhado. No início acreditou que aqueles fossem companheiros do Cavaleiro James que, de algum modo-, o responsabilizavam pela sua morte. Agora suspeitava que se tratasse de amadores.

O desemprego era grande na Inglaterra. A agricultura, maior fonte de emprego, só oferecia vagas sazonais, deixando milhares de pessoas sem trabalho durante boa parte do ano. Era possível que aqueles homens estivessem numa maré de azar. Não importava: roubo era sempre roubo.

— Ouçam, vamos deixar isso de lado, está bem? — Quentin sugeriu, retrocedendo alguns passos. — Sigam o caminho de vocês e eu esquecerei esta noite.

— Esquecer? — O primeiro assaltante armou a pistola. — Mas não queremos isso. Queremos que se *lembre*. — Levantando o braço, mirou. — Não se mexa.

Quentin prontamente obedeceu. Amadores ou não, qualquer um com uma pistola podia acabar com a vida de alguém.

— Como queira. — Mas não conseguiu deixar de dizer: — Lembrem-se, porém, que embora tenham ganhado o dia, sua alegria durará pouco. — Seu tom era implacável. — Pretendo livrar as estradas de tipos como vocês.

— Se sobreviver. — O primeiro salteador fez um gesto para o baixinho que se aproximou dele. Dessa vez Quentin perdeu o anel de ouro.

Era o anel do pai; o único objeto que tinha do homem que o gerara. A sua perda o enfureceu.

— Isso o levará à forca! — ameaçou.

— Ao contrário. — A voz de Devondra estremeceu de raiva ao se lembrar do triste fim do pai. Por um instante quase se traiu. Vendo o ar intrigado de Quentin, porém, se recompôs. — Essa declaração será o *seu* fim!

— O quê? — Quentin olhou sério para o cano da pistola apontado para seu peito.

Em atitude de desafio, o mascarado se aproximou, os olhos brilhando malevolamente ao fitá-lo ainda sob sua mira. Direcionando-o com a espada até o galho de uma árvore próxima, deixou claras as suas intenções.

— Não pode estar falando a sério — Quentin disse, encolerizado.

— *É sério. — Ele me traiu, sem piedade deixou que meu pai fosse enforcado. Por isso ele deve pagar.* Então por que sua respiração estava tão alterada ao fitá-lo? — Preparem-no.

Obedecendo, o salteador estabonado encostou a ponta da espada no pescoço de Quentin. De dentro da capa, pegou uma corda para, em seguida, lançar uma ponta por sobre o galho da árvore, formando um laço com a outra.

— Tem mesmo a intenção de me enforcar? — Quentin estava mais surpreso do que assustado. No fundo, tinha esperanças de que estivessem apenas blefando.

— Uma vida por outra — outro ladrão disse ao se aproximar. Quentin percebeu o coxear dele, talvez seqüela de um ferimento de guerra.

— Da vida de quem? — perguntou em desafio.

— Cavaleiro James — dois deles respondem em uníssono.

— Ah, então o motivo é esse... — Quentin apertou a mãos, determinado a proclamar sua inocência, mas ao abrir a boca, foi rudemente silenciado.

— Sim, esse é o motivo.

Dito isso, o menor dos ladrões passou o laço ao redor do pescoço de Quentin, puxando com tanta força que quase o esganou.

Quentin sentiu o coração gelar. Aquela não era uma ameaça vazia. Quem quer que fosse o cavaleiro mascarado, ele não estava blefando.

— Espere! Não importa o que acreditem que fiz, mereço ser ouvido!

— Não merece nada! — De novo a voz de Devondra tremeu.

Quentin fitou os olhos reluzentes, sentindo o impacto de toda aquela ira.

— Quem é você? — Sua mente se recusava a acreditar.

— Não importa. — Destemida, ela deu um passo à frente, de súbito ansiosa por terminar com aquilo de uma vez por todas, antes que mudasse de idéia. De repente torturou-se com emoções contraditórias. Em parte buscava justiça, por outro lado, sentia-se doer ao pensar na morte dele. — Depressa!

Mais uma vez Quentin sentiu a corda apertar seu pescoço. Tentou segurá-la para afrouxá-la, mas amarraram-lhe as mãos atrás das costas.

O coração de Devondra batia tão forte que ela tinha certeza de que os outros o ouviam. Sentia calor e frio, lembrando-se dos beijos dele, das carícias, do modo como se derretera em seus braços. Por um segundo sentiu-se tentada a libertá-lo. Então o rosto do pai ressurgiu em sua mente.

— Icem-no!

Estranhos, Quentin pensou, os pensamentos que surgiam na mente daqueles prestes a morrer. Era como se sua mente revivesse todos os momentos importantes, valorizando as alegrias, lamentando os erros, imaginando as coisas ainda por fazer. E, mais estranho ainda, ele pensou em Devondra Stafford, perguntando-se o que poderia ter acontecido se...

— Não!

Não permitiria que o matassem. Não queria morrer! Lutaria com tanto fervor como nos tempos em que se opusera aos monarquistas... Ele...

De repente, Quentin sentiu a pressão excruciante ao redor do pescoço diminuir. Tossindo, deleitou-se com a maravilha que era poder respirar.

— Alguém se aproxima! Cavaleiros!

Graças a Deus... Quentin entendeu que teria sido encontrado morto não fosse pela interrupção daqueles cavaleiros que se aproximavam pela estrada. Seria eternamente grato a eles.

Apesar de os intrusos terem impedido seu plano, Devondra sentiu-se aliviada pela interrupção. Havia tirado o destino de Quentin Wakefield de suas mãos, pelo menos por enquanto.

— Aos cavalos! — ela ordenou. Tinham de bater em retirada. Não queria arriscar a segurança de seus companheiros. Ainda assim, não conseguiu deixar de ameaçar por sobre o ombro antes de fugir: — Esteja certo, Quentin Wakefield, voltaremos a nos encontrar. — Depois disso, com a mesma rapidez com que chegaram, os três salteadores desapareceram, galopando pela estrada.

Capítulo IV

Heath, 1656

Suaves facho de sol atravessavam as nuvens cinzentas, atingindo Teddington, um vilarejo aninhado no meio da densa floresta contígua a Hounslow Heath. Isolada e pacata, era uma vila como qualquer outra. As casas eram comuns, de alvenaria e madeira ao estilo Tudor. O comércio era modesto, mas com mercadoria suficiente para suprir as necessidades dos habitantes. Todas as construções eram delimitadas por cercas vivas, de madeira e árvores altas. Ruas cobertas de terra cruzavam o local como uma teia de aranha, permitindo a passagem de carroças, charretes e cavalos. Um riacho estreito serpenteava

pelas colinas, abastecendo o vilarejo.

De fato, Teddington pareceria um local sereno para quem desconhecesse a verdade. Para os outros, porém, a realidade era completamente diferente. Eles sabiam que as silhuetas das árvores com seus longos galhos sobre os telhados de sapé imitavam os cidadãos afamados que ali habitavam. Teddington era o lar daqueles que viviam à margem da lei. Dentre tantos ladrões procurados, havia uma mulher, que se tornara conhecida pela alcunha de "Dama Notável".

Fiel à sua palavra, Devondra Stafford tomara o lugar do pai nas estradas inglesas, competindo com os ladrões mais temidos da charneca. Ganhava sua reputação ousando assaltar carruagens e cavaleiros ricos que cruzavam seu caminho. Aquela se mostrava uma profissão bastante lucrativa. O que mais valia a pena, contudo, era a sensação de liberdade e poder que ela conseguia. A pistola conferia total controle sobre a pessoa para quem estava apontada. "O dinheiro ou a vida!" era o grito que fazia qualquer homem, mesmo o mais valente, titubear.

— Iremos nos reencontrar, Quentin Wakefield — ela sussurrou, olhando através da janela da estalagem King's Head, o lugar que passara a chamar de lar. — E quando isso acontecer, eu lhe direi essas palavras.

Certo dia ele a tivera sob seu jugo, roubara sua virtude. Em breve, porém, seria ela a ter o poder supremo, aquele da vida e da morte.

— Escapou da última vez, mas logo nos encontraremos... Ah, como desejava encontrá-lo novamente na estrada! Ele era o "nobre" em especial por quem ela estava sempre alerta. A vítima que procurava toda vez que ordenava "Mãos ao alto!"

Devondra respirou devagar e compassadamente, como se isso atenuasse a dor latente em seu coração. Uma dor mais profunda ainda do que aquela provocada pela morte do pai. Fora magoada profundamente. Traída. Sua ingenuidade, seus sonhos, sua confiança, tudo fora destruído com o falecimento do pai. Por causa daquela noite nos braços de um homem. Um homem que a traía com crueldade. E de quem ela se vingaria.

— Juro que logo estará em minhas mãos, e quando esse dia chegar, cuidado...

Segurando a veneziana, olhou para o horizonte, vendo a terra árida, coberta apenas por arbustos, plantas rasteiras e árvores. A folhagem perfeita para encobrir duas ou três pessoas ao mesmo tempo.

Parte da extensa floresta de Middlesex, Hounslow Heath abrigava um punhado de vilas, como Brentford, Isleworth e Teddington. Ficava além de Londres, a mais importante passagem de carruagens. Através daquela charneca passavam as estradas que levavam a Bath e Exeter, sendo, portanto, fundamental para Devondra e outros da mesma profissão.

Ninguém conhecia ao certo os limites da charneca. Aliás, poucos se importavam em conhecer. A preocupação maior era passar por ali o mais rapidamente possível. Era um lugar ameaçador, escuro, onde sombras surgiam de repente por trás das árvores. Apesar disso e mesmo sabendo de todos os perigos, viajantes endinheirados a caminho dos albergues e casas do interior passavam em suas carruagens e cavalos, sendo fonte constante de riquezas para os salteadores... Jóias, moedas, rendas e veludo em quantidade suficiente para encher os bolsos.

Contudo, havia uma disputa acirrada crescente entre os salteadores que habitavam a estalagem. A avareza mostrava sua pior face, personificada no homem chamado Richard "Scar" Warrick. Inteligente, vaidoso e determinado, pretendia reinar na charneca com a mesma mão forte que Cromwell usava no resto do país. Parecia que Devondra arranjava um inimigo mortal.

— Não olhe agora, mas Scar está vindo para cá.

O aviso de Tobias provocou arrepios em sua espinha. Ainda assim, ela se mostrou desafiadora:

— Não tenho medo dele!

— Mas deveria — Tobias a repreendeu. — O homem é mais perigoso do que imagina.

Scar acreditava ser o rei dos "Cavaleiros das Estradas". Considerou Devondra e seus amigos como invasores assim que eles se acomodaram na estalagem. Brentford podia ter sido governada pelo Cavaleiro James, ele pensava, mas Teddington e as proximidades pertenciam a ele.

Era uma verdade inquestionável. Devondra, Tobias e os outros eram novos no vilarejo, tendo se estabelecido ali por necessidade, pois após a captura do pai e do incêndio na Devil's Thumb, seria muito arriscado permanecer em Brentford. Se os soldados de Cromwell tinham invadido o lugar uma vez, poderiam voltar a fazê-lo. Teddington, ao sul de Brentford e a oeste do Tâmis, era mais isolada e os inúmeros foras da lei que ali habitavam podiam se unir em caso de combate contra os soldados. As chances de sobrevivência ali eram melhores do que em Brentford.

— Scar é perigoso, Tobias — ela concordou —, mas não vou me curvar. Não vou deixá-lo me vencer por meio de intimidação.

— Não foi o que...

O som das botas do salteador silenciou Tobias. Apesar de tentar disfarçar, ele estremecia toda vez que encarava o grosseiro ladrão.

— Você, saia daqui. Quero falar com ela sozinho. — O tom de comando era evidente. Lentamente Devondra se virou, decidida a permanecer calma.

— Quero que Tobias fique. Não tenho nada a lhe falar!

— É mesmo?

O ar estalava de tensão. Com os braços cruzados sobre o peito, ele cruzou a sala, por certo esperando que ela recuasse; o que não aconteceu.

— É isso mesmo! Ela não quer nada com você. — Com os olhos faiscando, Tobias se colocou entre os dois, mas foi prontamente deixado de lado.

— Saia da frente!

Foi a vez de Devondra agir como anjo guardião, aproximando-se de Tobias para se certificar de que ele não sofreria nas mãos do brutamontes.

— Deixe-o em paz, imbecil. Ele só pensa em meu bem-estar.

— Deus do céu, ele mais parece um cão de guarda super nutrido. — Scar percorreu a cicatriz da face com o dedo. — Sempre mordendo os calcanhares.

Tobias, obviamente, mostrou-se insultado, mas Scar se aproximou ainda mais.

— Ou talvez um filhotinho seja a melhor descrição. Vendo o rosto rubro do amigo, Devondra percebeu que uma briga era iminente. Mantendo a cabeça erguida, enfrentou o olhar duro do ladrão.

— E você, meu caro, é um vira-lata capaz de brigar por todo e qualquer osso abandonado.

Ela sabia das conversas que Scar tivera com Conan, Barnaby, Sylvester e Jacob, nas quais tentava, por meio de ameaças, convencê-los a se juntar ao seu bando e ceder vinte por cento de seu lucro a ele. Bem, isso era inaceitável... Talvez os homens se acovardassem diante daquele gigante arrogante. Mas ela se recusava a isso. Postando-se diante de Tobias, disse:

— Se está procurando briga, estou disposta.

— Você? — Depois de um instante de silêncio, ele gargalhou, demonstrando sua surpresa.

— Estou falando a sério, Scar, deixe a mim e aos meus homens em paz!,

Tão rápido quanto a gargalhada, o rosto dele se tornou sério.

— Não quis ofendê-la. — Tirando o chapéu, curvou-se. — Tenho toda a intenção de agradá-la. Você é, pelo que dizem, a jóia de Hounslow Heath.

— Jóia? — Longe de se sentir lisonjeada, ela disse: — Guarde suas palavras doces para as criadas das tavernas. Conheço homens da sua laia. Volto a repetir: deixe-me em paz!

— Em paz? — Um nervo pulsava na face marcada.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Sim, nenhum dos meus homens quer ficar com você. Nunca!

Scar Warrick era um parasita sanguinolento em seu bando. Apesar da existência de um código de honra entre os salteadores, aquele era um homem sem alma, que tinha prazer em matar. Como um monstro cheio de tentáculos, ele reinava em seu bando instigando-os a matar com requintes de crueldade. No passado fora o maior rival de seu pai; agora era o seu.

— *Nunca* é tempo demais. — Ele deu de ombros. — Mas posso esperar. — Lançou um beijo no ar. — Para você...

Ultrajada, ela respirou fundo.

— Vai esperar em vão. Nunca vou me curvar diante de você. Meu pai mandava na charneca no tempo em que você ainda rastejava nos esgotos londrinos.

A verdade daquelas palavras o fez retesar-se. Quando criança, Scar fora um órfão que vivera nas ruas, dormindo em porões, muitas vezes na companhia de ratos de esgoto. Talvez dali viesse a semelhança física.

— E agora eu tomei o lugar dele.

— Um incidente desafortunado — ele sibilou.

Vendo o próprio diabo refletido no olhar de Scar, ela disse:

— Não deixa de ser verdade, e farei tudo o que for preciso para sobreviver. Mesmo que isso signifique enfrentá-lo.

Subitamente o tom de Scar se suavizou:

— Enfrentar-me? Mas ora, eu farei todo o possível para que mude de idéia. — O sorriso debaixo do bigode não era nada tranquilizador. — Além disso, creio que sua luta não seja comigo, mas com outra pessoa.

Devondra se retraiu com tal lembrete. Era verdade. Sua real contenda era com Quentin Wakefield. Um dia voltariam a se encontrar. Em breve. Até lá, sequer consideraria deixar a charneca. Tal qual o fantasma de seu pai, ela vagaria pelas estradas, movendo-se entre a Mansão Wakefield e Londres, incansavelmente.

Suspirou, ansiosa por aquele encontro. Um dia desses, ele se esqueceria do quase-encontro com a morte na floresta e deixaria de tomar cuidado. E ela estaria pronta.

— Quem sabe hoje à noite...

Com tal pensamento em mente, subiu as escadas. Era hora de a Dama Notável aparecer mais uma vez.

Entrando no quarto, trancou a porta e foi para o armário, sorrindo diante da seleção de roupas. Sua reputação de mulher audaciosa e corajosa não era a única coisa pela qual se tornara conhecida. Os costumes coloridos que vestia também eram responsáveis.

Seus vestidos cobriam todos os matizes. Vermelho. Azul. Verde. Dourado. Preto. O branco era usado naqueles momentos em que resolvia se fingir de angelical.

— O vermelho!

Começou a se despir devagar e, nua, diante do espelho, imaginou quanto tempo ainda demoraria para esquecer o toque das mãos de Quentin.

Sentia-se só, não havia como negar. Apesar de estar sempre acompanhada dos amigos, sentia-se isolada.

Quero sentir os braços de um homem ao meu redor. Não quero ficar sozinha para sempre. Sou jovem, quero ser amada... Ainda mais depois de ter passado pela experiência de estar junto de um homem. Mentiroso ou não, por um instante abençoado Quentin lhe mostrara o paraíso.

Vestindo-se, tentou afastar as lembranças daquela noite, mas parecia uma tarefa impossível. Talvez enquanto Quentin respirasse o mesmo ar, contemplasse as mesmas estrelas, ele permanecesse em seus pensamentos. Ele fora a fonte de sua maior alegria e do seu pior momento.

Amante. Traidor. As duas coisas estariam sempre entrelaçadas em sua mente.

— Não consigo esquecer, por mais que tente... — Tampouco perdoar.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

Ele era mais responsável pela morte de seu pai do que o próprio carrasco, pois permitira que ela nutrisse esperanças enquanto planejava enganá-la. Como, então, podia se permitir lembranças doces dele?

— Ele é o inimigo! Inimigo! — Tinha de se lembrar sempre disso, ainda mais quando algumas recordações ameaçavam suavizar seu coração.

A expressão de Devondra se mostrou dura e inflexível, a boca endureceu. Pegando a máscara, amarrou-a e fitou seu reflexo por um bom tempo. Depositara sua confiança no amor só para aprender a lição mais dura da vida. Agora era a vez de Quentin.

— Maldição!

O que havia de errado com ele?, Quentin se perguntou ao entrar num rompante no quarto. Andava irritadiço. Cada vez mais introspectivo.

Uma casa sem mulher, uma vida sem amor... Mas não era esse o futuro que moldara para si? Não era para lá que sua ambição o levara?

Tentou se convencer de que valera a pena. Fizera o impossível. De enteado de um simples açougueiro passara a ser um homem importante. Um que não devia explicações a ninguém exceto ao próprio Lorde Protetor da Inglaterra. Um dia, contudo, as coisas tinham sido bem diferentes...

Fechando os olhos, lembrou-se dos dias passados sob o domínio do padrasto violento que, invejoso do belo enteado, costumava profetizar-lhe um futuro tenebroso.

Quentin provaria o contrário, mesmo tendo padecido no processo. No início, em Londres, mendigara por um pouco de pão, mas sobrevivera e se tornara um vencedor.

— E impiedoso...

A Guerra Civil o tornara assim. Ao presenciar tantas mortes e sofrimento, fechara e endurecera o coração. Todavia não a ponto de não ficar perturbado com suas reflexões. Pensamentos que o faziam se autocondenar e se arrepender.

Eu jamais deveria ter feito aquele acordo.

Fora a epítome do egoísmo e da vaidade. Uma zombaria de tudo o que considerava decente. Seu ato mais vil. Uma jovem estivera desesperada para salvar a vida do pai e ele tirara vantagem disso para saciar suas necessidades. Era de se admirar, então, que a consciência pesasse?

Devondra Stafford conseguiu, de algum modo, me suavizar, pensou ele, tocando o peito. Ela o aquecera, alcançando uma parte sua sempre protegida atrás de altos muros. Ela se entregara por completo e, com isso, tocara-lhe a alma. E com que crueldade, ela fora paga...

— Se eu tivesse previsto...

Como haveria de saber que não poderia cumprir a promessa feita? Ou que o paraíso pudesse ser perdido tão rapidamente, deixando-o mais solitário do que nunca?

— Sozinho... — Por um noite tivera um vislumbre da felicidade. Mas fora só um sonho. Uma ilusão.

Servindo-se de uma caneca de cerveja, sentou-se na cama, lembrando por um instante como ela se aninhara a seu lado, para em seguida se sentir ainda mais só...

— Se ao menos eu conseguisse encontrá-la! Devondra tinha desaparecido, e Quentin começava a duvidar que um dia voltasse a encontrá-la.

A noite escura era iluminada apenas pelos raios de luar, que tocavam as folhas e os galhos, conferindo-lhes um tom prateado. O piar de uma coruja só fazia aumentar o ar

sinistro da noite conforme as duas figuras se moviam furtivamente pela floresta. Havia vezes em que o bando inteiro atacava, mas daquela vez eram apenas Devondra e seu companheiro mais leal, Tobias, que vigiavam a estrada, pois ambos tinham contas a acertar.

— Ele deve chegar a qualquer instante — ele sussurrou.

— Finalmente!

O espião deles em Londres mandara avisar na estalagem que Quentin Wakefield fora visto indo em direção à estrada. Desde que recebera o recado, Devondra não conseguia pensar em mais nada.

Como poderia esquecer o que ele prometera naquela madrugada ao afagar seu rosto? Ele prometera, além de salvar seu pai, tomar conta dela, dizendo que se importava...

Ah, como se importara! Tanto que permitira que o pai sucumbisse àqueles degraus, àquela corda, à força.

Quentin Wakefield. Fitando o céu, conseguia ver seu rosto, tão nítido como se estivesse diante dele. Os cabelos espessos, os olhos azuis e a determinação no maxilar. Misturando-se ao contorno de seu perfil, viu também a silhueta do pai, pendurado no patíbulo.

Ah, mas vou fazê-lo pagar pelo que fez. Vou conseguir me vingar! Era o único modo de aplacar a ira que se avolumava em seu íntimo. Um ressentimento amargo e profundo que lentamente devorava sua alma.

Não importa o preço, eu vou me vingar. E pensando nisso, cobriu o cabo da pistola.

— Cuidado, senhorinha. — Com cautela, Tobias a tocou no braço, lembrando-a de que ela apontava a arma em sua direção.

— Desculpe.

Carregar e disparar uma arma eram tarefas perigosas. Não era raro uma pistola estourar antes de atirar. Não era de se admirar que Tobias estivesse preocupado.

— Eu não gostaria de ficar sem a cabeça, por mais feio que meu rosto seja. — Segurando-a pelo queixo com a palma da mão, acrescentou: — Tampouco que machucasse esse belo rosto.

— Tomarei cuidado — ela garantiu, rapidamente guardando a pistola.

Foi Tobias quem lhe ensinou a atirar. Mostrou-lhe como o cano era feito em duas partes e onde pólvora e bala eram colocadas. Depois que remontar a pistola, ela podia ser usada, e esperava-se que a bala saísse pelo cano atingindo o alvo em vez de sair pela culatra.

— Espero não termos de atirar, pois temo ter de testar sua habilidade...

Devondra sorriu. O que Tobias queria dizer era que, apesar de sua diligente tutela, ela era péssima atiradora. Todas as manhãs, um dia após o outro, ela praticava, carregando, mirando e atirando até sentir os ombros doerem e os ouvidos tinirem com os tiros desferidos. Todavia, ainda não conseguira acertar no alvo, a menos que ele estivesse bem próximo. Até o momento, porém, o blefe fora suficiente para assustar as vítimas.

— Quando a hora chegar, estarei pronta. — Devondra estava completamente imóvel, preparando-se para o que estava por acontecer.

— Você não tem medo de nada, não é mesmo?

— Não. — Algo muito mais forte do que o medo a motivava.

— Por Deus, é isso o que me mais me assusta.

Ela virou o rosto para fitar carinhosamente o homem que fora tão fiel ao seu pai e agora a ela.

— Não tema, querido Tobias. — Estranho como no passado era Tobias quem cuidava dela e agora era ela quem sentia a necessidade de protegê-lo. — Não sou mais a garotinha do Cavaleiro James.

Garotinha? Não mesmo, Tobias pensou. Devondra era uma mulher crescida que sabia chamar a atenção. Naquela noite usava o costume vermelho de veludo com mangas

bufantes e colo exposto. Chapéu preto com plumas, luvas e máscara negra completavam o conjunto. O cabelo lustroso estava amarrado no alto da cabeça.

— Não sou mais sua responsabilidade. — Devondra se sentiu compelida em afirmar ao perceber que ele a fitava atentamente. — Sei cuidar de mim.

Tobias não fazia segredo que desaprovava o novo estilo de vida dela, mesmo sem ter como argumentar, visto que ela era determinada.

— Se ao mesmo Jamie estivesse aqui... — O pai talvez fosse capaz de fazê-la ver a razão...

— Ele está — Devondra respondeu, virando o rosto. Pela primeira vez sentia-se no controle do próprio destino. Não importava o resultado, *ela* escolhera aquele caminho. — Ele está olhando para nós lá do céu.

— Meneando a cabeça ao vê-la seguindo os passos dele nestas estradas. — De repente, ele pôs o dedo sobre os lábios. — Estou vendo alguém!

Devondra olhou na direção apontada. No fim da estrada iluminada pelo luar, um homem vinha a cavalo com a cabeça erguida com altivez. Levando os cavalos para uma parte mais escura, os dois aguardaram.

Como vou começar? Como, exatamente, devo puni-lo?

As imagens que surgiram em sua mente eram variadas e confusas. Num instante via-se torturando-o e atormentando-o, no instante seguinte imaginava-se dançando nua em seus braços.

— Ouça...

Assustada com a voz de Tobias, ela voltou ao presente, atentando para os sons dos cascos do cavalo nos pedriscos da estrada. O cavaleiro vinha sozinho. Perto. Mais perto. Mesmo assim, eles esperaram sem mover nem um músculo sequer. Até a hora certa.

— Agora! — Devondra exclamou. Seu comando veio acompanhado por um tiro para o alto enquanto ela e Tobias se deixavam ver.

— O dinheiro ou a vida! — Tobias exigiu.

— Desmonte e solte o cavalo. — Quando o cavaleiro se mostrou relutante em obedecer, Devondra disse mais alto: — Faça o que eu digo ou juro, Quentin Wakefield, que o separarei desse animal do modo mais doloroso possível.

Houve um momento de silêncio, o bastante para Devondra sentir o coração bater descompassado dentro do peito. Depois a voz masculina exclamou:

— Não sou Quentin Wakefield!

O luar brilhava e iluminava o cano da pistola de Devondra, mirada diretamente para o peito do homem. Resmungando, ele desmontou, trêmulo de raiva ao notar a arma bem próxima do nariz.

O desapontamento a atingiu como um golpe físico e sua voz soou rouca ao perguntar:

— Quem é você?

— Quem sou eu? Quem sou eu? — O loiro de rosto afogueado não conseguia disfarçar o temor. As mãos tremiam e os joelhos estavam bambos. E mesmo assim, fitava embevecido para a mulher de vermelho. — Quem... quem é você?

— Aqueles que se deparam comigo nas estradas me chamam de Dama Notável.

— Dama Notável? — ele repetiu, fitando-a apreciativamente de alto a baixo. — Adorável. — Deu um passo à frente.

— E perigosa, se não a levar a sério. — Tobias acrescentou, acenando na direção dela. — Tal qual uma rosa, a dama tem espinhos.

Para assegurar o homem de que estava no comando, Devondra ergueu a pistola.

— Há uma taxa pela utilização desta estrada — disse ela.

— Uma taxa?

— Sim, um pedágio cobrado em prata ou ouro. — A boca suave se curvou num sorriso de satisfação e um brilho no olhar se fez ver debaixo da máscara.

— Pedágio? — Tirando o chapéu, ele suplicou: — Tenho pouco dinheiro. Acredite ou

não, não sou um homem de posses.

Devondra não acreditou nele. Enfiando a mão na bolsa amarrada à sela, ela procurou um pouco. Não havia nada além de papéis, cartas de algum tipo que não lhe interessavam. Satisfeita, disse por fim:

— Ele fala a verdade. Não há ouro aqui.

— Então ele o escondeu em algum outro lugar — disse Tobias.

Cientes dos perigos das estradas, os viajantes escondiam seus bens nas botas e em outros lugares onde acreditavam que os salteadores não procurariam. Mal sabiam eles que os homens que os abordavam eram bem-informados.

Devondra preparou a arma para que o cavaleiro ouvisse o estalido.

— Onde está, então? Onde escondeu sua prata e seu ouro?

— Eu... eu não tenho nada! — Ele olhava de Devondra para Tobias e de volta para ela, acreditando que a mulher fosse a mais clemente. Mal sabia ele...

— Dispa-se!

— O quê? — O homem soou mais calmo do que se sentia. — Não!

— Sim.

Era comum os viajantes alegarem não ter nada. Mas também era muito fácil descobrir a verdade. Ao se verem sob a mira da pistola, eles acabavam tirando calçados e roupas até terem os bens revelados. Esse ritual era chamado pelos salteadores de "o debulhar da ervilha".

— Não pode querer que...

— Quero, sim.

Algo nos modos dela perturbou o homem corpulento e bem-vestido, pois não houve hesitação ao dizer:

— Bom Deus, mas como a moça é cruel...

— Cruel e determinada — ela afirmou ao se aproximar.

— Está bem, está bem! — Decidindo cooperar, o viajante revelou todo o ouro que levava nas botas. Era uma maravilha que conseguisse caminhar daquele modo.

Tobias esfregou as mãos e desceu do cavalo para juntar as moedas.

— Muito melhor do que relógios, anéis e outras jóias que teríamos de vender para obter lucro.

— Bem melhor! — Devondra concordou. Mesmo assim, não estava satisfeita. — Continue.

E foi o que o homem fez, até ficar somente com a roupa de baixo.

— Pronto! Satisfeita! Não tenho jóias. Cromwell não as permite.

Mesmo sabendo que os Puritanos condenavam a ostentação de riquezas, ela tinha esperanças de encontrar algo mais. A única joia que o homem carregava era uma correntinha em volta do pescoço, parcialmente escondida na camisa de baixo.

— Ei, deixamos escapar uma coisa — Tobias avisou ao tentar pegar a correntinha.

— Não! — Segurando-a firme, o homem não se mostrou disposto a se separar da peça.

— Entregue ou enfrente as consequências! — Tobias ameaçou.

Mais uma vez o homem se recusou.

— Esta corrente me foi dada por meu pai. É tudo que tenho dele.

— Não seja tolo. Tire-a e me entregue — Tobias replicou, mostrando pouco caso com um sentimentalismo que obviamente considerava tolo.

Devondra, por outro lado, mostrou-se mais leniente. Pensando no próprio pai e lembrando como as poucas coisas por ele deixadas lhe eram caras, ela condescendeu:

— Deixe-o ficar com a corrente. Já pegamos o bastante.

— Deixá-lo ficar? — Tobias fez uma careta, mas ao ver o olhar determinado dela, deu de ombros. — Como quiser.

Rapidamente juntando as roupas descartadas, o homem vestiu as calças e olhou para

ela.

— Obrigado. Vou me lembrar que, pelo menos no que se refere à corrente, você foi piedosa.

— Também tive pai — ela sussurrou, lamentando mais uma vez sua perda. Sem nem mais uma palavra, tocou os flancos do cavalo com os calcanhares e galopou para longe.

As janelas da estalagem King's Head estavam escuras, as lamparinas todas apagadas. Já passava da meia-noite e a maioria dos clientes se recolhera. Não era de admirar que estivesse tudo silencioso, com exceção, é claro, do letreiro da estalagem que, tendo saído da dobradiça, batia contra a parede.

— Ah, que noite! Estou tão faminto que seria capaz de comer um boi! — Lembrando-se das boas maneiras, Tobias abriu a porta e deu um passo para o lado para dar passagem a Devondra.

O salão da estalagem estava enfumaçado. O aroma do jantar ainda permeava o ar, misturado à fumaça do fogão, ao cheiro de vinho e cerveja. Todos esses cheiros receberam os dois recém-chegados assim que eles entraram.

— E você?

O aroma do cozido de coelho aguçava suas narinas, lembrando-a de que não havia jantado.

— Estou com fome.

— Vamos comer antes de deitar, então. — Usando o cabo da pistola como batedor, Tobias deu umas pancadas no tampo de uma mesa. — Olá, alguém pode nos atender? — E bateu mais alto.

— Quietos! —Apressando-se escada abaixo, o estalajadeiro desceu de camisola e touca. Resmungando, pediu para que não acordassem os outros, mas vendo a moeda de ouro que Tobias tinha na mão, mudou rapidamente de atitude. — Ah, uma noite proveitosa. — Tirando a touca, ofereceu a hospitalidade da casa. — Você é meu melhor cliente, Toby...

Sorrindo ante o elogio, Tobias ofereceu duas moedas e, rindo, brincou:

— Não precisa mordê-las. Uma coisa pode-se dizer dos homens de Cromwell: não são nada pobres. Garanto que as moedas são genuínas.

— Claro que são. — Tocando a sineta atrás do bar, o estalajadeiro chamou uma criada sonolenta. — Não fique aí parada. Sirva nosso vinho especial para meus amigos. E acenda a lareira.

Resmungando baixinho, a moça encheu duas taças com o líquido vermelho e as depositou numa das mesas, ignorando as lisonjas costumeiras de Tobias.

A despeito do adiantado da hora, logo o salão clareou com a luz da lareira, iluminando o reboco das paredes, as mesas de madeira gasta e as vigas do teto. As tábuas do assoalho estavam mal recobertas por palha e junco e pediam um esfregão. Ainda que cinquenta anos antes a estalagem tivesse vivido seus dias de glória, hoje a situação era outra. Mas, por falta de coisa melhor, aquele era o lar de Devondra.

— Hora de celebrar! — Tobias chamou, deixando o cinto numa cadeira próxima.

Devondra, embora orgulhosa com a receita da noite, tinha o humor menos jovial. Não conseguia deixar de ficar desapontada por não ter colocado Quentin Wakefield sob a mira de sua pistola. Não queria, porém, acabar com o bom humor do amigo.

— Uma celebração!

— Bebidas para todos os companheiros! — Tobias insistiu, mandando a criada acordar o resto do bando.

Um a um, eles foram acordados com batidas à porta, e logo o salão foi tomado pela conversa de Conan, Barnaby, Sylvester e Hyacinth que se juntaram a eles. Estavam ansiosos para ouvir as aventuras da noite.

— Encontraram alguém rico? — Hyacinth perguntou com uma piscadela.

— De certa forma — Devondra respondeu com um suspiro.

A verdade era que lembrava bem pouco do homem, pois seus pensamentos estiveram

ocupados com outra pessoa.

O destino lhe foi gentil hoje, Quentin Wakefield. Não importa. Hoje foi a vez do cavalheiro loiro. Uma noite dessas será a vez de Quentin enfrentar a mira de minha pistola. E quando isso acontecer...

— E você, Devondra? — Tobias perguntou. — Quer uma fatia de presunto ou cozido?

— Cozido de coelho.

A porção que lhe serviram era farta, e ela começou a comer com um garfo, um utensílio que estava começando a ser usado àquela época. Pensou que gostaria de uma fatia de torta de frutas, mas desistiu da idéia ao ver Tobias atacá-la com as mãos engorduradas.

— Ah! Deus! — Com um sorriso maroto, encheu a boca com uma porção, depois lambeu os dedos. — O trabalho árduo abre o apetite.

— Trabalho árduo? — Hyacinth riu.

Sentada ao lado dele, ouviu atentamente o relato da aventura da noite. Se ele exagerou um pouco seus feitos e bravura, Devondra não se importou.

— E o homem? Era rico ou não? — Conan direcionou a história para o que mais lhe importava: dinheiro.

— Veja por si só. — Tobias riu com os olhos brilhantes de contentamento ao jogar a bolsa de couro no tampo da mesa, fazendo com que o vinho de Devondra esparramasse com o impacto.

— Permita-me. — Exibindo uma rara graciosidade em um cavalheiro, Barnaby enxugou o líquido com um lenço. — Afinal de contas, não queremos que estrague esse belo vestido de veludo vermelho. — Um vestido que ele, sua tesoura e a agulha tinham criado.

— Rico o bastante. — Esticando a mãozorra, Sylvester pesou a bolsa. — Se não se importam, vou em frente pegar a minha parte. — Tinham combinado que dividiriam os lucros entre todos, mesmo entre os que não participassem ativamente do roubo. Despejando o conteúdo na mesa, Sylvester contava as moedas: — Três, seis, nove... — Havia vinte e uma de prata e treze de ouro.

Todos observaram quando o antigo açougueiro separou três de prata e duas de ouro, uma divisão nem um pouco aceitável. Ele estava, claramente, sendo bem ganancioso.

Pigarreando, Tobias segurou-lhe o pulso.

— Devolva-as. É Devondra quem faz a divisão, conforme combinamos. Ela e eu ficamos com a metade, já que fomos nós os participantes desse assalto, e vocês ficam com o resto.

Quando Sylvester não atendeu ao pedido de Tobias, Devondra disse num tom firme:

— Obedeça! Você também concordou com esses termos, Sylvester.

Ela recebeu um resmungo como resposta, mas ele logo aquiesceu. Então, quando a criada trouxe vinho para encher as taças, ele ergueu a sua e brindou:

— Ao futuro. Que as noites possam ser tão lucrativas quanto esta.

— Ao futuro — Devondra ecoou. Levantando a taça, sorveu um gole, quase engasgando ao ver o reflexo de Scar no vidro da janela.

A voz ameaçadora dele logo se fez ouvir:

— Então a Dama Notável retornou.

A parede esquerda estava tomada por barris empilhados que oscilaram precariamente quando ele passou. Devondra se viu desejando que elas caíssem sobre ele bem na cabeça, pois essa parecia a única maneira de evitar aquela presença incômoda.

— Sim, voltei.

Tudo ficou estranhamente silencioso de repente, o que a enervou. O silêncio, porém, logo foi quebrado.

— Espero que não de mãos vazias — disse Scar.

— Não, mas não vejo como isso possa lhe interessar — ela declarou.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Ah, interessa, sim! — Observando-a atentamente, esticou a mão. — Sabe, estabeleci novas regras.

— Regras? — Conan se adiantou, mas logo mudou de idéia. — O que quer dizer com isso?

Tomando a taça da mão de Devondra, Scar sorveu um gole.

— De hoje em diante exijo dez por cento por usarem as minhas estradas.

— *Suas estradas!* — A idéia era ridícula.

— E por que não? — Scar sorriu. — Há senhorios que cobram pelo uso das terras deles. Por que não é possível que eu cobre pelo uso das estradas?

Devondra o encarou com os olhos semicerrados.

— Porque você não é nenhum senhorio, Scar Warrick! — Fechou as mãos em punhos, desejando ardentemente ser homem, só por um instante. O bastante para socar o bastardo arrogante que tinha a audácia de propor tal afronta. Um imposto, pois sim...

Os olhos de Scar estavam velados, mas um músculo na face traía seu descontentamento com a afronta.

— Talvez não um senhorio, mas alguém com poder para forçá-la a agir de acordo com a minha vontade. — Esperou a resposta dela, mas acrescentou: — Embora eu preferisse oferecer-lhe a minha proteção em vez disso.

— Proteção? — Devondra se retesou, querendo mostrar que sabia se defender sozinha.

— E companheirismo.

Os olhos castanhos a perfuravam com uma familiaridade que não deixava dúvidas quanto às suas intenções. Ela sentiu o rosto queimar ao controlar a raiva.

— Não preciso de nenhum dos dois.

— Que pena. — Ele cometeu a afronta de rir. — Bem, lembre-se de meu convite quando se encontrar *desejando* algo, se é que me entende.

Ela entendia muito bem. Rápida, virou-se de lado, do modo como fazia perante homens ousados. Por que os homens pensavam com a parte inferior do corpo? Magistrado ou ladrão, eram todos iguais.

— Será um dia de neve no Inferno se eu tiver esse tipo de desejo para com a sua pessoa.

A surpresa no rosto de Scar era evidente. Ele não esperava por uma reação tão mordaz.

— Talvez esse dia frio no inferno esteja mais próximo do que imagina. — Segurou-a pelos ombros, como se quisesse agarrá-la pelos ossos.

— Solte-me!

O salteador não obedeceu. Em vez disso, suspendeu-a e a trouxe ao seu encontro.

— Quem sabe não cobro meu imposto de outra forma? Lentamente, começou a baixar a boca, deixando clara a intenção de beijá-la.

— Não! — Devondra gritou, virando o rosto.

Até mesmo seus beijos eram sagrados. Não se permitiria ser beijada por um tipo como aquele.

Scar não atendeu à vontade dela. Sorriu, cheio de si, e a segurou pelo rosto, sem gentileza alguma ao forçá-la a encará-lo.

— Sim!

Não havia alternativa, Devondra pensou ao erguer o joelho e atingi-lo na virilha. Ele logo se curvou de dor e humilhação.

— Devondra! — os outros exclamaram, alarmados.

— Eu disse que não queria. Ele não me atendeu.

Para ela, a situação era simples assim. Agora, pensando em seus atos, enxergava as consequências.

— Scar nunca a perdoará por isso — Sylvester disse. — Estamos fadados. Seria

preferível ter vendido a alma ao diabo a encolerizá-lo.

Estremecendo, Devondra olhou para Scar, encurvado, e concordou com Sylvester. Scar forçara a situação e ela reagira instintivamente. Não havia mais nada a fazer; eram inimigos.

Havia um frio no salão que nenhum fogo poderia aquecer. Com uma carranca, Scar apoiou os pés numa mesa, o olhar desafiando qualquer um a se intrometer em suas reflexões.

— Como os odeio! Jamie e aquela rapariga atrevida... Mesmo naquele instante ruminava sua humilhação. O ronco no estômago só piorava o mau humor, causado, sem dúvida, pelo esfriamento repentino de sua luxúria. Sabia, porém, que tratar Devondra Stafford mal nada tinha a ver com desejo. Sua tentativa de sedução tinha outros motivos.

— Olho por olho... — Uma filha no lugar de outra filha. Fechando os olhos, atormentou-se com a imagem que se formou atrás de suas pupilas.

— Annie...

Tão jovem. Jovem demais para morrer. E tudo por causa *dele*. Um pecado pelo qual Jamie pagara, contudo, era uma tragédia que exigia outro sacrifício.

Quanto mais pensava a respeito, mais determinado ficava. Primeiro o pai, depois a filha, ainda que se vingasse da garota de uma forma completamente diferente da que fora usada contra o pai. Encontraria um modo de humilhá-la, de controlá-la de acordo com suas vontades.

— Jamie! — ele resmungou, ainda enciumado apesar de o homem já estar morto.

James Stafford nascera em berço de ouro, não tendo seu berço maculado nem depois da guerra e de sua ruína. Tal qual um gato, aterrissara nas quatro patas. Ainda que tivesse perdido tudo de valor, sua vida fora repleta de aventuras ao percorrer as estradas sob a alcunha de Cavaleiro James. As mulheres se jogavam a seus pés, e ele desfrutou de uma vida de prazeres, depravações e perigos. Tornou-se um aventureiro, mesmo sendo chamado por vezes de salafrário e ordinário.

A sua vida, por outro lado, foi permeada pela má sorte e pela dor. Lutou por cada centésimo de poder que agora tinha, lentamente construindo sua gangue. Por dezesseis anos, entretanto, houve um raio de luz em sua vida. Na verdade, a única coisa amada.

— Anne.

Quando ela convalescia na cama, ele fez algo incomum: rezou. As preces sentidas, contudo, foram ignoradas. Ela jazia em seu túmulo agora, tendo levado com ela uma parte sua que morrera junto com ela: seu coração.

A Torre Verde reverberava com o som das espadas se encontrando, bem como das imprecações abafadas dos dois combatentes. Tochas iluminavam as paredes de pedra que circundavam a Torre Branca. Competindo com o brilho da lua, as tochas iluminavam os dois homens absortos na batalha fingida.

Uma camada de suor cobria o peito e os braços nus de Quentin Wakefield, enfatizando os músculos normalmente escondidos pela camisa de linho e pelo luxuoso colete. Na mão ele empunhava uma espada como aquelas com as quais se mostrara um perito nos combates da guerra. Ela parecia mágica, como se tivesse vida própria. Depois de sua experiência tão próxima da morte na charneca, Quentin resolveu aprimorar suas habilidades como espadachim.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Pegue esta — disse em voz alta, golpeando com tanta força que seu companheiro de treino foi surpreendido.

Manobrando melhor que o oponente, deixou-o sem fôlego e completamente embaraçado.

— Calma, calma! Bom Deus, quase me quebra o braço... Edwin Trevor esfregou o pulso depois se abaixou para recuperar a espada, que havia sido derrubada de sua mão com o impacto do golpe de Quentin.

— Desculpe!

Correndo os dedos pelos cabelos despenteados, Quentin levantou a mão num pedido de desculpas para o homem que lutara ao seu lado nas batalhas de Marston e Naseby.

— Por um instante você pensou que eu fosse outra pessoa. — Cravando a ponta da espada no chão batido na Torre Verde, Edwin a utilizou como uma bengala para apoiar seu peso. — Quem?

— Não importa.

Quentin mantivera sua experiência humilhante para si só. Nem mesmo Edwin Trevor, seu amigo mais leal, soube da noite em que foi ameaçado com a força em Hounslow Heath.

— Algum marido zeloso, com raiva de seus flertes com a esposa?

Quentin meneou a cabeça.

— Algum tolo que tentou enfeitá-lo com galhos ao avançar sobre uma de suas amantes?

Mais uma vez Quentin negou.

— Cromwell? Dessa vez Quentin riu.

— Oliver pode ser irritante, mas garanto que não foi ele quem me provocou.

— Quem, então?

Edwin estava curioso. Batendo o pé no chão, fez mais algumas tentativas, deixando Quentin saber que não desistiria do interrogatório.

— Está bem, se quer mesmo saber, fui abordado na estrada!

E isso era tudo o que Quentin estava disposto a revelar.

— Por um salteador? — Edwin estava incrédulo. — Você?

— Não um, mas três — ele esclareceu, tentando aplacar seu orgulho ferido.

— Bem, isso explica tudo. — Edwin baixou a voz num tom conspiratório: — Sem dúvida foram os mesmo safados que levaram meu dinheiro.

— Foi roubado? — Por um segundo Quentin ficou imóvel como uma estátua, depois se pôs a rir. — Também foi emboscado?

Uma careta se formou debaixo da barba não aparada de Edwin.

— Aposto como não há um homem sequer em Londres que já não tenha sido assaltado pelo menos uma vez na vida. — Fez uma pausa. — Maldição, esses safados estão ficando cada vez mais ousados, mais esquivos que o vento. Especialmente aquela... aquela mulher.

— Mulher?

— Não ficou sabendo? — Edwin exalou fundo. — Bem, permita-me, então, contar tudo o que sei. Por experiência própria.

— Foi assaltado?

Quentin estava muito interessado em ouvir sobre a mulher que ousara atuar numa profissão tão errante e masculina.

— Sim, ontem à noite, enquanto passava pela charneca.

Edwin relatou a história da mulher de vermelho que o mantivera sob a mira de uma pistola.

— Teve medo?

— Sim... e não. — De repente Edwin, um homem sempre seguro de si, se sentiu pouco á vontade. — Ela... ela...

— O ameaçou, humilhou e roubou. — O olhar de Edwin contava uma história

completamente diferente. Por um instante, Quentin o observou até chegar a uma conclusão:

— Ela o enfeitiçou! Foi isso, não?

— Ela tinha a voz de um anjo sedutor. Baixa. Suave. — Como que em transe, Edwin se sentou num tronco no chão.

— Sem dúvida, era também bonita — Quentin zombou, irritado com tudo aquilo. A mulher era uma ladra, não uma inspiração sensual de uma fantasia, como Edwin tentava fazer crer.

— Bonita? Não sei dizer. Ela tinha o rosto todo coberto por uma máscara. — Colocando as mãos no rosto, fez uma demonstração. — Assim. — E deu um amplo sorriso. — Mas se eu fosse um apostador, eu diria que sim.

— E eu aposto como ela tem a alma mais escura que o inferno! Isso se ela tiver alma!

Confuso com a amargura do amigo, Edwin o observou, decidindo por fim mudar de assunto.

— Notou que Cromwell anda um tanto irascível?

— Cromwell? O que ele tem a ver com isso? — Quentin deu de ombros. — A menos que esteja sugerindo que ele também foi abordado por essa mulher misteriosa.

— Acredito que não.

— Uma pena, pois caso isso tivesse acontecido, ele perceberia que há necessidade de intensificar a caça a esses malfeitores.

Desde a captura de James Stafford, seu velho inimigo, a procura pelos criminosos na charneca por parte de Cromwell se tornara frouxa. Lentamente, Quentin levou a mão ao pescoço, lembrando-se da opressora pressão na corda e perguntou-se se um dia seria capaz de esquecer.

— Sinto que Cromwell tenha problemas mais prementes, como o temor de uma rebelião entre seus pares. — Edwin se levantou. Dando um passo à frente, deu um tapinha no ombro do amigo. — Duvido que ele queira liberar alguns soldados no momento, portanto, se quer mesmo livrar o país desses bandidos, sugiro que o faça por sua conta. Quentin riu da idéia.

Capítulo V

Alguns dias mais tarde, ele não ria mais. A Dama Notável tivera a audácia de colar avisos em diversas das casas dos londrinos abastados, dizendo que não se aventurassem nas estradas sem ao menos um relógio e ao menos vinte guinéus nos bolsos.

Era ousado. Audacioso. Quentin caminhava pela sala, furioso. A mulher infernal aterrorizava todas as estradas que partiam de Londres. Pior, como o próprio Edwin dissera, ela era mais esquiva que o vento.

As descrições da mulher mascarada variavam. Alguns diziam que tinha altura mediana, outros insistiam que era alta. Diziam que se vestia de preto, azul, verde, amarelo ou vermelho, usando um chapéu de plumas, ou de abas largas, ou que não usava chapéu algum. A maioria assegurava que tinha cabelos escuros, mas não era incomum que a descrevessem como loira ou até mesmo ruiva. Todas as descrições incluíam uma capa, apesar de a roupa por baixo variar entre saias e calças, mangas justas ou bufantes.

— Um empreendimento bem lucrativo — Quentin murmurou, sarcástico, ao ouvir que

o último costume da mulher estava bordado com pérolas e costurado com fios de ouro. Trazia sempre uma adaga numa bainha dourada e os arreios do cavalo eram decorados com prata e ouro.

Enfurecia-se em saber que os pobres da cidade e em seu entorno admiravam-na como se ela fosse algum tipo de heroína, uma Robin Hood da atualidade que deixava presentes inesperados nas soleiras de suas portas. Um casal esfomeado encontrara um saco de farinha, açúcar e outros suprimentos. A esposa de um moleiro fora presenteada com lã numa noite fria. Outros se deparavam com moedas em sacos pendurados nas maçanetas com recados joviais como: "Com carinho, Dama Notável".

— Notável, sem dúvida. Dama, duvido muito — murmurou por entre dentes. Quem quer que fosse essa mulher, seus dias de aventura nas estradas estavam contados. Essa era uma promessa que ele não fazia levianamente.

O céu parecia uma cortina de veludo negro salpicada pela imensidão de estrelas brilhantes tal qual jóias preciosas. Pulsantes e cintilantes. A lua era minguante e a luz suave somente tocava as encostas das colinas enquanto um cavaleiro passava pela estrada pedregosa e poeirenta. Um cavaleiro que não tentava esconder sua presença.

— Aqui estou eu. Por que não vem me pegar? — Quentin sussurrou em desafio conforme cavalgava com vagar pela charneca.

Estava tentando fisgar os salteadores, servindo de isca. Seu objetivo era ficar frente a frente com a mulher que se tornava o assunto mais recorrente da cidade. A Dama Notável.

Sua fama aumentava conforme em toda parte as notícias de assaltos eram atribuídas a ela. Diziam que a haviam visto em Gadshill perto de Rochester, Shooter's Hill perto de Blackheath, Salisbury Plain. Diziam até mesmo que ela conseguia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

As estradas entre Hounslow Heath e Londres haviam testemunhado façanhas impressionantes nos últimos tempos.

Uma onda de crimes se espalhara. Tudo levava a crer que não era somente a Dama Notável que agia, mas também imitadores do ofício andavam ocupados nas estradas que cruzavam a periferia da cidade. Aquilo tinha de parar.

Você se acha tão esperta, tão ardilosa. Bem, não serei tão facilmente enfeitiçado por você, bruxinha, assim como Edwin Trevorfoi.

De fato, Quentin estava determinado a provocar a ruína da Dama Notável de qualquer maneira. Se isso significava servir de isca, que assim fosse. Tinha de ver aquela ladra de perto a fim de poder capturá-la mais tarde. Muito melhor conhecer o inimigo.

— Está na hora de nos encontrarmos — disse, olhando na direção das copas das árvores.

Ficou tenso ao pensar nesse encontro, mas logo relaxou. Precisaria de todo o seu autocontrole para se permitir ser assaltado sem revidar, porém isso seria necessário caso desejasse descobrir a identidade da Dama Notável.

— Por Deus, sei que está me observando. Sinto isso. — Ao continuar pela estrada, sorriu ao perceber o movimento da folhagem atrás de si. — Venha me pegar.

O desafio lançado não obteve resposta. Mesmo assim, sentia a presença de alguém. Fechando os olhos, conseguia praticamente visualizar a forma esperando atrás das árvores, escondendo-se até poder atacá-lo pelas costas. Por que tudo ficara tão silencioso de repente?

— O que está esperando?

Quentin queria que aquele encontro acabasse de uma vez por todas. Teria uma bebida quente à sua espera na Mansão Wakefield. Estava ansioso para saboreá-la junto ao fogo. Essa recompensa não seria sua, porém, até que se encontrasse com a Dama Notável. Um encontro que estava rapidamente se transformando numa obsessão.

— Vou provar a você que...

Quentin deteve a montaria ao ouvir o som de cascos de cavalos trazidos pelo vento.

Prestou mais atenção. Sim, era isso mesmo. Cavalos. Um. Dois. Talvez até três. Sorrindo de leve, preparou-se para o encontro inevitável.

De seu esconderijo, Devondra também ria. Havia algo no modo como o cavaleiro permanecia ereto na montaria que lhe parecia familiar. Isso e a largura dos ombros.

— Tobias, é ele. Desta vez é ele, tenho certeza! — Quentin Wakefield caíra em sua armadilha. Finalmente.

Esticando o pescoço, Tobias procurou melhor campo de visão, depois assentiu.

— Sim, acho que é ele mesmo.

— Então não há por que esperar.

A maioria das mulheres apreciava os confortos da vida, como ficar junto à lareira numa noite escura. Devondra era diferente. Suas incursões noturnas propiciavam-lhe um gosto a mais pela vida e uma excitação inigualável. Ainda mais naquela noite.

— Vamos em frente.

Incitando o cavalo a se mover com um toque dos calcanhares, ela assentiu:

— Vamos.

Foi então que Quentin viu a figura de uma mulher delicada numa explosão de azul surgir montada num garanhão negro.

— Alto lá! — ela exclamou.

— O que quer? — Ele fingiu que não sabia o que ela buscava. Ah, mas como sabia, e isso o enfurecia...

— Jogue suas armas!

Quentin obedeceu com relutância. Enquanto isso, desejava poder dizer o que pensava daquelas travessuras noturnas. Se ela cedia parte do que roubava aos pobres, pouco importava. A mulher era uma ladra. E agora também o roubaria.

— Pronto. Satisfeita? — perguntou depois de jogar a pistola e a espada no chão.

— Por enquanto. — Devondra disfarçou a voz, enrouquecendo-a ao vigiá-lo enquanto Tobias desmontava para pegar as armas. Com grande esforço manteve firme a mão que segurava a pistola na direção dele.

Quentin sentiu o calor do olhar da mulher pousado sobre si e sustentou o seu. Somente os olhos luminosos estavam visíveis. Todo o resto estava encoberto pela máscara. Apesar disso, algo naqueles olhos o convenceu de que ela era bonita.

— Seria melhor nos apresentarmos.

— De fato.

Devondra sentiu-se retesar dos pés à cabeça ao repassar na mente a primeira vez em que se viram. Algo os atraía, e essa mesma magia voltava a atraí-la. Dessa vez, porém, faria de tudo para se conter. Para lutar contra ele.

— Você é a Dama Notável, acredito — ele disse com zombaria, curvando-se levemente. Tentou perceber algum detalhe do rosto, mas estava bem escondido pela máscara. — E eu...

— Sei quem você é!

Hostil, ela o olhou de cima. Ele não a reconhecera. Ela sabia, do fundo do coração, que não havia disfarce que ele usasse que pudesse ludibriá-la. Entretanto, ele não sabia quem ela era. Estranho como isso tanto a deixava aliviada quanto a ressentia. Em parte queria que ele soubesse...

— Sabe? — Ah, mas ela era insolente. Como se fizesse parte da realeza. Mesmo assim, o intrigava. — Então devo ser mais famoso do que imaginava — disse, tentando dar um ar de leveza ao momento.

— Na verdade, você é.

A voz baixa e sedutora provocou arrepios em Quentin, embora ele não entendesse o motivo. Voltou a observar a moça que o tinha sob sua mira. Sentiu seu sexto sentido aguçar. O que era aquilo? O que havia nela que o intrigava tanto?

Apesar da escuridão e da máscara, ela era uma figura imponente. O vestido rodado em azul-royal bordado com pérolas, o chapéu de abas largas com pena prateada e a máscara recoberta por jóias a deixavam magnífica. Sem falar na silhueta que se escondia por baixo. A cintura fina era o sonho de qualquer homem. Os seios tinham o volume perfeito. O pescoço era fino e delicado. Mais uma vez, contudo, foram os olhos que o enfeitiçaram. Escuros e inescrutáveis, fitavam-no com firmeza, sem temor, conforme os lábios se curvavam num sorriso.

— Quem é você? — Quentin perguntou em voz alta. Nenhum pária ordinário das ruas, por certo. Ela tinha postura, controle. Mais que isso, apesar da profissão, ela tinha os trejeitos e o linguajar de alguém nascido nas classes mais altas.

— Esse é o meu segredo. — Devondra passou a língua sobre os lábios, procurou umedecê-los. Ou será que tentava se lembrar como era sentir a boca dele sobre a sua? A mera possibilidade a fez segurar a pistola com mais firmeza. — Chega de conversa. Entregue o dinheiro.

Quentin manejara pistolas em número suficiente durante a guerra. Sabia como aquela devia estar pesando no ombro dela. Mesmo assim, ela parecia segurá-la com facilidade e confiança. Isso bastou para conquistar sua admiração. E curiosidade. O que levava uma mulher como aquela para a vida de um salteador?

— Quem é você? — voltou a perguntar.

Não houve resposta, apenas os lábios dela se contraíram mais, porém a mulher mascarada continuou a encará-lo.

Ele sustentou seu olhar. Nunca permitiria que ela visse com que dificuldade mantinha a compostura. Agora ele sabia como Edwin se sentira ao deparar com aquela mulher, pois, na verdade, ele mesmo estava fascinado.

Que pena que ela terá de ser enforcada. Uma tragédia. Grande perda.

Quentin se retesou ao perceber com que facilidade se deixara levar. Ah, ela era uma tentação! Uma mulher perigosa, capaz de fazer um homem esquecer qualquer coisa. Até mesmo seu dever.

Os olhos dela recaíram sobre os cabelos fartos de Quentin, lembrando-se da sensação de tê-los sob os dedos. E a boca...

Quentin percebeu seu olhar e o retribuiu abertamente.

A mulher permanecia em silêncio, apesar de ele perceber que ela se continha para não falar. Se queria, então por que não o fazia?

— Você é tão bela quanto imagino? — Estava obcecado por ver aquele rosto. — Tire a máscara — deixou escapar.

Ah, como ela queria fazer isso! Tirar a máscara e acusá-lo exatamente do que ele era. Um traidor. Um mentiroso.

— Tirá-la?

— Sim. — Ele a fitava, tentando se esquivar da atração crescente. Ela era graciosa. Encantadora. Desafiadora.

A voz dela não passou de um sussurro:

— Faça isso se você também o fizer.

— O que disse? — Ele devia ter entendido mal. Ela repetiu:

— Tire sua máscara.

— Não estou usando nenhuma — disse ele aturdido. Devondra sorriu e falou sem nenhum traço de emoção, e a frieza dela o envolveu:

— Está, sim, não passa de um impostor.

— Impostor? — O que ela queria dizer com aquilo? Estava surpreso com a raiva na

voz dela. Por certo a mulher vinha agindo de modo estranho. — Está falando em charadas. — Um nó se fez em suas entranhas; era uma sensação confusa.

— Você está falando demais — Tobias o admoestou. Embora tivesse ficado à parte da conversa, sem querer se intrometer, resolveu intervir. — Deixe de conversa, senhor, e faça o que a moça pede. O dinheiro.

— Ou minha vida — Quentin zombou. Duvidava que sua vida corresse perigo de fato. Isto é, até ouvir a moça destravar a pistola e atirar no ar, a bala passando bem perto de seu ouvido.

— Ou sua vida — disse ela com suavidade.

— Não seja por isso — Quentin respondeu, fazendo sua parte. Uma bolsa cheia, um anel e a fivela de ouro do cinto trocaram de mãos. Sem cerimônia a ladra pegou tudo, depois parou. — O que mais quer? — brandiu ele, furioso por ter sido roubado, apesar de isso fazer parte do plano. — O que quer de mim?

O que ela queria? Devondra tinha tanta certeza de que sabia... Queria fazê-lo sofrer, sentir a mesma dor da traição que ele lhe provocara. Agora que o tinha diante de si, a sede pelo sofrimento físico deixava um sabor amargo na boca. Não queria matá-lo. Então, o que queria?

— Quero arruiná-lo.

— Arruinar-me?

— Sim! — Contra a sua vontade, ela sentiu lágrimas nos olhos. Ainda que tentasse sufocá-las, elas rolaram pelas faces. — Quero que desça tanto que mesmo os mendigos poderão zombar de você.

— Deus meu!

Havia tanta fúria na voz dela que Quentin se retraiu. A cabeça se encheu de centenas de perguntas urgentes. Mas mesmo querendo ao menos uma delas respondida, desapontou-se, pelo menos por enquanto. Tudo o que conseguiu fazer foi observar a Dama Notável e seu comparsa montarem e desaparecerem a galope sem dizer mais nada.

O quarto estava quente, mas Devondra tremia ao retirar os grampos do cabelo e jogá-los na mesinha redonda. O som deles ao bater no tampo a sobressaltou e ela praguejou.

Sentia o peito pesado de dor e tristeza, porém não conseguiu suprimir o riso. Estaria perdendo o juízo e deslizando lentamente para um mundo de loucura?

Mirando-se no espelho, tirou a máscara e contemplou seu reflexo. Quem era aquela moça que parecia tão perdida, tão jovem e infinitamente vulnerável? Não era ela! Não podia ser. Ao rememorar os acontecimentos que a levaram até aquele momento, sentiu-se confusa pelo redemoinho de emoções. Odiava Quentin Wakefield ou...

Não! Nem conseguia pensar na possibilidade de amá-lo. Isso seria insanidade, a coisa mais tola e perigosa que poderia fazer. A simples idéia era patética. Queria ser forte, mas sentia-se impotente ante o efeito que ele exercia sobre ela.

Piscou diante do espelho. A instabilidade emocional na qual se encontrava dava sinais. Tinha emagrecido, a cintura diminuía, os ossos do rosto estavam mais salientes, havia sombras sob os olhos. Seu rosto tinha uma palidez angelical. Ainda que não se considerasse, era bonita, e sua beleza continha uma fragilidade espantadora.

Tentou focar os pensamentos no triunfo da noite. Era uma herdeira à altura da memória do pai. Apanhara sua vítima numa armadilha, conforme planejado. Humilhara-o, forçando-o a descer de seu pedestal. E aquela noite fora apenas o começo. Antes de concluir sua missão, Quentin Wakefield perderia tudo. Com bombardeios constantes de assaltos, ela o levaria à ruína. Só depois disso poderia guardar a pistola e a máscara. E assim suas aventuras noturnas chegariam ao fim. Só depois disso...

Devondra suspirou, jogando-se sobre a cama sem se despir. Sentia as pálpebras

pesadas. Estava tão exausta que nem sequer tirara as botas.

— Aí está você. Eu estava preocupada. — Com preocupação maternal, Hyacinth entrou no quarto. — De qualquer modo, estou sempre preocupada quando você sai à noite.

— Sei cuidar de mim. — Devondra se sentou. Hyacinth deu de ombros.

— Sob circunstâncias normais sei que sim. Quando se põe no caminho do Lorde Protetor da Inglaterra e por isso há um prêmio por sua cabeça, começo a duvidar.

— Acha melhor eu me acovardar? — Ela o fitou entre os cabelos despenteados. — Não. Meu pai precisa ser vingado.

— Quantas vezes mais? — Hyacinth pôs as mãos no quadril. — Ah, Dev, amei seu pai com todo o meu coração e sei que ele não haveria de querer isso. — Pegou a máscara da moça. — Você se arrisca tanto, mais ainda do que ele. Às vezes acredito que queira o mesmo destino que o dele. Por que mais se arriscar tanto?

Devondra respondeu com sinceridade:

— Não sei. — Levantou-se da cama e começou a se despir, pendurando a roupa com zelo num gancho atrás da porta. Depois pegou a camisola e a vestiu.

— Está tentando punir a ele ou a você mesma? — Hyacinth jogou a máscara no chão com raiva.

Os olhos da moça brilharam ao se abaixar para pegá-la e colocá-la no gancho junto com as roupas.

— Quero que ele seja castigado. — Indo até a mesinha na qual havia uma bacia, lavou o rosto e depois o secou com uma toalha de linho que a mulher lhe estendia.

— Dev! O que vai fazer quando os homens de Cromwell descobrirem seu esconderijo e vierem atrás de você?

O tom de Devondra foi duro:

— Chega! Não quero falar mais sobre isso. Já me decidi. Farei o que precisa ser feito.

— Então ficarei calada. Pelo menos por enquanto. — A expressão de Hyacinth deixou claro que ela não manteria suas opiniões guardadas por muito tempo. .

Pegando a escova de cabelos, Devondra escovou-os vigorosamente.

— Quando eu era menina, minha mãe me ensinou a escovar os cabelos cem vezes.

— E é o que você faz.

— Sim. — Ela se lembrou da mulher delicada que lhe dera tanto amor. Frágil de corpo, ela fora extremamente zelosa em alma.

— Ela fez bem, pois seu cabelo é maravilhoso. — Hyacinth passou os dedos pelos próprios cabelos. — Não são encaracolados e desgovernados como os meus. — Pegando a escova, tomou para si a tarefa da escovação, com gentileza surpreendente para uma mulher do tamanho dela. — Sua mãe era bonita?

Devondra assentiu.

— Ela era loira, diferente de mim. Meu pai costumava dizer que ela... — Inclinando a cabeça, observou-a. — Você amava meu pai?

— Todos o amavam.

Esticando a mão, Devondra segurou a dela.

— Não, estou falando a sério. Você o amava de fato? — Quando a senhora não respondeu de imediato, ela concluiu:

— Amava! E por que mais você teria se oferecido para cuidar de mim e dele após a morte de minha mãe? — Devondra sentiu um repuxão no cabelo.

— Sim, eu o amava, embora soubesse que ele não correspondia aos meus sentimentos do mesmo modo. — Ela engoliu em seco e depois piscou os olhos repetidas vezes.

— A seu modo, ele a amava. É que meu pai nunca conseguiu se dedicar a uma só mulher. Nem mesmo com minha mãe. Talvez seja isso o que tenha partido o coração dela e...

— Mesmo assim, ele era um bom homem. — Hyacinth baixou as pálpebras. — Ah,

Jamie!

— Não consegue esquecer-lo, não é mesmo? — Devondra se afastou. Nem ela conseguia esquecer Quentin Wakefield, por mais que tentasse.

Trêmula, olhou para a cama. Estada agitada demais agora para dormir. Sentou-se somente, recostando a cabeça e tentando abafar a chama em seu sangue, mas a lembrança dele a atormentava.

— Os homens são criaturas egoístas.

Não conseguia deixar de lembrar todos os instantes da noite passada nos braços dele. Fios de luar entravam pela janela, formando sombras no teto, lembrando duas figuras entrelaçadas, lembranças dos abraços trocados.

— Egoístas, mas capazes de dar grande alegria às mulheres. Mesmo muito tempo depois que Hyacinth se retirou.

Devondra permaneceu acordada. Abraçando os joelhos, formou uma bola. Fechou os olhos e mais uma vez viu o rosto do homem que a assombrava.

— Quentin... — Uma névoa pairava diante de seus olhos. Uma névoa que tomou a forma de outro homem. — Pai!

— Como pôde, minha querida? Como conseguiu, mesmo que por um minuto, esquecer o que ele me fez? Por causa dele fui para a forca. — Segurando o pescoço, ele esticou a língua numa zombaria aos enforcados. — E ele fará o mesmo com você se não tomar cuidado. O homem não tem compaixão, ele é um dos servos de Cromwell. Lembre-se sempre disso.

— Um servo de Cromwell... — Ela virava a cabeça de um lado para outro conforme as visões se misturavam.

— Lá está ela! Peguem-na! Ela é uma ladra tal qual o pai! — Scar apontava em sua direção, liderando um grupo de homens.

Ela precisava encontrar um lugar para se esconder.

— Ladra! — Um coro se fazia ouvir. — Forca!

— Não, por favor! Precisam entender...

— Enforcuem-na!

— Não vão conseguir me pegar. — Afastando-se da multidão que tentava pegá-la, ela viu um ponto de luz. — O túnel. Se conseguirmos alcançá-lo, pai, estaremos livres! Nós...

A luz do dia a atingiu no rosto, fazendo com que ela levantasse as pálpebras. Esfregando os olhos, Devondra se apoiou num cotovelo e olhou ao redor.

— Deus Todo-Poderoso! — Um sonho. Somente um sonho tolo, no fim das contas. No entanto...

Quentin estava de pé perto da janela do segundo andar da casa da cidade de Edwin Trevor. De lá via as pedras da rua, deserta àquela hora, exceto pelo sineiro, que dava as horas. As ruas não eram iluminadas, nem patrulhadas. Portanto, em áreas abastadas de Londres, os cidadãos contratavam homens com sinos para atuar como guardiões.

— Talvez devamos contratá-la para vigiar a charneca, hein, Quentin, velho amigo? — Vindo de trás, Edwin encostou o nariz no vidro.

— Muito engraçado! — Quentin não estava de bom humor. Não depois dos acontecimentos dos últimos dias.

Estava claro que quem quer que fosse a mulher mascarada, ela buscava vingança contra ele. Não contente em assaltá-lo, ela agora fazia parar todas as carruagens e cavaleiros na direção da Mansão Wakefield. Era de se admirar que a lista de visitas à sua casa estivesse definhando?

Quero arruiná-lo, ela dissera. Pelo visto, era o que vinha tentando fazer.

— O que disse?

Quentin deu meia-volta, com os punhos cerrados, dando-se conta de que repetira as palavras em voz alta.

— Ela ameaçou me arruinar, Edwin. Disse que queria que eu descesse tanto que mesmo os mendigos zombariam de mim.

— Puxa! — Dando um tapinha nas costas do amigo, Edwin parecia aliviado que a ira da mulher fosse dirigida a Quentin e não a ele. — Talvez tivesse sido melhor pedir desculpas, mesmo sem saber o que fez a ela.

— Pedir desculpas?

Edwin revirou os olhos de modo sugestivo e Quentin entendeu de imediato o que ele estava insinuando.

— Não, não é o que você está pensando. Ela não é uma das minhas ex-amantes.

— Não?

Edwin não estava convencido. Talvez porque a Quentin nunca faltassem mulheres desejosas de lhe aquecer a cama. Mulheres essas de quem o amigo se cansava com facilidade.

— Não! — Sua voz soou tão alta que as vidraças vibraram.

— Então o que provocou a ira dela? — Mexendo nas cortinas de veludo, Edwin, um ator antes que Cromwell mandasse fechar todos os teatros, falou em falsete: — Acredite, você deve ter se portado muito, mas muito mal...

— Ou bem demais. — Como magistrado, sem dúvida angariara inúmeros inimigos.

— Isso nos faz pensar... — Jocosamente, Edwin envolveu o corpo no veludo vermelho, usou o indicador para imitar uma pistola e reviveu a cena: — Mãos ao alto!

Quentin não riu. De fato, a coisa toda não era nada engraçada. A Dama Notável, quem quer que ela fosse, fazia-o de tolo. Ele, que se jactara a Cromwell, alegando poder livrar as estradas da salteadora, tornara-se a principal vítima.

— Edwin, precisava ver a ira nos olhos dela. — *Ira e dor.* — E, por Deus, desconheço o motivo.

— Logo descobrirá, pois desconfio que voltará a vê-la. — Pegando a garrafa de conhaque da mesinha ao lado, Edwin se serviu. — Aceita?

Quentin refutou. Precisava raciocinar com clareza.

— Prefiro chá.

A bebida era importada da Índia, e as folhas eram tão caras que precisavam ser mantidas trancadas.

— Chá, então. — Batendo palmas, Edwin convocou um criado que logo voltou com um bule fumegante. — Sabe, apesar do que me contou, tenho a sensação de que ficou tão intrigado com essa mulher quanto eu. — Olhou por cima da borda do copo. — Não?

Quentin não viu por que mentir.

— Sim. — O que, talvez, o tornasse duplamente tolo. — Fico me perguntando...

— Se ela é linda ou se tem o rosto marcado por chagas?

— Edwin riu. — Impossível saber sem remover a máscara, mas aposto como ela ficaria furiosa se qualquer um de nós tentasse fazer isso.

Quentin se serviu de chá, se sentou numa poltrona macia e cruzou as pernas.

— Cheguei a pedir que o fizesse, sabe?

— Mesmo? — Edwin revirou o líquido âmbar no copo.

— E o que ela disse?

— Que o faria se eu tirasse a minha. — Uma declaração que ainda o perturbava.

O que ela quisera dizer com aquilo? E por que o chamara de impostor?

— Estranho. — Edwin parou para pensar um minuto. — Pensando bem, acho que ela estava esperando por você na noite em que me assaltou.

— Por que diz isso?

— Lembro-me agora. Ela disse: "Faça o que eu digo, ou juro, Quentin Wakefield, que o separarei desse animal do modo mais doloroso possível". — Puxou o colarinho antes de

completar: — Infelizmente fui eu que sofri tamanha indignidade nas mãos dela.

— Indignidade?

Edwin corou ao gaguejar:

— Ela... ela me forçou a... a me despir.

— Verdade? — Apesar do humor soturno, Quentin se pegou rindo. — Quer dizer que apesar de você não conseguir ver o rosto dela, ela viu o bastante de você...

— Não tive escapatória! — Edwin rapidamente contou todo o incidente. — Pena que tenham encontrado o dinheiro nas botas... Uma gangue bem esperta, eu diria...

— Está claro que ela é experiente no que faz.

— Experiente. — Dessa vez, ao levar a mão ao pescoço, Edwin tocou na correntinha. — E estranhamente compassiva.

— Como assim? — Quentin perguntou, inclinando a cabeça. Por certo ela não se mostrara nem um pouco assim com ele.

Edwin tomou um longo gole de conhaque antes de responder:

— Ela deixou que eu ficasse com esta corrente porque eu disse que foi meu pai quem a deixou para mim. — Por um minuto ele ficou com a expressão triste. — Ela pareceu entender. Tenho certeza. — Fitando Quentin com atenção, continuou: — Ela disse: "Também tive pai".

— Sem dúvida, um sujeito de excelente moral, a julgar pelo estilo de vida que ela escolheu — Quentin rebateu.

De repente, franziu o cenho quando uma idéia lhe passou pela cabeça. Um pensamento rapidamente posto de lado. Não queria considerá-lo nem por um segundo.

O burburinho de vozes permeava o ar, competindo com o zunido das gaitas de foles, o dedilhar das harpas e as batidas abafadas de um tambor. O aroma de carnes cozinhando, de vaca, carneiro, javali e perdiz, se misturava ao de pão, tortas e doces recém-saídos do forno.

Vendedores de todos os tipos de mercadorias estavam reunidos, carregados de sacos, empurrando carretas ou equilibrando bandejas. Todos gritavam oferecendo seus produtos. Cada vez mais altas, as vozes competiam umas com as outras a fim de chamar a atenção.

— Sonhos fresquinhos!

— Bolinhos de canela. Derretem na boca... — Especiarias das índias...

— Torta de carne. Torta!

— Cidra! Cidra quente!

— Laranjas. Jogue um centavo que eu lhe dou uma!

O sol ardia: Devondra protegeu os olhos com a mão ao andar ao lado de Tobias, apreciando o cenário, os aromas e os sons da Feira de São Bartolomeu. A divertida feira era o grande evento de Londres no qual todos que se achavam importantes participavam.

— Deve ter perdido o juízo, senhorinha, por se arriscar nas ruas da cidade em plena luz do dia.

Tobias a avaliou atentamente e decidiu que a aparência dela naquele dia não passaria despercebida. O vestido verde-esmeralda com bordados dourados, os cabelos bem-arrumados e o pescoço embelezado por uma gargantilha de pérolas era a antítese de uma Puritana adequada, que sempre vestia preto.

— E se você foi reconhecida como...

— Não serei. — Ela virou a cabeça em desafio. — Ninguém viu meu rosto. — Usava sempre máscara, estava sempre envolta numa aura de mistério. Como um fantasma fazendo uma aparição, ela desaparecia no meio da charneca.

— Mas...

Pousando o indicador nos lábios do amigo, ela o silenciou.

— Não se preocupe, tomarei cuidado. Só quero me divertir um pouco... Sinto-me sufocada por ter de permanecer na estalagem como uma criatura da noite que só ousa aparecer após o pôr-do-sol.

A Feira de São Bartolomeu era um evento e tanto. Era um momento dedicado ao riso e ao divertimento, quando os ricos e os pobres se acotovelavam lado a lado. Um lugar onde mesmo os partidários de Cromwell se sentiam livres para aproveitar.

Ele tem de estar aqui. Em algum lugar no meio desta multidão, Quentin Wakefield caminha à vontade. Devondra estava determinada a encontrá-lo novamente, desta vez de dia. Dessa vez queria ser reconhecida, que ele se visse frente a frente com a sua consciência. Era por isso que ela buscava em cada homem o rosto conhecido.

— Talvez ele não tenha vindo — Tobias sugeriu, lendo seus pensamentos. Tomando-a pelo cotovelo, ele a conduziu até perto de um urso que se apresentava.

— Quem sabe... — Por um segundo ela se distraiu com o animal marrom que equilibrava uma bola amarela. — Mas pretendo continuar procurando.

— Por quê? — O tom do amigo era paternal. — Por que se torturar? Isso não trará seu pai de volta.

— Não posso... — Ela se calou. Havia tanto que Tobias não sabia e não entenderia que de nada adiantava falar a respeito. Algo em seu íntimo só se aquietaria quando ela entendesse como a mente de Quentin Wakefield trabalhava.

Ela queria entender por que ele a traía daquele modo. Por ambição? Crueldade? Algum falso senso de justiça? Só ele poderia responder; portanto, tinha de falar com ele. Nesse meio-tempo, passava pela multidão, saboreando o momento.

— Veja! — Tobias estava fascinado com a barraca que mostrava o gigante irlandês. Sendo baixinho, ele adorou ver que a altura da maioria dos homens marcada numa tábua de madeira estava bem abaixo da do homem.

— Ele é alto, mas...

Devondra sorriu ao perceber que a altura do ruivo bigodudo e musculoso estava sendo acentuada pelo fato de o dono da barraca escolher somente os mais baixos dos espectadores a fim de lhe conferir ainda mais vantagem. Não quis acabar com a satisfação do amigo ao vê-lo ser escolhido para ficar ao lado do gigante.

— Ah, se ao menos conseguíssemos trazê-lo para o bando... Imagine o medo de Scar! — Ele suspirou. — Ah, mas isso é só um sonho.

— E se conseguíssemos convencer o homem forte de Topham a se juntar a nós? — ela sugeriu ao acenar para o homem que dobrava pregos com os dentes e pratos de estanho com os dedos.

Outras coisas também se mostraram divertidas, entreando-a e afastando-a de suas reflexões. Havia o animal estranho trazido da África, a mulher com cara de porco, dois ilusionistas, a cartomante cigana e o trovador italiano que passava no meio da multidão enrubescendo jovens damas com suas lisonjas e canções. Tirando o chapéu para Devondra, flertou abertamente até ser cortado sem delongas.

— Oh! — Tobias levou a mão ao peito num gesto zombeteiro. — O coração do pobre homem... Sem dúvida está partido além de qualquer salvação...

Devondra não sorriu.

— Uma lição bem dada, devo dizer. Para ele e para os outros da mesma laia. — E reviu o rosto de Quentin Wakefield diante de si.

Ofegante, Tobias a seguiu em meio ao povo e suspirou quando ela por fim parou diante de uma pequena réplica de um palco. Era verdade que Oliver Cromwell e os Puritanos tinham mandado fechar todos os teatros, mas eles sobreviviam na forma de teatro de fantoches. Aquela apresentação em especial sempre era bem recebida, com risadas e aplausos.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Polichinelo e Judite. — Tobias sentou-se numa cadeira vazia a fim de ver a apresentação.

Devondra permaneceu ao lado dele, os olhos fixos em Polichinelo, um sujeito bem feito, corcunda e com nariz de águia, que se gabava de sua capacidade de realizar grandes feitos.

— Posso fazer qualquer coisa!

— Como o quê? — Judite, a esposa estava cética. — Sabe cozinhar?

O fantoche meneou a cabeça.

— Sabe cerzir?

Mais uma vez Polichinelo negou.

— Sabe fiar lã?

— Beemm... Não!

Judite levou a mãozinha à boca como que para se confidenciar com a audiência.

— E certamente ele não é lá um príncipe Charles na cama... — sussurrou, aludindo ao príncipe exilado. Pegando uma bengala, começou a bater no marido. — Ah, você não serve para nada!

Tentando se apegar a tarefas bem masculinas como cortar lenha e manejar um arado, Polichinelo foi um fiasco. Agarrando-se à beira do palco, suspirou audivelmente e parou quando foi iluminado por uma idéia. Pegando uma máscara, ele declarou:

— Posso assaltar carruagens. — Desapareceu por trás da cortina e voltou em seguida, empunhando uma espada.

— Carruagens?

Ele assentiu e confirmou:

— Sim, carruagens. Serei um salteador.

— Salteador? — Judite gargalhou histericamente. Perdendo a paciência, Polichinelo argumentou:

— Bem, nem você é lá uma Dama Notável, mas ai como eu gostaria que fosse...

Tobias cutucou Devondra com o cotovelo. Ela era mais famosa do que imaginavam.

E foi a vez de Polichinelo bater na cabeça de Judite, que continuou a difamar o marido, avisando-o de que se não mudasse de vida, acabaria enforcado.

— Jack Ketch vai pegá-lo, sei disso!

— Jack Ketch... — Devondra empalideceu, depois, sem aviso algum, virou-se e afastou-se com Tobias em seus calcanhares.

— Sabe que essa é uma possibilidade.

Ela permaneceu num silêncio sepulcral. Não foi o medo que a deixou daquele modo, mas tristeza, pois fora Jack Ketch quem colocara a corda no pescoço do pai. E tudo por causa de...

— Dele...

Parado ao lado de um ringue formado por cordas estava o objeto de seus pensamentos mais soturnos. Alto e musculoso, a camisa branca delineando os ombros e a calça marrom contornando sua masculinidade, ele era o tipo de homem que se sobressaía no meio da multidão.

Devondra se aproximou, os sentidos subitamente alerta, as emoções no limite ao permitir que os olhos se refestelassem naquela figura. Fitou o ângulo do queixo erguido, como se fosse ele, e não Cromwell, o governante da Inglaterra. Ah, quanta vaidade! Orgulho. E pensar que o magistrado estava ao lado de outros quatro espadachins, desafiando quem quisesse da multidão para um embate amigável.

— Ora, ora... — Tobias sussurrou.

O tom de Devondra se mostrou mais zombeteiro.

— Isso deve ser divertido...

Um trombeteiro chamou o povo. Devondra se apressou para pegar um lugar diante da plataforma, determinada a torcer por qualquer um que o desafiasse.

— Jonathan Hall.

Sussurrando, a multidão logo reconheceu o ruivo barbudo que se adiantou. Ele era campeão na espada e em combates físicos, estando familiarizado com esse tipo de competição em feiras. Guarda do salão de joias da famosa Torre de Londres, Hall provou ser audaz ao pular a corda. Entre aplausos e saudações, ele desembainhou a espada.

— Eu o desafio, Wakefield. — Com graciosidade, livrou-se da capa, deixando-a cair para quem quisesse pegá-la.

Parte dos espectadores aplaudiu, parte, aquela que apoiava Wakefield, vaiou.

— Desafio-o com a espada e com os punhos.

— Espadas primeiro. — Escolhendo a sua, Quentin se virou, parando estupefato ao reconhecer um rosto na multidão. Aquele que havia tanto tempo procurava. O de seus sonhos. — Devondra! — disse baixinho, dando um passo em sua direção.

Ela era tão bela como um anjo, resplandecente, muito mais do que qualquer outra mulher. Deu mais um passo à frente. Afora o primeiro sinal de reconhecimento, ela pareceu não notá-lo. Na verdade, ela fez questão de abaixar o olhar.

Tenho de me explicar. Ela precisa saber que não tive culpa quanto ao destino do pai dela. Tenho de dizer que minha carta nunca chegou ao seu destino.

Ela tinha de ouvir, mas, Deus, não havia tempo. Tinha se comprometido com uma luta, e até que ela terminasse, não poderia se distrair com assuntos pessoais.

— Que comece o embate.

Dito isso, os dois espadachins moveram-se. Quentin arremeteu, só para ter o golpe bloqueado. Hall se adiantou, também encontrando um contragolpe.

As espadas se encontravam enquanto os dois combatiam numa batalha ferrenha, um verdadeiro teste de habilidade e força. Ainda que jamais admitisse em voz alta, Devondra estava impressionada. A habilidade do magistrado havia melhorado consideravelmente, era óbvio que andara praticando. Ela e os outros do bando tinham de se lembrar de não se envolverem num embate.

— Ele está fazendo bonito — Tobias sussurrou a seu lado. — Acho que é a sua presença que o incentiva a vencer.

— Bem, a luta ainda não terminou — Devondra declarou, vendo os dois se despir até a cintura para iniciar a luta corporal.

A mão direita deles segurando o cotovelo direito do oponente ao estilo inglês. De repente, como se tivessem pensado juntos, os dois começaram a lutar. Caíram e rolaram até que Quentin conseguisse conter o adversário.

Os gritos de aclamação foram ensurdecedores. Quentin, contudo, não se demorou saboreando-os. Tinha outra coisa em mente. Cruzando o ringue na direção dela, segurou-lhe os dedos.

— É bom voltar a vê-la.

— Acha mesmo? — A voz dela era mais gélida que o vento do norte.

— Sim! — O remorso o percorreu. Se ao menos as coisas tivessem sido diferentes, talvez ainda pudessem estar juntos. Se... — Devondra... Eu...

Afastando a mão num repelão, fitou-o com olhos reluzentes.

— Não acredito que possa dizer qualquer coisa para justificar sua traição; entretanto, há inúmeras coisas que eu gostaria de lhe dizer.

— Estou certo disso. — Tocou os lábios macios com os dedos para silenciá-la. — Mas primeiro ouça.

— Por quê? Suas palavras seriam inúteis. São seus atos que contam.

Ignorando a raiva dela, Quentin se apressou em explicar:

— A carta que escrevi jamais chegou ao destinatário. — Ele repetiu: — Ebenezer não a recebeu!

Em silêncio, ela continuou a encará-lo. Se não soubesse que tipo de homem ele era, seria capaz de confundir o olhar dele como sendo de preocupação. Mas conhecia-o bem.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Não passa de um mentiroso! — E pensar que teria sido capaz de segui-lo até o fim do mundo. — E eu, uma tola!

— Não! — Como poderia fazê-la mudar de idéia? Como fazê-la ver a verdade? Como revelar o que lhe ia no coração?

— Sim... — Rápida, deu-lhe as costas, pois seria impossível olhá-lo sem dar vazão às lágrimas.

Temendo que ela pudesse escapar, Quentin a segurou pelo ombro.

— Richard, o homem que enviei para entregar a carta, foi emboscado por salteadores. Ele não conseguiu chegar a Londres com...

A ira surgiu como um veneno praticamente sufocando-a. De todas as desculpas que ele poderia inventar, aquela era a mais cruel.

— Colocar sua perfídia em... em homens como... como meu pai! Como se algum deles tivesse motivos para vê-lo enforcado.

— Mas essa é a verdade. — Com suavidade, percorreu o braço dela com a mão, tentando acalmá-la. Ah, como era bom voltar a tocá-la! Como queria...

Contra a sua vontade, o corpo dela estava reagindo. Um formigar perpassou o corpo, os primeiros sinais de desejo surgindo.

— Não!

— Acho que não consigo me conter — ele admitiu. Tampouco conseguiu evitar o que se seguiu.

Devondra sentiu a força das mãos dele ao ser virada e levada para junto do peito largo. Ele estava perto, tão perto que ela sentia o calor emanando da pele. A cabeça descia em sua direção e ela sentiu o calor da respiração que passava pelos lábios.

— Não!

Sentia o coração bater tão forte que os ouvidos reverberavam. Não conseguia respirar. Nem pensar. Era como se seus pensamentos tivessem derretido. Então os lábios encontraram os seus, queimando seu coração, escaldando sua alma. Por um segundo a única realidade era a boca dele conforme ela cedia aos sentimentos mais profundos.

Sentia a cabeça girar. O calor se espalhou pelo corpo quando a mão dele a puxou para mais perto. Mesmo por cima da saia e das anáguas, ela percebeu a excitação dele e se lembrou da paixão partilhada, do carinho, da maravilha.

Então, tão rápido como tudo começou, a verdade se abateu sobre ela. Os braços que a seguravam pareciam uma prisão. A realidade era que se ela cedesse às emoções, estaria presa. Naqueles braços, Devondra Stafford deixava de existir. Em seu lugar ficava uma criatura sem coragem, sem vontade, facilmente manipulada por uma carícia, um beijo, uma palavra doce. Uma mulher capaz de esquecer o acontecido com o pai.

Em frenesi, afastou-se e esbofeteou-o.

— Seus beijos não podem trazer meu pai de volta. Com os olhos queimando e a voz rouca, ele disse:

— Tampouco seu ódio.

A verdade era cruel.

— Mas é só o que tenho. — Ah, por que não conseguia desviar o olhar? Por que não se afastava? Por que analisava aquele rosto querendo tanto acreditar nele?

— Ah, Quentin, aí está você. — A voz de Edwin Trevor era uma intromissão irritante. — E pensar que venceu Jonathan Hall.

— Sim. — A atenção de Quentin foi desviada somente por um piscar de olhos, mas o bastante para que Devondra escapasse. — Maldição!

Olhando por cima da multidão, conseguia vê-la se afastar, mas seu caminho estava tomado por pessoas que queriam parabenizá-lo pela vitória. Uma vitória que parecia tão vazia.

Ah, Devondra... O perfume dela ainda estava impregnado em sua pele, excitando-o. Era tudo o que lhe restava, pelo menos por enquanto.

Capítulo VI

O quarto estava frio, apesar da lareira acesa. Quentin pegou o casaco do gancho na parede e o colocou sobre os ombros, revivendo o encontro com Devondra.

Ela não acreditou numa palavra do que eu disse. Acusou-me de mentiroso. Mesmo assim, o encontro do dia anterior reavivara sentimentos potentes. Desejo, paixão e saudade que quase conseguira enterrar, mas que agora sabia seria impossível deixar de lado de novo. Não agora. Não depois daquele beijo.

— Isso não pode ser o fim desta história!

De algum modo, teria de encontrá-la para que ela pudesse escutá-lo. *Mesmo que eu tenha de prendê-la na ponta da espada.*

— Ela era bonita. — Recostado no painel de madeira, Edwin Trevor estudava Quentin com uma expressão interessada. — Quem era ela?

— Só uma visão de um sonho. — Uma visão que ele queria tocar, abraçar e amar.

Edwin não ficou contente com resposta tão esquiva.

— Talvez essa visão tenha um nome?

— Devondra Stafford.

— Stafford... Stafford? — A boca de Edwin ficou entreaberta ao reconhecer o nome. — A filha do salteador de quem me falou?

— A própria.

— Aquela que quase o domesticou... A que escapou... — Edwin sorriu ao brincar com a renda do punho da camisa. — Bem, pela expressão em seu rosto enquanto a fitava, ousou dizer que está determinado a mudar o curso dos eventos. Estou certo?

— Sim, está.

Fechando os olhos, Quentin se lembrou de quão apaixonada ela se mostrou em seus braços. Ela se derretera nele como o mar ao encontrar a praia, com isso apagando a lembrança de qualquer outra mulher em sua vida.

— Se ao menos eu conseguir encontrar um modo de ela ouvir a verdade... De ela saber que tentei *mesmo* salvar o pai dela.

Edwin remexia numa mecha de cabelo, um hábito sempre irritante.

— Meu amigo, ousou dizer que depois do que aconteceu, você terá grandes dificuldades em convencê-la disso. — Fez uma ligeira pausa. — A menos, é claro, que a rapte.

— Raptá-la! — Como se eleja não tivesse pensado nisso, embora soubesse que Edwin estava somente brincando. — Eu até faria isso, se não fosse por um detalhe.

— Qual?

Sorrindo de leve, Quentin sussurrou:

— Não consigo encontrá-la. Deus sabe como tentei.

Não havia lugar em Londres no qual ele não tivesse procurado, mesmo assim sem resultados. Era como se Devondra tivesse desaparecido; um fato no mínimo curioso.

— Talvez tenha procurado nos lugares errados — Edwin disse, tentando ajudar. — Quem sabe se for procurá-la à noite. Na charneca.

Quentin entendeu de pronto o que o amigo sugeria, que Devondra estaria vivendo entre os ladrões e bandidos que no passado acompanharam o pai dela. Não obstante Edwin estivesse apenas dando voz aos seus próprios pensamentos, apressou-se em redarguir:

— Não se precipite em tais conclusões! — Um simples boato poderia colocar a vida de Devondra em perigo.

— Não negue uma possibilidade. — Sentando-se, Edwin ajeitou uma pilha de papéis na mesinha ao lado. — Eu ousaria dizer que essa dama em questão não anda passando o tempo tricotando.

— Imagino que não.

Caminhando até a janela, Quentin olhou para fora, vendo o sol se por sobre os telhados da cidade. A glória do céu estava em fogo, matizes fortes de laranja e dourado misturados aos arroxeados na lavanda. Devondra estava ali, em algum lugar, além do horizonte, talvez admirando aquele mesmo entardecer. Se fosse esse o caso, estaria pensando nele e se lembrando do breve encontro na feira?

Devondra se lembrava, sim, do encontro. Vividamente.

— Mentiroso!

Sentia o rosto arder com cada lembrança. O encontro só piorou a dor em seu peito.

Ainda o amo.

Aquela era uma confissão brutal, uma que precisava ser feita com bravura ao fitar as colinas que se desdobravam.

— Linda noite, não acha? — Tobias estava completamente absorvido pelo pôr-do-sol. — Uma noite perfeita para os amantes, eu diria.

— Amantes! — Uma palavra que um dia ela valorizara, mas que hoje só a entristecia. — Amantes... — Sentindo a garganta seca, lutou contra as lágrimas. Como pudera ser tão ingênua? Tão tola? Tão confiante? — Nunca mais!

Cobrindo os ouvidos com as mãos, recusava-se a considerar que ele fora sincero em sua tentativa de reconciliação. Acreditara nele uma vez, e isso lhe custara muito: a vida do pai.

— Até parece que o mensageiro dele foi interceptado por ladrões!

Mesmo a mentira contada fora fria e calculista. Cruel, considerando-se a profissão do pai e o fim que ele teve. Será que ele a considerava tão tola a ponto de acreditar em tal história?

Sem dúvida. Não há ninguém mais tolo do que eu... Acreditar que ele a amava fora a sua maior tolice. Ele só usara seu corpo. Quanto aos seus afetos, ela se apaixonara por uma sombra, um sonho, um homem inexistente.

— Tobias... — Parou de falar ao ouvir o som de cascos. Um homem solitário vinha pela estrada cheia de curvas. O ponto escolhido por ela era onde a estrada para Londres chegava ao topo de uma colina. De tanto ouvir as histórias do pai, sabia que por ali passavam os homens mais ricos da cidade. O alvo daquela noite era Godfrey Tarkington. Um homem rico, arrogante, avarento. Um dos que julgara seu pai.

— É ele? — Apertando os olhos, Tobias tentava enxergar. Devondra não respondeu até ter certeza. Quando o homem chegou até uma parte mais iluminada, conseguiu ver a figura alta e magra.

— Sim. O tolo sempre viaja sozinho. — Ainda sentia raiva pela falta de empatia mostrada pelo homem para com seu pai. — Hoje ele vai lamentar isso.

— Sim, vamos lá. — Inclinando-se na sela, Tobias partiu para a estrada, bloqueando-a.

— O que é isso? — disse o outro, indignado.

Foi Devondra quem respondeu, graciosamente conduzindo o cavalo até a montaria

de Tobias, com a arma em punho:

— Você tem a honra de ser assaltado pela Dama Notável.

— Honra? — Godfrey Tarkington cuspiu no chão. Fitando a ela e a Tobias com raiva, pegou algumas moedas do bolso e as jogou no chão. — Aqui, acabem logo com isso.

Tobias nem se deu ao trabalho de desmontar. Estalando a língua, meneou a cabeça.

— Que vergonha! Procuramos ser atenciosos com pessoas de sua classe, mas isso chega a ser um insulto. — Olhou na direção de Devondra. — Que tal começarmos a debulhar esta ervilha?

— Ótima idéia. — Ela sorriu.

Ouvindo isso, o homem grisalho ficou sem entender.

— Vão fazer o quê?

— Tire a peruca — ela ordenou sem sorrir desta vez. Quando o homem hesitou, ela exclamou: — Agora!

Levantando a mão, ele retirou a peça de cabelos longos e encaracolados, revelando a calvície.

— Não há nada escondido aqui.

Descrente, Tobias pegou a peruca das mãos trêmulas do homem e, depois de examiná-la, disse:

— Nada além de um alfinete de gravata de ônix que agora enfeitará a *minha* gravata.

— Ladrões! Larápios!

A voz de Devondra era inflexível.

— Pode nos chamar do que quiser, mas, na verdade, essas palavras se aplicam tanto ao você quanto a nós. Você tira dos pobres para encher seus cofres.

— Nada disso!

— É verdade. — Ela se aproximou. — Fique sabendo que o que levarmos hoje terá destino melhor do que enfeitar seu cadáver.

Malgrado o que eles tomaram não ser considerável, dois anéis, uma fivela e um saquinho de moedas, Devondra ficou satisfeita. Só de poder humilhar o homem, o mesmo que humilhara seu pai, apaziguava um pouco de sua raiva.

— Aqui está. — Jogou as botas examinadas no chão. — Da próxima vez, lembre-se que a peruca e as botas são esconderijos óbvios.

Tobias encontrava-se em ótimo humor, tendo encontrado um frasco de bebida entre as posses do homem.

— Encare esta noite como uma bênção.

— Bênção? — Tarkington repetiu, indignado.

— Uma lição em viagens seguras — Devondra acrescentou, juntando-se à zombaria.

— Que Deus permita, mas vocês também aprenderão uma lição. — Erguendo a mão fina, ele apontou um dedo esquelético. — Uma lição de justiça.

— Justiça? — Devondra deixou a pistola pender. — Justiça? Você não faz idéia do significado dessa palavra. — Sem pensar, deixou escapar: — Lembra-se do Cavaleiro James?

— Cavaleiro James...? — Os olhos esbugalhados de Tarkington pareceram ver através da máscara dela. — Deus meu! A filha dele... Claro!

— Senhorinha! — Tobias viu o perigo de serem reconhecidos.

Seu temor, porém, durou pouco. Uma figura envolvida num manto negro saiu das sombras sem que ele nem Devondra percebessem até ouvirem uma voz dizer:

— Então a galinha pôs ovos de ouro...

— Scar! — Debaixo da máscara, o rosto de Devondra empalideceu. Virando-se encarou a figura escura com desprezo. — Está nos interrompendo.

— Vim pegar minha parte. — Incitando o cavalo adiante, ele esticou a mão.

— Vá para o diabo! — Devondra recusava-se a ser intimidada.

— Eu sou o diabo — ele respondeu. O riso era a personificação do mal ao segurar as

rédeas. O animal parou e se empinou sobre as patas traseiras bem quando um raio cruzou o céu, iluminando o rosto marcado pela horrenda cicatriz.

— Meu Deus! — Com um grito horrorizado, Godfrey Tarkington encarou aquilo como sinal de mau agouro e entrou em pânico. Descalço, não pensou em nada além de tentar fugir do homem que mais parecia um demônio vindo das trevas.

— Pare! — Devondra gritou. Segurando as rédeas, começou a segui-lo, mas foi detida pela explosão de uma pistola. Olhando para Tarkington, arfou ao vê-lo cair no chão. — Não!

— Tolo! Ninguém escapa de Scar! — Sem pausa, nem remorso, o salteador assoprou a fumaça que saía do cano da pistola.

— Seu assassino monstruoso!

Um nó se formou em seu estômago ao perceber o que tinha acabado de acontecer. Sem nem piscar, Scar atirara em Godfrey Tarkington que agora jazia morto. Suas aventuras pela charneca transformaram-se subitamente num jogo muito perigoso.

A noite era escura e perigosa; era a hora em que ladrões e outros criminosos agiam. Era de se admirar, então, que Devondra e Tobias tentassem se misturar às sombras das árvores ao voltarem do estábulo para a estalagem?

— Maldito! Ele colocou a força em nossos pescoços! — Tobias chutou uma pedra. — Assassino maldito!

Uma brisa repentina resfriou o corpo de Devondra. Ou seria uma premonição? Amarrou melhor o manto ao redor dos ombros.

— Scar é um tolo audacioso que não mede as conseqüências ao matar um dos homens de Cromwell.

— Pode-se zombar deles, mas matá-los jamais! — Tobias balançou a cabeça. — Só nos resta esperar que esse crime não seja ligado a nós.

O interior da estalagem estava quente e enfumaçado. As lanternas tremulavam, lançando formas estranhas nas paredes. O odor de vinho e cerveja se misturava ao de suor e couro. O tilintar das canecas enchia a atmosfera. Era o último dia da semana e os clientes ignoravam o adiantado da hora. Estava barulhento, mas não mais do que o costume. Por que, então, o riso a incomodava? Porque só então percebeu completamente o perigo que a envolvia.

Devondra ficou diante da lareira, observando as chamas por um bom tempo. Precisava tomar uma decisão quanto às suas próximas ações, mas suas reflexões foram interrompidas quando a porta da taverna foi aberta num rompante. O vento entrou, fazendo a capa negra do recém-chegado rodopiar.

— Scar!

Fitaram-se em silêncio, num embate furioso, até que Scar a segurou pelos ombros. Os dedos pareciam cravar em seus ossos.

— Precisa se olhar no espelho, garota! Está mais pálida que um ratinho.

Devondra sibilou:

— Atirou nele pelas costas!

— E daí se fiz isso? — Os olhos a devoravam.

— Isso não o incomoda nem um pouco? — Tamanha insensibilidade a enojava.

— Não! — A voz dele era impassível ao explicar: — Não tenho escrúpulo algum em matar quem atravessa o meu caminho.

— Não importa quem? — Livrou-se das mãos dele, sentindo-se ameaçada.

— Ninguém. — Abrindo o casaco e o colarinho da camisa, revelou o peito sem pelos. — Matei Tarkington por sua causa, sabe?

— Por minha causa? — repetiu descrente.

— Sim. Ouvi o que ele disse. Ele a reconheceu. — Virando a atenção para a criada da taverna por um segundo, pegou vinho e bebeu direto da garrafa, sem se importar em servir um cálice. O líquido desceu pelo queixo, fazendo par com a cicatriz que marcava a pele.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— E daí? Eu... eu teria lidado com esse problema de outro modo. Um que não envolvesse assassinato!

— Um modo feminino — ele zombou.

Como um animal, Scar desferiu um som vindo diretamente do fundo da garganta.

Foi esse som que levou Tobias para o lado de Devondra. Já tendo esvaziado uma caneca cheia de cerveja, porém, ele se mostrava mais otimista com as consequências dos eventos daquela noite.

— Talvez não encontrem Tarkington!

Devondra ficou ainda mais nervosa com o som de um trovão.

— Ou talvez o encontrem...

Nuvens escuras encobriam a lua. Trovões ecoavam ao longe, numa promessa de tempestade iminente. A estrada já estava enlameada pela chuva fina que caía. Apertando o manto ao seu redor, Quentin praguejou baixinho. Aquela pareceu a noite perfeita para o que queria fazer, mas a tranquilidade agora estava ameaçada pela tormenta que se aproximava.

— Eu disse que deveríamos ficar em Londres — Edwin disse por sobre o ombro.

— Mas foi o primeiro a sair pela porta. Inspirado, sem dúvida, pelo convite irrestrito à minha adega — Quentin replicou.

— Pois sim! Você é quem estava mais ansioso para partir para a mansão, apesar dos perigos. Há quem pudesse pensar que está atrás de encrenca.

Quentin refreou a resposta, temendo que o que dissesse pudesse revelar sua real motivação: localizar Devondra. A observação de Edwin quanto a procurá-la na charneca atiçou sua curiosidade. Só podia ser essa a explicação. Onde mais ela teria se enfiado?

— Por Deus, ela acabará enforcada sem não tomar cuidado.

Nos dias atuais, era importante manter boas companhias, pois os homens eram julgados pelos amigos que tinham e muitas vezes traídos pelos inimigos. Sendo assim, Quentin sabia que era crucial encontrá-la logo.

— Admita! — Edwin insistiu, enxugando o rosto com a mão. — Está procurando sua amada.

— Nada disso! — Quentin resmungou, incitando o cavalo a um galope mais rápido.

Estava determinado a prosseguir na chuva apesar das reclamações de Edwin de que deveriam procurar abrigo até a chuva diminuir.

— Não acredito em você. Não sou tolo a ponto de não perceber o que inspirou sua repentina obsessão em voltar para casa por Heath.

— Londres me aborrece.

— Então arrisca ser assaltado em busca de excitação?

— Nos dias de hoje é arriscado passar por qualquer estrada, mas eu me recuso a me acovardar.

Concluiu, com amargura, que era impossível determinar qual estrada estivesse menos infestada por criminosos, mas não poderia voltar para Londres. Não sem encontrá-la.

Edwin disse de modo filosófico:

— Embora duvide que haja santos nesse meio, arrisco dizer que mesmo os salteadores são humanos. São coisas da vida que temos de suportar, imagino.

Quentin replicou asperamente:

— Por você talvez, Edwin, não por mim.

— Quer enfrentá-los, então? — Edwin estava pouco à vontade com aquilo.

— Se necessário. E mando para a força quem for preciso.

Depois de uma longa pausa, Edwin disse:

— Ora, Quen, não pode enforcar todos os malfeitores da Inglaterra. Não sobraria

ninguém. — Riu, mas logo ficou sério ante a predisposição do amigo.

— Posso e vou fazer isso. — Faria com que a lei e a ordem prevalecessem no país.

— Os salafrários precisam entender esse recado.

Quanto a Devondra, era totalmente diferente. Ele a esconderia caso necessário.

— Vai mandar um recado? Pois faça isso sozinho!

— Entenderei se preferir voltar...

— Voltar? — Olhando por sobre o ombro, Edwin pareceu tentado. — O bom-senso me diz que estarei melhor a seu lado. Andar a dois, parece, é mais seguro do que sozinho.

Sem querer falar mais sobre o assunto, Quentin seguiu na frente. No fim das contas, porém, foi ele quem desmontou primeiro, percebendo que o melhor era procurar abrigo. Acenou na direção da estrada, que rapidamente estava se transformando num pântano.

— Algo errado? — Edwin exclamou, alcançando-o.

— Não. Só acho que seja melhor esperar a tempestade passar.

— Graças a Deus! — Tremendo incontrolavelmente, seguiu Quentin, que guiava a montaria em meio às árvores até encontrarem um chalé de lenhador dilapidado. — Deus permita que haja lenha para uma fogueira aí dentro.

Não havia. Embora Quentin estivesse satisfeito por estar protegido da chuva, Edwin não se contentou. Teimoso, voltou a sair à procura de gravetos.

— Não vai encontrar nada seco daqui até Londres debaixo desta chuva! — Quentin disse da porta.

— É provável que não, mas pelo menos tenho coragem de vir procurar — Edwin resmungou. Acabou encontrando algo, mas não aquilo que esperava. — Quentin! Venha rápido! Veja isto aqui!

Seguindo a voz que o chamava, Quentin acabou se deparando com o que parecia um grande saco. Ajustando a vista à escuridão viu que se tratava de uma forma humana.

— Meu Deus!

Edwin virou o corpo e, inclinando-se, encarou o rosto pálido.

— É Tarkington.

— Está morto?

Tentando encontrar o pulso, Edwin assentiu.

— Morto. — Explorou o corpo com as mãos até encontrar a ferida. — Foi alvejado nas costas.

— Assassinado? Por quem?

Quentin tinha uma suspeita que foi confirmada ao ver os pés descalços do falecido. Ficou claro que o homem fora assaltado de modo covarde, o que selaria o destino do malfeitor.

Londres inteira fervilhava com a notícia do assalto da noite anterior. Godfrey Tarkington não fora um homem popular, portanto, não surpreendeu o fato de poucos lamentarem sua morte. Não obstante, o assassinato teve sérias repercussões. Os delegados, os chefes de bairro e a vigilância foram responsabilizados pela sua ineficiência em conter a crescente onda de crimes. Ridicularizados publicamente, eles afirmaram que poderiam ser acusados severamente caso permitissem que sequer um criminoso saísse impune.

Quanto aos que fossem capturados, foi dito que daquele dia em diante o sentimentalismo chegava a um fim. Malgrado os patibulos perfilarem as estradas, haveria mais forcas armadas. Dali por diante todos os crimes seriam punidos com a morte.

— Deixe que os corpos de todos os profanadores das leis da Inglaterra sejam eles mesmos profanados — Cromwell decretou.

Por ser conhecido pelo seu tratamento selvagem com os inimigos, especialmente os escoceses e os irlandeses, não era de se admirar que esse edital tivesse feito o homem comum tremer. Cromwell governava arbitrariamente, com freqüência aprisionando sem julgamentos. Ele nomeara generais e os colocara a cargo da chamada "regeneração moral".

Sentado do lado oposto a Cromwell no tablado da câmara e ao lado de Edwin Trevor, Quentin ouvia pensativo às discussões. Discutiam como tornar os castigos mais severos para todo e qualquer crime.

— Que retorne o hábito da tortura na Inglaterra, não importa que a lei mande o contrário — disse um conselheiro corpulento.

— Sim, enforque alguns mais nos patíbulos! — exclamou outro.

— Deixe que os malfetores entendam que a justiça ainda está vigilante e pronta para castigar as transgressões.

— Enforque-os em correntes!

— Deixem-nos pendurados em gaiolas até que apodreçam!

— Estrangulem-nos. Deixem-nos engasgar até que as línguas fiquem pensas!

— Prendam alguns mais na Ponte de Londres!

— Que fiquem a par que toda vez que tocarem num fio de cabelo de um nobre eles acabarão se tornando "frutos da força"!

A sala reverberava com as vozes alteradas. Todos expressavam suas opiniões, mesmo que de forma diversa. A única coisa em que concordavam, porém, era que a lei vinha sendo muito leniente até o momento. Havia muitas prisões: a Torre, Compter, Clink, Marshalsea, White Lion, King's Bench, Cripplegate, Ludgate, Fleet, e a mais temida, Newgate. Pelo que tudo levava a crer, todas elas estariam abarrotadas com prisioneiros à espera do encontro com o carrasco.

— E quanto à mulher? — Edwin disse com a mão sobre a boca.

— Mulher... — Pensando que Edwin se referisse a Devondra, Quentin foi evasivo. — Que mulher?

— A Dama Notável. — Ele sorriu. — Não pode ter se esquecido.

— Esquecido? — Quentin replicou com raiva. — Duvido que um dia eu consiga esquecê-la! — Cerrou o punho ante a lembrança do encontro com a mulher sensual.

— Se ela for capturada, também será enforcada?

— Enforcada?!

— Shh! — Levando o dedo aos lábios, Edwin advertiu o amigo para que mantivesse o tom de voz baixo. — Você a mandaria para a força?

Quentin ia dizer sim, mas se lembrou do encontro deles e, com relutância, meneou a cabeça. A simples idéia de enforcar aquela mulher, ou qualquer mulher, deixava um gosto amargo em sua boca.

— Não...

Tantas coisas a respeito daquele encontro o perturbavam, particularmente a estranha declaração de que ela tiraria a máscara caso ele o fizesse também. *Impostor...* Havia tanto ódio na voz dela ao chamá-lo daquele modo, como se ele tivesse lhe feito algum mal antes. Ela agira como se fossem conhecidos. Como se...

Como um soco no estômago, uma tensão estranha o acometeu. Seria possível? Seria?

— Jesus! — Quentin exclamou sem pensar e ficou envergonhado ao ver que todas as cabeças se viraram em sua direção.

— Jesus? — Cromwell se inclinou para a frente.

— Certamente ficará muito ocupado por ter de ouvir uma sucessão de pedidos de clemência — Edwin se apressou em dizer. — Quentin acredita que os condenados tentarão se justificar. Pobres coitados.

— Coitados mesmo. — Cromwell fungou em desdém. — Não haverá misericórdia para

os culpados, mesmo no paraíso. — Levantando-se da cadeira, caminhou lentamente pela sala até chegar ao lado de Quentin. — O que me diz sobre este assunto?

— Abomino todos os que transgridem a lei. Eles tomaram um caminho que os condenará.

Sorrindo, Cromwell confidenciou: — E você os levará por um atalho.

— Eu?

Cromwell começou a se explicar, mas com um acesso de tosse que dava crédito aos inimigos que afirmavam que ele não estava bem, demorou a concluir.

— Quero que me ajude a armar uma emboscada.

— Uma emboscada?

O regente franziu o nariz.

— Para pegar um ladrão, ou muitos, se tudo correr bem.

— Na charneca?

O sorriso de Cromwell era torto.

— Sim, lá mesmo. — Conduzindo Quentin para o lado, contou-lhe seu plano.

Era uma noite sem nuvens. Milhares de estrelas piscavam como olhos observadores, à espreita das pessoas escondidas entre as árvores. Sylvester, Tobias e Devondra esperavam, sendo que Conan era o vigia cerca de meio quilômetro estrada acima.

— Puxa vida, esse negócio nas estradas está ficando cada vez mais perigoso — Sylvester reclamou. — Se fôssemos dançarinos de corda bamba, nossa corda seria bem fina.

— E isso o deixa com medo? — Tobias perguntou.

— De verdade? Sim. Não gosto muito da idéia de acabar pendurado pelo pescoço. — Instintivamente, ele levou a mão ao pescoço.

Desde o atentado a Godfrey Tarkington, novos perigos foram enfrentados por aqueles que viviam com uma pistola na mão. Os viajantes passaram a viajar mais armados e protegidos. Pior, as recompensas pela captura de qualquer salteador foram duplicadas e os castigos se tornaram mais severos. Isso significava que Devondra e os companheiros tinham de tomar ainda mais cuidado a fim de não serem pegos.

— Se está com medo e quiser desistir, Sylvester, Tobias e eu entenderemos. — Devondra apontou na direção da estalagem. — Pode voltar. Quanto a mim, não permitirei que os capangas de Cromwell me intimidem. Não até eu terminar o que comecei.

— Não até ficar rica, quer dizer. — Sylvester se inclinou.

— O que pode levar mais tempo do que planejou, levando-se em conta a penúria dos que roubamos nas últimas vezes.

— Esfregou as mãos. — Precisamos de ouro.

— E vamos consegui-lo — Tobias disse, pedindo silêncio. — Ouçam. — O vento suave trazia o som de uma carruagem que se aproximava.

— Ora essa, uma carruagem. Já era hora! — Sylvester estava impaciente por ter esperado mais de uma hora, contando somente as sombras que passavam diante da lua.

— Sei que está ansioso, mas tome cuidado — Tobias avisou. — Não se mexa ainda! — Para se certificar que sua ordem fosse atendida, segurou as rédeas do cavalo do comparsa. — Só quando Devondra ordenar.

A espera foi feita em silêncio. Por fim, quatro cavalos brancos e sua pesada carga surgiram, descendo sem pressa a colina. Conforme o veículo se aproximava, os três cavaleiros foram para junto da estrada. Mascarados e com mantos, sacaram as pistolas.

Era tudo muito simples, um plano executado inúmeras vezes: Sylvester bloquearia a estrada e deteria o condutor, Tobias cobriria a retaguarda, e Devondra ficava com a tarefa de aliviar os passageiros de suas posses.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Cruz credo, nunca vi uma carruagem andar tão devagar— Sylvester reclamou, mexendo-se nervoso na sela.

— Nem eu — Devondra concordou, esforçando-se para não incitar o cavalo a se mover. Tinha de ser paciente, contudo, para o caso de haver guardas armados sentados ao lado do condutor. A prudência poderia salvar suas vidas.

— Está indo devagar porque está muito pesada — Tobias sugeriu.

Os três pares de olhos estudavam o veículo iluminado pelo luar.

— Desarmados, ao que parece — Sylvester observou.

— Perfeito!

Devondra inspirou fundo. A morte de Tarkington a abalara profundamente. Roubar era uma coisa, matar era completamente diferente.

— De quem será essa carruagem? — Tobias perguntou-se. Só o fato de possuir uma carruagem significava distinção e prestígio. Melhor, quanto mais distinta a pessoa, mais magnífico o veículo.

— Pouco importa, desde que encontremos alguém com posses desta vez — Sylvester disse esperançoso, e ainda perturbado que a primeira vítima daquela noite tivesse sido somente um funileiro.

O desejo de Devondra era mais específico. Enquanto vigiava a estrada, manteve as esperanças de ficar frente a frente com um par de olhos azuis cristalinos. Ficou despontada ao abrir a cortina após o grito de "mãos ao alto" e descobrir que o ocupante da carruagem era uma mulher de olhos verdes e longas madeixas claras.

— Oh! — O grito da mulher saiu carregado de terror ao se deparar com as figuras mascaradas que portavam pistolas.

— Não se mexa se dá valor à sua vida — Tobias instruiu. O condutor sabiamente levantou as mãos.

Devondra foi rápida em prometer:

— Não machucaremos vocês... — e acrescentou: — ...se fizerem o que pedimos. — Gesticulou para Sylvester para que ele ficasse junto ao condutor e depois se concentrou na passageira.

— E-eu não tenho dinheiro comigo...

A mulher lançou um olhar súplice para Tobias, talvez por acreditar que, em seu casaco de veludo marrom, ele parecesse mais civilizado e, portanto, mais inclinado a conceder clemência. Ou simplesmente preferisse lidar com homens a fim de poder manipulá-los com seu charme.

Qualquer que fosse o motivo, Devondra logo deixou clara sua autoridade.

— Não tem dinheiro? Logo veremos. — Desmontando, abriu a porta e comandou: — Saia!

A mulher ficou ainda mais pálida e levou a mão ao pescoço. Abriu a boca, mas não emitiu som algum.

— Saia! — Devondra repetiu, fazendo-a acreditar que era melhor não se arriscar. Não precisou dizer mais nada para convencê-la a sair e entregar uma bolsa pesada.

— As jóias também — Sylvester exigiu. Assustando-a com a falta da ponta da orelha e a carranca nos lábios, ele logo foi obedecido, embora somente um colar, um broche e um anel fossem entregues.

Os Puritanos desaprovavam jóias e a maioria dos cidadãos londrinos usava poucos adornos em público, ainda que mantivessem tesouros secretos.

Devondra logo se interessou pelo anel, colocando-o no polegar, como era moda nos últimos tempos. Erguer a mão para apreciar a nova aquisição mostrou-se um erro grave, pois subitamente o estampido de uma pistola explodiu, o tiro passando bem perto de seu ombro.

— Senhorinha!

Tobias agiu de pronto. Passando pela porta da carruagem, pôs-se a lutar com o moço

que havia se escondido na parte do fundo debaixo de uma manta. Rolando na poeira da estrada, lutaram até perderem o fôlego e Tobias o imobilizar. Com uma mão no pescoço do jovem e outra jogando longe a pistola, disse:

— Fico com isso, obrigado.

O rapaz imediatamente se viu de quatro no chão com a força de Tobias em seu colarinho.

— Por favor... — Temerosa por sua vida e pela de seu companheiro de viagem, a mulher pôs-se a chorar.

— Malditos! Ainda verei todos vocês enforcados! — O condutor, calado até aquele instante, deu vazão à sua raiva, apesar de não tentar socorrer o jovem.

O riso de Sylvester foi de escárnio.

— Acho que não! — Levou a mão à orelha mutilada e completou: — Já me marcaram uma vez, não permitirei que ponham a mão em mim novamente.

— Nem eu — Devondra ecoou. Jamais sofreria o triste fim de seu pai.

O rubor cobriu as faces da mulher, que pareceu juntar um mínimo de coragem ao declarar:

— Vou ser testemunha quando estiverem pendurados em Tyburn. Juro que vou. Vou me lembrar de sua voz até no inferno, e quando isso acontecer...

Por um breve instante, Devondra se lembrou da imagem do pai, oscilando sobre o patíbulo, e estremeceu para, em seguida, forçar um riso.

— Não tenho medo!

— Talvez devesse ter.

Devondra empertigou-se ao ouvir a voz que parecia ter vindo de lugar nenhum.

— Quentin Wakefield... — Como ele apareceu tão rápido? Era como um fantasma surgindo no meio de um nevoeiro.

— Joguem suas armas. Todos vocês!

Vindo de seu esconderijo no eixo da carruagem, Quentin segurou firme sua pistola, parabenizando-se pela emboscada bem armada. Tinha viajado de Londres dentro da carruagem, escondendo-se num compartimento e indo para debaixo dela somente ao chegarem à charneca. Agora via que havia capturado um prêmio mais valioso do que o esperado.

— Uma armadilha! — Furiosa, Devondra viu que, mais uma vez, estava à mercê de Quentin Wakefield.

Algo na voz dela o atraiu. Mesmo enfurecida ela era atraente, bem como sua aparência. Sob a luz do luar, ela era assustadoramente dramática. Toda em preto usava uma máscara prateada e um chapéu com uma pluma prateada. Estranhamente sóbria, se comparada com a vestimenta usada no primeiro encontro deles.

— Eu prefiro dizer que não conseguia esperar para vê-la novamente — disse Quentin, curvando-se. Sorriu ao ouvir o baque das armas que batiam no chão, depois repetiu a ordem: — Jogue a sua arma.

Ela obedeceu, ainda que sem pressa.

— Presumo que já tenha conhecido Jenny Bowen, — Acenou na direção da loira. — Bravo, srta. Bowen. Linda atuação. Se os teatros não tivessem sido fechados pelos Puritanos, seria perfeita para o palco.

Devondra olhou para a moça de alto a baixo com ódio, perguntando-se se ela era amante de Quentin.

— Quanta astúcia e engenho! Totalmente de acordo com seu caráter.

— Meu caráter? — Quentin a analisava, tentando discernir suas feições, mas tudo o que conseguia ver eram os olhos luminosos. Olhos que irradiavam desafio, apesar das circunstâncias. — Perguntei-lhe uma vez quem você era. Vou perguntar novamente.

Não houve resposta. Ela somente o encarou. Tão empertigada, senhora de si. Haveria quem o considerasse o prisioneiro e não o contrário.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Bem, descobrirei sua identidade quando a levar para Cromwell. — Segurou-a pelo pulso.

Devondra conseguia sentir a raiva que o movia, pois a queimava onde quer que ele a tocasse, fazendo-a perceber que ele era um inimigo mortal, capaz de entregá-la ao carrasco, assim como fez com seu pai.

— Descobrirá que sou sua consciência — ela disse em desafio.

— Minha consciência. — Ele deu um passo à frente, sempre fitando os olhos que lhe pareciam cada vez mais familiares.

— Se olhar em seu coração, saberá o que quero dizer — Devondra completou.

Quentin se adiantou e lhe tirou o chapéu, satisfazendo uma curiosidade. O cabelo era da exata tonalidade de castanho que ele imaginou. Encaracolado, ele desceu numa cascata sinuosa.

— Devondra! — Reconheceu aquele cabelo glorioso, dividido entre fúria e alívio. A menos que estivesse muito enganado, ele a encontrara.

— Não sou essa tola ingênua. — Ela negou a verdade. De fato, a mulher inocente de outrora estava morta.

— Você é... — Ele esticou a mão para tocar a máscara.

— Não! — Rápida, ela se afastou, recusando-se a revelar sua identidade. — Não vou me tornar sua prisioneira! Não permitirei que me leve! — A teimosia a fazia desconsiderar a pistola apontada em sua direção ao começar a correr.

— Pare! — Quentin não atirou, mas alguém o fez. Horrorizado, ele ouviu a explosão vinda dos arbustos, o som de passos que se afastavam. O que mais o mortificou, porém, foi vê-la cair ao chão. — Devondra!

Disparando em sua direção, olhou para baixo, hipnotizado pela fragilidade dela. Era como se uma boneca tivesse sido quebrada. Um sentimento de proteção o motivou e ele se ajoelhou. Era um sentimento que ele raramente sentia por outra pessoa.

— Você atirou em mim! — Ela o acusou com os olhos ao ver que ele ainda empunhava a pistola.

— Não. — Ansioso por se defender, exclamou: — Não atirei em você! — A prova era o cano frio da arma.

— Quem, então...? Ele balançou a cabeça.

— Não importa. Além disso, quem atirou já fugiu. — Suas mãos a tocaram de leve, acariciando-a ao examiná-la. Naquele instante, todo o resto foi deixado de lado.

Pela névoa da dor que a encobria, Devondra lutou contra os braços que a imobilizavam. Tinha medo de confiar nele por um segundo que fosse.

— Deixe-me em paz!

Daquela cavalcada Devondra jamais se esqueceria, uma corrida perigosa e frenética no meio da floresta, subindo colinas e através do rio. Era uma arriscada caçada à raposa, na qual eles eram as raposas.

— Temos chance?

— Espero que sim.

Era uma corrida angustiante, que quase certamente conduziria Devondra à morte e pena de favorecimento de um criminoso para Quentin. Se eles fossem capturados. Alguém se surpreenderia, portanto, que ele estivesse galopando num passo tão frenético e segurando-a com todas as forças para que ela não caísse?

Tiros ecoavam atrás deles. Homens proferiam imprecações. Pouco a pouco, os homens de Cromwell diminuía a distância entre eles, um fato frustrante que soou um alarme em Quentin ao olhar para trás.

— Maldição!

Ele amaldiçoava os homens e a si mesmo, desejando nunca ter tomado parte daquele esquema. Deveria ter atendido aos seus instintos quanto à identidade da salteadora, deveria ter sabido que se tratava de Devondra. Talvez se soubesse, não estaria galopando

a uma velocidade de partir o pescoço naquele instante.

Desconfortável na sela dele, lutando contra a dor no braço, Devondra sabia que seu destino estava nas mãos de Quentin Wakefield, assim como o de seu pai esteve no passado.

— Quentin... — a voz soou rouca. Olhando por sobre o ombro, pressentiu o perigo por que passavam e o risco que ele corria. — Por que está se arriscando por mim? Por que está se colocando na berlinda?

— Porque... — Não sendo um homem dado a floreios, disse simplesmente: — Porque você significa muito para mim. — Não importavam os atos dela, ele não suportaria se a levassem.

— Mas... Mas os soldados saberão que foi você quem me ajudou. Eles dirão...

— Vou arriscar.

Era verdade que a atriz e os outros certamente revelariam aos homens de Cromwell sua parte na fuga. Apesar do escuro, eles devem tê-lo visto correr, segurá-la nos braços e fugir a cavalo. Poderia perder tudo se as peças do quebra-cabeça fossem juntadas. No entanto, não fraquejou em sua resolução. Pensar que Devondra pudesse parar na força era horrendo demais. Cerrando os dentes, incitou o cavalo a se mover mais rápido.

O som dos cascos dos outros cavalos, antes ao longe, reverberou em seus ouvidos. Cada vez mais perto. Ou seriam apenas os batimentos de seu coração? Ciente de que eram as duas coisas, Quentin entrou novamente na floresta. Os galhos e folhas densos poderiam ser a única saída. Isso e a escuridão.

— Segure firme!

Foi o que ela fez, de olhos arregalados ao passarem em meio à densa folhagem, quase batendo de frente com um tronco. Nunca antes enfrentou tamanho perigo, todavia, não conseguiu conter um sorriso ao pensar que fora resgatada. E por Quentin Wakefield, ainda por cima.

Quentin, por sua vez, não ria. Estava suado pelo esforço da cavalgada. Estava rígido. Sentia frio. Entretanto, parecia ter vencido na busca por um refúgio.

— Não se mexa. Não diga nada. Não respire!

Do esconderijo, Devondra viu as sombras dos homens a cavalo ao passarem, podia ouvir os gritos e o som dos cascos sobre a vegetação. Praticamente sentia o cheiro de suor humano misturado ao dos animais quando passaram a centímetros das árvores que os abrigavam.

— De algum modo sumiram... E como não? Devem conhecer esta mata com a palma da mão — ela ouviu um dos soldados dizer.

— Nosso plano foi por água abaixo. Cromwell ficará furioso.

— Ah-há! Se ele acha que consegue fazer melhor, que venha enfrentar a charneca nesta escuridão.

— E o mesmo vale para Quentin Wakefield!

— Wakefield!

— Parece que ele também desapareceu.

— De modo bem conveniente, se quer saber. Mas sabe como é...

— É verdade. Por que se esforçar quando outros podem fazer seu serviço, não é? — outro soldado resmungou.

— O que faremos?

— Continuar. De algum modo vamos encontrá-los. Não podem estar longe.

Devondra emitiu um suspiro de alívio quando eles se afastaram. Três cavaleiros, porém, não estavam com muita pressa e continuaram parados, e ela conseguiu ouvir o resto da conversa.

— Interroguei a srta. Jennie Bowen. Ela disse que o salteador era uma mulher.

— A Dama Notável!

— Quem mais poderia ser?

— A ousada...

— Não tão ousada quando a capturarmos. Uma estadia em Newgate fará com que ela se arrependa.

— Sim, ela não vai conseguir escapar.

— Logo conseguiremos capturá-la e o maldito que está com ela.

— E os dois vão para a forca!

Devondra enrijeceu ao ouvir isso e esforçou-se para permanecer sobre o cavalo ao sentir vertigem.

Quentin abraçou-a com mais força de modo protetor. Inclinou-se e encostou o nariz no ouvido dela ao sussurrar, provocando espasmos eróticos em todo o seu corpo.

— Forca! Duvido. Precisam nos encontrar primeiro...

Conforme os sons das passadas dos cavalos se afastavam, parecia evidente que não os encontrariam daquela vez. A antiga tática de guerra funcionara mais uma vez, Quentin pensou. Por enquanto, pelo menos, tinham escapado.

— E agora? — Devondra perguntou.

— Vamos voltar num grande círculo e sair da floresta num ponto diverso. — Conhecia um atalho que conduzia à Mansão Wakefield; um caminho muito utilizado por ele nos últimos tempos. — Vamos.

O silêncio e a escuridão da noite envolviam Devondra, assim como a força dos braços de Quentin. Sentia-se segura, pelo menos por enquanto. Contenta. Virando a cabeça, fitou-o entre os olhos semicerrados, sentindo algo que há muito não sentia: segurança.

— Não é muito longe — ele sussurrou em seu ouvido, o som da voz dele arrepiando-a.

— Que bom.

Aninhando-se, pensou em como era estranho se sentir bem nos braços dele, como parecia natural viajar na escuridão com ele. Naquele instante, toda a amargura foi deixada de lado.

— O calor de uma lareira e alguns cuidados é tudo de que precisa. — Abraçou-a, amparando-a com as dobras de seu manto para mantê-la aquecida contra o frio da noite. — Devondra, o que quer que pense, eu não a traí. Enviei aquela carta para Londres e concedi perdão ao seu pai. Tem de acreditar em mim.

Ela virou a cabeça, cansada demais para discutir. Nem mesmo pensou antes de responder:

— Eu acredito.

Tomada pela vertigem que sentia aliada aos passos ritmados do cavalo e a mera alegria de ser abraçada por ele, Devondra fechou os olhos.

Calor. Uma voz profunda na escuridão. O beijo suave em sua face conforme cavalgavam. O movimento ritmado do cavalo que a conduziu ao sono. A batida forte e constante do coração ecoando em seu ouvido. Tudo isso confortou e acalmou Devondra, bloqueando a dor ao se aninhar no peito de Quentin Wakefield.

Quando ele me toca, há tanta magia... Era como uma febre que a consumia, que a preenchia e a ligava a ele com um fio fino e frágil. Algo estava acontecendo e ela não conseguia controlar. Preocupava-se demais com ele, mais do que o recomendável, e, com tudo isso, não conseguia deter as emoções que a envolviam.

Eu o amei esse tempo todo. Nem mesmo meu ódio foi forte o bastante para matar esse sentimento. Não de verdade. E agora...

Agora ela entendia como havia se sentido incompleta até aquele momento.

E ali morava o perigo.

Abrindo os olhos de pronto, ficou mais assustada do que ao enfrentar os riscos das estradas. Amor. Aquela era a emoção mais perigosa e ofuscante de todas. Deixava as pessoas totalmente vulneráveis, vivendo num mundo de faz de conta, ansiando por um sorriso, desejando uma ínfima migalha de afeto.

Amor. Faz de conta e magia? Por algum tempo. E o que acontecia quando a magia acabasse? Ou quando a mulher fosse traída novamente?

— Devondra, há algo errado? O braço a incomoda? Ela se virou para fitá-lo, mas o rosto dele estava escuro.

— Não, só estou com frio.

Prontamente ele a atendeu, parando o cavalo para retirar o manto e envolvê-la com ele. Depois, num impulso, depositou um beijo em sua face.

— Pronto, isso deve aquecê-la.

Ela tocou o lugar em que foi beijada e estremeceu. Mortificada e surpresa, sentiu lágrimas brotarem em seus olhos, sem entender por quê.

— Devondra... — Lentamente, ele prendeu ainda mais o manto ao redor dela, traçando a curva do pescoço e dos ombros, saboreando o prazer de ter a pele dela sob suas mãos.

Não obstante o fato de -sentir-se confortada pelo toque dele, retraiu-se, sabendo muito bem onde essas carícias os levariam. Abaixara as defesas só para ser traída do pior modo. Não cederia tão facilmente dessa vez.

— Não faça isso!

— Como quiser. — Foi tudo o que ele disse antes de voltarem a cavalgar na escuridão.

Só a lua perfurava o céu escuro, pendurada no alto como uma bola de prata. Conforme seguiam viagem, Devondra a contemplou. Depois, exausta, fechou os olhos, sonhando que cavalaria um garanhão preto no meio de um campo de urzes.

Capítulo VII

Pela janela em vitral passavam luzes multicoloridas. Cores que aqueciam o coração e a alma de Quentin enquanto permanecia ao lado da cama.

— Finalmente está no lugar a que pertence, srta. Stafford. — Mas que caçada desenfreada ela o obrigara, não só a ele, mas também aos cidadãos de Londres.

Fitando a face da jovem deitada na cama, pensou em como ela parecia um anjo em repouso. Angelical e bela. Os cabelos escuros atravessando o travesseiro assemelhavam-se a seda, emoldurando o rosto antes escondido pela máscara que agora ele tinha nas mãos. Uma máscara que era uma triste lembrança da vida que ela levou nos últimos meses.

— A Dama Notável. — Uma verdade difícil de acreditar ao ver expressão tão serena, tão vulnerável, tão estranhamente inocente em alguém que ganhava o pão roubando dos outros. As aparências de fato podiam enganar.

Devondra é a Dama Notável. A Dama Notável é Devondra Stafford. Fantástico. E não deveria ser uma surpresa. *Tal pai, tal filha.* Só restava desejar que ela não tivesse o mesmo triste fim. Fechando os olhos, atormentou-se com a imagem da força.

— Não! — O pescoço dela era fino e delicado demais para ser violado pela corda. E ela era tão jovem. Jovem demais para morrer antes da hora. — Deus, não!

Esticando a mão, acariciou a fronte, refazendo o juramento feito a si mesmo pouco antes. Não importava o que acontecesse ou o preço que teria de pagar, não permitiria que a levassem. Não saberia viver sem ela, nem teria paz se ela fosse levada para a força.

— Farei o que for preciso para protegê-la.

Vendo o movimento do peito ao respirar, sucumbiu a um profundo arrependimento pelo modo como as coisas estavam. Lamentava as palavras furiosas que trocaram no passado, especialmente no que se referia ao pai dela, pois não havia dúvidas de que ela o tivesse amado profundamente.

— Assim como ele também deve tê-la amado. — Um fato que melhorava seu julgamento sobre o caráter do homem. Pelo menos ao dividirem um sentimento profundo por ela, tinham *algo* em comum.

Ao longe, os sinos de uma antiga igreja saxã batiam as horas. Perguntou-se se era para chamar os fiéis para o serviço dominical ou se indicavam mau agouro. Segurando as mãos atrás das costas ao caminhar pelo quarto, só podia continuar em dúvida.

— Cromwell não descansará enquanto você não for capturada. Por ter escapado debaixo das barbas dele, feriu seu orgulho. Não importa o que ele faça, contudo, prometo que ele não a machucará. — Fez uma pausa e olhou para a cama de novo, sussurrando para a figura adormecida: — Eu juro, Devondra.

Essa promessa trouxe à memória a outra que ele fez e que não conseguiu cumprir. A morte de James Stafford por certo foi o catalisador que fez a filha seguir os passos dele, tomando a estrada com uma pistola na mão, usando uma máscara em busca de vingança. Ah, com que rapidez ela seguiu uma profissão que pôs um preço sobre sua cabeça.

— Quanto, Devondra? Qual é a recompensa pela captura da Dama Notável?

Grande demais. O bastante para fazer com que houvesse poucos em quem pudesse confiar a presença dela em sua casa. Foi por isso que despachou todos os criados para a casa da cidade assim que chegou ali. Todos com exceção da adorável sra. Vickery, que o ajudou a despi-la e a cuidar de seu ferimento antes de colocá-la na cama.

O fogo estava aceso na lareira e o calor se espalhava pelo quarto, afastando o frio da manhã outonal. Ninguém tinha como saber que o que alimentara aquele fogo foram as roupas descartadas de Devondra. Uma a uma as peças que a condenariam desapareceram, deixando-o somente com uma última recordação da sua identidade, uma que em seguida foi jogada no fogo.

— Maldita máscara! — Se ao menos fosse tão fácil apagar os momentos trágicos do passado e as emoções hostis dela quanto se livrar daquele objeto.

Enquanto observava a máscara se desintegrar lentamente, lembranças vinham-lhe à mente. Fragmentos da noite. Lembrou-se como ela se mostrou irada e desafiadora ao se ver sob a mira de seu revólver, e depois como ela ficou vulnerável após ter sido alvejada. E mesmo assim ela se transformou de gata ferida a leoa feroz num segundo. Ela lutou e deu vazão à sua raiva. E nem pesou em seus braços ao ser levantada... Com que perfeição cabia em seus braços.

— E depois, a cavalgada...

Pareceu que tinham galopado em meio à escuridão por toda a eternidade antes de chegarem à Mansão Wakefield. Suspendendo-a do cavalo, levou-a para dentro envolta em seu manto até o segundo andar, cuidando de seu ferimento e de seu bem estar sem sequer pensar no próprio cansaço. Segurando-a pela mão, jurou não sair de perto.

Eu a desapontei quando você mais precisou, mas isso não se repetirá. Nunca mais, Devondra. Quem sabe assim posso conquistar sua confiança mesmo que não me conceda acesso ao seu coração... Naquele instante isso bastaria.

— Ah, mas quero muito mais. Quero que me ame de novo, Devondra.

Amor. Até aquele instante ele nunca soube exatamente o que era isso. Hoje sabia. Era cuidar de alguém sem egoísmo. Era andar de mãos dadas e ainda se sentir como jovens amantes mesmo tendo envelhecido. Era o total esquecimento de si próprio e pensar na felicidade e bem estar do outro.

Era um misto de encantamento, magia e raios de luz.

— Amar é arriscar a própria alma em troca de um sorriso — sussurrou, tocando-a nos lábios com delicadeza.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

Devondra deve ter sentido a pressão, dos dedos, pois abriu os olhos.

— Onde...? — No início não entendeu onde estava. Piscou, tentando se lembrar por que estava num quarto estranho e como chegara até ali, então um olhar na direção de Quentin Wakefield respondeu tudo. Lembrou-se da armadilha, da dor agonizante ao ser atingida e pensou no quanto queria se afastar dele.

— Como está o braço?

— Dói — ela respondeu, tocando na bandagem que cobria o ferimento. Ele parecia tão preocupado, tão atencioso. Queria acreditar que ele realmente se importava com ela, mas temia ser desapontada pela segunda vez. E se o resgate não passasse de uma farsa, um jogo de uma noite outonal? E se os soldados de Cromwell estivessem somente esperando, aguardando que o colega deles a entregasse depois de se satisfazer? E se...?

— Vai doer por um tempo ainda. Sinto dizer que não tenho láudano para ajudar a atenuar seu sofrimento, mas talvez minha governanta conheça alguma erva que possa ajudar. — Fitou-a tentando adivinhar no que ela pensava. Os olhos dela estavam tão frios, tão impiedosos.

— Essa dor que eu sinto não é nada. — Lembrando-se da horrível cena de seu pai na forca, disse: — Há uma agonia muito mais profunda, uma dor que nunca vai embora.

— Pela qual eu lamento muito. — Num esforço para confortá-la, sentou-se na cama e pôs a mão ao redor do ombro, mas ela se afastou de pronto.

Sustentando-lhe o olhar, ela disse:

— Lamenta? Seu pesar não trará meu pai de volta.

— Sei disso. Lamento a morte dele, Devondra, mas não foi culpa minha. Cumpri minha promessa ao escrever a carta concedendo perdão. Foram outros que interferiram no destino de seu pai.

— Outros? — Puxando as cobertas, percebeu que a tinham despido. Ao ver a camisola que vestia, enrubesceu, percebendo que ele a vira sem roupas. — Quem fez isto?

— Minha governanta e eu tentamos deixá-la mais à vontade.

Ela sentia vontade de se rebelar. Tentou se levantar, mas uma onda de vertigem a impediu.

— Onde estão minhas roupas? — Se ao menos pudesse se vestir, conseguiria ir embora dali.

— Suas roupas se foram.

— O que quer dizer com isso? — Ela o encarou com suspeita, pensando no pior.

— Eu as queimei — respondeu ele com franqueza, apontando para a lareira. — Ali.

— Você fez o quê? — Ela cerrou os punhos sentindo a raiva se avolumar em chamas como as que queimaram suas roupas.

— Foi o mais prudente a se fazer, como bem saberia caso estivesse raciocinando. — Uma ruga surgiu em sua testa.

— Se alguém encontrasse qualquer peça do seu costume, bastaria para levá-la ao carrasco.

Ela engoliu o nó que se formou em sua garganta. Ele agira com cautela, mas ela não queria admitir isso em voz alta.

— Com isso, consegue me manter aqui. Quanta astúcia de sua parte.

Ele foi pego de surpresa por ela acusá-lo exatamente do que havia planejado: mantê-la na mansão para sua segurança.

— Por certo percebe que...

Uma batida forte na porta da frente silenciou os dois. Quentin vivia longe demais dos vizinhos para receber visitas inesperadas. Quem seria, então?

— Abram! — uma voz exclamou. — Em nome do Lorde Protetor.

— Cromwell! — Cedendo ao medo, Devondra se sentou na cama, tentando se levantar. No fim, fora traída mais uma vez, pois agora estavam lá para buscá-la. Bem, eles jamais a pegariam. Consequiria escapar antes que a descobrissem ali.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Não! — Os braços fortes de Quentin a detiveram. — Você não tem como escapar sem ser vista. Cromwell deve ter mandado os soldados vasculharem a área inteira.

— O que devo fazer então? — perguntou ela com raiva justificada. — O que sugere? Que eu espere até que derrubem a porta e me ponham os grilhões? — zombou. — Nunca! O olhar dele a prendeu.

— Estou pedindo que confie em mim.

— Confiar em você?

— Sim, pois não a entreguei aos inimigos ontem. E nem farei isso agora.

Devondra olhou para a porta com apreensão, depois para Quentin de novo. Num flash a treloucada cavalgada pela mata voltou-lhe à mente. Ele a ajudara na noite anterior, seria capaz de fazê-lo de novo? Queria acreditar nisso. Do fundo do coração.

— Não vou traí-la. — A verdade dessa promessa brilhou nos olhos claros.

— Então faça o que for preciso. — Observou-o se afastar, depois, juntando o pouco de forças que lhe restavam, seguiu-o, mantendo-se nas sombras. Ouviu-o perguntar:

— Sim, o que é?

— Desculpe incomodá-lo, senhor, mas estamos procurando por uma mulher.

Quentin quase gargalhou.

— Meu bom homem, eu também. Uma bonita, de preferência.

— Não... não foi isso o que quis dizer.

— Estamos procurando uma fugitiva — uma voz mais profunda explicou. — Uma mulher procurada por assalto entre outros crimes.

— Uma fugitiva?

— Sim, a Dama Notável.

Depois de uma pausa, ele perguntou:

— E esperam encontrá-la aqui?

— Bem...

A voz profunda afirmou:

— E por que não? Nós a vimos viajando na estrada que vem até aqui.

— Vocês a *viram* vindo para a Mansão Wakefield? — Quentin soou cético. — Mesmo?

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Depois um dos homens disse:

— Não exatamente para a casa, mas para esta região. O outro disse:

— Nós a perdemos e ao comparsa dela perto da floresta, mas pensamos que...

— Que eu a capturei. — Quentin bateu na porta com o punho. — Bem, não fiz isso, mas daria tudo para tê-la ao meu alcance.

— E eu! Eu faria bom uso da recompensa. — Depois de outra pausa, o homem disse: — Tem certeza de que ela...

— Absoluta! — Quentin respondeu num tom autoritário.

— Bem, então... — o homem soou incerto.

— Portanto — disse Quentin ainda mais alto —, sugiro que procurem em outro lugar. Na floresta, de preferência.

— Na floresta?

— Sim, parece-me uma sábia decisão procurar no lugar onde a viram pela última vez, não acham?

Os dois falaram ao mesmo tempo, ansiosos em agradar:

— Sim, senhor.

— Não se façam de rogados... — As palavras de Quentin foram marcadas pela batida da porta. As botas soaram no assoalho conforme ele subia os degraus. Vendo-a parada no gradil, disse somente: — E então?

— Eu estava com medo.

— De que eu a entregasse. Não fiz isso.

— Sei disso, eu ouvi.

Ele pousou a mão no ombro dela.

— Mas não sabe bem se deve acreditar. Imagino que deva ser reconfortante pensar mal a meu respeito.

E era. Havia certa segurança em manter a raiva. Mas fatos eram fatos e eles declaravam que Quentin Wakefield viera em seu socorro não uma, mas duas vezes.

— Devondra, eu... — Antes que ele conseguisse concluir, ela fez algo surpreendente. Erguendo-se na ponta dos pés, abraçou-o pelo pescoço e sussurrou um sentido "obrigado".

Ele sorriu, mas antes que ela conseguisse dizer mais alguma coisa, a cabeça dele desceu e a boca capturou a dela num beijo suave.

Ela tentou protestar, mas mal conseguia respirar. Seus sentidos estavam repletos de Quentin: seu modo firme, quente e forte; o sabor de cerveja; o som das batidas fortes do coração, desenfreadas como as dela; o odor pungente de suor e cavalos ainda pairava, misturando-se à essência pessoal dele, um cheiro estimulante que clamava masculinidade e a lembrava mais uma vez da cavalgada noturna. E do perigo.

Ela não se afastou. Por causa disso, ele desceu a mão pela coluna para pressioná-la contra si. Os dedos se enroscaram nos fios sedosos, jactando-se em toda sua suavidade conforme o beijo se aprofundava. De repente, ele se afastou.

Estupefata, ela se pegou encarando-o. Por que a beijou e depois se afastou?

— Prometi a mim mesmo que você estaria a salvo e que eu a protegeria. Mesmo de mim — ele sussurrou. Fez um gesto amplo com a mão. — Portanto, sinta-se em casa.

Ela ficou tensa.

— Em casa? — O que ele queria dizer? Ela desejava voltar para Heath. O braço a incomodava, mas ela não era nenhuma inválida.

— Sim, pois agora é minha hóspede.

— Hóspede? — ela repetiu, a raiva retornando ao perceber exatamente o que ele queria dizer. — Acho que, na verdade, sou sua prisioneira.

— Não! — Ele tentou apaziguá-la. — Só quero que fique aqui para que permaneça a salvo. Os homens de Cromwell estão espalhados por todo o interior tal qual abelhas ocupadas.

Devondra ficou em pânico de súbito.

— A estalagem! Tobias! — E se ele tivesse sido capturado? Ele entendeu o curso dos pensamentos dela.

— Se seu amigo ruivo foi levado, a última coisa que deve fazer é ir atrás dele. Isso significaria a sua ruína. — Ela tinha de entender isso. — Aqui estará protegida.

— Protegida? — A mera idéia de ficar abrigada debaixo do teto dele enquanto seus amigos corriam perigo era ridícula e foi o que ela lhe disse. Depois que ele saiu do quarto e fechou a porta atrás de si, girando a chave na fechadura, Devondra entendeu que a última palavra era dele e não sua.

Devondra olhou pela janela em vitral do quarto com a boca comprimida de tanta raiva. Era uma prisioneira. Não havia outra palavra que descrevesse sua situação. Prisioneira. Claro que não estava numa masmorra ou numa das celas de Newgate, entretanto a porta de madeira trancada era um lembrete da barreira entre ela e a liberdade. Que bela hospitalidade essa a de Quentin.

— Estou confinada tal qual um pássaro numa gaiola — exclamou —, sem ter como escapar. — Tendo examinado todos os cantos do quarto era seguro afirmar isso.

Girando sobre os calcanhares, recomeçou a caminhar, ficando na ponta dos pés, ajoelhando-se, examinando-o novamente só para se certificar de que não deixara passar nada. E chegou à mesma conclusão: aquele era um quarto luxuoso, com uma lareira ornamentada, paredes recobertas num rico tecido, mesas decoradas com prataria, cortinas de veludo e uma cama de dossel, mas continuava a representar uma prisão.

— Ahhhh! — Abaixou a maçaneta repetidas vezes, depois, cansada de seu acesso de raiva, voltou para junto da janela.

Se ao menos eu tivesse a minha pistola, conseguiria sair daqui. Sem dúvida ele a

jogou fora assim como fez com minhas roupas.

Lembrando-se de seu estado lastimável, tocou na camisola, vendo pela primeira vez que devia ser uma das camisas de noite de Quentin. Ressentiu-se por ter ficado sem nada.

Proteção, foi o que ele disse. Bem, ela tinha outra palavra que descrevia o que ele estava fazendo e para ele próprio. Como ousava mantê-la ali contra a vontade? E ela lhe diria tudo isso assim que ele voltasse a aparecer.

Como que por sua força de vontade, a porta se abriu, mas não foi Quentin quem apareceu. Ao se virar, Devondra se deparou com uma mulher de rosto enrugado e com os olhos castanhos mais bondosos que já viu. Os cabelos, outrora ruivos, estavam quase que completamente grisalhos. Nas mãos trazia uma bandeja de prata com bule, xícaras e um prato de tortinhas de frutas.

— Quem é você? — O ressentimento de Devondra estava estampado no rosto.

A mulher sorriu de leve, ignorando o azedume dela.

— Sou Margaret Vickery.

Devondra não conseguia partilhar o tom jovial da senhora.

— E eu sou Devondra. — Fez um gesto de dispensa com a mão. — Agora me deixe em paz!

O riso da senhora só podia ser descrito como musical.

— Ora, ora, que mau humor, mas devo dizer que não posso culpá-la. — Fechando a porta com o pé, avançou pelo quarto. — Suspeito, porém, que o que eu trouxe pode transformar sua carranca num sorriso.

— Não tenho fome! — Assim que disse isso, Devondra soube que se tratava de uma mentira. Estava faminta. Ainda assim, sentia-se rebelde, imaginando o que Quentin faria caso se recusasse a comer.

— Não tem fome? — Depositando a bandeja numa mesa redonda, estalou a língua. — Bem, vou deixar isto aqui assim mesmo caso mude de idéia.

— Não mudarei. — Devagar, Devondra passou o olhar para a porta, já pensando numa rota de fuga. Tudo o que precisava fazer era empurrar a frágil senhora e seu caminho estaria livre.

— Acredito que possa mudar depois de sentir o aroma do que trago aqui. — Margaret bateu no bule. — Chocolate quente, trazido diretamente das Colônias.

— Chocolate? — Por um segundo sentiu-se tentada, depois balançou a cabeça. — Poderia me trazer algo para vestir em vez disso.

A mulher sorrindo, entrelaçando os dedos como que para se desculpar.

— Claro. Não pode andar pela casa parecendo um anjo caído.

Muito devagar, Devondra se moveu na direção da porta.

— Qualquer coisa servirá. Algo de Quentin, talvez. Uma camisa, calças. Quem sabe um chapéu. — Ainda que, se conseguisse passar pela porta, pouco se importaria em fugir de camisola mesmo. Se ao menos conseguisse sair...

— Calças? — A mulher meneou a cabeça com ênfase. — Não, não. Temos de encontrar algo mais adequado a uma jovem dama. — Pensou por um instante. — Ah-há! — Caminhando até o baú ao pé da cama, passou a vasculhá-lo.

Por um segundo, Devondra sentiu ciúme ao se imaginar usando um dos vestidos descartados de alguma antiga amante de Quentin. Talvez tenha sido isso a motivá-la na corrida até a porta.

— Ah, não! — Para uma mulher da sua idade, Margaret Vickery mostrou surpreendente agilidade. Apressando-se para a porta, bloqueou o caminho de Devondra.

— Por favor!

Houve uma breve disputa, uma que Devondra sem dúvida teria vencido não fosse pelo ferimento no braço. Do modo como as coisas se apresentavam, foi logo subjugada. Para seu desespero, viu Margaret passar a chave na porta.

— Ora, minha cara. O senhor da casa disse que isso era para o seu bem. — Voltando

para o baú, recomeçou a procurar como se não tivesse sido interrompida. — Aqui está.

Tendo sua chance de escapar dizimada, Devondra voltou a atenção para a "oferta" da senhora. O vestido simples cinza estava completamente fora de moda, portanto afastava as suspeitas de Devondra quanto à sua origem. Mais se parecia com uma roupa usada pelos Puritanos.

— Isto pertenceu à mãe de Quentin. — Margaret o ergueu. — Parece-me quase do tamanho certo.

— À mãe de Quentin? — Estranho como nuca pensou nele como alguém com família. Olhou para o vestido, tentando imaginar como aquela mulher devia ser. Teria os mesmo penetrantes olhos azuis? Seria severa? Ou sorria sempre? Juntou todas essas perguntas numa só: — Como ela é?

Dobrando o vestido na curva do braço, Margaret procurou algo no baú novamente e retirou um objeto pequeno e oval, um retrato em miniatura.

— Veja por si só.

Pegando a miniatura, Devondra olhou fascinada para a mulher que em nada se parecia com o filho. Tinha as feições mais delicadas, o cabelo era claro e os olhos eram cinzentos, não azuis. Lábios cheios e uma covinha no queixo conferiam uma beleza terrena que parecia rivalizar com o vestido Puritano.

— Era um anjo, ou foi o que me disseram. — Margaret suspirou. — Sinto que essa é uma perda da qual meu senhor jamais se recuperará.

— Ela está morta... — Devondra olhou de novo para a pequena pintura e se perguntou se Quentin e mãe partilharam os mesmo laços afetivos que ela e o pai. Se assim fosse, ela sabia muito bem como ele se sentia depois do falecimento dela. Por um minuto, o ressentimento foi deixado de lado e ela se condeou por ele.

— Pobre alma. O médico disse que os quatro humores dela estavam desbalanceados, mas não me lembro se foi o sangue, o fleuma, a bÍlis ou a melancolia que estava baixo demais. — Estava tão entretida conversando que nem percebeu a entrada de Quentin. — O que quer que tenha sido, a sangria do médico não adiantou. Parece que foi feita tarde demais.

— Não deveria ter sido feita de modo algum! — A voz dele estava áspera. A dor era evidente nos olhos azuis. — O homem era um impostor. Não sabia como ela era delicada. — As emoções se revelavam conforme ele falava; depois, como se uma máscara tivesse sido colocada, ele bloqueou os sentimentos, voltando a ser o homem cujas emoções eram sempre tão controladas.

Devondra estendeu um braço na direção dele.

— Lamento muito! — Olhando para o retrato, passou o dedo pelo rosto da mulher.

— Eu também. Mais do que pode imaginar... — Ele também tocou a pintura, o polegar suavemente resvalando a mão dela ao fazer isso.

Apesar de o contato ser breve, Devondra sentiu um arrepio subir pelo braço. Levantou o olhar e vasculhou-lhe o semblante como se nunca o tivesse visto antes. Vendo o brilho nos olhos e o movimento sutil dos lábios, desejou conseguir ler a alma e o coração dele com a mesma facilidade.

— Você deve tê-la amado muito.

— Amei. — Ele engoliu em seco. Amara a mãe demais. — Mais do que o odiei. — Fechando os olhos, atormentou-se pelas imagens do passado. Viu a mãe, parada ao lado de seu padraço enquanto ele afiava a faca. Ela trabalhava com afinco, o suor brotando na testa, pálida como um lençol. — O maldito!

Quentin havia jurado que um dia teria reputação, ganharia uma fortuna. Prometeu à mãe que voltaria e a levaria para longe de Londres e do ar da cidade que parecia envenenar seus pulmões. Essas palavras sempre voltavam para afligi-lo, pois chegara tarde demais. Aquela casa e seus tesouros jamais pertenceriam a ela.

A culpa que sentia era opressora. Nunca deveria ter fugido. Deveria ter ficado ao lado

dela, sem se importar com os maus tratos do padrasto. Permaneceu calado por um bom tempo, refletindo sobre o passado.

Devondra não o interrompeu de imediato, quando o fez, disse simplesmente:

— Conte-me.

Ele queria confiar em alguém, mas ao passar os dedos pelos cabelos, as palavras não saíram. Ele as tinha aprisionado por tempo demais.

— Não consigo. Pelo menos não agora. — Rapidamente, mudou de assunto. Virando-se para Margaret, disse: — Pedi a sra. Vickery que lhe trouxesse o desjejum, mas ele parece estar sendo desperdiçado. — Pegando uma tortinha, partiu-a ao meio, mas ela se recusou a pegar um pedaço.

— Quero ir para casa — ela insistiu, sentindo a irritação voltar.

— Casa? — Ele se perguntou onde em Hounslow Heath isso seria.

— Sabe ao que me refiro. — Ela cruzou os braços, imitando-o.

Como resposta, ele pegou do bolso interno do casaco um jornal de Londres e o entregou. Nele estava a notícia da recente captura do salteador Christopher Jackson e a determinação de Cromwell em livrar o país de "tais inconvenientes".

— O Lorde Protetor jurou enforcar todos os que forem pegos assaltando as estradas — ele disse. — Todos.

Percebendo que seria inútil discutir, pelo menos por enquanto, Devondra sentou-se na cama e viu Quentin e Margaret se servirem de chocolate e tortinhas. O aroma delicioso se espalhava pelo quarto, atentando seu autocontrole.

Posso fazer greve de fome outro dia, ela pensou.

Servindo uma xícara com o líquido escuro, sorveu um pequeno gole, sorrindo ao sentir o calor e a doçura ligeiramente pecaminosa. Aquilo a fez se sentir melhor. Mais relaxada. Em paz.

Essa paz, no entanto, foi logo quebrada pela imprecação de Quentin:

— Cavaleiros!

Os soldados haviam voltado. Pelo visto as explicações de pouco antes seriam questionadas.

— Oh, o que faremos? — Margaret olhou na direção da porta.

— O porão! É o único lugar no qual podemos escondê-la sem que ela seja descoberta.

Mais uma vez ele partiu em seu socorro, tomando a mão dela. Saíram do quarto às pressas, como se o Diabo estivesse em seus calcanhares. E quem sabe ele não estivesse mesmo?

Levando-a pela mão, Quentin foi até a sala de visitas da mansão. Aproximando-se da lareira, acionou um mecanismo que revelou uma passagem secreta que levava ao porão.

— O antigo proprietário desta casa era um monarquista. O porão era utilizado para esconder os feridos durante a guerra — ele explicou. Conduziu-a pela estreita passagem, depois fechou a porta atrás de si. — Olhe onde anda, as escadas são escorregadias.

A escuridão total os envolveu ao descerem cada vez mais, virando à esquerda e à direita. O ar estava frio e úmido e, apesar de Devondra tentar se mostrar corajosa, na verdade estava apreensiva.

— Detesto aranhas! — Sem falar nos roedores que costumavam habitar lugares escuros. — Ratos... — Ela estremeceu.

— Eu também. Especialmente a espécie de duas patas. — Apertou a mão dela. — Sinto muito fazê-la passar por esta situação, mas é necessário.

Ela queria discutir, brigar, mas cedeu aos fatos.

— Sei disso. — O cheiro de mofo ofendeu suas narinas. — Mas, por favor, não demore muito.

— Só o tempo necessário. — Sentindo o tremor que a perpassava, abraçou-a de modo protetor. Trazendo-a para junto de si, esfregou o nariz na orelha dela. — Ah, mas parece que você pertence aos meus braços...

Um desejo surgiu dentro dela. Se ao menos as coisas fossem diferentes entre eles. Se não houvesse mais discussões e ela conseguisse esquecer o passado, poderia entregar livremente o amor que sentia inundar seu íntimo.

— Quentin... — Enterrou o rosto no ombro dele. — Tome cuidado...

Ele enroscou uma mecha do longo cabelo no dedo e seu tom foi jovial:

— Ah, minha teimosa Dama Notável, devo acreditar que se preocupa comigo?

Ela respondeu com sinceridade:

— Sabe que sim.

O que tornou a partida dele ainda pior. Encostada na parede de pedra, ela trouxe os joelhos para junto do peito, ouvindo os sons ao redor, imaginando o que acontecia lá em cima.

Quentin estaria em apuros por acobertá-la? Era bem possível que sim. Embora estivessem imersos num mundo à parte, só deles, havia testemunhas do ocorrido. A atriz e o condutor da carruagem já deviam ter testemunhado. E as versões deles poderiam condená-lo.

Um pensamento sombrio surgiu de repente. *E se Quentin fosse preso?*

— E se eu ficar presa aqui embaixo?

Freneticamente, olhou ao redor, tentando acostumar a vista à escuridão, mas pouco via além de formas e silhuetas. Algumas coisas ela logo identificou que barulho que faziam: ratos!

Que Deus a ajudasse, estava descalça e desarmada, não teria como se defender caso eles atacassem. Cutucando as pedras da parede, desejou encontrar alguma solta, mas a construção bem feita depôs a favor de seu construtor, quem quer ele fosse.

— Afastem-se! — Ouviu-os se arrastarem logo atrás e imaginou os olhos saltados. Movendo as mãos, procurou por algo, qualquer coisa que servisse para mantê-los ao largo. Com alívio encontrou algo duro e frio.

— Uma garrafa! — Segurando-a diante de si, desafiou os roedores a se aproximar.

Algo a cutucou na orelha e ela abafou um grito, rapidamente afastando-o. Uma aranha? Cerrou os dentes. Odiava a escuridão. Ela bastaria para levar qualquer um à loucura. Ela e o cheiro horrendo tornavam a espera ainda mais demorada.

Como era possível que o tempo estivesse se arrastando? Ouvia gotas caírem, marcando os segundos. Não era de se estranhar que estivesse úmido ali. E frio. E ela estava somente de camisola!

Pior, o estômago dava nós de fome e arrependimento por não ter saboreado as tortinhas e o delicioso chocolate quente.

Suspirou, desejando uma vez na vida não ter sido tão teimosa. Mais que isso, desejou poder ver o que se passava lá em cima. Mal ouvia um murmúrio de vozes e as tábuas do assoalho rangendo.

O ranger era causado peça botas de Cromwell conforme ele ia de um lado para o outro.

— Maldição, homem, quero saber o que está acontecendo! Uma fugitiva escapou na névoa e eu fico me perguntando como. Por quê?

Quentin desviou do olhar questionador do Lorde Protetor.

— Eu também gostaria de saber.

Tirando as luvas de couro, Cromwell bateu em seu pulso com elas, obviamente agitado.

— Você gostaria de saber! — A voz saiu num grito. — É seu dever estar a par das coisas e fazer com que aquela maldita mulher fosse capturada. Em vez disso, ouço histórias que só me deixam com mais dúvidas quanto ao que aconteceu na noite passada. — A longa crítica provocou um acesso de tosse.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

Quentin respirou fundo, determinado a manter a calma. Não temia Cromwell, mas era melhor acautelar-se, pois sabia que não lidava com um tolo.

— Estava escuro.

— Como as noites costumam ser — interrompeu um dos homens que tinha ido até lá mais cedo.

Quentin ignorou a farpa.

— O plano funcionou à perfeição. A Dama Notável, como ela é chamada, e um comparsa fizeram exatamente o que você imaginava. Detiveram a carruagem. Jennie Bowen...

O ritmo das luvas batendo o pulso acelerou.

— Eu sei, eu sei. Eu mesmo falei com ela. — Cromwell alterou a voz para imitar a atriz: — "Fomos assaltados por aquela mulher horrível. Quase morri de susto..."

— Sim, no meio disso tudo, eu saí do esconderijo. — Quentin prosseguiu. — Forcei a mulher e o comparsa a entregar as armas. Eles obedeceram.

— Ouvi isso também. A mulher foi capturada.

— Sim.

— Excelente! — Cromwell recomeçou a andar, parando diante do dono da Mansão Wakefield. — Então, onde ela está? Por favor, mostre-me.

Quentin enrijeceu, lembrando-se vividamente o que aconteceu em seguida, ela caindo, ele segurando-a nos braços.

— Ela tentou fugir. Houve um tiro.

— Ela foi atingida. Quentin assentiu.

— Eu a segui para dentro da floresta.

Cromwell pareceu satisfeito até ali, sem dúvida por ter ouvido a mesma versão das outras testemunhas.

— E depois? Quentin deu de ombros.

— Não sei. Tudo escureceu diante dos meus olhos. Só me lembro do comparsa ter me seguido, para ver como ela estava, supus na hora. — Fez uma pausa, tentando pensar numa história plausível. — Deve ter sido ele quem me atingiu na cabeça.

Apertando os olhos, Cromwell mostrou seu ceticismo.

— Está dizendo que feriu nossa criminosa, que ela fugiu para a floresta, o comparsa o seguiu quando você foi atrás dela e que você foi atingido na cabeça?

Quentin desejou ter pensado em algo mais convincente, mas concordou apressado:

— Exato!

— E foi ele quem fugiu com a maldita atrevida?

— Só pode ter sido — Quentin rapidamente concordou.

Cromwell caminhou diante da lareira como um cachorro agitado.

— Ela é perigosa! Um ultraje a tudo o que é decente!

— Sim, um ultraje que tem de ser detido — ecoou um dos homens, ansioso em agradar.

Quentin gelou ao ouvir a declaração.

— O que pretende fazer?

— Encontrá-la! — Cromwell caminhou para a porta.

— Claro que temos de capturá-la. Farei tudo o que puder.

Os olhos de Cromwell estavam gélidos.

— Foi o que pensei que faria. — Em vez de sair, chamou dois dos homens que o acompanhavam. — Vasculhem a casa de cima a baixo.

As faces de Quentin contraíram-se de irritação. Cromwell recolocou as luvas.

— Uma mera formalidade, eu lhe asseguro.

— Formalidade! — Em seu íntimo, Quentin fumegava. Não diziam que o lar de um homem era seu castelo? Bem, talvez fosse melhor assim. Depois que saíssem de mãos vazias, não teriam mais por que suspeitar dele e assim parariam de ir até lá.

— Sua obediência é muito apreciada! — Cromwell olhou de novo para Quentin, a breve animação cedendo mais uma vez à frieza.

Que homem frio, Quentin pensou. Frio, calculista e cruel. Que Deus ajudasse Devondra caso ela caísse em suas mãos. A espera foi difícil enquanto os homens de Cromwell vasculhavam a casa. Quando é que iriam embora?

— Senhor! Venha, rápido! — A voz do soldado parecia vir da suíte principal.

Quentin levantou as sobancelhas. Mostrando uma agilidade não demonstrada desde os tempos em que comandava os soldados, Cromwell subiu os degraus dois de cada vez, com Quentin logo atrás. Os dois empurraram a porta.

— O que foi?

— Alguém esteve aqui. Bebendo chá, ao que parece.

— Chocolate quente — Quentin o corrigiu. — E esse alguém fui eu. — Pegou uma xícara, esvaziando-a. — Não há nada de estranho em tomar café da manhã no quarto. — Riu e ofereceu tortinhas aos presentes.

Cromwell, tendo se excitado sobremaneira, agora estava irritado.

— Tolos! — Muito para mortificação de Quentin, foi o próprio Lorde Protetor que fez nova descoberta, uma que não seria tão facilmente explicada. — Olhe os lençóis. Sangue! — Pior, restos de faixas de linho utilizadas para as bandagens. — Você se machucou, Wakefield?

Inclinando-se, Quentin pegou as provas.

— Sofro com sangramento nasal. Fato deveras irritante muitas vezes.

— Sangramento nasal? — De novo o Lorde Protetor se mostrou desconfiado.

— Tenho isso desde criança, para meu vexame. Cromwell olhou para o sangue no lençol, depois para ele de novo.

— Não seria melhor fazer sangrias de tempos em tempos? Lembrando-se do tratamento da mãe e da possível causa da morte, Quentin empalideceu.

— Quem sabe?

— Da próxima vez que for a Londres, quero que passe em consulta com meu médico pessoal. — Como pedras de carvão, os olhos de Cromwell o queimavam.

— Muita generosidade de sua parte — Quentin disse num tom que, esperava, não denunciasses sua contrariedade.

— Obrigado, senhor. — Depois disso, graças aos céus, a prova chegou ao fim.

O som dos passos na escada anunciou que os homens estavam se retirando, mas Quentin sabia que o perigo não tinha acabado; estava apenas começando.

Ela acabaria enlouquecendo se Quentin não voltasse logo, Devondra concluiu, fazendo uma careta ao ouvir algo correr diante dela. Temendo que fossem ratos, empunhou a garrafa.

Ah, como detestava aquelas criaturas. Um sentimento que só fazia aumentar conforme os ouvia passear pelo porão, no mínimo procurando por algo comestível. Inclusive carne humana, pensou preocupada. Histórias de ratos que comiam bebês ou que mordiam seus dedos eram amplamente difundidas.

— Mas não vão me experimentar!

A única cura para ratos eram gatos, animais perigosos de se ter naquela época. Mera superstição. Havia aqueles que insistiam na existência de bruxas. Pessoas com gatos eram sempre suspeitas porque as bruxas mantinham o espírito maligno em animais a quem chamavam de familiares.

Uma idéia ridícula, ela acreditava, desejando do fundo do coração que o porão estivesse repleto de gatos. Um bom caçador de ratos livraria a mansão daquele horror.

Alerta contra os ratos, aguçou os ouvidos. Ouvira passos? Lentamente a porta foi aberta, anunciando a chegada de alguém.

— Quentin!

De repente o embolorado porão foi iluminado, fazendo-a cerrar os olhos. Depois que

ele depositou a vela num canto, ela conseguiu enxergar a sua silhueta. Em seguida, ao se acostumar com a claridade, viu o rosto que, em sua opinião, era o mais bem vindo de todos.

— Graças a Deus! — Erguendo-se, jogou-se em seus braços, sua exultação surgindo como uma onda num mar turbulento.

— Eles se foram. Pelo menos por enquanto. — Os braços dele eram tão quentes e confortadores.

— Finalmente. — Sentiu-se tonta de alívio.

Prendendo-a nos braços, segurou-a como se nunca fosse deixá-la se afastar. Ela sentiu um carinho nos cabelos e a sensação se espalhar pela coluna. Não conseguia pensar, nem respirar.

No silêncio do porão os corações podiam ser ouvidos batendo em compasso. Pegando a mão dela, Quentin a depositou em seu peito, deixando que ela percebesse suas reações. Então os lábios se encontraram num beijo sem fim.

Como ela era doce! Por que sempre que estava ao lado dela, ele parecia perder o controle? A proximidade dela era a única coisa que afastava seus demônios interiores, aqueles que o possuíram durante os horrores da guerra. Naquela época ele vivia num mundo cheio de mentiras, traições, mutilações e assassinatos, onde as pessoas se viraram umas contra as outras tal qual os ratos que habitavam aquele porão. Aprendera assim a desconfiar, a odiar, a temer. Com ela, porém, seus sentimentos eram mais suaves. As sensações dentro de seu coração davam-lhe esperança.

— Devondra!

Desejava-a. Por Deus, como a desejava. Ali, naquele instante. Mais do que tudo antes na vida, queria tocá-la. O perigo por que passaram só intensificava essa sensação. A qualquer momento ela poderia ser levada de seus braços, para longe de sua proteção. Entretanto, não queria arriscar e ser odiado por ela mais uma vez, não queria coagi-la.

Se ao menos ela me amasse...

Mas, sim, ela o amava. Se não percebera isso antes, entendia agora. Se essa confissão silenciosa a levasse para a beira do precipício, que assim fosse. A vida era curta demais. Num mundo repleto de ódio, o amor era algo muito precioso, um tesouro raro que poderiam ter pouco tempo para desfrutar.

Quentin viu que ela sorria e sentiu que ela se aproximava ainda mais.

— Alguma vez desejou tanto alguma coisa que chegou a sentir dor?

Sim ela sussurrou. Assim como se sentia doer naquele instante.

A resposta dela o encorajou.

— Devondra, eu quero você, mas...

Levando a mão aos lábios dele, ela o silenciou. Levantou a cabeça, vasculhando seu olhar na semiescuridão. O que conseguiu ler ali fez seu coração se abrir.

— Não se faça de rogado, então...

O quarto estava iluminado, mas não por muito tempo. Fechando as cortinas e acendendo duas velas, Quentin logo criou uma atmosfera romântica.

— Você me lançou numa caçada e tanto atrás de você. Eu queria explicar... Queria que soubesse que...

— Em meu coração eu sei. Agora eu sei. — Um nó se formou no estômago dela. Os olhos umedeceram ao dar um passo à frente.

Por um instante, ele apenas a observou, viu o modo como a camisola acentuava as curvas tentadoras. O sangue correu rápido nas veias ao segurá-la com vagar e propositadamente pelos ombros. Os dedos pareciam atravessar o tecido, despindo-a até a alma.

— Tão linda! Como eu poderia saber que uma mulher seria capaz de entrar em minha pele e se tornar tamanha obsessão?

Para que ela se familiarizasse com ele novamente, Quentin deslizou as mãos pelas costas, detendo-as nas nádegas e suspendendo-a para junto de si. Nenhuma de suas

expectativas o preparara para aquele momento.

— Em nenhum lugar da face da terra conseguirei encontrar outra mulher que se compare à adorável e arrojada Devondra. — Ele esperou, prendendo-a com o olhar. — Não há ninguém igual a você... Desde que a conheci não consegui pensar em mais ninguém.

— Tampouco eu consegui.

Ela fechou os olhos, entreabrindo os lábios a fim de receber o beijo suave. Os lábios se encontraram e entrelaçaram, apreciando a doçura do amor novamente encontrado. Ela arqueou as costas, respondendo ao toques das mãos firmes. O calor do corpo a aqueceu, excitou, deixando seu íntimo num caos.

Ele afagou os seios, sua habilidade tornando-os túrgidos. Com vagar, afastou a camisola dos ombros, tomando cuidado para não afetar o braço machucado. Os lábios seguiram os dedos, descendo, beijando o caminho que levava aos seios.

— Sua pele é impecável, como mel. — Ele sentia o peso dos seios nas mãos exploradoras. A respiração acelerava.

Devondra nem sabia se estava respirando. Sem palavras, retribuiu os beijos, trêmula de desejo com a língua que vasculhava o interior de sua boca.

Aproximou-se, recostando-se e abrindo os botões do casaco e da camisa. Imitando-o, moveu os lábios por sobre o peito. A língua explorou os mamilos, ateando fogo por onde passava.

— Céus, onde aprendeu a fazer isso? — O ciúme surgiu ao imaginá-la com outro homem. Queria ser seu único amante.

— Aprendi com você. — Os olhos castanho-esverdeados estavam obscurecidos.

Juntos, sob a luz de velas, tocaram-se e exploraram-se. Quentin se perdia nas sensações que ela criava. Amava a suavidade dela, o sabor dos lábios, o perfume dos cabelos. O corpo, com a delicadeza delgada das curvas, inflamava seu desejo.

Beijou-a profunda e longamente, mas beijos já não bastavam. Uma fome o acometia.

— Amor, tem certeza disto? — perguntou, compulsivamente levando a mão ao seio, movendo-a ritmadamente sobre o mamilo.

— Sim... — Ela tinha certeza absoluta. Sabia, sem sombra de dúvida, que pertencia àquele homem, não importando as vidas diversas que levavam. O amor fazia a diferença.

Quentin era como um homem faminto, conduzido somente pela necessidade de se alimentar. Ela era tentadora, quente, amada, reagia a cada carícia sua, tornando impossível resistir. Mesmo assim, sabia que teria de ser cuidadoso. Não queria que o braço dela voltasse a sangrar.

— Seu braço... E... — Embora ela o tivesse procurado, pedido que fizessem amor, sabia que fazia tempo desde a última vez. Queria que tudo o que acontecesse ali fosse especial para ela.

— Estou certa de que encontraremos um modo — ela disse sorrindo ao levá-lo para a cama.

Na verdade, ela estava tão envolvida no momento que não se achava capaz de sentir dor. Jamais sentira algo tão estimulante como as mãos dele sobre seu corpo. A dor do desejo se avolumava dentro dela e ela quis ficar completamente nua para senti-lo por inteiro. Com isso, suspendeu a barra da camisola.

— Isso... Quero vê-la.

Com timidez no início, e ousadia logo em seguida, ela escorreu o tecido pelos quadris, deixando a camisola cair no chão. Estava em pé, parada, nua e adorável diante da luz das velas.

— Eu o agrado? — Ela notou a expressão que cruzava as feições dele.

Quentin a tocou com os olhos antes de usar as mãos.

— Sim! Oh, céus! Demais. — A voz saiu grossa, as palavras engasgadas. Idolatrou as linhas do pescoço e deixou o olhar passear pelos seios bem esculpidos. Ela era ainda mais bela do que se lembrava, a cintura fina se abrindo nos quadris mais largos. Arfando

devido ao desejo, ele a explorou dos ombros aos seios até os quadris e coxas.

Devondra formigava com o ressurgir do desejo pelo corpo que se mostrava ultrasensível. O leve toque das mãos ou da boca de Quentin a fazia tremer. Levantando a mão, enroscou os dedos nos cabelos espessos. Não importava o que pudesse acontecer, teria aquele momento como lembrança. Um momento especial. Jamais se esqueceria da paixão dos beijos, da alegria que a consumia ao estar com ele.

Como fogo, os lábios dele a marcavam ao saborear os bicos dos seios com a boca e língua.

— Sua pele é tão macia...

— E a sua é áspera. — Ela riu ao sentir o coração se mexer por amor.

Sem nem mais uma palavra, ele despiu a camisa, chutou as botas e desceu as calças. Perto dela, parecia uma torre, o poder personificado. Ela ficou com a respiração em suspenso ao ver a masculinidade dele, ereta e imponente. Quentin segurou sua mão, conduzindo-a a ereção. Timidamente, Devondra a envolveu, afagando-o com suavidade. Queria contar para ele como se sentia, mas não conseguia encontrar as palavras certas. Em vez disso, decidiu mostrar, imitando as carícias que ele fazia ao escorregar as mãos ao longo do corpo forte. O arfar, o modo como a abraçou, contou-lhe que ele apreciava seu toque.

Abraçando-a e beijando-a por inteiro, ele fechou os olhos, muito além de seu controle ao sentir seu toque, seu corpo nu.

— Relaxe...

Devondra se deitou, os olhos cintilando sob a luz das velas. Quentin a beijou no estômago, subiu para acariciar os seios, depois a cobriu com o corpo. Os dedos desceram, traçando a coluna, em seguida, num ímpeto, agarrou-a pelas nádegas, pressionando-a. Estava se consumindo pelo maior desejo de toda a sua vida.

— Doçura, ah, minha doçura... — Aquela era a mulher que amava. Audaz, apaixonada, responsiva e excitante.

Ela se encaixou nele. Movendo-se numa dança sensual, deixou-o louco de desejo.

A boca seguiu num traçado desde o pescoço até a boca carnuda. Depois, ele se ajoelhou, beijando a suavidade do interior das coxas. Sentiu-a estremecer quando os dedos encontraram o interior das pétalas macias. Com abandono selvagem, ela se abriu para novas descobertas, suspirando profundamente enquanto ele saboreava seu lugar mais íntimo.

Quentin afastou-lhe as coxas, segurando-a para que o recebesse. Languidamente, guiou-se em sua suavidade. Os corpos se fundiram no abraço mais íntimo. Ele ficou imóvel até senti-la relaxar.

— Prenda as pernas às minhas costas. — Sentiu a firmeza das coxas macias apertando-o e gritou.

Ele se movimentou com infinita doçura, sabendo que havia se passado muito tempo. Com a boca abafou o grito de surpresa e deixou-se ficar até que ela acostumassem o corpo à súbita invasão. Depois passou a se mover de modo ritmado, devagar, cada movimento fazendo seu próprio corpo tremer.

Devondra sentia-se consumida pelo calor, pela firmeza. Arqueou-se assustada com as manifestações em seu íntimo, o prazer que sentia ao se moverem juntos. Como haveria de saber que poderia ser assim? Estavam juntos na descoberta final. O ato de amor era o presente maior que aproximava duas pessoas tornando-as uma só.

Sentindo o mesmo que ela, ainda sem ar pelas próprias emoções, Quentin a segurou em seus braços, acariciando-a enquanto permaneciam deitados. Não conseguia obter o bastante. Longe de aplacar o desejo, o que se passou entre eles só fez aumentar a percepção de quanto se importava com ela. Daquele instante em diante, ela seria sua, para todo o sempre.

Um calor envolvia Devondra, gloriosas sensações de mãos macias se afagando.

Todas as partes de seu corpo absorviam as carícias lânguidas e sensuais e se reavivaram sob os dedos questionadores. Com um suspiro suave, deixou-se levar pelas sensações maravilhosas. Abrindo os olhos com vagar, encontrou Quentin deitado ao seu lado, o corpo forte enroscado ao seu e sorriu sonolenta.

— É assim que trata todos os seus prisioneiros?

— Não, só você. — Os dedos subiram devagar pelo braço, parando perto da bandagem. Satisfeito em constatar que as recentes atividades vigorosas dos dois não fizeram o ferimento sangrar novamente, concentrou-se na parte favorita do corpo dela, os seios.

— Quentin...

O braço a segurou possessivamente pela cintura, uma das pernas estava ligeiramente dobrada, pousando sobre as delas, denunciando a intimidade dessa nova fase do relacionamento deles.

— Talvez eu devesse ter me permitido ser capturada antes — ela arfou. Brincando, entrelaçou os dedos e cobriu o rosto imitando a máscara que usava nas estradas.

Ele soou estranhamente solene ao dizer:

— Sem arrependimentos, então? — Acima de tudo, não queria ser alvo do ódio dela novamente.

— Só do fato de termos demorado muito a nos reencontrar — disse sedutora ao pé do ouvido. Isso porque o que se passara entre eles fora incrível e maravilhosamente belo.

— Céus, minha adorável dama, não foi por falta de eu procurar. — Segurando-lhe o rosto na palma da mão, ficou em silêncio somente admirando-a. Por fim, disse: — Eu queria explicar o tinha acontecido. Queria que soubesse que não tive culpa pelo seu pai ter sido...

— Shh... — Ela não queria estragar o momento pensando no malfadado destino do pai. A realidade era uma intrusa, pelo menos naquela hora. Queria se esquecer de tudo a respeito de Cromwell e das desgraças por ele criadas, desejava sentir-se curada da dor sentida nos últimos meses.

— Quentin... — Instintivamente recostou-se a ele, que prontamente reagiu, segurando-a nos braços. O contato dos corpos enviou faíscas que inflamaram um calor luminoso em seu íntimo. — Nós estávamos destinados um ao outro. Sinto isso.

— Nós *estamos* juntos. — Erguendo a mão dela, pressionou os lábios na palma suave. Apoiou o queixo no alto da cabeça, segurando-a perto do coração. O corpo dela era quente, macio e mágico em seu poder de excitá-lo, e mesmo assim, vinha carregado de ternura.

Devondra respirou fundo e deixou um suspiro escapar.

— Juntos. Mas por quanto tempo? — Não poderia ficar ali para sempre. Embora pudesse viver num mundo de faz de conta por uma hora, um dia, talvez até mesmo uma semana ou mais, a realidade sabia se impor. O mundo os alcançaria.

— Eu adoraria poder prometer a eternidade, mas...

A suave luz do dia iluminava os dois amantes. Devondra conseguia ler a preocupação nas feições de Quentin. Uma ruga havia surgido em sua testa, e ela a alisou com os dedos.

— Alguma coisa o está incomodando. Conte-me.

— Acho que Cromwell suspeita de mim. Conheço-o bem. Ele não vai se contentar até satisfazer sua curiosidade. — Cerrou uma mão, depois a relaxou. Queria ser o protetor dela, tomar conta, poder fazer promessas, mas como fazer isso se mesmo seu futuro era incerto?

— E se ele me encontrar aqui? — Uma onda de ansiedade a perpassou, não por si própria, mas por ele.

— Ele não conseguirá! — Não importava o que tivesse de fazer, não a entregaria ao Lorde Protetor. — Você está segura aqui.

Devondra levou a mão dele ao seu rosto e deixou-a ali.

— A minha estada aqui pode significar a sua ruína. Você ficaria muito melhor se eu desaparecesse. — As palavras pesaram em seu coração assim que foram proferidas.

— Desaparecer? — Ela lhe dera os primeiros momentos de amor e paz em muito

tempo. Como poderia se despedir dela? — Não vou deixar que vá embora. — Havia um brilho no olhar dele ao fitá-la. Capturou-lhe os lábios, mordiscando-os com os dentes e boca, com força e determinação, roubando-lhe o fôlego.

Foi um beijo longo e sensual. Um beijo que avivou Devondra.

Os olhos claros refestelaram-se ao observá-la, o poder do encantamento de tanta beleza incendiando-o. Queria tocá-la, conhecer todas as suas intimidades, fazer amor de um modo que não importando o que pudesse acontecer, ela jamais o esqueceria. Pensando assim, iniciou os lentos movimentos que a incendiaram na vez anterior. Tocou-a da curva do pescoço até a parte macia atrás dos joelhos, subindo novamente até a barriga lisa. Seguindo para o seio, espalmou-o e comprimiu-o com suavidade. Ele preenchia sua palma conforme os dedos brincavam e aticavam.

— Você tem os seios mais lindos do mundo.

O toque dele penetrava sua pele num calor sensual, e Devondra ofegou. Arqueando-se, ofereceu-se para uma completa exploração. Ele sabia exatamente como tocá-la, onde se demorar até que seu mundo se focasse na homenagem que ele lhe prestava com as mãos e a boca.

Esticando-se, segurou-o trêmula pelo pescoço.

— Você me salvou de Cromwell, mas quem há de me salvar de você?

Quentin sorriu.

— Acredite, bela dama, tenho provas de que sabe tomar conta de si própria. — Sussurrando-lhe o nome, deitou-se sobre ela, fervilhando de desejo e ao mesmo tempo determinado em fazer amor com langor e consideração.

Devondra não se contentava em somente receber prazer, pois sentia necessidade de agradá-lo também. Com isso em mente, escorregou as palmas por sobre músculos e pele de todo o corpo másculo, reinteirando-se à largura dos ombros e peito. A pele dele era exatamente como se lembrava, macia e firme, ligeiramente mais áspera no feixe de pelos que recobriam o peito, no qual ela pairou, deliciando-se.

— Devondra! — Um suspiro trêmulo escapou. — Se um dia me teve sob seu domínio, esse dia é hoje — admitiu, consumido de desejo.

Ela se deliciou com tal revelação. Sentia-se poderosa com essa confiança, sabendo que conseguia afetá-lo tão profundamente. Continuou a explorá-lo, descobrindo cada centímetro. Em resposta, sentiu o corpo rígido tremer de encontro ao seu.

— Ah! — O som saiu do fundo da garganta de Quentin. Esticando os braços, abraçou-o pelos ombros, abaixando-o. Os lábios se encontraram num beijo ardente que selava a promessa do amor reencontrado. A boca dele brincava sedutoramente com a sua, a língua invadindo-a ao mesmo tempo que a masculinidade a penetrava centímetro a centímetro, movendo-se devagar até que ela ofegasse de prazer. Segurando-a pelas nádegas, ele a ergueu para que ela o envolvesse por completo.

— Paraíso... Isto é o paraíso — ele suspirou, sentindo-se cercado pelo calor dela. Devondra era a personificação do êxtase, marcando seu coração, sua alma.

Dessa vez, o ato de amor entre deles foi lento e langoroso. Ela se arqueou, juntando-se a ele na derradeira expressão de amor, arfando ao se mover, contemplando seus sonhos apaixonados. Seu coração se enterneceu ao gritar o nome dele quando Quentin explodiu dentro dela, fazendo-a sentir o exato momento em que suas almas se uniram numa única.

No silêncio que se seguiu, contentaram-se em se abraçar. A cabeça de Devondra recostada ao peito dele, as pernas entrelaçadas.

— No que está pensando?

— Que eu queria... — *Mais do que tudo, mudar o jeito como as coisas eram.*

— Se desejos fossem cavalos, mendigos poderiam cavalgar — Devondra suspirou, lembrando-se da frase favorita do pai. Todavia, ela também desejava tantas, tantas coisas.

— E a vida seria justa.

— Mas não é — ela disse triste. — Algumas coisas precisam ser aceitas e riscos,

tomados. — Ela fez uma pausa.

— Tudo o que peço é que me ame.

Tocando-a no rosto, ele a beijou.

— Eu amo. Ah, Devondra, eu te amo tanto. — E para provar isso, ele a segurou forte como se nunca mais fosse soltá-la.

Capítulo VIII

O quarto estava escuro. De camisola e com os cabelos soltos, Devondra permanecia sentada na cama, os olhos voltados para o céu, perdida em pensamentos quanto a como passara o dia. O amor conseguia acalmar seu coração mesmo em meio a tanto ódio. Trouxera-lhe paz. Aplacou a solidão e acabou com toda a amargura. Trouxe-lhe um senso de plenitude jamais sentido até então.

— Ah, que emoção abençoada...

Fascinada por tudo aquilo, virou-se de lado para velar o sono de Quentin. Observou a testa larga, a mandíbula, o nariz, o pescoço e as mãos, lembrando-se...

Sim, amava-o, desejava-o. Não haveria dúvidas quanto àquilo dali por diante. Naquele instante ainda conseguia sentir o mundo rodar ao seu redor em decorrência das carícias trocadas. Mas e depois? Para onde iriam depois disso?

Pela primeira vez, arrependeu-se do estilo de vida dos últimos meses. Desejava...

— Mas os dados foram lançados. Sou o que sou. É tarde demais.

Ou não? Fechou os olhos e ousou ter esperanças. Um ruído à janela...

Abriu os olhos de novo e olhou na direção do barulho, que se repetiu várias vezes.

Devagar e com cautela, soltou-se dos braços de Quentin e foi investigar. Afastando as cortinas, olhou para a lua, pendurada no céu tal qual uma bola prateada gigante. Um prêmio tentador. Se ao menos conseguisse puxá-la, teria aquele momento para sempre.

— Só para ter certeza de que ela é tão bonita assim... — sussurrou, distraída por um instante, até ver uma silhueta ao luar. Uma claudicante. — Tobias!

O fiel amigo viera, sem dúvida, resgatá-la. A questão era, queria ser resgatada? Em parte sim. Mas também não. Todavia, tinha de ir falar com ele, avisá-lo que os homens de Cromwell podiam estar à espreita. Determinada, colocou o roupão de veludo de Quentin sobre os ombros.

Silenciosamente, moveu-se até a porta. Estava destrancada. Por certo Quentin presumiu que ela não arriscaria se deparar com os soldados. Deveria tentar? Ou simplesmente seria melhor se despedir de seu querido amigo e ficar para trás?

Não havia ninguém com quem se confidenciar, dependia de si própria para tomar a decisão mais difícil de toda a sua vida. Foi até diante da figura adormecida na cama, pensando. Os músculos salientes eram um chamariz, tentando-a, fazendo com que seu coração doesse ao permitir que a razão predominasse. Havia determinado seu destino na primeira vez em que colocara a máscara, engatilhado a pistola e arriscado a vida nas estradas. Apesar de todos os seus sonhos, era tarde demais para recuar agora.

— Portanto, isto é um adeus. — Não podia pensar só em si mesma. Havia Quentin, acima de tudo. Se permitisse que ele lhe desse abrigo, sua presença um dia arruinaria o

mundo dele. Impossível isso não transformar o amor dele em ressentimento e depois ódio.

E Tobias? Como desertá-lo depois de tudo o que ele fez? Era ele quem precisava dela agora, e não o contrário, a despeito do que ele acreditasse. E também havia Hyacinth, Conan, Sylvester e os outros. Sem sua força, todos eles cairiam vítimas de Scar, ou pior, poderiam tentar assaltar sozinhos as estradas e serem capturados.

Tinha de partir! Todavia, ainda era uma decisão difícil. Parada diante de Quentin, parecia ter criado raízes. Queria tocá-lo, acordá-lo para se despedir.

— Ah, menina tola! — Ele era um magistrado e ela, a mulher mais procurada em toda a Inglaterra. Não interessava o quanto queria acreditar, não havia futuro para eles. Não enquanto Cromwell governasse a Inglaterra.

Com clareza agonizante, soube que seu lugar era em Heath. A despeito disso, sentiu o coração partir ao sair do quarto. O pior ainda estava por vir. No dia seguinte sentiria solidão, tristeza.

A noite estava só um pouco fresca, mas ela tremeu ao apertar o roupão nos ombros e sair para a escuridão. Descalça, foi para o lugar onde vira o companheiro parrudo.

— Senhorinha! — A voz estava carregada de alívio e afeto ao cumprimentá-la. — Por aqui. — Escondido nas sombras, ele orgulhosamente mostrou o cavalo que havia "emprestado" para aquele resgate.

— Tobias... — Por um segundo sentiu-se tentada a mandá-lo embora, pelo menos até ele relatar os perigos enfrentados para ir até ela.

— Temos de nos apressar! Sylvester está vigiando a estrada logo ali, mas não temos muito tempo até que a patrulha retorne.

— Tobias... — Ela olhou para a mansão de novo, hesitando com tantas lembranças maravilhosas daquele dia.

— Senhorinha! — Com suavidade, ele a tocou no braço machucado. — Ele cuidou de você, mas eu não duvidava mesmo que ele fizesse isso.

— Sim, ele cuidou de mim. — *Com tanta ternura...*

— Quem sabe, então, nós o poupamos no futuro, não é? — Ele riu.

— Talvez... — Devondra engoliu as lágrimas. Montou no cavalo e sentiu um vazio enorme e inédito.

Foi o silêncio ou uma voz interior que o despertou? O que quer que fosse, Quentin abriu os olhos e mudou de posição. A cama estava vazia.

— Devondra! — De algum modo, soube que mesmo que procurasse em todos os cantos, ela não seria encontrada. Entretanto, não sossegou até fazer isso.

Vestindo as calças às pressas, desceu as escadas.

— Sra. Vickery!

A governanta, assustada com o tom grave dele, quase derrubou a bandeja quando ele entrou apressado na cozinha.

— Onde ela está? Aonde ela foi? — Em sua sandice, esperava de fato que Devondra se materializasse no ar tal qual um fantasma.

— Ela saiu? — A surpresa nas feições da senhora era prova clara de que ela não sabia de nada.

— Com a minha camisa de noite, a tola!

— Ah, coitadinha...

Quentin lutou para controlar seu temperamento, mas não conseguia deixar de se sentir traído. Tivera tanta certeza que seu amor bastaria para mantê-la ali que se esqueceu de trancar a porta. Ai, dele! Sua adorável hóspede tirara vantagem desse fato para fugir. Que tolo tinha sido!

— Como pôde? Como pôde ser tão insensata? — Cerrando as mãos, voltou a subir.

Vestiu-se o mais rápido que conseguiu e seguiu para o estábulo, determinado a encontrá-la antes que alguém mais ameaçador o fizesse.

O trajeto foi permeado de perigos. Tobias e Devondra cavalgaram pelo que pareceu uma eternidade, olhando para trás de tempos em tempos para se certificarem de que não estavam sendo seguidos. Aliviada Devondra viu que, apesar de alguns soldados estarem poucos quilômetros atrás deles, não havia ninguém à frente.

— Nós os perdemos.

— Pelo menos por enquanto.

Cientes de que não tinham tempo a perder, continuaram em frente. Aquele era o território deles, uma região que conheciam na palma da mão. Que a patrulha tentasse capturá-los... Devondra bem sabia que podiam fazê-los andar em círculos.

Passaram por campos férteis e bosques antes de chegarem à estalagem. Pegando a dianteira, Tobias balançava na sela, olhando na direção de Devondra que mantinha a pose apesar de estar descalça e apenas parcialmente vestida. Sentiu que o pai dela ficaria definitivamente orgulhoso. Com os cabelos soltos ao vento, era uma visão e tanto.

— Você está parecendo uma deusa celta ou viking — ele observou. — Não pode nos fazer voar?

— Bem que eu gostaria — ela respondeu jovial apesar de o balanço do cavalo e a pegada nas rédeas extenuarem seu braço dolorido. Além disso, as pernas nuas estavam desacostumadas à fricção causada pelo contato com montaria e sela, protegidas apenas pelo tecido fino da camisola. Entretanto, não era dada a reclamações. Assim que chegaram a um terreno conhecido, incitou o cavalo a galopar, logo ultrapassando o amigo.

— Espere! — exclamou ele, alcançando-a. Juntos explodiram numa galopada através da campina. — Parece que a resgatei bem na hora, pois nunca a vi tão ansiosa em retornar para a King's Head — observou ao diminuírem o ritmo.

— Ansiosa? — Tristonha, ela olhou por sobre o ombro, perguntando-se se Quentin já notara sua partida. O que ele pensaria? E sentiria?

— Ah, preocupada também... Devo acreditar que não estava muito ansiosa em partir, então?

O silêncio respondeu por ela.

— Bem, não fico surpreso. — O tom dele era paternal. — Preocupa-se com ele. Por que não admite o que sente?

Devondra não estava com vontade de falar dos assuntos do coração. Temia que, se abaixasse a guarda, cederia às emoções, portanto, obstinada, disse:

— A única coisa que "sinto" é dor. — Indicou o braço enfaixado.

— Ah! Não acredito! — Enfaticamente, Tobias sacudiu as rédeas. — Assim como não acredito que ele não tenha sentimentos por você.

— Deus meu, não duvido que ele sinta vontade de torcer o meu pescoço — sussurrou, olhando mais uma vez para trás. Ele a seguiria ou estaria bravo demais para tanto?

Galopando na noite pelo que parecia horas, Quentin, de fato, a perseguia, determinado a ter nem que fosse um vislumbre de Devondra. Cerrando os olhos ao perscrutar o horizonte, contudo, só sentia frustração. Ela sabia cobrir seus passos muito bem.

— Mas se eu estiver certo, ela está indo na direção de Heath.

Fazendo o cavalo atravessar um dos numerosos córregos que desembocava no Tâmis, Quentin seguiu naquela direção. Foi uma decisão que no fim se mostrou sábia.

— Devondra! — A despeito de ser apenas uma centelha no horizonte, sabia que se tratava dela. A camisola branca atuava como uma flâmula, chamando-o. Com um sorriso suave, rapidamente diminuiu a distância entre eles, que pareciam ter tomado a estrada para

Teddington.

Seguindo a uma distância segura, Quentin discretamente cavalgou atrás da silhueta branca. Ela e Tobias passaram por bosques e hortas, no meio da vila tranqüila permeada de casinhas com telhados de sapé.

Devondra se movia com graciosidade e confiança em meio à escuridão, os pés descalços não emitiam som algum. Do mesmo modo, Quentin tomou cuidado para que ela e Tobias não o percebessem. Amarrando o cavalo a um cedro, moveu pelas sombras, vendo quando ela entrou num estábulo.

Os anos na guerra o beneficiaram com a habilidade de se mover sem ser percebido e de ouvir coisas que outros homens seriam incapazes. Essas duas habilidades foram colocadas à prova naquele instante. Passando pela porta, grudou à parede, abaixou-se e esperou.

Devondra acendeu uma lamparina e a pendurou num gancho antes de cuidar do cavalo.

— Quando o perigo tiver passado, quero devolver o cavalo a Quentin, Tobias. — Não desejava que ele a considerasse ladra de cavalos, além de todo o resto.

— Devolvê-lo? — Tirando as rédeas da própria montaria, Tobias ficou pensativo. — Nunca considere devolver nada a ninguém.

— Temos de fazer isso. Eu não queria roubar de Quentin Wakefield, Tobias. — Puxando a manga do roupão, constatou que não queria roubar mais ninguém. Nunca mais. Estranho como algumas poucas horas podiam mudar uma pessoa.

— Então por que o fez? — Saindo das sombras, Quentin moveu em sua direção.

Surpresa, Devondra retrocedeu. O muro bem construído ao redor de suas emoções ruiu.

— Como...?

Por um longo momento, ele somente a observou. O modo como a camisola se agarrava às curvas perfeitas era tentador. Depois explicou, indicando a peça de roupa.

— Isso serviu de flâmula, indicando o caminho o tempo inteiro.

— Assim conseguiu me espionar. — Sentia-se vulnerável. O coração reverberava nos ouvidos. Estranho como conseguia sentir irritação e enlevo ao mesmo tempo.

— Devondra...

Fitaram-se por uns instantes, duas silhuetas na semiescuridão, avaliando as conseqüências daquele encontro. Por fim, Quentin esticou a mão e a segurou pelo ombro, os dedos quentes derretendo em sua pele.

— Volte. Ficar aqui só trará um fim trágico.

— Sei tomar conta de mim! — ela ralhara.

— Pode mesmo? — O tom áspero era atenuado pela gentileza do toque das mãos em suas faces.

— Tenho de fazer isso. — Ainda assim, ela tremia de vontade de se apoiar nele, buscando segurança e amor no calor daqueles braços. Em vez disso, afastou-se, seguindo para a porta. — Volte para o seu mundo, Quentin, pois me recuso a abandonar o meu.

— Voltar! — Cruzando os braços diante do peito, resolveu ser tão obstinado quanto ela. — Não. Agora que conheço seu esconderijo, pretendo ficar nesse jogo de espera até que você, cara senhora, volte ao seu juízo.

Ele estava tão arrogante e seguro de si que ela se enfureceu.

— Jogo de espera? Bem, prepare-se, pois a espera será longa, visto que não costumo desertar meus companheiros.

— *E eu não vou desertar você!* — Dito isso, ele se sentou num monte de feno, tentando ao máximo se sentir à vontade.

Quentin permaneceu acordado no escuro do estábulo, tremendo de frio ao se aninhar em seu manto.

— Mulher teimosa!

Vai acabar sendo enforcada... O que tinha na cabeça para fugir do abrigo seguro oferecido por ele e ir direto para aquele buraco no inferno? E o que *ele* tinha na cabeça para segui-la?

Ouviu os barulhos dos cavalos nas baias e o vento uivando, e se admoestou por ser o maior tolo na face da terra.

— Que belo cavaleiro de armadura brilhante. — Sua atenção e preocupação não eram apreciadas. A mocinha atrevida o dispensou sem cuidado algum, agindo como se *ele* estivesse errado.

Bem, ao diabo com ela e seus comparsas... Se ela não dava ouvidos à razão, ele a deixaria se sacrificar tal qual um cordeiro. Partiria dali ao raiar da manhã...

Não. Jurara esperar e era exatamente o que faria, mesmo que isso significasse dormir no feno sem nem mesmo um travesseiro. Ah, mas como ansiava em ter Devondra em seus braços, o corpo junto ao seu, aquecendo-o. Só de pensar nela, doces lembranças, sonhos e desejos retornavam.

Sentada numa cadeira perto da cama diante da lareira vestindo apenas uma camisola de flanela, Devondra observava as chamas. Tinha provocado uma tremenda confusão. Nada saiu do modo como planejava.

Tinha partido da Mansão Wakefield para afastar o perigo de Quentin por meio de sua associação, contudo lá estava ele, em Teddington. Recusando-se a dar ouvidos ao bom-senso, ele insistia em permanecer para vigiá-la.

— E me proteger? — Entristecida, balançou a cabeça. Por ter se misturado a ladrões e bandidos, era ele quem precisaria de proteção. Todavia, ela não conseguia negar que, em parte, estava contente por ele estar lá. Afinal, não olhara para trás na estrada vezes sem conta na esperança de que isso mesmo acontecesse?

Eu não queria que a minha partida representasse o fim. Contudo, como poderia manter as esperanças de que o amor deles pudesse sobreviver? Ela não se encaixava no mundo de Quentin. Sua mera presença representava um grande perigo para ele. O mesmo poderia ser dito da intromissão dele naquela noite. Ficar em Heath era perigoso e colocava a ambos em risco. E mesmo assim, não conseguiu fazê-lo partir.

— A menos que eu vá com ele.

Recostando-se na cadeira, envolveu os joelhos com os braços. Fechou os olhos, tentando imaginar como seria sua vida na Mansão Wakefield. Tranqüila. Serena. Confortável. Isto é, até que perguntas sobre o seu passado comesçassem a surgir.

— Ele não poderia me esconder para sempre.

Haveria conhecidos e amigos que iriam até a casa, como pessoas normais costumam fazer. Lady Isso e lorde Aquilo insistiram em conhecer a jovem que, pelo que ouviam dizer, Quentin Wakefield mantinha escondida. Ele seria forçado a fazer algum tipo de apresentação.

"Permitam que eu apresente a mulher que amo, Devondra Stafford", ele diria, desejando que ninguém a reconhecesse sem a máscara e a pistola.

Devondra já conseguia imaginar a excitação de todos na sala de estar, procurando vê-la. Depois de tudo, ela temeria ouvir o inevitável.

"Deus, algo nessa mulher me é familiar". "Qual o nome dela mesmo? Stafford?"

Ela esperaria nervosa até o momento do reconhecimento ao se lembrarem de seu pai, mentalmente fazendo uma lista dos bens que ele lhes tomara. E ela também.

Poderia trocar de nome. Criar uma nova identidade. *E viver numa mentira pelo resto da vida.* Uma mentira que um dia cairia em suas cabeças. Todos sabiam que Cromwell era intrometido, alguém que logo a faria assunto seu. E depois? Qual seria o preço a pagar? A fortuna de Quentin? O futuro dele? A própria vida?

Estremeceu, tentando afastar esses pensamentos negativos, procurando substituí-los pela esperança. Talvez as coisas não fossem tão ruins assim. Quiçá o amor, como diziam os poetas, pudesse triunfar? Talvez...

Lembrou-se da paixão partilhada, da dedicação demonstrada por ele em procurá-la. Uma dedicação que, certamente, não foi recompensada.

Devondra se pôs de pé. Descalça, seguiu até a janela, olhando para o estábulo. A noite estava fria, afinal estavam no meio do outono, o inverno se aproximava. Quentin estaria sentindo frio. E sozinho. Ou não?

A lembrança da boca cálida, da voz profunda a atormentavam de desejo. Imaginou os braços fortes ao seu redor, segurando-a, afagando-a. Lembrou-se como os corpos se moldavam e como ele teceu uma teia de encantamento em volta deles com seu amor.

— Eu queria...

Apagando a vela ao lado da cama, tirou a roupa, deixando-a na coluna da cama. Parada ao lado do colchão fofo, deixou os cabelos soltos pelos ombros, acariciando-lhe as costas. Uma sensação erótica e sensual se espalhou pelo seu corpo, fazendo com que desejasse ter Quentin ao seu lado.

Ele estava tão perto... Por que tinha de ficar só se era assim?

Rápido, antes que mudasse de idéia, voltou a vestir a camisola. Pegou um roupão e um cobertor, seguindo pela porta e descendo as escadas, sentindo o coração leve ao ir ao encontro dele.

A noite escura e silenciosa só era quebrada por um fio de luar que iluminava os passos de Devondra até o estábulo da estalagem. Quase tropeçando na barra da camisola duas vezes, sentia-se de bom humor ao ver a pesada porta de madeira. Com isso começou a cantarolar. A porta rangeu quando ela a afastou com o joelho. Parou de cantar ao entrar. Lá dentro estava bem escuro. E silencioso. Os animais tinham parado de se mexer e descansavam nas baias. Devondra hesitou um instante na soleira antes de entrar. Os passos eram leves, contudo, o som ainda era discernível no completo silêncio.

Temendo fechar os olhos e dormir, Quentin estava atento a um estalido no teto do estábulo quando viu o feixe de luar entrando pela fresta da porta. Agora se concentrava no invasor que entrava. Como um gato dando o bote, avançou.

— Ah! — ela exclamou ao sentir uma mão no ombro.

— Devondra! — A mão afrouxou. — Não sabia que era você e temi que... — Lembrando-se do braço ferido, perguntou: — Eu a machuquei?

— Não. — Estranho, mas agora que estava ali, sentia-se tímida. — Eu... Eu vim para...

— Para brigar comigo de novo. Bem, deixe dizer, mais uma vez, que... — Deteve-se ao ver que ela trazia um cobertor e parou seu discurso ao perceber que ela só estava preocupada com seu conforto. — Para mim?

— E para mim — ela sussurrou, jogando o cobertor sobre o feno.

Quentin a segurou pelo rosto. Ah, como ela estava adorável, com o cabelo solto e um sorriso nos lábios.

— Posso ter esperanças de que isso seja um convite? Devondra fingiu recato.

— Ou simplesmente sinal de minha preocupação e compaixão. As noites são bem frias por aqui nesta época do ano.

— Ficam mesmo. — Ele a trouxe para si. — E solitárias, sem dúvida. — Beijou-a de leve. Como ela não se afastou, mas sim se apoiou nele, Quentin a beijou apaixonadamente.

Fechando os olhos, Devondra deleitou-se com as fagulhas que sempre se acendiam quando estavam juntos. O tempo pareceu parar ao aprofundarem o beijo. Estavam capturados num feitiço...

O som de um galho partindo rompeu o encantamento de pronto. Afastando-se de Quentin e se virando, Devondra viu a personificação do pior de seus temores na porta.

— Scar! — A voz não passou de um tremor.

— Não a assustei, assustei? — Seus modos diziam claramente que essa tinha sido sua intenção.

— Não. — Há quanto tempo eram observados? — O que faz aqui?

O pulsar do rosto dele transformou a cicatriz num sinal macabro.

— O estalajadeiro reclamou da presença de ratos no está-bulo. Vim para exterminá-los.

— Você? — A postura dela era de desafio, não obstante mantivesse o pânico controlado por pura obstinação. Scar era um sério perigo para Quentin. — Seria mais fácil acreditar se você se juntar a eles.

Ainda que claramente ofendido pelo comentário, o salteador resolveu ignorá-lo, voltando sua atenção para Quentin.

— Quem temos aqui? Um recém-chegado ao seu bando de mendigos?

Quentin começou a se apresentar, mas Devondra não permitiu que o fizesse.

— Sim, um acréscimo ao séquito da Dama Notável.

— Deveras!

Percebendo o olhar gélido do estranho, Quentin o considerou um dos mensageiros de Satã. Longe de se sentir compelido a partir, isso só o deixou mais determinado. Se aquele era o tipo de homem que perambulava por Heath, jamais partiria sem levar Devondra consigo.

— Bem vindo a Heath. — Scar disse, avaliando-o e resolvendo que, por fim, encontrara alguém à sua altura. Entretanto, não conseguiu se conter e disse: — Aviso, porém, que é preciso haver honra mesmo entre ladrões. O que é meu espero que me seja dado sem reservas.

— O que é seu, Richard Warrick — Devondra rebateu, perdendo a cabeça —, é um encontro mais do que tardio com o carrasco!

Imediatamente a mão dele se fechou sobre seu braço, se propositadamente sobre o ferimento, não seria possível saber. Devondra, porém, empalideceu e arfou ao sentir a dor se espalhar.

— Solte-a! — Com um rugido enfurecido, Quentin partiu para cima do salteador.

O som dos murros preencheu o recinto. Foram ao chão e rolaram ao lutar. Devondra nada podia fazer além de testemunhar a troca de socos. Quentin logo ganhou um corte no supercílio; Scar teve o lábio cortado e respirava superficialmente. Mesmo assim, não pararam.

A luta prosseguiu até que Quentin sentiu a cabeça latejar e luzes pipocarem diante dos olhos. Não tinha, porém, a intenção de ceder. Homens como aquele só poderiam tirar vantagem disso, tomando como sinal de fraqueza. Instintivamente sabia que teria de ficar o pé e deixar claro que não cederia diante de um provocador.

Quando por fim seu oponente se mostrou cansado e a poeira assentou, isso provou ser verdade. Embora os olhos do salteador estivessem repletos de ira, havia outro brilho ali: respeito.

— Não é a última vez que me vê! — Scar sibilou entre dentes, se levantando lentamente. — Juro que um dia eu lhe causarei tanta dor que vai desejar nunca ter nascido! — Dito isso, gesticulou e jogou o casaco sobre os ombros num floreio para em seguida sair do estábulo tão silenciosamente quando havia entrado.

O pátio estava prateado sob o Luar brando quando Quentin e Devondra seguiram para a estalagem. Transtornados pela intromissão de Scar, resolveram que seria muito melhor ficar entre os clientes da estalagem.

— Homem simpático, não? — Quentin resmungou, tocando o olho dolorido. — Espero que os outros não sejam como ele.

— Não são. — Com suavidade ela limpou o sangue. — A despeito de nossa profissão, descobrirá que mesmo os salteadores são humanos. — Estremeceu. — Exceto, talvez, por Scar.

— Scar — ele repetiu o nome com repulsa. — Ouvi muitas coisas a respeito desse bandido assassino. Agora sei que os rumores não faziam jus ao bastardo! — Pareceu-lhe perfeitamente natural passar o braço protetoramente ao redor dos ombros dela ao pensar no confronto com o homem.

Ela era sua. Daquele momento em diante, para sempre. — Não quero me afastar nunca de você!

Lembrando como ele partira em sua defesa, Devondra se recostou nele, sorrindo ao sentir os lábios sobre a testa e descendo pela mandíbula.

— Nem quero que faça isso.

A emoção que ele sentia comprimiu-lhe a garganta e sua voz saiu entrecortada.

— Quero fazer amor com você. Agora e sempre.

— E eu quero que volte a me amar, já que sei os prazeres que pode me proporcionar!
— Devondra arqueou-se contra ele de modo sensual, deslizando as mãos pelo torso forte até o abdômen bem definido.

— Ah, você sabe ser tentadora. — Os olhos de Quentin fixaram-se no estábulo enquanto os dedos provocavam-lhe os seios. — Mas acho melhor procurarmos um lugar mais seguro.

Segurou-a pela mão ao abrir a pesada porta de madeira. Dentro da estalagem a escuridão era total, nem mesmo uma vela acesa.

— Todos já devem ter ido dormir.

Devondra deteve-se um segundo para escutar antes de seguir Quentin. Tentou andar silenciosamente, mas cada passo parecia fazer as tábuas explodirem no silêncio.

Quentin a conduziu até as escadas.

— Quentin... — Ela levantou os braços para enlaçá-lo pelo pescoço, os seios pressionando o peito dele. — Obrigada.

Ele escondeu o rosto nos cabelos volumosos, aspirando o perfume cítrico que ela sempre usava.

— Pelo quê? Por me importar?

— Sim. — *E por muito mais.* — E por reavivar meu coração. — Seu corpo se arqueou quando ele a acariciou. Os dedos pareciam estar em todas as partes, incendiando-a ao tocá-la.

Sem nada dizer, Devondra aquiesceu com um sorriso trêmulo nos lábios. Recostou-se nele e traçou o contorno dos lábios com o indicador.

— Não acha que um colchão de plumas seria muito mais confortável para dois amantes do que o chão duro?

— Muito provavelmente.

Rindo, ela o empurrou escada acima, conduzindo-o ao terceiro quarto da esquerda. Abrindo a porta, acendeu apenas uma vela antes de fazer um gesto que abarcava o cômodo.

— Meu castelo...

Quentin olhou ao redor do quarto. Havia uma colcha colorida sobre a cama, renda nos travesseiros, um gancho na porta cheio de anáguas e uma camisa. Uma boneca ruiva vestida numa roupa gasta de cetim verde chamou sua atenção, pois tinha lugar de destaque na cabeceira da cama.

— Ganhei de meu pai. De todas as minhas coisas, é Elizabeth quem eu mais prezo.
— Pegando-a, fitou-a por um bom tempo antes de colocá-la na cadeira ao lado da cama.
— Éramos ricos naquela época. — Num passado muito longínquo.

— O único brinquedo que possuí foi um navio em miniatura. — Que fora trazido pelo pai como presente para sua mãe no regresso de uma das muitas viagens por esses mares. Balançou a cabeça com tristeza ao se lembrar do dia em que o padrasto o destruíra com uma pisada proposital. — E nós éramos muito pobres.

— A guerra mudou muitas coisas para nós, não é mesmo?

— É o que parece. — Perguntou-se se ela, como tantos outros, tinha sofrido. Se tinha passado fome... Frio...

— Meu pai sonhava em um dia voltar para nossa casa antiga. — Um sonho nunca realizado...

— Devondra... — A respiração cálida a atingiu quando ele se aproximou para tocá-la na orelha.

Parado diante dela, tão perto, com poucos centímetros a separá-los, ele a despiu lentamente, tirando primeiro o roupão, em seguida a camisola que escorregou até o chão.

— Tão linda... — sussurrou, inclinando-se para beijar um seio, depois o outro. Devagar, também tirou as próprias roupas, deixando-as cair onde quisessem.

Devondra se moveu ao seu encontro, sentindo a pele queimar ao se recostar. Se antes ela tinha sentido frio, agora ardia.

— Seu cabelo está embaraçado. — Ele sentia um prazer enorme só de passar os dedos pelos longos fios.

Ela sentia os movimentos ritmados dos dedos que evocaram um farfalhar em seu estômago. Um tremor subia e descia pela espinha. Encostou-se à mão firme, deleitando-se com o momento.

Os dedos de Quentin deixaram a maciez dos fios sedosos e foram para os ombros. Contento apenas por poder observá-la naquele instante, cedeu à fome por estar perto dela e à vontade de fazer amor que o consumira a noite inteira. Agora o sonho podia se tornar realidade.

— Está aquecida?

Ela assentiu, escondendo o rosto no peito dele ao ser suspensa nos braços fortes que a carregaram até a cama, gentilmente abaixando-a até o colchão macio.

Fixando o olhar hipnótico, Devondra sentiu um carinho profundo por ele. Estendendo o braço, trouxe-o para junto de si. Sentia as batidas compassadas do coração dele em sintonia com as suas.

Acariciando-a e beijando-a, ele deu atenção a todas as partes do corpo dela, e Devondra respondeu com uma paixão que reacendeu seu amor. Sentia o corpo intoxicar-se por todas as sensações provocadas, mas naquele momento, tudo o que queria era sentir-se plena na maior das emoções.

Antes tímida em suas demonstrações de afeto, Devondra não queria mais conter suas emoções. Afagando-o, explorou o corpo de Quentin com ousadia, deslizando a mão pelos músculos bem definidos dos braços e peito, descendo pelo ventre. A pele era quente por onde quer que passasse, pulsando com uma energia puramente masculina. Ao fechar os dedos ao seu redor, Quentin gemeu.

— Devondra! — O desejo se assemelhava a um fogo infernal, pulsando em suas veias. O corpo inteiro tremia de vontade de se cravar naquela maciez, porém se conteve, provocando as pétalas da feminilidade dela até que ela estivesse realmente pronta para recebê-lo. A pele suave ardia ao encontro da sua ao entrelaçarem as pernas.

— Me ame. Agora... — Ela sussurrou. O desejo frenético era praticamente insuportável. Afastando as pernas, guiou-o com um ardor jamais demonstrado. Contorcendo-se de prazer, ela se transformou em fogo líquido debaixo dele ao se mover no mesmo ritmo apaixonado. O prazer os fundiu, ainda que a ternura se fizesse presente em meio a tanta fúria. Falavam com seus corações, mãos e corpos as palavras jamais emitidas até o fim da explosão de amor.

Na calmaria após a tempestade, quando a paixão arrefeceu e eles jaziam deitados, enroscados um no outro, selaram os votos de amor com palavras sussurradas. Suspirando de felicidade, Devondra se aninhou a ele, contente.

— Eu te amo. — Quentin depositou beijos suaves na testa.

Ela murmurou sonolenta e se esticou, as pernas delgadas se esfregando nos pelos ásperos das dele, incitando-o novamente. Ele a beijou nos lábios com a intenção de fazer amor de novo, mas notou que ela já havia adormecido.

Deitada ao seu lado, com os cabelos escuros espalhados, ela parecia tão frágil, tão pequena... Mas ele conhecia a força e a determinação que ela tinha. O amanhã poderia trazer problemas, quiçá perigos, porém ele sabia que Devondra encontraria um modo de

sobreviver. Ela era astuta, corajosa, leal e cheia de determinação para tirar proveito de qualquer situação. Talvez, de fato, eles tivessem muito a aprender um com o outro nos dias que se seguissem.

Raios brandos de sol se infiltravam pelas frestas das venezianas da estalagem. Logo abaixo da janela, um galo cantou, fazendo Devondra ver que um novo dia se aproximava. Espreguiçando-se, abriu os olhos e encostou em carnes firmes. Quentin. Ele viera até ali, fazendo jus às suas promessas quanto aos "amanhãs". O braço a segurava pela cintura, o calor de seu corpo a aquecia por estarem tão próximos.

O som da respiração ritmada fez seu coração acelerar. Sentiu-se corar ao se lembrar das palavras ditas, das coisas feitas. Sem dúvida fora ousada, mas gostar tanto dele a tornou atrevida. Parecia que uma devassa habitava dentro dela, uma mulher ardente que reagia livremente a Quentin.

— Amante... — sussurrou. No passado essa palavra tinha uma conotação negativa para ela, mas sentindo-se como se sentia a respeito dele, não conseguia acreditar que a paixão que partilhavam pudesse ser errada. Ele sabia exatamente como tocá-la, por quanto tempo acariciá-la, todos seus pontos sensíveis. Nos ataques de beijos e carícias, ele sabia como renovar o seu desejo até o êxtase absoluto.

Erguendo-se sobre o cotovelo, olhou para ele com infinito carinho, pois ele parecia muito mais jovem adormecido. Nem um pouco o imponente magistrado da Inglaterra. Aninhado ao seu lado, o corpo vigoroso relaxado na cama como se ele não tivesse sequer uma preocupação. Esticando a mão, afastou uma mecha de cabelo que caíra sobre a testa e viu que desejava protegê-lo tanto quanto ele queria protegê-la. Queria fazê-lo feliz. Seria capaz disso?

Parecia que sim. As feições eram as de um homem tranquilo. Suspirando, lembrou-se dos beijos, das carícias, do momento inspirado em que ele a tornara mulher. E a noite anterior fora igualmente mágica, talvez ainda mais. Lembrava-se dos olhos reluzentes carregados de desejo, dos lábios trêmulos ao beijá-la.

Um dia talvez tivesse corado ao pensar que um homem conheceria tão bem o seu corpo, mas com Quentin isso parecia tão natural quanto respirar. Tal pensamento a fez sorrir ao se espreguiçar novamente. Sentia-se feliz e abençoadamente sem preocupações.

Era tudo bem simples. Ele era seu homem e ela era a mulher dele. Por mais que quisesse um compromisso maior, pois mais do que tudo desejava ser a esposa dele, o que tinham bastava por enquanto. O quer que acontecesse no futuro, nunca lamentaria o que tinham dividido. Muito mais perturbadora era a ideia de nunca ter experimentado a alegria do amor dele.

Inclinando-se para a frente, beijou-o de leve, sorrindo ao ver que ele remexia os lábios lentamente.

— Devondra? — Quentin abençoava a alegria de encontrá-la em seus braços, dos cabelos negros se espalharem com um manto pelos ombros. Sorriu. — Bom dia, bela dama. Que bela surpresa.

— Também é para mim. — Aninhou-se nos braços dele, repousando a cabeça no ombro, enroscando-se nele. — Imagino que tenha dormido bem, sem o feno cutucando-o no nariz — disse com uma risada.

— Sim, dormi muito bem. Nossas agradáveis atividades noturnas sempre me fazem dormir como um anjo.

Levou a mão do quadril para a coxa. Semanas de frustração e preocupação pareciam ter desaparecido. Ela era sua! Por fim recuperara a doçura de seu corpo. Paraíso, isso é o que o corpo de Devondra representava. Ela o tornara o homem mais feliz do mundo.

— Gostaria de acordar todos os dias com você ao meu lado. — Mas ele não estava certo quanto ao que o futuro lhes reservava. A despeito de seu sorriso, havia um sinal de preocupação na ruga da testa. — Devondra...

— Shh! — Ela não queria estragar a manhã permitindo que a realidade se

intrometesse. Sabia exatamente o que ele ia dizer... Ele falaria do perigo que ela corria. — Precisamos nos contentar com o momento que temos juntos, não importando se ele seja breve.

Ele começou a falar, mas foi novamente silenciado. Ela precisava dizer uma coisa.

— Se... se o pior acontecer, Quentin, se por um infortúnio eu for... for mandada para a força, quero que saiba que me presenteou com algo memorável e lindo.

— Não! — O simples pensamento já era doloroso demais.

— Sim. — Pelo estilo de vida escolhido, sua captura era uma possibilidade real que ela já aceitara.

— Ah, Devondra! — Espalmando o queixo, beijou-a com ardor. Escorregando a mão pelo corpo, afagou-a com suavidade.

Devondra fechou os olhos ante as sensações já familiares que se aproximavam. Querendo provocar as mesmas sensações, tocou-o sensualmente. Em seguida rolaram na cama, afundando na maciez do colchão. Ela se deliciou com a firmeza do corpo rígido sobre o seu.

Uma batida forte à porta os interrompeu. Levantando-se, Devondra olhou preocupada para a porta.

— Devondra? — Era Tobias.

— O que foi? — Ela se esforçou para parecer sonolenta.

— Sylvester foi preso.

— Preso! — Saindo da cama, ela cobriu a nudez com um lençol e foi até a porta. — Como? Quando?

Parado na soleira, Tobias deixou a cabeça pender.

— O tolo foi assaltar sozinho ontem à noite. Parece que caiu numa armadilha.

— Uma armadilha! — Lembrando-se do pai, cerrou os punhos e olhou por sobre o ombro para Quentin. A expressão de surpresa no rosto dele o exonerou, contudo.

— Sim, uma armadilha. — Tobias começou a entrar, mas ao olhar para a cama e ver que Quentin estava lá, corou e retrocedeu. — Assim como aconteceu com seu pai. — O homenzinho cerrou o punho. — Acho que temos um traidor entre nós.

— Um traidor?

— Sim, e acho que sei quem pode ser. — Houve uma breve pausa, após a qual ele e Devondra disseram em uníssono: — Scar!

No salão da estalagem, o cheiro de vinho, de uísque e de cerveja se misturava ao de cavalos e de suor. As batidas das canecas preenchiam o ambiente, misturando-se ao riso e às conversas animadas. A fumaça do fogão tornava o ar pesado. As chamas das lareiras tremulavam, iluminando as feições dos clientes. Expressões que Quentin tentava decifrar, sentado numa das mesas de canto.

— Amigos, ela os considera — murmurou, prestando especial atenção naqueles que ela lhe mostrara. — Se me perguntar, são o grupo mais ímpio que já se juntou.

Fechou a cara ao ver o mal humorado Conan parado perto da porta. Os olhos pequenos e o modo como ele desviava o olhar denunciava um caráter duvidoso. E Barnaby, alto e magro, o ladrão atrapalhado que ele pegara espiando pelos buracos das fechaduras. Outro sujeito questionável. Sem falar dos outros malandros, ladrões e, só Deus sabia, o que mais se reunia sob o teto daquela estalagem. Homens que Quentin queria ver atrás das grades ou pendurados na ponta de uma corda. Mesmo o estalajadeiro, moreno, barbudo, sem dentes e com um tapa olho parecia ter fugido de Newgate.

— Este lugar não serve para Devondra! — Em meio àquele aglomerado, ela parecia um cisne misturado a tantos patos feios. De algum modo, teria de afastá-la dali, mesmo que carregada.

— Ah, aí está você. — Tobias sorriu ao cumprimentá-lo ao se sentar na cadeira ao lado.

— Sim, aqui estou eu — Quentin respondeu breve.

— Sentado de mãos vazias. — Tobias o admoestou de bom humor. — Bem, permita-me trazer um pouco de alegria. — Batendo na mesa, o pequeno ladrão chamou a criada da taverna. — Cerveja.

— Cerveja. — Fitando Quentin sem cerimônia, ela se demorou. — Mais alguma coisa? — Apesar de se dirigir a Tobias, oferecia uma espiadela dos seios volumosos para Quentin.

— Uma travessa de pão e queijo — Tobias responder sem sorrir.

— Pão e queijo — ela repetiu sedutoramente.

— Duas cervejas, uma travessa de pão e queijo e *nada mais* — ele resmungou, dando um tapinha nas nádegas dela para que ela saísse dali. — Safada, essa aí! — replicou por entre dentes. — Está claro que necessita de uma lição de boas maneiras com Hyacinth.

— Hyacinth?

Tobias apontou para o outro lado do salão, onde uma raiva voluptuosa conversava com dois homens em trajes um tanto puídos.

— A melhor amiga de Devondra; quem cuidou dela depois que a mãe morreu. — Havia um brilho suave no olhar de Tobias. — Ela é uma boa mulher.

Quentin não se convenceu com tanta facilidade. Ainda assim, divertiu-se ao ver que ela se desvencilhava com destreza dos avanços dos companheiros. Aquela sabia cuidar de si, como demonstrado ao derrubar o conteúdo da caneca de cerveja no colo do perseguidor.

Tobias tocou na mão de Quentin.

— Não julgue Hyacinth nem nenhum de nós antes de saber o que passamos. Apesar de nossa aparência, alguns de nossos corações são feitos de ouro.

— Ou pedra bruta — Quentin interveio, indicando Scar.

— Ah, bem, Scar — Tobias sussurrou. — O pretense rei das estradas e, sinto dizer, maior inimigo de Devondra.

— Por quê? — Quentin precisava saber. Tobias deixou um suspiro escapar.

— Por várias razões. Mas a principal, imagino, foi Jamie ter sido o homem quem causou aquela cicatriz horrenda que lhe deu seu apelido.

— O pai de Devondra? Tobias assentiu.

— E uma longa história, o centro de tudo sendo que Richard "Scar" Warrick e Jamie Stafford nunca se deram. Jamie se atinha a um código de honra. A verdade é que em todos os seus anos como salteador, ele nunca roubou um homem que não pudesse superar a pilhagem, sequer pensou em matar alguém a sangue frio. Scar, por outro lado, parece se alegrar com o sofrimento alheio.

Rememorando a briga no estábulo, Quentin disse:

— É o que parece.

— Às vezes ele parece não ter alma.

— Há quem diga o mesmo de Cromwell — Quentin disse.

— Ao mesmo tempo, ele é um homem genial cuja rede de espiões rivaliza os do tempo de Elizabeth. — Tobias apontou para o chão. — No porão há mesas de trabalho onde os homens de Scar modificam a aparência de joias e relógios a ponto de nem mesmo os donos de direito reconhecê-los. — Pegando a caneca trazida pela criada, tomou tudo e pediu outra. — Não só isso, ele é um mestre da falsificação com grande habilidade em forjar documentos. Um talento que sinto foi utilizado pelos dois lados durante a guerra.

— Ele não era monarquista?

— Richard Warrick não é leal a Deus, ao país, muito menos ao rei — Tobias esgarçou. — Ele segue o lado que pagar melhor.

— Entendo. — Quentin olhou para o queijo e para o pão duro desconfiado e decidiu somente tomar cerveja. — Foi por isso que ele se desentendeu com o pai de Devondra?

— Sim. Jamie e Scar eram como cães e gatos. Cedo ou tarde o conflito viria. — Tobias

encheu a boca de queijo, falando enquanto mastigava. — Pense o que quiser de Jamie, mas ele era um homem decente. Acima de tudo, ele não suportava a idéia de simplesmente matar alguém, o que disparou a briga entre eles. — Mordendo um pedaço de pão, continuou: — Ao que parece ele flagrou Scar quando este estava para matar um mercador infeliz que já estava preso e amordaçado.

— Os dois brigaram. — Quentin tomou uma golada de cerveja.

— Sim, e Jamie padecia com isso, apesar de não portar um ferimento tão evidente quanto seu adversário. — Impaciente em receber outra caneca, chamou a criada que o recompensou com uma cheia. — O mercador foi salvo, mas o ato de misericórdia de Jamie foi a sua ruína no final.

— Como assim?

— Acredito que foi Scar quem entregou o paradeiro de Jamie naquela fatídica noite.

— Pela recompensa?

— E também por vingança. — Tobias se recostou em sua cadeira, uma expressão triste no rosto. De repente, mostrou-se disposto a mudar de assunto. — Ah, como anseio por dias melhores.

— Dias melhores? — Quentin repetiu.

— Sim. — Tobias apoiou os pés na mesa, deixando o olhar percorrer o salão. Por um segundo ele pareceu um gato doméstico, espichado diante da lareira. — Ah, o calor do fogo. Boa companhia. E, claro, uma caneca de cerveja. No fim, isso é o que vale, não? — Fez um gesto amplo com a mão. — Acolhedor, não acha?

— Acolhedor é uma palavra a se usar — Quentin respondeu seco.

Tobias fechou os olhos.

— E as outras palavras? Quentin foi direto ao ponto.

— Esta estalagem e tudo dentro dela representam perigo para o que me é mais caro.

Riso e conversas permeavam o ambiente, abafando a resposta de Tobias, mas tudo se calou com a aparição dela. Como que captando a deixa, Devondra entrou, caminhando devagar pelo salão em seu vestido de cetim perolado e corpete lilás. Uma visão magnífica.

— Que seria Devondra... — Tobias olhou para Quentin ao prosseguir: — Você acredita que ela corre perigo ao permanecer aqui.

— Eu sei disso! Você não? — Para enfatizar suas palavras, indicou Scar.

Tobias olhou de um para outro e gaguejou:

— Eu... eu não sei.

— Bem, *eu* sei. Você mesmo disse que Scar é inimigo dela.

— Sim... sim, ele é. — Tobias não conseguia encarar Quentin. — Mas...

— Não pode haver nenhum "mas" nessa história. Talvez não hoje, nem amanhã, mas em algum dia no futuro a filha do Cavaleiro James seguirá pelo mesmo caminho que ele, subindo os degraus do patíbulo se não mudar de vida e sumir de perto de Scar.

Tobias não respondeu. Só continuou olhando para Quentin, uma máscara no lugar do rosto, como se tentasse decidir alguma coisa.

Quentin o pressionou. De algum modo tinha de trazer Tobias para seu lado.

— Poderia viver com sua consciência se o pior acontecesse, Tobias?

— Eu... eu... — Como um sapo à captura de moscas, ele abria e fechava a boca, sem ter o que dizer.

Quentin continuou:

— Quanto tempo mais até que seu "amigo" Scar traia Devondra? Um dia, um mês, um ano?

Aquilo dava o que pensar. Tobias fechou os punhos debaixo da mesa, parecendo tão indefeso que Quentin se apiedou. A seu modo, Tobias era um homem preocupado, diferente dos outros.

— Ah, meus dois homens favoritos. — Apesar de tentar parecer casual, Devondra deixou ver uma centelha de curiosidade no olhar ao se aproximar da mesa. — Entretendo

Quentin, Tobias?

— Por certo.

— Ótimo — ela sorriu —, pois quero, com todo o meu coração, que ele goste daqui, ficando assim, alguns dias mais. — Sentou-se ao lado de Quentin, recostando-se em seu ombro. A intimidade não passou despercebida por Tobias.

— Devondra, eu... Eu andei pensando... — Ele começou, nervosamente revirando os polegares. — Eu... Eu estou ficando um pouco cansado. Estou velho demais, ao que parece, para essas tolices nas quais venho me metendo nos últimos tempos.

— Tolices? — Ela se mostrou surpresa.

— Sim. Cavalgar nas noites frias, sacudindo o esqueleto. Eu... eu... — Deu de ombros.

— Tobias, o que está falando?

Ele bateu na mesa, em rara demonstração de desafio.

— Estou cansado das estradas, de arriscar minha vida por um punhado de ouro. — Abaixou o olhar para as botas. — E você também deveria estar.

O som de madeira se quebrando impediu a resposta de Devondra. Um tumulto irrompeu por todos os lados da estalagem. Três homens colocados como vigia entraram para dar o alarme, tarde demais, pelo visto.

— Soldados!

Em seus calcanhares, os homens de Cromwell entraram pela porta e pelas janelas, com espadas e pistolas em punho.

— Não! — O primeiro impulso de Devondra foi fugir, até perceber que todas as rotas de escape estavam obstruídas. Pior, parecia haver três soldados para cada um deles.

— Não se mexa, Devondra. — A voz inflexível de Quentin sibilou em seu ouvido. — Não é crime estar numa taverna. Fique quieta. Eles não a reconhecerão.

Mas ela temia que isso acontecesse. De algum modo.

— Fiquem parados e nada de ruim lhes acontecerá. Estamos procurando por uma mulher, e somente ela — um dos soldados exclamou. Alto e imponente, mais parecia um galo em seu galinheiro.

— Uma mulher? — No início, houve alguns diálogos, mas logo o salão se aquietou. Como que por encanto, os clientes não falavam, não se mexiam, sequer moviam um músculo.

— A Dama Notável, como a chamam.

— A Dama Notável? — O povo se fez de inocente.

— Sim. — Caminhando pelo salão, o soldado primeiro examinou uma mulher, depois outra, até se aproximar de Devondra.

— Ela não está aqui! — exclamou um jovem.

— Sequer a conhecemos! — disse outro.

— Vá para a estrada se for capaz e quem sabe tenha sorte! — zombou um homem mais velho. — Isto é, se tiver coragem de enfrentá-la. — Houve riso, porém a jovialidade logo morreu quando os soldados mostraram que estavam falando sério.

— Queimem este maldito lugar!

A ordem foi recebida por um silêncio hostil, uma quietude que foi quebrada por um sussurro:

— Não! — Devondra não permitiria que outros sofressem por sua causa.

— Quem disse isso? — O soldado olhou de um lado a outro, tentando encontrar a dona da voz.

Foi então que Hyacinth deu um passo à frente.

— Fui eu. Sou a mulher que procuram, a salteadora. Devondra arfou, mas antes que pudesse interceder, a criada da taverna se prontificou a tomar a identidade dela para si.

— *Eu* sou a Dama Notável.

— Não, sou eu — exclamou uma senhora de cabelos grisalhos, responsável pela limpeza do salão depois que todos se retiravam.

Ainda que houvesse somente nove mulheres no recinto, todas elas se pronunciaram, tomando a alcunha de Devondra para elas mesmas, na tentativa de protegê-la. Mesmo alguns homens, imitando a voz em falsete, disseram-se chamar Dama Notável. A trama, contudo, não funcionou.

— Tolos, mentirosos! Tanto faz, prendam todos!

Foi então que Devondra abriu caminho. Tinha transgredido a lei e somente ela pagaria a pena.

— Sou *eu* quem vocês procuram.

— Devondra, não! — Quentin tentou detê-la, impedir sua demonstração de bravura insensata.

Ela o ignorou, porém. Conduzindo diversos dos soldados para cima, provou sua identidade mostrando seus costumes e suas máscaras.

— Prendam-na!

Sem cerimônia, amarraram as mãos delas às costas, depois a empurraram escada abaixo. E ela tropeçou ao pular um degrau.

— Tirem suas mãos de cima dela, seus bastardos! — Enfrentando quem lhe bloqueava o caminho, Quentin conseguiu ficar ao lado dela. Com as pernas afastadas, manteve uma pose de desafio. — Sou o magistrado de Londres. Com a autoridade cedida a mim, ordeno que a libertem.

— Magistrado, é? — O soldado arrogante sorriu. — Por acaso é Quentin Wakefield?

— Sim, sou. — Olhou para Devondra, tentando passar confiança. Seus olhos garantiam que tudo terminaria bem.

— Pois está preso por conspirar com um inimigo da justiça de Cromwell!

— Justiça! — Quentin ficou surpreso quando dois dos soldados se aproximaram num movimento tão rápido que ele mal teve tempo de reagir. Apesar de conseguir desarmar um deles, ela foi tirada de suas mãos. Desarmado, levou murros e socos e uma coronhada na cabeça.

Capítulo IX

Londres

Exatamente como no dia do julgamento do pai, a corte estava abarrotada, barulhenta, repleta de pessoas se entretendo, acotovelando-se para testemunhar os procedimentos, contentes em ver a famosa Dama Notável. As vozes ecoavam pela sala:

— Então é ela!

— Sim. Olhe lá! Não me parece tão assustadora sem uma pistola e a máscara.

— Nem um pouco, mas linda assim mesmo.

— Ah, uma pena ver pescoço tão belo dependurado na forca.

— Acha que ela será enforcada?

— Como pode duvidar disso? Claro que sim!

— Julgamento apressado, forca na certa, é o que dizem.

Ouvindo a conversa mórbida, Devondra tocou o pescoço. Era verdade que se um malfeitor fosse capturado, logo era julgado. Embora tentasse manter o otimismo, não conseguia acreditar que fosse encontrar misericórdia ali. Cromwell esforçara-se bastante

para capturá-la. Por que haveria de querer libertá-la?

— Se ao menos...

Lembrou-se prostrada como se viu de repente amarrada pelas mãos e pelos pés, chacoalhando na charrete que a levou a Newgate, circundada por tantos soldados que tornou inviável qualquer tentativa de resgate por parte de seus companheiros. Agora, somente um dia mais tarde, estava no tablado dos prisioneiros num canto da sala de julgamentos completamente sozinha. A não ser, claro, pelos guardas que a ladeavam. Pelo visto, Cromwell não queria se arriscar.

Julgamento era o que chamavam aquilo. Zombaria era o reflexo da verdade. O veredicto seria "culpada" mesmo antes que o júri se sentasse para ouvir os depoimentos. Ressentida, olhou na direção do juiz e viu que ele a fitava com uma carranca.

O julgamento, obviamente, seria apenas uma formalidade, como todos os que se encontraram um dia naquele tablado bem o sabiam. A menos que um milagre dos céus acontecesse, seria condenada. Além do mais, esperava-se que o criminoso, quer ele seja batedor de carteiras, salteador ou papista, aceitasse a sentença de morte pela força com coragem apesar da excitada audiência.

Estremeceu ao pensar nisso. *Serei enforcada assim como meu pai.* Enforcada. Atormentava-se com a perspectiva. Como poderia morrer quando só começara a entender do que era feita a vida?

— Ah, Quentin... Por que não lhe dei ouvidos? Como pude ser tão tola? — Fizera uma escolha fatal e agora era chegada a hora de pagar o preço.

Tantos arrependimentos...

Talvez, o que mais lamentasse fosse o fato de o amor entre eles jamais ter tido a oportunidade de florescer. Culpa sua. Sua! Nunca deveria ter partido da Mansão Wakefield. Jamais deveria ter retornado para a estalagem. Mas foi o que fez...

E quanto a Quentin? Estava imensamente preocupada por não saber o que estaria lhe acontecendo. Sua tolice representou a ruína dele? Esperava sinceramente que não. Erguendo os olhos, olhou para a multidão, esperando ver o seu rosto. Ele não estava lá. Sentiu uma perda enorme, a maior solidão de toda a sua vida.

Os olhos arderam com as lágrimas represadas. *Eu o amei. O que quer que aconteça, espero que ele saiba disso, pois guardarei na memória todo o tempo que partilhamos.* De fato, esses momentos estariam guardados em seu coração até o momento da morte.

Minha morte! Conforme os procedimentos do julgamento se sucederam com calma indiferença, logo ficou claro que isso aconteceria mais cedo do que Devondra imaginava. Havia muitas pró-formas, mas nenhuma compaixão; interesse considerável, nenhuma empatia. Viu tudo entre as lágrimas, avaliou o juiz, pomposamente empertigado, o prefeito imitando a mesma postura de dignidade, o advogado, que parecia ansioso para que a manhã logo chegasse ao fim.

Outros prisioneiros foram julgados com presteza e eficácia. O primeiro mostrou-se impenitente e amargo ante a idéia de morrer por ter roubado apenas uma bolsa. No fim, foi sentenciado a uma longa pena em Newgate. Três prisioneiros foram condenados ao patíbulo, dois ao pelourinho e um rapaz recebeu a pena menor de algumas chibatadas. Respirando fundo, Devondra se preparou para sua própria provação. Estava decidida a enfrentar tudo com dignidade. Não choraria, tampouco amaldiçoaria o juiz. O que fez era errado, não havia como negar, contudo...

De repente o juiz estava falando com ela:

— Qual o seu nome? — Ele a fitava com austeridade e ela desejou ter um espelho e uma escova. Não queria estar tão desleixada como se sentia.

Ah, o que eu não daria para estar mais uma vez atrás de minha máscara...

— Devondra Catherine Stafford.

— Stafford — diversas vozes ecoaram, parecendo indicar que se lembravam do outro homem ali julgado com o mesmo nome.

O juiz, no alto de seu tablado, a estudava com olhos críticos.

— Tem alguma testemunha em seu favor, jovem? Devondra deixou a cabeça pender. Não poderia chamar Tobias, Barnaby, Conan ou Hyacinth para falar de suas qualidades, levando-se em conta a profissão deles. E Quentin? Mais uma vez, passou os olhos pela multidão, esperando, mesmo que em vão, que ele estivesse ali. Ele a salvara uma vez. Poderia fazê-lo de novo?

— Tem alguma testemunha? — ele repetiu.

— Testemunhas? — Vendo que ele não estava lá, balançou a cabeça. — Não.

— Sem testemunhas — o juiz repetiu, acenando para o escrivão que tomou nota da informação num longo rolo de papel.

— Sem testemunhas — a multidão murmurou.

— A acusação é assalto nas estradas. Como se considera?

— Eu... — A pena para assaltos era bem clara. Mesmo só surrupiar a bolsa de um viajante levaria a uma condenação pela força. Portanto, como poderia admitir tal coisa de livre e espontânea vontade?

— Como se declara? — O juiz ergueu as sobrancelhas, obviamente ansioso por concluir aquele assunto.

Ignorando a impaciência do juiz, Devondra procurou recompor-se. Era verdade que não tinha testemunhas de seu bom comportamento, contudo, também não havia testemunhas para depor contra ela. Ninguém nunca viu seu rosto. Ninguém poderia afirmar com certeza que era ela quem aterrorizava as estradas. Talvez pudesse recuar em sua admissão na estalagem. Quem sabe se...

— Como se declara?

Os espectadores mostravam-se ansiosos. Todos os olhos se viraram em sua direção, à espera de sua declaração. A resposta, porém, não veio dela, mas de um homem alguns metros atrás.

— Ela é a mulher que vem pilhando as estradas entre Londres e Hounslow — disse a voz áspera. — Ela é a Dama Notável, asseguro-lhes.

Virando-se, Devondra encarou seu acusador, embasbacada ao reconhecer o homem bem vestido. Logo ali, vestido todo em vermelho e segurando uma insígnia prateada, estava não outro que Richard "Scar" Warrick.

— Você!

Scar sorriu.

— Sim, eu mesmo. Caçador de ladrões a serviço do nosso Lorde Protetor e principal testemunha contra você.

— Caçador de ladrões! — Com brutalidade, a verdade se revelou. Scar não era nenhum salteador. Era um deles. Ou não? A que tipo de laços de obediência Scar Warrick se prendia?

Quaisquer que fossem eles, logo ficou claro que não havia nenhuma lealdade para como os que moravam na estalagem King's Head. Sua declaração colocou a corda nos pescoços de todos eles, pois, apesar de confessar seus próprios crimes, ele jogou a culpa nos companheiros dela. Nunca antes ela teve tanta certeza de quão asqueroso ele podia ser. Por causa daquele testemunho, Devondra ouviu o juiz dizer;

— Culpada!

Não havia mais nada a fazer.

— Será levada ao patíbulo em Tyburn em dois dias e lá será enforcada. — Estaria ela errada, ou conseguia ver uma centelha de remorso nos olhos do juiz? — E que Deus tenha misericórdia de sua alma.

— Minha alma não descansará! — Devondra perfurou Scar com o olhar. — Ela voltará para assombrá-lo, seu bastardo. Só quando tiver seu encontro marcado com o carrasco é que chamarei meu fantasma de volta!

— Fantasma! — Os modos de Scar eram desdenhosos. Ainda assim, antes de ser

levada para fora do salão, ela o viu fazer o sinal da cruz.

Justiça. Aquela era a palavra na qual Quentin pensava ao se sentar na cama de sua pequena cela. Justiça. Como magistrado sabia que significava a "administração do que era justo pelo acordo imparcial nas reivindicações contraditórias", a distribuição das recompensas ou penas merecidas. Para Cromwell, entretanto, significava algo muito mais sinistro. Significava a busca por vingança sobre todos os que viam as coisas de modo divergente ao seu. De fato, mesmo o rei de direito foi levado à morte por não ter cedido às vontades de Oliver.

Ah, Devondra! Que preço alto ela pagaria por ter enfrentado o Lorde Protetor e seus agregados com suas traquinagens... Ele bem sabia qual seria. Ele mesmo não foi o responsável por enviar tantos para aquele exato destino? Estranho como agora lamentava tudo isso. Talvez, depois de tudo dito e feito, ele aprendeu uma lição de humanidade e misericórdia.

— Rezo para não ter aprendido tarde demais.

Ele estava sendo mantido numa das celas da Torre de Londres, o que era muito melhor do que o encarceramento em Newgate. Ao menos tinha isso. A ilustre torre onde tantos nobres prisioneiros foram confinados antes de seu encontro com a morte. Para passar o tempo, contou-os: Catherine Howard, sir Thomas More, lady Jane Grey, Edmund Nevil, Ana Boleia. Ah, a torre tinha um interessante cortejo de fantasmas, cada um com uma história interessante para contar.

Quanto a ele, podia se lembrar de ser trazido pela entrada do rio, o Portão dos Traidores. Olhou ao seu redor ao se dar conta, com nauseante clareza, o que tinha lhe acontecido. Lembrou-se dos soldados entrando na estalagem, da confissão de Devondra. Não conseguira salvá-la daquela vez e esse fracasso partia seu coração.

Onde ela estaria agora? O que estava acontecendo? Estaria ela sozinha? Com medo? Só podia estar, presa nas profundezas daquele inferno. Mesmo a sua coragem andava abalada, apesar de estar ali há apenas um dia e uma noite. Começava a temer que aquele seria seu lar por muitos anos vindouros, um dia após o outro, mês após mês. Esquecido pelo mundo exterior. Haveria provas suficientes para condená-lo? Duvidava disso. A menos que provas falsas e testemunhas compradas viessem a depor contra ele. Ainda assim, ele poderia ser mantido ali até ficar grisalho.

As paredes escuras se erguiam ao seu redor, tão altas que o teto se perdia na escuridão. As barras na janela bloqueavam a visão do céu. Um silêncio pesado o rodeava, exceto pelo ritmado gotejar de alguma chuva recente que umedecia as pedras. O pouco de ar que entrava pela fenda da janela era úmido e carregado do fedor do Tâmsa.

— Um triste fim para seu filho, mãe... — Todavia, não era seu destino que o atormentava, mas o de uma garota audaciosa de olhos cintilantes. — Devondra... — Ela era tão jovem. Jovem demais para morrer. Sabia, porém, que a cada dia outros, mais novos do que ela, morriam vítimas do regime de Cromwell.

Olhou ao redor com os olhos ardendo.

— Justiça... Ah!

Sabia que Devondra não receberia nem uma ínfima parcela de justiça. A sorte foi lançada. No exato momento em que os soldados invadiram a estalagem. Ela morreria na força a menos que ele encontrasse um modo de salvá-la.

Salvá-la? Como, estando ele mesmo aprisionado? Do modo como estavam as coisas, eleja devia ter perdido tudo: casa, título, todos os bens. Estava impotente.

Aquela era a pena de Cromwell ao homem que se deixou cair de amores e tentou salvar o objeto de seu amor.

Pior, era fato que na Inglaterra o crime era um negócio importante. Muitos homens se beneficiavam dos malfeitos: advogados, por receberem grandes somas; os juizes; os

carcereiros; os conselheiros municipais; os carrascos; o prefeito. Até mesmo os capelães de Newgate eram bem amparados. E quanto a ele?

Em autopunição, deixou a cabeça pender. Era verdade. Tinha subido ao poder por causa da má sorte de outros. Agora pagava o preço e não havia nada a fazer a não ser...

Tinha de fugir. Não havia alternativa.

Vou sair desta gaiola e encontra um modo de libertar Devondra antes que seja tarde demais.

Estava determinado. Era o único pensamento que fazia a depressão se manter ao longe ao fitar o que o rodeava.

— Vamos comer, beber e ser feliz, pois amanhã poderemos estar mortos — Devondra sussurrou, aplicando a antiga escritura da Bíblia na própria situação atual ao juntar as mãos na penumbra sombria. Newgate. Mortificada, viu o guarda registrar seu nome no pesado tomo da prisão.

— Você me parece familiar.

— Já estive aqui antes.

Ele inclinou a cabeça e mostrou empatia ao se lembrar dela.

— Esteve aqui com seu pai.

— Isso mesmo. — Na época, mera acompanhante; agora, uma prisioneira à espera de execução.

Dois dias. Era só esse tempo que lhe concederam. Quando ele tivesse se passado, quando a luz do terceiro dia surgisse no horizonte, ela seria enforcada. Uma morte horrenda e indigna onde a vítima se debatia na ponta de uma corda até sufocar.

Melhor seria ter encontrado seu fim nas estradas. Ah, sim, isso teria sido menos doloroso. Do modo como as coisas aconteceriam, ela seria o alvo do entretenimento da multidão agourenta. Uma curiosidade, uma digressão das agruras das vidas alheias.

E tudo por causa de Scar. Um salafrário. Traidor. Espião.

Não, por *sua* causa. Não poderia culpar a ninguém mais. Sentada num canto, com os joelhos junto ao peito e os cabelos caindo por sobre os ombros, arrependeu-se.

Tarde demais...

Fechando os olhos, lembrou-se de ter sido conduzida pelas passagens estreitas e escuras, a porta de ferro aberta. Fora empurrada para dentro de uma cela fétida com uma pequena janela com grades. Um lugar do qual sairia somente no dia do breve trajeto até Tyburn... E a força!

Tinha os olhos arregalados, descrentes. As lágrimas umedeciam as faces, mas ela nem tentou enxugá-las, tão entorpecida se encontrava.

Então, com a mesma rapidez, a coragem retornou. Não subiria no patíbulo um feixe de nervos trêmulos. Seria corajosa! Forte!

Não se deixe desistir, não importa o que aconteça.

Erguendo a cabeça, fitou a penumbra, avaliando as pedras cinzentas e a porta pesada, uma que só poderia ser aberta por um guarda com uma chave. Haveria alguma possibilidade de fuga? Parecia que não. A bem da verdade, não se lembrava de ter ouvido falar de ninguém escapando dali. Mesmo assim, uma parte sua se recusava a enxergar a realidade.

— Deve haver uma saída!

— Sair daqui? — Uma voz vinda do outro canto repetiu descrente.

Levantando-se, Devondra assentiu. Havia outras cinco mulheres na cela. Se pudesse aliar-se a elas, talvez houvesse uma saída.

— Sim. Por certo uma dessas pedras está frouxa. Poderemos cavar e...

— Cavar? — O silêncio foi quebrado pelo riso amargo.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— E ir para onde? Esta prisão não passa de um labirinto. Mesmo que saíssemos da cela, ficaríamos presas.

— Como ratos — disse outra voz.

— O que faz parte do plano do Lorde Protetor.

— Sim, ratos. Para sermos exterminadas assim que possível.

— Ratos... — Devondra caminhou pela cela, freneticamente pensando num plano. Depois seguiu para a porta, testando a resistência das dobradiças. O som de ferro batendo atrapalhou a manhã tranqüila, mas ela pouco se importou. Não poderia simplesmente ficar sentada a espera do destino. Tinha de encontrar um modo de se libertar.

— Pare com isso! Vai acabar nos metendo em problemas — avisou uma das vozes do canto.

— Ora, deixe-a em paz. Ao menos ainda demonstra algum espírito; não é como o resto de nós, criaturas indefesas. — A mulher se aproximou e disse: — Vá em frente, extravase sua raiva. A sua e a minha...

Devondra puxou a porta de novo, não por raiva, mas por curiosidade. Seu gesto foi recompensado por uma grata descoberta.

— A grade está solta. — Avaliando as dimensões da grade e comparando-as com sua estatura, calculou a possibilidade de conseguir passar, subindo pela abertura, onde a grade poderia ser forçada até ser aberta.

— Você aí! O que está aprontando? — Um dos guardas apareceu na porta da cela para acabar com seu plano.

— Exijo ver o Lorde Protetor — Devondra disse, pensando numa desculpa para a balbúrdia causada.

— Exige, é?

— Sim, quero prestar contas de meus atos diretamente a ele.

— A Cromwell? — O guarda ficou atônito. — E por que ele haveria de querer ouvir o que tem a dizer? — Interessado de súbito, pressionou o nariz contra a grade. — A menos que esteja disposta a revelar onde encontrar outros da sua laia. Uma troca, podemos dizer. Sua vida pela deles.

Devondra recuou.

— Nunca! — Por mais que temesse a morte, abominava a idéia de se tornar uma vira casaca.

— Nunca? — O guarda riu. — Não sei, não. Conforme o dia da sua execução se aproximar, pode mudar de idéia. — Dito isso, sumiu pelo corredor, deixando-a ainda mais frustrada.

— Ele está certo, querida. Vai mudar de idéia até o dia do enforcamento.

— Sim, não há alma viva na Inglaterra que não entregue a própria mãe para escapar do patíbulo.

— Há, sim! Eu! — Devondra ergueu a cabeça em desafio. Sentando-se novamente, lutou para manter a coragem, mas conforme o dia passava, a fome, o frio e a sede aplacaram seus ânimos. Lutou contra as lágrimas, voltando os pensamentos para Quentin. Estaria bem? Em liberdade? Ou sofria pelos seus maus atos?

— Se ao menos...

Um tinir de chaves interrompeu seus pensamentos. Levantando o rosto, viu o guarda espiar pela grade.

— Você tem visita.

— Visita? — Imediatamente seu coração ficou mais leve. Era Quentin que encontrou um modo de ela obter perdão. Viera ali para soltá-la!

Penteou os cabelos com os dedos, beliscou as faces e bateu na saia para tirar o pó, preparando-se para recebê-lo.

Mas não era Quentin. O homem que a fitava através da grade era um total desconhecido, um homem idoso de rosto envelhecido e cabelos grisalhos cujo riso

desdentado era ainda mais macabro que o de Scar.

— Bom dia — disse ele quando o guarda abriu a porta. Com um resmungo apanhou diversas folhas e uma pena de dentro do casaco.

Acreditando que ele estivesse ali para fazer uma lista de seus comparsas, ela o dispensou:

— Não tenho nada para lhe dizer. Nem agora, nem nunca!

— Ah, mas acho que terá muito a me contar quando perceber a fama que conseguirá por meio de meus esforços — disse ao estender a mão para cumprimentá-la com os dedos pegajosos. — Sou reverendo Paul Pureney, ansioso por escrever as suas aventuras que o público lera com avidez.

— Paul Pureney — zombou uma das companheiras de cela.

— Reverendo Pureney!

Devondra já ouvira falar do homem. Era bem típico. Fanfarrão e cheio de si, estava sempre pronto a tirar vantagem da fama das aventuras de qualquer salteador para encher os próprios bolsos. Como se seu trabalho como chapelão em Newgate e seu salário anual não bastassem. Em verdade, ela sentia muito mais respeito pelo carrasco que ao menos tinha um emprego honesto.

— Ah, imagine por fim ter a boa sorte de falar com a Dama Notável. — Ele se curvou. — Estou muito honrado.

— Temo que a sua boa sorte seja às minhas custas — ela respondeu azeda, sabendo mesmo sem perguntar o que ele queria. Era a intenção dele, fazendo de conta que era para aliviar sua alma, conseguir um relato completo de suas aventuras nas estradas a fim de encantar os leitores.

Mais inclinado a conseguir uma história para seus panfletos hipócritas do que levar um pecador ao arrependimento, ele não estava sozinho. Tais panfletos eram extremamente populares, especialmente nos dias de execução.

O reverendo Pureney teve o bom-senso de demonstrar empatia.

— Ah, como lamento ver moça tão bela num lugar como este.

— O bastante para me ajudar a sair daqui? — Como ele não respondeu, ela disse em seu lugar: — Não. Caso eu fosse libertada, o senhor perderia a sua preciosa história. — E se ela não lhe concedesse nenhuma entrevista, os "fatos" seriam improvisados. Homens como Pureney não se preocupavam com acuidade e produziam as histórias mais comuns com os diálogos mais descabidos no fim.

— Ah, minha jovem, não seja tão dura comigo, pois não fui eu quem a trouxe para cá. — Ele soluçou, um sinal de sua destemperança.

— Não, porém vai lucrar bastante com minha morte. — O pior era que não haveria verdade alguma no relato escrito por ele. E mais, as páginas nauseantes certamente retratariam Pureney como algum tipo de herói cuja benevolência e perseverança conduziram a Dama Notável às lágrimas de arrependimento.

— Assim como você se beneficiará quando sua alma for liberta desta nuvem escura — ele argumentou. — Oh, querida dama, renuncie à sua vida de pecados.

— Já fiz isso — Devondra respondeu —, sem a sua ajuda. — Procurou manter a calma. — Não vou ajudá-lo.

— Bravo! — O aplauso das presas demonstrou que elas partilhavam de sua opinião quanto ao chapelão. Todavia, depois que Pureney saiu da cela, Devondra sentiu apenas uma vitória oca. Estava frio e úmido. O que não daria por um momento nos braços quentes de Quentin a confortá-la?

— Quentin... — Do fundo do coração, desejou poder voltar a vê-lo.

Quentin, sempre amante da vida ao ar livre, não suportava ficar confinado. Era humilhante demais. Fazia com que se sentisse indefeso. Pior, seu confinamento impedia que ele salvasse Devondra do carrasco.

— Ah, meu amor!

Mal suportava o lugar que o cercava, o odor de mofo da palha no chão, o frio, a escuridão e a solidão. Mesmo assim, sabia que a situação de Devondra devia ser muito pior. Só Deus sabia o que ela devia estar passando até o dia da morte que rapidamente se aproximava. Ele mesmo vira os horrores de Newgate.

Na noite anterior, imaginara-a parada diante dele, a pele de cetim suja de poeira, o cabelo adorável emaranhado e as roupas puídas e rasgadas. Estendendo os braços, ela implorou que ele a salvasse, do mesmo modo como implorou pelo pai.

— O pai... — Enterrando o rosto nas mãos, Quentin se lembrava vividamente do que lhe acontecera. Não podia acontecer com ela! Ela era corajosa demais.

Pensou na última vez em que a viu... Mesmo sabendo que os homens de Cromwell nunca poderiam identificá-la, ela se pronunciou para defender os amigos. Se ela, uma mulher, podia ser tão leal, como ele poderia se encarar caso a desapontasse e ou ao menos não a equiparasse em bravura...

Mas como? O que fazer preso ali?

Ansioso, olhou ao redor, avaliando a cela. Na verdade, os cômodos da prisão não eram celas, mas quartos adaptados. Não havia necessidade de grades, pois somente fendas estreitas permitiam a entrada de luz e ar. O que lhe dava algum consolo, porém, era o fato de alguns prisioneiros terem a regalia de caminhar ao ar livre nos corredores que ligavam as torres no alto. Isto é, desde que fossem presos influentes ou se tivessem amigos poderosos do lado de fora.

— Edwin!

Edwin Trevor era sua resposta. Tinha aliados em altos postos. Mas será que agora que ele caíra em desgraça, Edwin se arriscaria a ajudá-lo? Tudo o que podia fazer era esperar para ver.

— Guarda!

O criado encarregado do confinamento de Quentin logo apareceu. Diferentemente dos carcereiros que assombravam os corredores de Newgate, eles eram camaradas respeitáveis que normalmente habitavam com as famílias os apartamentos nas torres.

— Pois não?

— Preciso enviar uma mensagem. — Rapidamente escrevendo um bilhete num pedaço de papel deixado no cômodo, Quentin o entregou ao guardião barbudo, desse modo colocando seu plano em ação.

Se Edwin provasse ser um amigo de valor, quem sabe ele não conseguiria ir para um dos quartos mais para cima, onde lhe seria permitido exercício ao ar livre na companhia de um dos carcereiros? Mesmo assim, a liberdade parcial não representava liberdade de fato. De algum modo, precisava planejar sua fuga.

Nesse meio tempo, de que recursos dispunha? Muitos fatos ficaram arquivados em sua mente nos anos de guerra. Agora precisava fazer bom uso deles. Tinha mente aguçada, bom físico e alguns amigos dentre o corpo de funcionários da prisão, mas precisava se apressar. Não tinha muito tempo. Devondra corria contra o relógio. Movido pelo desespero com o destino dela, Quentin formulou seu plano.

Estava frio e úmido apesar de já ser o meio da manhã. Devondra puxou a coberta fina para tentar se aquecer. Estava cansada. Passara a noite anterior acordada, tentando tirar os parafusos e os pregos que prendiam a grade na porta da cela; utilizando uma colher

deixada após o jantar, trabalhou diligentemente. E durante todo o tempo, gritos vindos de outras celas ecoaram pelos corredores.

Tentando ignorá-los ao máximo, continuou em suas tentativas só para fazer uma descoberta desalentadora: havia uma barra de aço que impedia a passagem de quem quer que tentasse escapar. Mesmo assim, ela não esmoreceu, procurando um modo de soltá-la também. Naquele instante estava deitada, ouvindo os lamentos vindos de todos os cantos. Diferentemente dela, aquelas pobres almas tinham desistido.

— Eu não! — Só precisava descansar alguns minutos antes de voltar ao trabalho. De algum modo conseguiria tirar aquela barra e depois só precisaria passar pela abertura e seguir até a liberdade.

Ela sabia que o cabelo estava desganhado, assim como as roupas estavam amassadas e sujas. A falta de espelho era, na verdade, uma bênção. O melhor seria mesmo se deixar levar, pois assim, quem sabe, os guardas deixariam de notá-la, fazendo-a estremecer com os olhares que lhe lançavam.

— Olhe para ela... Não é uma belezura, Edward? — Ela ouviu um dizer.

— E como. Sempre gostei das morenas. Mas é melhor tomar cuidado.

— Por quê? No lugar para onde ela vai, as mulheres não precisam se preocupar em manter a virtude.

Devondra ouvia essas conversas, trêmula de repulsa e medo. Tocá-la? Nunca. Chutaria e morderia qualquer um que tentasse avançar. Ora, preferiria morrer a...

— Morrer!

Um grito repentino veio da cela ao lado, seguido de uma luta entre as companheiras de prisão. Ao que parecia elas brigavam por uma coberta. Saindo da cama, Devondra viu quando um carcereiro chegou para ver o que acontecia e cessar a contenda. As mulheres, contudo, não demonstraram medo algum e continuaram a brigar. A infelicidade total, pelo visto, dissipava o medo.

— Para trás, suas cadelas! — o guarda exclamou, segurando uma barra pesada que facilitaria tremendamente a fuga de Devondra, caso ela pudesse colocar as mãos nela.

— Não somos cadelas. Somos gente! — uma voz aguda exclamou, gritando ao levar um golpe da barra no braço.

— Você é o que eu disser que é. E assim será até o dia em que subir os degraus do patíbulo!

— Melhor a força do que este buraco fedido!

— Inferno na terra! — Foi assim que uma das prisioneiras apelidou a prisão.

Era um lugar no qual Devondra não desejava ficar por muito tempo. Ataques violentos entre os prisioneiros como aquele eram comuns e mesmo a menor ofensa era punida com o chicote pelos carcereiros. As pessoas tinham sempre de manter a guarda levantada, pois não podiam confiar em ninguém. Ali era cada um por si. O que quer que pudesse ter restado de inocência e honestidade era seguramente perdido em Newgate.

— Ratos, imundície e inanição — sussurrou, desejando do fundo do coração estar em qualquer outro lugar, menos ali.

Oh, voltaria um dia a ser livre? Sentir a chuva no rosto ou ver o sol, admirar as estrelas ou ouvir os pássaros cantarem na primavera?

Lutando contra a ansiedade, deitou-se novamente no colchão de palha mofada. Esticou pernas e braços e fechou os olhos. *Seja forte! Seja valente! Não desista, não importa o que acontecer!*

Sem perceber, acabou adormecendo. Não soube quanto tempo ficou deitada, mas ao ouvir as badaladas dos sinos, contou-as. Uma, duas, três. Eram três horas da tarde. Só restavam algumas poucas horas até a noite voltar a cair e ela ainda não conseguira se libertar.

Os sons de Londres, as rodas das charretes e carruagens nas pedras das ruas, martelos batendo, homens, mulheres e crianças conversando, cascos de cavalos,

cachorros latindo, comerciantes, gritando e a costureira balbúrdia dos pedestres nas calçadas dos negócios, entravam pelas frestas de ventilação na cela de Quentin.

E os sinos. Sempre os sinos, anunciando as horas do dia que passavam com uma velocidade impressionante, segundo a impressão de Quentin.

E nada de Edwin.

Sentia-se traído. Colocara sua fé naquela amizade, mas parecia que os desfavorecidos não tinham amigos. Pelo visto, Edwin lhe dera as costas. Portanto, as esperanças de salvar sua amada estavam próximas do fim.

Devondra. Sua mente era atormentada pelas lembranças do doce sorriso, dos cabelos escuros, do modo como apareciam covinhas nas faces quando ela sorria e dos olhos luminosos. Esticando-se no catre, trouxe à tona todas as lembranças a fim de suportar a tortura das horas que passavam.

Estava imerso demais nessas reminiscências para notar que abriram a porta, por isso só percebeu que tinha companhia quando uma sombra o cobriu.

— Em que confusão se meteu desta vez, não? Virando na direção da voz, Quentin ficou imensamente grato de ver que Edwin Trevor se achava ali.

— Veio me ajudar?

— Piorar a situação é que não pode ser! — Com cautela, andou na ponta dos pés em meio ao feno do chão, uma careta demonstrando todo seu descontentamento. — Detestável. Cromwell deveria se envergonhar por ter enviado seu magistrado para um lugar como este. — Virou-se para o guarda. — Veja bem, tenho alguma autoridade e digo que detesto este ambiente. — Pegando algumas moedas, colocou-as na palma da mão do homem. — Acho que entende o que quero dizer.

— Não posso movê-lo, senhor, são ordens.

— De quem?

— Da administração.

Edwin fez um gesto de dispensa com a mão.

— E eu tenho as minhas, de fontes muito superiores e mais poderosas que as suas. — Incapaz de aceitar um não como resposta, ele insistiu: — Quentin Wakefield não é nenhum conspirador, não foi condenado à forca ou ao machado. É um homem de alta patente e, por isso, deveria ser tratado com grande deferência.

— Deferência?

— Estima. Honra, meu bom homem. O carcereiro pensou por um instante.

— Acho que existe um cômodo disponível em uma das torres. — Começou a sair, mas logo se virou. — É pequeno, devo dizer.

— Está bem. — Edwin depositou a bolsinha inteira de moedas na mão do outro. — Prepare-o.

A porta se fechou num baque ressonante.

— Ah, o dinheiro. Funciona sempre.

— Portanto, coitado daquele que não o têm — Quentin replicou. Seu humor estava sombrio ao perguntar: — Veio me ajudar a fugir ou somente para cuidar de meu conforto?

— Ambos! — Vendo um banquinho, Edwin pensou em sentar-se, porém ao ver que era a morada de uma aranha, resmungou: — Cruzes! — Limpou-o antes de se sentar. — Sua amada não tem muito tempo. Hoje à noite o sino tocará por ela.

— Hoje? — Como uma exortação solene para os condenados em Newgate, um sino era sempre pendurado debaixo da janela deles na noite anterior à execução. Um lembrete macabro. — Então o tempo passou mais rápido do que imaginei. — Seu coração batia descompassado.

— Como sempre, em casos como esse — Edwin respondeu com um suspiro. Segurou o amigo pelo braço. — Conte-me, Quentin, pois preciso saber... Valeu a pena arriscar perder tudo por ela?

Quentin respondeu sem hesitação:

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Sim. Se eu tivesse de refazer tudo, é o que eu faria, só pelo calor do sorriso dela. Edwin deu de ombros.

— E há quem diga que o amor não existe. Eu, por outro lado, sempre acreditei que o amor fosse outra forma de insanidade. — Abaixou a voz. — Deixarei tudo pronto.

O amigo lhe explicou todos os detalhes do plano. Depois que Quentin fosse levado aos novos aposentos, Edwin voltaria a visitá-lo. Dessa vez, debaixo da roupa, traria uma corda enrolada no corpo. E um gancho de metal escondido no manto.

— Sabe nadar, não?

— Sim, desde moleque. — De pronto, os olhos de Quentin se arregalaram. — Oh, não... Não na imundície do...

— Sim, um pequeno mergulho no fosso. Tudo por amor...

— Por amor. — Se com isso pudesse salvar sua bela dama, o preço a pagar seria pequeno.

Edwin prosseguiu:

— Há um beirai estreito lá fora. Claro que terá de ser cuidado para que o sentinela não o veja. — Cutucou a bota de Quentin. — Melhor ir sem isso, velho amigo.

— Descalço — Quentin riu. — Isso me faz lembrar a vez em que tentamos passar pelo Exército Real, velho amigo.

— E você tinha de espirrar... — Os dois sorriram.

— Quase fomos pegos. — Quentin balançou a cabeça. — Desta vez não espirrarei. — Porque havia muito mais em jogo do que só a sua vida: o destino de Devondra jazia em suas mãos.

As novas acomodações de Quentin eram muito mais confortáveis. Em vez de palha no chão, havia um tapete. A cama, embora tivesse o colchão preenchido por palha, era mais confortável que o catre anterior. Havia ainda uma mesa e uma cadeira. A maior bênção de todas, porém, era a existência de uma janela. Ainda que a vista fosse a outra torre logo adiante, era muito melhor do que estar envolto pela semiescuridão.

Apesar do relativo conforto, Quentin, impaciente, caminhava de um lado para outro, formando um caminho sobre o tapete com as solas das botas. Tinha de sair dali! E logo, a fim de ter tempo suficiente para um resgate. Já estava escurecendo. Cada soar dos sinos aproximava Devondra do patíbulo.

— Edwin, apresse-se! — Não via a hora de estar de posse da corda e do gancho. Estava ansioso pela liberdade.

Indo até junto, da janela, fitou o céu escurecido, fixando o olhar nas gigantescas placas de calcário ao leste, paredes enormes construídas para provar o poder de Guilherme, o Conquistador. Por um momento sentiu uma pontada de apreensão. A fortaleza parecia intransponível dali de onde estava. Não era?

Não. Alguns no passado conseguiram escapar daqueles muros. Por outro lado, tantos outros tentaram, como o monarquista aprisionado por ele mesmo naquela exata torre.

Foi cerca de sete anos antes quando a Guerra Civil se arrastava. Por mais que Quentin admirasse as defesas dos monarquistas e particularmente seu comandante, Arthur, lorde Capei, teve de conduzi-lo para aquela torre. Assim como Quentin, Capei formulou um plano de fuga pelo fosso, e bem como Quentin, tinha amigos que lhe trouxeram corda. Ele amarrara a corda nas barras e desceu pela abertura estreita até as águas paradas. Escapou, só para ser recapturado.

De volta à torre, Capei enfrentou o julgamento com Quentin a assistir. Esse julgamento provocou grandes debates no parlamento. O próprio Cromwell louvou a lealdade do réu ao trono, acrescentando que por causa de sua integridade, Capei teria de morrer. E foi o que aconteceu: ele encontrou a morte na lâmina do machado.

Afastando-se da janela, Quentin se retraiu ao se lembrar de tudo isso. O que dizer da misericórdia de Cromwell? E da sua própria?

— Seu fantasma está assombrando esta torre, Capei? Está rindo de mim? Fazendo

pouco de minhas esperanças já que você falhou? E isso?

— Não é uma grande vista, não é mesmo?

— O quê? — Girando devagar, Quentin logo viu que não era nenhum fantasma que lhe dirigia a palavra, mas Nevin Bowen, o carcereiro cujas mangas sempre grandes demais caíam por sobre os pulsos. Era um homem sempre prestes a sorrir. Quentin o considerava uma pessoa agradável, e por isso talvez conseguisse algumas informações a respeito da vigilância da torre. Valia a pena tentar.

— Eu disse que a vista não é lá grande coisa. Estaria muito melhor acomodado do outro lado, mas lamento dizer que os cômodos lá estejam ocupados. — Mostrou a bandeja que carregava. — Deve estar faminto, já que só se alimentou da lavagem de lá debaixo. — Olhou para o chão, como se seu olhar conseguisse penetrar as espessas pedras. — A comida daqui é muito melhor.

O penetrante aroma de peixe fresco logo se espalhou pela cela e, embora sentisse fome, Quentin estava nervoso demais para comer qualquer coisa.

— É a especialidade de nosso cozinheiro, mas talvez você não aprecie peixe. Vou tentar me lembrar disso. — Nevin depositou a bandeja na mesa. — Vou deixar aqui de qualquer modo. — Depois de um instante, perguntou: — Joga xadrez?

Quentin balançou a cabeça; sempre considerou o jogo entediante.

— Lê?

— Avidamente. Nevin sorriu.

— Que bom. Assim terá algo com que se ocupar para passar o tempo. — Pegou algo de dentro de uma bolsa pendurada na cintura. — Para o caso de dizer sim, eu lhe trouxe um livro.

O volume era grosso, as páginas tinham as pontas dobradas. Quentin se emocionou com o gesto.

— John Donne.

— Sim, um dos grandes poetas metafísicos. Ele funde pensamento e paixão, mantendo as identidades antagônicas e divergentes do conceito. — Sorriu. — Leitura de peso, mas pensei que fosse apreciar, assim como eu.

— Sim, vou gostar.

E o carcereiro prosseguiu:

— Sei que não quer estar aqui, mas se pensar bem, não é de todo ruim. Uma fortaleza impressionante, cujo nome completo é Palácio Real e Fortaleza de Sua Majestade A Torre de Londres. — Levando a mão à boca, consertou: — Ou deveria dizer do Lorde Protetor?

— Pode chamar do que quiser — Quentin o tranqüilizou. Nevin riu e começou a falar de seu assunto predileto.

— É um labirinto de pórticos, pesados portões elevatórios de madeira, arcos que se abaixam quando soam os alarmes. Os arcos da Torre Sangrenta levam a paredes ainda mais altas. — Ele riu. — Foi iniciada por William, o Conquistador, mas a obra só foi concluída após a sua morte. Supostamente uma fortaleza palácio, por isso não temos calabouços. Tampouco havia tortura entre estes muros até o duque de Exeter dar início a essa prática durante a Guerra das Rosas.

— Foi então que ela passou a ser usada como prisão, pelo que me lembro — Quentin disse seco.

Nevin se sentou na cadeira, como que se preparando para uma longa visita.

— Não, não. Em 1100, Ranulf Flambard, o bispo de Durham, foi aprisionado por ordem de Henrique I. — Nevin se empertigou. — Ele escapou pela janela com uma corda que trouxeram às escondidas.

— Mesmo? — Quentin desviou os olhos, ainda assim sentindo o peso do olhar do outro.

— Não tenha idéias semelhantes, pois uns cento e quarenta anos mais tarde o príncipe gales Gruffydd Ap Llewelyn, um prisioneiro de Henrique III, tentou a mesma coisa,

improvisando uma corda com os lençóis.

— Eu não sabia. — Impaciente, Quentin batia o pé no chão. Aquele não era um assunto adequado para o momento.

— Os nós dos lençóis se soltaram e ele caiu de encontro à morte. — Nevin bateu as mãos. — Bam! Pobre coitado!

— Sim, um coitado — Quentin repetiu, esperando que, diferentemente a Llewelyn, o seu destino fosse outro.

— Quanto mais ao fundo da fortaleza. Menores as chances de escapar. Se tem alguma esperança de sair daqui, terá de ser pela graça de Cromwell. — Nevin ergueu uma sobrancelha. — O que pode acontecer. Afinal, seu único erro foi ser insensato no amor. Foi o que ouvi. — Recostou-se, quase fazendo a cadeira cair para trás. — Foi amante da Dama Notável. Ora essa. Alguém a contar a minha esposa, por certo.

Cerrando o maxilar numa fúria contida, Quentin murmurou.

— Então conte também como o coração de um homem fica dilacerado por saber que a mulher amada será enforcada na manhã seguinte enquanto ele fica preso numa caixa de pedras. — E repetiu: — Conte a ela!

— Eu... eu... eu contarei. — Visivelmente abalado pela veemência da resposta de Quentin, Nevin se levantou, olhando para a porta ao mesmo tempo em que pegava as chaves presas ao cinto.

— Melhor ainda... — Quentin sussurrou, os olhos suplicantes. — Tenha piedade de mim e me deixe sair, deixe-me ir ao encontro dela. Assim poderá contar um final feliz à sua esposa.

— Deixá-lo sair? — Nevin o fitou como se ele tivesse perdido o juízo. — Não! Fazer isso seria um modo seguro de me mandar para a forca!

Quentin retornou para junto da janela, fitando a torre que bloqueava a vista de Londres.

— Sei disso. Foi só uma idéia...

Fechando os olhos, só conseguia imaginar como seria chegar a Tyburn em cima da hora. Pegando a espada, cortaria a corda amarrada ao redor do pescoço delgado de Devondra. Ele a suspenderia nos braços e fugiriam pelo horizonte até o pôr-do-sol. E nunca, nunca mais tiraria os olhos de cima dela.

— Nevin? — Virando-se, viu que estava sozinho.

Devondra, por sua vez, não estava sozinha. Ao levantar o olhar e ver quem era sua visita, desejou estar só, porém.

— Scar. — *Que diabos ele fazia ali?*

— Estava à minha espera?

Só de voltar a vê-lo, sentiu-se nauseada, mas não deixou transparecer seu mal-estar.

— Estamos em Newgate. Este lugar está infestado de ratos. Que diferença faz um a mais?

O insulto, costumeiro, não o abalou, pois ele só suspirou.

— Devondra, Devondra... Como me dói saber que ao amanhecer você morrerá, isso quando seu destino poderia ter tomado outro rumo.

Furiosa, ela afastou uma mecha de cabelo do rosto.

— Esse rumo a que se refere caso eu tivesse me aliado Dando vários passos à frente, seguiu a mão dela.

— Sim, eu a teria protegido e... Devondra afastou a mão.

— Prefiro a forca!

— E isso você conseguirá.

O olhar de desafio dela titubeou um segundo, dando mostras de seu medo.

— Graças a você. — Ele traíra tanto a ela quanto ao seu pai e pelo quê? Essa era uma dúvida que precisa ser respondida. — Por quê?

— Por quê? — Ele se mostrou surpreso com a pergunta.

— Não é por causa de luxúria, tenho certeza. Nunca houve nada entre nós. Tampouco eu e Tobias éramos rivais sérios em seus domínios. Por que, então? Por que teve de testemunhar contra mim? Que prazer conseguiu ao me rebaixar tanto assim? — Como ele não respondeu, ela voltou a perguntar: — Amanhã subirei os degraus do patíbulo. Por certo tenho o direito de saber os motivos de seu ódio.

Uma série de emoções trespassou as feições de Scar. Por fim, ele respondeu:

— Foi por causa de seu pai... E de Anne.

— Meu pai? — Ela balançou a cabeça confusa. — Meu pai está morto. Quanto a Anne... — Arregalou os olhos. No passado não entenderia o que ele queria dizer, mas agora sabia a que ele se referia. — Oh!

O rosto de Scar se contraiu numa máscara de horror.

— Ele a seduziu e, ao fazer isso, condenou-a a morte.

— O quê? — Seu arfar ecoou pela cela.

— Ela morreu por causa do filho que carregava. A parteira não conseguiu salvá-la.

Devondra se lembrava da filha de Scar. Anne, uma moça frágil com a aparência de uma bonequinha chinesa, fora o maior tesouro de Scar. Por mais bonita que ela tivesse sido, contudo, Devondra duvidava que o pai a tivesse seduzido. O pior defeito do pai era o de ser um mulherengo, mas Anne fora jovem demais para ele.

— Não acredito nisso.

Scar grunhiu ante a resposta dela, o tempo todo com o rosto numa carranca feroz.

Uma raiva que eu não mereço. Era enervante saber que mesmo a tentativa de sedução dele derivava de ódio. Ao acusar o pai dela de se deitar com a filha, tendo-a engravidado, Scar parecia determinado a empatar o placar. Quando isso não funcionou, ele recorreu a outros métodos.

— Mesmo que o que diz seja verdade, eu não tive nada a ver com a morte trágica de Anne. Nem a minha morte nem a de meu pai a trará de volta.

— Mas vai saciar a minha sede de vingança.

— E depois disso? — Nesse instante Devondra sentiu pena de Scar, mais do que de si própria, pois o ódio dele era uma maldade tão torturante que sobreviveria até mesmo ao túmulo.

— Depois? — Por um segundo Scar se mostrou confuso, como se não conseguisse pensar além da vingança.

— Sim, depois? — O soar do sino acompanhou o lamento de Devondra, lembrando-a propositadamente da iminente ida ao patíbulo.

— Vocês, prisioneiros por causa de maldades e pecados, depois de muitas preces demonstradas, agora são indicados para perecer no dia seguinte — uma voz exclamou. — Prestem atenção e entendam que amanhã de manhã o grande sino do Santo Sepulcro tocará por vocês e por todos os abençoados, ouvindo os sinos que indicam suas mortes, tomem coragem e rezem a Deus para que ele, em Sua graça e misericórdia, os abençoe enquanto ainda vivem. — A voz prosseguiu: — Imploro, por Jesus Cristo, que façam vigília esta noite, rezando pela salvação, sabendo que amanhã estarão na presença de nosso criador, para prestar contas de todos os seus atos em vida e para sofrer os eternos tormentos pelos seus pecados, a menos que, em seus corações, mostrem arrependimento genuíno a fim de receberem misericórdia pelos méritos da morte e paixão se...

— Cale a boca! — gritando a plenos pulmões, Scar tropeçou num dos catres a caminho da porta. Batendo na pesada porta de madeira, exclamou de novo: — Cale-se!

— Olhe só, ele enlouqueceu.

— Sem dúvida um candidato para Bedlam... Temendo que Scar voltasse sua ira para eles, dois guardas abriram a porta com cautela. Antes que Scar soubesse o que estava

acontecendo, eles pararam um de cada lado, segurando e prendendo os braços dele às costas, empurrando-o para fora da cela. Tudo o que Devondra pôde fazer foi ver o executor de sua maior derrota ser levado pelo corredor. Ainda assim, conforme o manto da noite se aproximava com maior rapidez, ela só podia ter esperanças que o acesso de Scar fosse indicativo de algum remorso.

Estava tarde. Quentin fitava a janela, desejando ter poderes para atrasar o tempo, seqüestrar a lua. Qualquer coisa que impedisse a noite de passar.

— Onde você está, Edwin?

Estava preocupado. Talvez sua intemperança com o carcereiro fosse a sua ruína. Talvez tivessem negado permissão de visita a Edwin. Talvez alguma coisa tivesse acontecido, arruinando assim seus planos... Talvez...

O tinir das chaves anunciou que já não estava mais sozinho. Levantando o olhar, esperou se deparar com o carcereiro que tivesse vindo para buscar a bandeja. Era Edwin, porém.

— Finalmente.

— Ah, velho amigo, trago uma mensagem de Cromwell — Edwin disse, dando um passo para o lado, revelando o carcereiro logo atrás dele.

— E eu tenho outra mensagem para ele — Quentin replicou. — Diga a ele que vá direto para o inferno pelo que está me fazendo passar. — Virou-se para Nevin, lamentando seu acesso de pronto, pois o homem estava apavorado. Graças aos céus, porém, tudo o que ele fez foi sair.

— Mas que vergonha, Quentin... Acho que assustou o pobre homem. Ah, que importa? Talvez seus maus modos tenham nos dado um pouco de privacidade.

Uma privacidade que Quentin não sabia se podia confiar. Ouvira histórias de carcereiros espiando pelas fechaduras, por isso, antes de falar livremente, foi até a porta para se certificar de que não havia ouvidos à espreita. Satisfeito, virou-se para Edwin.

— Cromwell me enviou alguma mensagem de fato?

— Não.

— Foi o que pensei.

— Trago um presente para você. — Devagar, Edwin despiu a jaqueta, revelando a corda enrolada no torso.

— Ah, não há presente melhor... — Os dedos de Quentin tremiam ao desenrolar a corda; temendo ser descoberto, escondeu-a debaixo do colchão.

— E o gancho. — Que estava escondido debaixo do manto de Edwin e logo se juntou à corda. — Preste bem atenção. Estudei o padrão de ronda dos vigias.

Edwin contou que havia pelo menos meia hora de intervalo entre a terceira e a quarta ronda. Tempo mais do que suficiente para Quentin se afastar das paredes da torre.

— Há quatro pontos de vigia, mas é possível passar por todos sem ser visto. — Indicou cada um: Bulwarg Gate, Lion, Middle e Byward. — Melhor ainda, se você escapar pela água, no fundo da torre Byward onde você está agora, há um fosso que recebe as águas do Tâmis.

— Cheio de lama, esgoto e lodo — Quentin resmungou. — Entendo o que quer dizer. Se eu conseguir avançar ao máximo pelo fosso e nadar até o cais, posso escapar despercebido.

— A não ser pelo cheiro que ficará impregnado em você depois disso. — Edwin franziu o nariz. — Conheço uma rota mais rasa, formada por detritos empilhados onde a água lançou areia e lixo. Talvez nem tenha de nadar, só deslizar pelo fosso até esse ponto.

— Deslizar?

— Sim. Depois de ter escapado, encontre-me em minha casa da cidade. Reservei

uma troca de roupas para você e um cavalo.

— E uma espada e uma pistola, se as tiver, por favor. — Cedendo às emoções, Quentin fez uma coisa rara: abraçou-o.

— Ah, Edwin, meu amigo, eu serei grato para sempre. Caso não voltemos a nos ver, tenha certeza disso.

Seguindo até a janela, Quentin encheu os pulmões de ar, ignorando o fedor do fosso, sentindo-se revigorado com a centelha de esperança. Com a ajuda de Deus e a corda de Edwin, conseguiria fugir. E assim seu plano começava.

— Muralhas de pedra não fazem uma prisão, nem barras de ferro uma jaula — Quentin murmurou, citando o poeta Richard Lovelace. Usando toda a força de que possuía, forçou as barras, curvando-as apenas o bastante para permitir a sua passagem.

Olhou para fora. A noite estava particularmente escura, a lua era minguante. Esperava que com a ajuda do manto negro, isso pudesse ajudar. Se ao menos conseguisse sair da cela.

— Vou conseguir! — Apesar de a fortaleza parecer impenetrável, ele logo estaria saindo dali. Só de pensar nisso, sentia-se mais satisfeito.

Edwin lhe informara que um rapaz o estaria esperando perto da muralha para levá-lo a um barco. Parecia tudo tão simples, a prova de falhas, que ele acreditava mesmo que não encontraria problemas para fugir. Otimista, foi até a grade da porta e espiou. O carcereiro havia terminado a ronda, já podia se preparar.

Respirou fundo e contou até dez. Depois passou a corda pela barra de ferro e escorregou para, a estreita passagem. O som de passos e um barulho à porta o fizeram voltar apressado, os músculos dos braços ardendo pelo esforço extra.

— O carcereiro! — resmungando conseguiu entrar de novo pouco antes de a porta ser aberta e revelar o homem com uma bandeja nas mãos.

— O cozinheiro fez torta de faisão. Pensei que gostaria de um pedaço. — Observando Quentin, à espera de novo acesso de raiva, abaixou a bandeja. — Talvez isso o anime um pouco. E uma taça de vinho para ajudar.

— Obrigado.

— Também trouxe pudim de ameixa. — A expressão do homem era de simpatia e Quentin se perguntou se o pudim não era uma forma de mostrar empatia pela situação do prisioneiro. — Lembro que me disse que gostava.

— E gosto.

— Eu estava pensando... Sobre o que me disse a respeito de sua amada... Sinto muito.

Quentin assentiu.

— Obrigado mais uma vez.

A porta estava aberta e o carcereiro lhe dava as costas. Seria perfeito fugir por ali. Todavia, Quentin pressentiu que não deveria se arriscar, ainda mais que isso significaria ter de machucar o pobre carcereiro. De nada adiantaria isso. Em vez disso, esperou pacientemente que ele saísse, o que ele fez no fim das contas.

Quentin voltou a passar pela janela, fitando as águas escuras logo embaixo. Tão fria. Ouviu os barulhos da cidade à noite. Tão perto a liberdade. Entre eles não havia trancas, portas ou barras. Só uma grande altura. Quão grande?

Devagar, respirou fundo, deixando que o ar o fortalecesse. Ao longe ouvia as badaladas da Igreja do Santo Sepulcro e via as chamas das tochas e lanternas.

Olhou para baixo de novo. As paredes da torre pareciam lisas. Não haveria como encaixar dedos ou pés se escorregasse da corda. Lembrando-se do destino de Llewelyn,

imaginou por um segundo o que aconteceria se seus dedos escorregassem pela corda.

Não importava. Amarrando a outra corda na cintura junto com o gancho, desceu pela janela. Devagar começou a descer até sentir os dedos sangrarem.

Ainda muito alto, balançou. Para seu desespero, descobriu que a corda estava curta. Seus cálculos estavam errados. Não havia mais nada a fazer senão pular.

— Ai! — Sentiu o ar escapar dos pulmões ao bater no chão do lado de fora do castelo. Todavia, conseguiu se levantar e prestar atenção aos sentinelas. Depois seguiu até os muros externos.

Consegui! Mas sua euforia durou pouco. Os sentinelas estavam por perto, guardando os portões e as muralhas, bloqueando sua corrida para a liberdade. Um único alerta e ele estaria cercado por vigias. Tinha de tomar cuidado.

Usando o gancho, ergueu-se, avançando cautelosamente pelas ameias até o ponto que julgava ser o mais raso indicado por Edwin. Prendeu o gancho numa das pedras, lançando a corda para o outro lado. E mais uma vez desceu pela corda.

— Uh! — Detestando a idéia de cair nas águas fétidas e escorregadias do fosso, soltou a corda.

Houve um ruído alto ao bater na água. Alto demais. Quentin temeu que isso alertasse os sentinelas, mas nenhuma perseguição se iniciou. Tremendo na água que o cercava, começou a deslizar desesperadamente, afundando no lodo malcheiroso.

O fedor invadia suas narinas e por isso esforçou-se para evitar que a água alcançasse a boca e o nariz. Foi um pesadelo atravessar aquele trecho.

Por fim, deixou-se cair num aterro bem a tempo antes de um par de soldados sair da Torre Byward. Agachado, Quentin ficou alerta para qualquer grito ou sinal de ter sido avistado. Para seu grande alívio, não ouviu nada.

Conseguira! Ainda assim, precisava se apressar. O mais rápido que conseguiu, arrastou-se até ver uma forma se aproximar. Exausto demais para escapar, temia o pior, ansiando pela esperança.

— Sir Edward Trevor me enviou. Quase desisti, pois o estava esperando naquele ponto. — O rapaz apontou.

— Abençoado seja, então, por ter me esperado. — Quentin passou para o barco, limpando-se num pedaço de pano.

Juntos remaram até chegarem ao outro lado onde abandonaram o barco. Quentin se apressou pelos becos escuros, escorregando pelas pedras da rua até que por fim, chegou à casa de Edwin. Lá se viu nos braços do amigo ansioso.

— Consegui!

— Consegui.

Em meia hora estava limpo e aquecido na casa do amigo, mas não havia tempo a perder.

Capítulo X

O som dos roncoss ecoava na cela, mas Devondra se sentia só. Que horas seriam? Não sabia. Tudo o que sabia era que a acusação de Scar a incomodava profundamente.

— Meu pai jamais levaria para a cama alguém mais jovem do que eu. — Se era assim,

de onde Scar tirara essa idéia?

Fechando os olhos, tentou se lembrar de qualquer coisa que o pai tivesse dito indicando que mantinha um caso com Anne. Até onde sabia era Hyacinth quem preenchia esse posto, quem aquecia a cama do pai.

A verdade era que mal conhecera Anne, vendo-a somente ocasionalmente, já que ela e o pai moraram em Brendford e Scar e a filha em Teddington. Longe o bastante para saber da doença e morte da moça somente muito dias depois.

Scar contara que ela morrera em decorrência de uma febre. Agora devia acreditar que essa explicação era mentira? E quanto ao pai? Ainda que ele tivesse demonstrado certo pesar pela morte antecipada de uma mulher, Scar nada dissera em relação ao seu pai. Nenhum sinal de arrependimento.

Não acredito que tivessem sido amantes. Tendo ela mesmo passado por essa experiência, sabia que teria notado alguma mudança no pai. Mas se ele era inocente, por que Scar tinha tanta certeza? Tanta a ponto de maquirar vingança tão cruel?

— Acho que nunca saberei...

— Shh!

Virando-se na direção do som, Devondra viu um papel passar por debaixo da porta. Ignorando-o, concentrou-se mais uma vez no encontro com Scar até uma voz no canto exclamar:

— Bom Deus! Uma retratação! Para a Dama Notável!

— Deixe-me ver. — Pondo-se de pé, Devondra sentiu raiva só de pensar. E mesmo furiosa leu a narrativa de sua vida à luz de vela.

— A Retratação de uma Dama ou A vida e a Morte da Notável Dama Stafford agora pendurada em Tyburn. — O papel dizia. — Entregue a uma amiga, um pouco antes da execução, na qual é descoberto o verdadeiro mistério da profissão perniciosa e fatal do bandoleirismo nas estradas.

Rapidamente, Devondra percorreu os olhos pelo papel, feliz em saber ler. Não falava nada de sua vida anterior, onde e como nasceu, a posição ocupada pelos seus pais. Nem mencionava seu nome de batismo. O que havia era uma página repleta de supostos atos maléficos, incluindo assassinatos que ela nunca instigou, sequer executou, depois implorou por perdão.

— "Quanta vaidade" — dizia — "nos pensamentos daqueles que se aproveitam da beleza e da juventude sem considerar que são estátuas de pó, feitas de lágrimas e movidas por desejos secretos; torrões de terra cujas febres mais breves podem levar às cinzas e dissolvê-las no nada."

A narrativa de Pureney retratava que a Dama Notável certa vez se considerava uma das favoritas dos céus e que por isso seguira caminhos tortuosos que jamais seriam revelados. Mas o Lorde Protetor, Cromwell, com a ajuda de Deus, descobriu seus malfeitos e, tendo-a subjugado, apanhou-a.

— "Libertando as estradas de grande ameaça e perigo!" Devondra continuou a ler, "descobrimos" que fora órfã quando bebê e que no orfanato teve de aprender a lutar para conseguir a mínima migalha de pão a fim de não definhir na pobreza. Pelas ruas de Londres, encontrou uma bolsa jogada no esgoto. E esse foi o início de uma vida repleta de pecado e de uma profissão que a levou de um roubo a outro.

— "Amantes teve aos montes, inclusive diversos membros do Parlamento."

Tinha as mãos trêmulas, mas o que mais a horrorizava era a parte no panfleto no qual narrava seu corpo pendurado ao vento. Como se quem tivesse escrito aquilo tivesse testemunhado tudo. Terminava assim:

— "Leitor, asseguro-lhe que isto não é ficção, mas um relato verídico da vida da Dama Notável. Escrito por ela mesma e transcrito por mim para ser entregue ao público em compensação pelas muitas injustiças por ela provocadas."

— Injustiças! — Quanto a isso, ela já havia pagado, ou em breve pagaria.

Amassando o panfleto, Devondra jogou no chão o pedaço de papel que a declarava morta. Ainda não tinha morrido. Mas quais as suas chances? Conforme o tempo passava, e ela permanecia confinada naquela cela, teve de admitir que seu futuro fosse sombrio.

Devondra despertou com os mesmos sinos que a fizeram adormecer. Deitada letargicamente no pequeno catre, já há muito passara do ponto do desespero. Em vez disso contemplou coisas que esperava não ter de pensar antes de envelhecer. Vida. Morte. Paraíso. Inferno. Tudo indicava que descobriria antes do esperado o que acontecia quando a respiração de uma pessoa cessava.

— Ai, meu Deus!

Embora tivesse passado as últimas horas da noite anterior se preparando para aquilo, ela sabia que não estava pronta. Ainda não. Apenas começara a saborear a vida. E havia tanto mais para aproveitar. Cada minuto transcorrido trazia a hora do ajuste de contas mais próxima. Mesmo assim, em seu íntimo esperava receber algum tipo de perdão no último instante. Quentin era sua única esperança e essa sua parte que ainda acreditava desejava que ele pudesse usar sua influência para deter o enforcamento. Essa última esperança se foi ao ver o rosto do carcereiro entre as grades da pesada porta da cela.

Esperara por um milagre, mas agora que as horas se passaram, sua fé também esmaecera. Suspeitava também que a execução, tal qual o julgamento, seria um martírio, um pesadelo.

— Chegou a hora! — anunciou ele numa voz áspera. Passando pela porta, ele empurrou um monte de tecidos em suas mãos, que ela logo descobriu se tratar de suas antigas roupas.

— Devo usar isto? O guarda assentiu.

— Entendo.

Para piorar a situação, ele tinha de vestir seu costume de veludo vermelho, a máscara, o chapéu emplumado e botas de couro pretas. Pelo visto a ralé não esperava outra coisa e estava pronta para aplaudir a salteadora que devia fazer sua apresentação final em grande estilo.

— Que seja! — Faria essa tão esperada apresentação, mostrando-se com estilo, enfrentando a morte com distinção e talento. Por certo seu pai fez o mesmo. — Que vejam que os Stafford sabem como viver e como morrer.

Só lhe restava desejar que Deus, em sua misericórdia, lhe concedesse uma morte rápida. Nesse meio tempo, vestiu-se com a maior lentidão, até mesmo tomando um banho de esponja com seu parco racionamento de água. Aproveitou e valorizou cada minuto extra de vida.

— Depressa! — O carcereiro se mostrava impaciente. De pé com suas anáguas e camisa de baixo, penteou os cabelos, depois se inclinou para vestir as meias-calças. O vestido vermelho veio em seguida e foi o próprio carcereiro quem o amarrou às costas.

Ele, um ancião de cabelos e barba grisalhos, parecia emocionado ao tocá-la e sussurrou em seu ouvido:

— É jovem demais para morrer, senhorita. Preste atenção ao que vou lhe dizer: diga que está de barriga. Diga que está grávida, seja isso verdade ou não. Isso lhe dará mais tempo.

— Para definhar aqui? — Ela suspirou e balançou a cabeça. Chegara a pensar nessa estratégia, sabendo que as leis inglesas proibiam que se matasse mulheres grávidas. A verdade, porém, é que essa mentira seria facilmente descoberta, pois seu fluxo mensal acabara de se iniciar e esse tipo de coisa não podia ser encoberta em Newgate.

— Que Deus se apiede de sua alma, então. — Ele se afastou ao entregar o chapéu.

— Acredito que ele fará isso. — Tentando manter o moral elevado, colocou o chapéu e, num floreio, amarrou a máscara.

— Oh! — Mesmo as companheiras de cela, afundadas em sua própria tristeza, apreciaram o efeito final.

— A multidão lá fora não ficará desapontada, nem por um minuto.

— Nem um pouco. — O carcereiro pegou a chave e abriu a porta, depois a conduziu pelo corredor.

Ensanduichada entre muitos guardas, ela seguiu em procissão. Era uma marcha fúnebre e era assim que ela se sentia, mas Devondra caminhou de cabeça erguida. Conforme prometido, ofereceria um espetáculo.

O grande sino do Santo Sepulcro tocou no instante que ela passou pelo portão frontal. Levando a mão aos olhos, ela se retraiu com a repentina claridade. Piscou um instante, mas logo os viu.

Homens e mulheres bem vestidos, assim como crianças e camaradas maltrapilhos, estavam estacionados diante de Newgate para ver a condenada ser enviada ao patíbulo. Ouviu gritarem, como se ela fosse algum tipo de celebridade do momento:

— A Dama Notável!

— Ela é tão linda!

— E está vestida exatamente como ouvi contarem!

Falcoeiros e comerciantes se aproveitaram do acontecimento para vender suas mercadorias, de bolos a bugigangas. E bonecas. Pequenas réplicas mascaradas de Devondra vestidas em costumes escarlate, com diminutas pistolas saíam das mãos dos vendedores quase chegando a voar.

— Venha, para a carroça — uma voz áspera comandou. Dos portões de Newgate começava sua última e breve viagem até o carrasco.

Uma cutucada nas costelas a apressou.

— Abutres! — reclamou, perguntando-se como pessoas comuns podiam se juntar com tanta tranquilidade em torno da carroça como se estivessem à espera de um espetáculo. Não sentia mais raiva, somente uma estranha calma. Não havia mais o que fazer.

Levantando as saias, procurou subir com graciosidade, seu gesto só sendo maculado pelo empurrão de um guarda. Em seguida um tambor soou quando a corda foi colocada em seu pescoço, um laço como um símbolo, e, sentada em cima de seu próprio caixão, ela seguiria até Tyburn. Um ministro da igreja a acompanhava; na frente e na retaguarda, guardas cavalgavam junto dela e uma fila de soldados vinha logo atrás.

Seguindo de costas na carroça, já sentia o repuxão da corda no pescoço. Solene, desejou ver Quentin, nem que de relance, antes de morrer.

O que acontecera com ele? Não saber era pior do que sofrer o próprio destino.

Oh, Quentin, onde você está? Por que não veio ao menos dar um último adeus?

Conforme a tradição, a última jornada até Tyburn deveria ser animada como se ela fosse a figura central de uma grande festividade.

Devondra, no entanto, mal conseguia deixar um sorriso fixo no rosto. Como podia fingir alegria sabendo o que aconteceria assim que chegasse a Tyburn? O executor pararia a carroça debaixo da viga de uma das forcas e amarraria uma das pontas da corda. Feito isso, chicotearia o cavalo, a carroça se moveria debaixo de seus pés e ela se debateria até a morte.

A descida por Holborn Hill foi a primeira parada da procissão logo defronte do Santo Sepulcro. Ali o criminoso receberia do clérigo um enorme ramallete amarrado com fitas de cetim.

Era como se fosse um buquê de noiva, Devondra pensou com lágrimas nos olhos. Nunca se casaria com Quentin, nunca partilharia uma vida inteira com ele, nem seguraria sua mão, sentindo a força de seus braços ao seu redor, tampouco desfrutaria da magia de ser amada novamente. Nunca mais! Ah, mas como queria tudo isso...

A procissão passou os limites da cidade em Holborn Bars, onde as antigas construções de madeira de Staple Inn podiam ser vistas do outro lado da estrada. Passando com dificuldade pelo estreito de High Street e Bloomsbury, passaram por St. Giles a

caminho da estrada de Tyburn.

Tyburn. Ou Tye Burne, dois rios que se juntavam a partir de Hampstead Heights em direção ao Tâmisia.

Na estalagem Crown mais uma breve parada onde, de acordo com os costumes, o senhorio presentearia o prisioneiro com uma caneca de cerveja. Com as mãos trêmulas, ela saudou a população. Em seguida a procissão continuou, a turba da cidade acompanhando, alguns em carroças, a maioria a pé. Crianças corriam atrás de mulheres mal vestidas. Às vezes famílias inteiras se juntavam para ver um prisioneiro passar. Alguns acompanhavam a cavalo, outros caminhavam e alguns entusiasmados corriam o caminho inteiro.

A carroça desceu a Oxford Street, passou pela Edgewood Road, a multidão crescendo cada vez mais, uma turba de seres humanos no ferrenho corpo a corpo. Os soldados tinham muita dificuldade para abrir caminho.

Devondra tentou não olhar para o populacho, mas isso era muito difícil. As conversas, os aplausos e o riso eram muito mais altos que o rufo dos tambores que os acompanhavam. Acotovelando-se e empurrando, tentavam ver direito a mulher de vermelho, mal parecendo de verdade. De fato, a cena inteira mais parecia uma farsa ignóbil.

— Vou morrer! — ela sussurrou. Não tinha se dando conta de fato até aquele instante. Estava prestes a morrer.

A corda no pescoço, a qual tolerou durante todo o trajeto, agora parecia torturá-la. Arranhava sua pele. Era pesada. Ela se sentia prestes a sufocar.

la morrer. Sozinha. Às vezes familiares ou amigos aceleravam a morte, puxando as pernas do condenado para baixo ou batendo no peito dele com força para despachá-lo o mais rapidamente possível. Ela, contudo, não tinha amigos na multidão. Hyacinth não estaria ali. Nem Tobias. Tampouco Quentin.

Foi assim que meu pai se sentiu. Desertado. Fechando os olhos, acontecimentos felizes e tristes pipocaram atrás de suas pálpebras.

Do meio da multidão, um homem vestido de preto se adiantou com um pergaminho na mão.

— Devondra Stafford, a Dama Notável, foi julgada e condenada por assalto nas estradas de nosso Lorde Protetor. Será enforcada até morrer. Que Deus tenha piedade de sua alma!

— Não... — ela sussurrou. Queria lutar contra as mãos que a seguravam, queria gritar, todavia, sem nem saber como, manteve o autocontrole até as mãos serem amarradas às costas e a corda do pescoço ser passada por sobre a viga da forca. Pela primeira vez na vida, sentiu a coragem abandoná-la. Deu vazão à angústia com um grito profundo que se misturou a outro vindo do meio do povo.

— Espere! Tire as mãos de cima dela ou pague com a vida!

— O quê? — Os espectadores perguntaram numa única voz. Todos se viraram ao mesmo tempo na direção de um mascarado vestido de preto sobre um garanhão igualmente negro, segurando uma pistola e uma espada.

— Scar?! — Devondra exclamou. Ela imaginou que nas últimas horas a consciência dele pudesse incomodá-lo e que no fim ele viesse resgatá-la.

O cavaleiro conduziu a montaria por entre as pessoas, quase atropelando os teimosos que não queriam dar passagem. Naquele momento era como se tudo estivesse se movendo em câmera lenta.

Devondra viu, hipnotizada, a corda ser partida. Em seguida, viu-se nos braços do mascarado e montada diante dele no cavalo. Depois disso, partiram galopando pela mesma estrada em que veio, só que na direção contrária em meio a aplausos e aprovação do povo. Normalmente o populacho teria vaiado se o prisioneiro recebesse perdão no último segundo, mas, obviamente, eles não se sentiam ludibriados naquele dia.

— Viva a Dama Notável e seu amante! — eles gritavam.

— Amante?

Fitando os olhos azuis que piscavam marotamente para ela atrás da máscara, Devondra soube que era verdade. Aquele não era Scar, mas sim Quentin!

Sentiu o coração inflar de alegria e contentamento. Ele viera! Fora resgatá-la!

— Quentin!

Ele estava emocionado e, em seu coração, as palavras ecoavam: Ela está viva! Chegara a tempo. A paciência valera a pena dessa vez.

Enquanto aguardava nas sombras ao ver passarem a corda pela viga da forca, seus piores temores de não ter chegado a tempo vieram à tona. Agora não conseguia despregar os olhos de cima dela, mesmo sabendo que devia prestar atenção no caminho.

— Oh, Quentin, eu já tinha desistido. Eu... Ele a abraçou com mais força.

— Shh. Eu vim. Você está a salvo agora.

Ela fechou os olhos e se aninhou naquele abraço.

— Salva... — De súbito, abriu os olhos. — Mas o que vamos fazer agora? Aonde vamos nos esconder? — Cromwell teria espiões em todos os cantos depois de ouvir o acontecido em Tyburn.

— Em Heath. É o único lugar em que podemos nos esconder até que eu consiga comprar passagens para a França.

— Não podemos ir para lá, pois temos um inimigo ainda mais perigoso do que em toda Londres. — Scar sem dúvida voltaria a traí-la na primeira oportunidade.

— Para onde, então?

— Não sei. — Mas teriam de encontrar um lugar para se esconderem e logo. Apesar de os guardas e soldados não os terem perseguido, o alarme logo seria dado. Era apenas questão de tempo antes que comesçassem a caçá-los.

As passadas ritmadas dos cascos do cavalo equiparavam-se às de seus corações conforme Devondra e Quentin procuravam um esconderijo.

— Metade de Londres deve estar em nosso encalço!

— E não há onde nos escondermos...

— Há muito mais coisas envolvidas num resgate do que simplesmente salvar a dama em apuros — Quentin lamentou. — Muito mais... — Com carinho, afagou o cabelo dela. — Quero mantê-la a salvo.

Devondra o tocou na face, traçando o seu contorno.

— Não importa o que aconteça agora, você será sempre o meu herói. — Recostou-se a ele, emitindo um suspiro de contentamento. — Mesmo que eu viva cem anos, nunca esquecerei o modo como meu coração alçou voo ao perceber que você não só não tinha me abandonado, mas também viera me resgatar. Apesar de tudo.

— Eu te amo, Devondra. Nunca duvide disso.

— Você provou isso hoje, meu amor. — Apertando as mãos que seguraram as rédeas, ela o acarinhou. — Ah, mas temo que o meu resgate signifique a sua derrocada.

— Não por causa disso. — O maxilar de Quentin ficou tenso ao narrar sua estada na Torre. — Tudo por causa da minha cegueira. Pensei que Cromwell fosse a resposta para todas as injustiças da Inglaterra, mas estava errado. Ele simplesmente é um tirano no lugar de outro. Devondra bem sabia que essa era a verdade.

— Ele tem sido vingativo em relação àqueles que lutaram para manter a Coroa. Se não fosse por ele, talvez meu pai...

— É verdade... — Uma verdade que ele viu com clareza ao passarem pelo interior de um país massacrado pela Guerra Civil. De olhos arregalados viu construções queimadas, campos abandonados, testemunhas das batalhas que devastaram o cenário.

— A crueldade dele chegou até as canções de ninar — ela citou algumas das canções alteradas de acordo com a nova realidade. — Há centenas de igrejas pelo país outrora repletas de vitrais e de relíquias em seus nichos que hoje, como tantas pessoas, foram destruídas para estar de acordo com os desejos de Cromwell.

Mortificado, Quentin se lembrou de um dia de sua patrulha em que ele e seus homens transformaram uma igreja em estábulo. De acordo com as ordens de Cromwell, a igreja havia sido vandalizada e todas as evidências de "idolatria" esmagadas.

— E agora ele quer destruir a mim.

— Não importa. — Devondra o silenciou com um dedo sobre os lábios. — De algum modo encontraremos um esconderijo.

Cavalgaram em silêncio, cada um imerso em seus pensamentos. Por fim, cansados e sedentos, e quando o cavalo deu sinais de que precisava descansar, procuraram um lugar para parar.

— Há um pequeno chalé logo ali adiante.

— Parece longe o bastante de Londres para ser seguro, mas não há como ter certeza,

— Temos de arriscar. Está na hora de fazer uma pausa. Pelo menos poderemos nos aquecer e pedir um copo de água.

Guiando o cavalo para fora da estrada em direção à pequena construção de pedras, Quentin concordou. Vasculhando o horizonte para se certificar de que não estavam sendo seguidos, escondeu a montaria num nicho entre as árvores, depois a ajudou a desmontar. As mãos escorregaram pelas curvas do corpo dela, fazendo-a estremecer. Ela se lembrava muito bem das sensações que aquelas mãos conseguiam provocar.

— Ah, eu queria tanto... — ela sussurrou. Ele sorriu.

— Quando tudo isso terminar, passaremos um mês inteiro sem fazer mais nada além de nos amarmos.

— Meu senhor — disse ela, levantando-se na ponta dos dedos para beijá-lo de leve —, eu o lembrarei dessa promessa.

Mantendo-se nas sombras, ele buscou água no poço ali perto.

— Beba devagar — ele recomendou, segurando uma caneca.

Ainda que concordasse, foi difícil não sorver o líquido fresco em goladas. As rações de água em Newgate eram parcas e o que chamavam de água lá era um líquido tão duvidoso que ela bebeu o mínimo necessário naqueles últimos dias.

— Devagar...

Só depois de ter a sede dela aplacada, ele também bebeu. Levando-a pela mão, foram até o chalé. Parado diante dela como forma de proteção caso houvesse algum perigo, ele bateu à porta.

Ninguém respondeu. Empurrando-a, descobriu que ela estava somente encostada. Fez uma rápida exploração no chalé de fato abandonado antes de gesticular para que ela também entrasse.

— Parece que Deus sorriu para nós mais uma vez — ela sussurrou.

Devondra logo se fez útil, procurando gravetos para fazer fogo. Quentin esfregou dois pedaços de madeira para iniciar o fogo e em alguns minutos o brilho das chamas iluminava o cômodo sem janelas. O lugar era bem simples, um chalé quadrado com paredes ásperas sem pintura. A única mobília eram dois banquinhos e uma mesa.

— Ao que tudo indica, tudo de valor foi levado. Quentin se esforçou para manter o moral elevado ao olhar ao redor. Queria oferecer o mundo para Devondra, mas seus planos tinham ruído. Em vez disso, estavam escondidos num chalé pobre e abandonado.

O fato era que eleja se esquecera o que era preciso para se manter. Não pensava muito na rotina de um homem comum, tão ocupado que estivera com os assuntos de Estado, com as políticas do Lorde Protetor e procurando punir os transgressores da lei. Todas as suas necessidades eram sanadas por outras pessoas. Agora, aquilo havia mudado e ele se perguntava o que lhes aconteceria. Encontrariam um lugar seguro para viver? E depois disso, encontrariam madeira o bastante para se aquecerem? E quanto à comida?

— Não tenho dinheiro. O que faremos agora?

Apesar dos últimos acontecimentos, Devondra não conseguiu deixar de sorrir.

— Bem, se o pior acontecer, há sempre a possibilidade de eu voltar a atuar nas estradas.

Ele riu, esperando sinceramente que ela estivesse brincando.

— Oh, não! Sinto dizer, mas só sou capaz de fazer um resgate apenas. Da próxima vez, estará por conta própria.

Ela também riu, mas logo ficou séria. Não tinha habilidade nenhuma, não sabia se sustentar. Durante toda a vida, sempre houvera alguém tomando conta dela e depois vieram seus dias como a Dama Notável...

— Ah, Devondra, aonde isso vai nos levar?

— Não importa, desde que fiquemos juntos.

O amor que ele sentia se refletia em seu olhar. Só o fato de tê-la nos braços parecia afastar todos os seus problemas. Segurou-a junto a si, contente com a proximidade. Acariciou-a com suavidade, o calor da respiração aquecendo-a. Saberia suportar todas as farpas em seu orgulho desde que a tivesse por perto.

Por fim, soltou-a só para erguê-la nos braços e subir os degraus que levavam ao pequeno mezanino. Começou a puxar as roupas dela.

— Temos de nos livrar de todo esse veludo vermelho. Mais parece uma capa aticando os touros, anunciando o seu paradeiro. E melhor ficar só com a camisa de baixo, ou, melhor ainda... — Devagar, apreciando o que via, despiu-a e quando ela ficou nua, explorou seus contornos com as mãos. — Hum, acho que assim está bem melhor.

— Quer que eu cavalgue como Lady Godiva a caminho do litoral?

Ele a percorreu do lóbulo da orelha até a curva suave dos ombros com os lábios.

— Desde que esteja usando um manto, só para não atrair muita atenção.

— Um manto? E quanto a você? — Ousada, ela puxou a jaqueta, a camisa e as calças negras. — Por certo os soldados de Cromwell se interessariam em capturar um homem vestido todo de preto.

— Talvez seja melhor passarmos o resto de nossas vidas aqui. — Segurando o rosto dela entre as mãos, beijou as pálpebras, a curva da face, a boca. A língua traçou o seu contorno enquanto a mão descia pelo corpo, dos ombros às coxas, acariciando a planície do torso. Subiu para afagar os seios, apertando-os com suavidade. Abaixando a cabeça, escondeu o rosto entre os montes macios.

Ah, como adorava aqueles seios perfeitos, amava tocá-los, saboreá-los. As pernas longas e bem formadas, o quadril arredondado na medida certa. Acariciou a pele sedosa, sentindo o desejo acender com o mesmo vigor da primeira vez em que fizeram amor.

— E pensar que o carrasco quase a tirou de minha vida para sempre. Como o resto pode ser importante agora?

— Você sugeriu que nos deitássemos diante do fogo... — A voz de Devondra saiu baixa e sedutora. — Que tal?

Quentin pegou o pesado manto e, levando-a pela mão, desceu as escadas de novo. Esticou o manto diante do fogo e a puxou para baixo ao seu lado. Abraçaram-se, os corpos se tocando por inteiro, acariciaram-se ao se beijarem. Os seios dela roçaram seu peito quando ela se ergueu para acariciar seus cabelos.

— Eu te amo tanto, Devondra! — sussurrou, acariciando-a no pescoço com tanta suavidade que ela quase gritou.

— Eu também te amo... — sussurrou, esticando-se para sentir todo o poder dele.

Ele apoiou o peso do corpo nos cotovelos ao acariciá-la, afastando-lhe as pernas delicadamente com o joelho. Só por meio da completa união conseguiriam saciar a fome que sentiam um pelo outro. Muito lentamente, ele a preencheu com a força de sua masculinidade. Ela enrascou as pernas ao seu redor, segurando-o com força como se nunca fosse abandoná-lo.

Não emitiram som algum, não trocaram mais palavras. O ritmo da paixão, o encontro dos olhos dizia tudo o que precisava ser dito unindo os corações, as almas, os corpos num

único ser, na suprema demonstração de amor. Duas metades de um todo se juntando. Era o paraíso na terra ao se entregarem à explosão que os fez gritar. Ela o abraçou com pernas e braços, segurando-o em seu calor.

Quando a paixão se apagou, permaneceram deitados frente a frente. Quentin desceu a mão para o ponto em que ainda estavam unidos.

— Nunca vou deixar você se afastar. Você foi feita para ser amada e idolatrada. Prometo meu amor, minha vida a você.

— E eu prometo meu coração. — Ela sorriu. — Talvez possamos ficar assim para sempre.

— Seria muito bom, mas lamento dizer que não podemos ficar aqui por muito tempo mais. Alguém pode ter nos visto na estrada vindo para cá. Cromwell é uma ameaça que deve ser levada a sério.

— Eu sei. — Perguntou-se, ainda enroscada a ele, se seria possível sentir maior felicidade do que aquela. Levantando a mão, acariciou-o no rosto, desejando que pudesse ser sempre assim, juntos, aninhados no calor um do outro. Ele era seu pilar de força, um amigo além de amante. Apesar de o tempo passado juntos ter sido breve, estreitara os laços que sentiam um pelo outro.

— Venha, vamos nos vestir. — Lamentando ter de fazer isso, puxou-a pela mão.

Vestiram-se, mas jogaram as máscaras e os chapéus no fogo.

— Se tivermos sorte, encontraremos roupas nos sítios pelo caminho. — Abaixando-se para pegar o manto, disse: — O que é isso? — Vendo um pedaço de papel amassado antes passado despercebido, ele o leu.

— Quentin?

O rosto dele demonstrava preocupação.

— Agora entendo por que os ocupantes do chalé o abandonaram. — Apesar de o papel estar rasgado, o que restava deixava claro que um plano maquiavélico estava para ser executado. — Cromwell.

— O quê? — Em pânico, ela olhou para a porta.

— Não, refiro-me a este papel. Há uma conspiração para assassinar Cromwell enquanto ele estiver no Parlamento. — Os monarquistas não haviam sido dissipados por completo. Um antigo soldado monarquista que deu seu nome à rebelião, Coronel John Penruddock, estava planejando matar Cromwell e colocar o príncipe Charles no trono.

— O quê? — Embora não sentisse nada por Oliver Cromwell, Devondra sabia muito bem que tal conspiração só traria sofrimento para muitos inocentes.

Quentin se debatia entre sua honra e seu coração.

— Vou levá-la a um lugar seguro. Ela entendeu o que ele queria fazer.

— Vai voltar para Londres para salvar o homem que se virou contra você.

— Tenho de fazer isso!

— Não! — Temia que ele não conseguisse voltar, mas sabia que ele era do tipo de homem que precisava de liberdade para fazer o que acreditava ser o certo. — Ao menos me deixe ir com você.

— E vê-la diante da multidão em Tyburn de novo? Não. Devondra, arriscar a minha vida é uma coisa, outra completamente diferente é fazer isso com você. — Ele se mostrou obstinado.

— Então me leve de volta para Brentford. Há porões secretos e passagens para a DeviPs Thumb sempre usadas pelo meu pai. Posso me esconder lá.

— E quanto a Scar?

— Temos de ter esperanças de que ele fique em Teddington, que é o lugar a que ele pertence, pelos próximos dias. — O olhar dela demonstrava reflexão. — Mas se por acaso nossos caminhos se cruzarem, há um assunto antigo que precisa ser resolvido. Só assim posso ficar em paz.

Rapidamente puseram-se a caminho novamente, sabendo que alguns assuntos

precisavam ser resolvidos antes que pudessem ficar livres de uma vez por todas.

— Precisamos de outras roupas.

Avesso ao roubo, Quentin teve de ceder à necessidade básica de protegê-los e pegou diversas peças de um varal de um sítio. Devondra logo se trocou, passando a usar um vestido simples marrom, com um corpete branco, um avental e uma touca branca. Quentin vestiu calças até os joelhos e uma jaqueta cinza com um chapéu de feltro com seu manto negro, tornando-se um verdadeiro Puritano.

— Duvido que mesmo Tobias pudesse nos reconhecer — ela disse.

Mesmo assim, mostraram-se nervosos ao chegarem a Brentford e à estalagem.

— Volto assim que possível, meu amor — Quentin prometeu. — Espere por mim aqui.

Lágrimas brilhavam nos olhos de Devondra, mas ela forçou um sorriso.

— Estarei aqui esperando, mas se por acaso não me encontrar, sabe onde procurar.

— Devondra. — Impulsivamente, ele a abraçou, exclamando: — Não faça nenhuma tolice.

Ela se afastou, descendo do poleiro em que estavam e, temendo fazer uma cena, correu para a porta da estalagem o mais rápido que pôde. Virando-se, ficou vendo o cavalo se afastar pela estrada, triste, mas resignada com a partida dele. Ele voltaria. Tudo ficaria bem. Sabia disso com uma certeza absoluta vinda do fundo do coração. Ainda assim, quando o animal desapareceu de sua vista, descobriu que chorava.

Mesmo que seu cavalo tivesse asas, Quentin não teria viajado mais rápido. Apesar das relações estremecidas entre ele e Cromwell, ele sabia o que o Plano Penruddock poderia causar ao país: dividi-lo em dois, provocando outra guerra civil. Mais sangue seria derramado numa época em que a Inglaterra precisava se curar.

Ao cavalgar em direção à Londres, refletiu a respeito da carta encontrada, que muito provavelmente deve ter sido jogada na lareira. De acordo com seus cálculos, o assassinato seria executado naquele mesmo dia, quando o Parlamento estivesse reunido após breve interrupção.

Estivera tão agitado com o paradeiro de Devondra na charneca que se distraiu de tudo o que acontecia ao seu redor nos últimos tempos. Pensando a respeito e lembrando-se de alguns trechos de suas conversas com Edwin, viu que Cromwell ainda combatia alguns *Cavaliers*, acusando-os de querer despedaçar o país novamente. Ele discursara das atividades imprudentes do Parlamento, indicando que aqueles que não concordavam com ele não poderiam retornar à Casa. Cromwell então dispensara o Parlamento, depois de apelar tanto a Deus quanto ao seu dever para com o povo. Agora parecia que sua ferocidade significaria sua derrocada.

— Coronel John Penruddock! — Aquele era um homem que Quentin jamais considerou um adversário de valor, contudo, toda conspiração merecia cuidado. Mesmo assim, ele considerou uma tolice deixar por escrito tal tipo de plano. Será que Penruddock conspirava com tolos e matutos? Ou havia alguém muito mais importante envolvido? E quais seriam as conseqüências de sua intervenção? Não importava; Cromwell tinha seus defeitos, mas no momento era o único governante de que a Inglaterra dispunha.

O trajeto foi longo e cansativo. Chegando à cidade, ficou aliviado pela viagem ter terminado. Ainda assim, tinha suas dúvidas. Seu senso de honra o levaria de volta para outra estada na Torre?

Qualquer que fosse seu destino, não poderia dar meia volta agora. Desmontando diante da casa de Edwin, avaliou sua aparência, decidindo que com suas roupas de camponês e a poeira da viagem sujando-lhe as feições, não precisaria temer ser reconhecido.

Subindo os degraus da casa da cidade dois de cada vez, teve a entrada bloqueada pelos criados de Edwin, descobrindo assim que o anonimato tinha seus problemas.

— Deixe-me passar — ordenou, ignorando os olhares dos criados. — Preciso falar imediatamente com Edwin.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— Ele não está disponível para alguém como você. — Foi a resposta obtida.

— Ele está se preparando para sair.

— O Parlamento. — Quentin ficou aliviado em saber que chegara a tempo. — Ele precisa ouvir o que tenho a dizer antes de sair.

— Não! — Um dos criados procurou detê-lo, mas não era páreo para a força de Quentin que, empurrando-o para o lado, entrou em busca do amigo.

Quentin encontrou Edwin penteando o cabelo diante do espelho.

— Quentin! Você está horrível! — Vendo-o pelo espelho, Edwin se virou. — Eu, como toda a cidade, ouvi muito a respeito do ousado resgate em Tyburn. Parabéns. Você deu um novo significado à palavra "cavalheirismo". Parece-me, porém, que confundiu que direção seguir. Deveria estar bem longe de Londres a esta hora.

— Alguém está prestes a matar Cromwell! — Quentin disse, indo direto ao ponto.

— Matar Oliver? — Nervoso, Edwin puxou a manga. — Onde diabos ouviu tal história?

— Eu li com meus próprios olhos. Edwin meneou a cabeça.

— Ah, esses jornalistas tolos... Eles estão indo longe demais. Uma coisa é apelidar Cromwell de "rei do nariz vermelho" ou "chefe cervejeiro de Belzebu" e outra completamente diferente é inventar uma história como essa.

— Não li sobre isso nos jornais, mas nisto. — Quentin entregou o papel amassado a Edwin e ficou atônito quando o viu rasgá-lo. — Por Deus, o que está fazendo?

— Destruindo algo que não passa de tolice. — Edwin jogou os pedaços de papel no chão. — Espero que não tenha vindo a Londres só por causa disso. Nesse caso, sugiro que dê meia volta e corra rápido ao encontro de sua amada.

— Edwin! — Algo nos modos do amigo o incomodava. — Encontrei esse pedaço de papel num velho chalé abandonado. Deve ter sobrevivido às chamas. Acho que foi o destino que me fez encontrá-lo.

— Destino?

— Se alguém está planejando seriamente matar o Lorde Protetor, então talvez Deus tenha intervindo na execução de Devondra. Preciso retribuir.

— Deus? — Edwin riu sardonicamente. — Deus não tem tempo para o que possa acontecer com um demônio como Cromwell. Nem você deveria se preocupar com isso.

— O quê? — Recostando-se à porta, Quentin observava o amigo atentamente.

— Não ponha o nariz onde não deve.

A inflexão na voz de Edwin bem como as palavras contou a verdade a Quentin.

— Há uma conspiração e, por Deus, você está envolvido nela. Por quê, Edwin?

Ele e Edwin lutaram lado a lado na guerra e ele sabia que os dois pensavam do mesmo modo. Mas não naquilo!

— Cromwell fez promessas, mas traiu a todos nós... Segurando Edwin pelo braço, Quentin o encarou.

— Dinheiro, Edwin. Tudo isso é por cobiça? — Como ele próprio, Edwin vinha de origens humildes. Jamais acalentou qualquer pensamento considerado "monarquista".

Desvencilhando-se de Quentin, Edwin sustentou seu olhar.

— Em parte. Eu... Nós... Nós recebemos promessas de que nossos esforços seriam recompensados, mas isso não aconteceu. Cromwell obteve cada vez mais poder até se considerar invencível. — Prendendo as mãos às costas, andou de um lado para o outro. — Estávamos furiosos com Charles porque ele desconsiderava o Parlamento. Cromwell fez exatamente a mesma coisa. Ele já não é um de nós, mas um novo rei. *Ele* que não é muito melhor do que nós.

— Então vão matá-lo para substituí-lo por quem?

— O Parlamento tomará o lugar dele. — Os olhos de Edwin cintilavam. — Imagine! A Inglaterra governada por um grupo de homens inteligente para o bem de todos. — Foi a vez de ele segurar o braço de Quentin. — Junte-se a nós!

— E perder minha honra? — Quentin balançou a cabeça. — Não, nem que me

promettesse a lua.

Edwin deu um passo à frente.

— E o que acontece agora?

— Tenho de deter você.

— Apesar de nossa amizade?

— Por causa dela.

— Nunca! — Para enfatizar sua recusa, Edwin pegou a espada. — Mexa-se e morrerá!

— Com graça, moveu-se na direção de Quentin.

Apesar de terem se enfrentado diversas vezes, aquele não era um mero exercício. Sem se acovardar, Quentin se envolveu na disputa com o mesmo vigor. As espadas se encontravam, os ânimos se exaltaram. Os dois se enfrentaram com destreza, num teste de força e habilidade.

Mais de uma vez Edwin investiu, a raiva tornando-o descuidado. Alertado pelos seus sentidos, Quentin conseguia combater cada golpe. No fim, conseguiu desarmá-lo, lançando a espada do outro no chão e era ele quem encostava a arma no peito de Edwin.

— Vá em frente e me mate.

— Matá-lo? Sinto vontade de colocá-lo sobre meus joelhos e dar umas boas palmadas, isso sim! John Penruddock não passa de um tolo. Qualquer aliança que faça com ele será a sua ruína, Edwin! Mas não deixarei que isso aconteça. Você me ajudou a sair da Torre e agora sou eu quem vai ajudá-lo.

— Vai me ajudar? — Edwin ousou ter esperanças.

— Salvando-o de si mesmo! — Curvou-se educadamente antes de dizer: — Portanto, perdoe-me, mas preciso fazer isto... — Levantando a espada, atingiu-o com o cabo, deixando-o inconsciente. Em seguida saiu correndo escada abaixo.

O ar estava frio e úmido na passagem escondida debaixo do Devil's Thumb. Embora tivesse aparentado bravura, Devondra tinha de admitir que estava nervosa. Ter passado por Newgate deixava um marca.

— Quentin... Que Deus o acompanhe, mas volte logo — ela sussurrou, esperando do fundo do coração que tudo corresse bem.

Além do senso de dever demonstrado por Quentin ao tentar salvar Cromwell, Devondra via outro motivo por trás do ato corajoso. Por certo, se conseguisse salvar a vida do Lorde Protetor, ele seria recompensado. Receberia de volta a casa e o prestígio. E se assim fosse, onde ela se encaixaria na vida dele?

A vida não trazia promessas de sonhos cumpridos. Era de se admirar, então, que estivesse tão apreensiva ao caminhar naquele túnel?

— Não se mexa ou pague com a vida — disse uma voz. O medo gélido que sentia correr pela espinha foi substituído por alívio.

— Tobias! — Exceto pelo momento em que Quentin a salvou no patíbulo, nunca antes sentiu tanta alegria em ver alguém. — O que está fazendo aqui?

— Senhorinha? — Era difícil determinar quem estava mais surpreso com aquele encontro. Por certo ele se mostrou aliviado. — Ouvi a respeito de sua fuga, mas pensei que a esta altura estaria a caminho da Escócia ou da Irlanda.

— Quentin tem outros planos, mas logo vai voltar para me buscar. — Quando Tobias não disse nada, ela insistiu: — Vai sim!

— Não duvido. O homem a ama e parece que esse tipo de sentimento move montanhas... Foi o que ouvi dizer. — Como que se sentindo mais seguro na escuridão agora que estava com ela, a voz dele subiu. — Portanto, seu querido amor conseguiu ao menos anular o mal causado por Scar.

— Ah, sim, Scar...

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— O maldito. Que Deus o perdoe pelo que ele fez, pois eu, seguramente, não conseguirei. Só não entendo seus motivos. Por que ele a odeia tanto?

— Por causa de Anne.

— Anne? O que ela tem a ver com tudo isso?

Embora quisesse esquecer todas as acusações feitas por Scar, que sabia serem impossíveis, precisava provar se essas suspeitas eram verdadeiras ou vingar o pai.

— Tobias?

— Sim?

O frio, ou as emoções, deixou sua voz rouca, mesmo assim ela conseguiu dizer:

— Scar foi a Newgate para me ver. Ele disse que... fez o que fez por causa de Anne...

E de meu pai.

— Anne e seu pai?

— Anne morreu porque... porque estava grávida. Scar disse que meu pai o gerou. Disse que... — Fez uma pausa e completou: — Isso é verdade?

— Não! — Com um arfar que indicava toda a sua surpresa, Tobias deu a resposta que ela tanto ansiava.

— Então Scar é um mentiroso!

— Ou o maior tolo da face da terra. — Abraçando-a para confortá-la, Tobias tentou imaginar o que poderia ter acontecido para envenenar a mente de Scar. — Não havia nenhum romance entre Anne e Jamie, só uma amizade que a pobre moça tanto precisava. — Seu tom ficou mais duro. — Se Scar tivesse sido um pai mais próximo, ela não teria procurado se aconselhar com Jamie.

— O que quer dizer com isso? — Devondra estava ainda mais confusa.

Tobias suspirou.

— Pobre Annie. Ela precisava tanto de amor e sinto dizer que não soube agir com cautela. Ficou enfeitiçada com palavras doces e um bebê foi o resultado.

— Você sabia, então?

— Sim. Pobre Annie. Ela pagou o preço, não por causa de seu pai, mas por causa do filho do estalajadeiro.

— Tad? — Que não passava de um embusteiro.

— Ele se recusou a se casar, sabe, e...

— E ela foi atrás de meu pai para se aconselhar! — Embora quisesse esse tipo de explicação, a verdade era dura demais para aceitar. — Não!

— Scar deve ter visto um dos encontros deles e chegou à conclusão errada. A inveja que ele sentia aumentou ainda mais sua maldade.

— Que alcançou a todos nós. — Devondra se recostou no ombro de Tobias, lutando contra a amargura que ameaçava tomar conta dela. Seu querido pai fora cruelmente traído e tudo isso por quê? Por um ato de gentileza com uma mulher. — Oh, não...

— Scar tem muito a responder! Quando eu puser minhas mãos em cima dele...

— Não fará nada — ela disse com suavidade. A raiva e o ódio tinham de terminar. — Isso é da minha conta.

— Devondra... — Tobias a conhecia bem o bastante para saber que tinha de se preocupar. — O que pretende fazer?

Ela se afastou.

— Tenho de falar com Scar. Tenho que fazer com que ele entenda... — Se de nada adiantasse, ao menos tentaria limpar o nome do pai.

Apesar de ser quase meio-dia, o céu estava nublado, tornando o dia cinzento. Era o tipo de dia que poderia fazer um homem supersticioso pensar duas vezes antes de bancar o herói. Quentin, no entanto, não era esse tipo de homem. Com o chapéu enfiado até as sobrelanceiras, entrou na Câmara dos Comuns onde Cromwell iria discursar.

As ruas estreitas pavimentadas com pedras estavam abarrotadas de londrinos curiosos com o que estava para acontecer.

— Privilégios do Parlamento! — alguém gritou no caminho.

Um grito contra Cromwell, sem dúvida um lembrete de tempos idos em que Charles tentou um golpe contra o Parlamento. Tentando prender cinco de seus maiores opositores, ele mexeu num vespeiro. Agora era Cromwell quem fazia a mesma coisa. Talvez fosse esse o motivo pelo qual ele escolhera entrar antes que a multidão tivesse a chance de se aglomerar.

Procurando o anonimato das sombras, Quentin subiu os degraus, observando alguns de seus antigos colegas se reunirem. Reconheceu o perfil soturno de Thomas Hunley, um sábio ancião que tomara para si a responsabilidade de olhar por ele; o arrogante Robert Marsden, cujos modos costumavam beirar a incivilidade. E, claro, John Thurloe, o secretário de Estado.

Foi difícil para Quentin se concentrar na ata do dia. Na verdade, mal ouviu o que se disse. Tudo o que pensava era encontrar os co-conspiradores de Penruddock. Em algum lugar em meio a toda aquela gente alguém esperava para atirar no coração de Cromwell. Mas quem? Como ele era?

— O pagamento do exército anda atrasado... — Cromwell dizia com uma carranca. — O que não é o melhor modo de manter a segurança nacional. — Ele se mostrava indignado com o que chamava de decisões temerárias, até mesmo criminosas, do Parlamento. Ele fazia falsas promessas e ameaçava, mas no fim o que queria dizer era bem simples: *tinha* intenção de se livrar do Parlamento.

Houve uma repentina movimentação no vestíbulo. Se os outros estavam concentrados demais para notar, o mesmo não se deu com Quentin. Pelo canto do olho, vislumbrou um homem alto e musculoso. Tal qual ele mesmo, procurava o anonimato. Talvez fosse isso o que colocasse a pulga atrás da orelha de Quentin.

David Grenville, o membro mais jovem do Parlamento e um homem ambicioso, estava logo adiante. Seu pai foi um monarquista. Mesmo assim, como não havia nenhum outro indício, Quentin não poderia abordá-lo somente baseado em suspeitas. Frustrado, virou o rosto um segundo apenas, mas quase o bastante para perder o início da execução do plano.

— Privilégios do Parlamento! — ele ouviu uma voz exclamar ao mesmo tempo em que viu o brilho de metal de uma pistola ao ser sacada.

— Não! — Instintivamente, jogou-se sobre Grenville, mas esse se moveu antes e atirou.

Houve um tumulto. Grenville cambaleou para trás quando Quentin se atirou nele e a confusão foi geral.

— Um tiro, céus!

— Alguém atirou...

— Quem...

— Wakefield!

Tendo disputado a pistola e tomando posse dela, as coisas estavam bem ruins para o lado de Quentin quando todos os olhos pousaram sobre ele, mas o medo e o desespero de Grenville em escapar logo ficaram evidentes.

— Aquele é Quentin Wakefield. Ele fugiu da Torre. Prendam-no! — Sem pensar em seu quase encontro com a morte, Cromwell distribuía ordens.

— Vai me prender? — Petrificado, Quentin fitava o rosto de Cromwell. — Uma bela recompensa para o homem que evitou seu encontro com o anjo da morte — replicou. — Mas isso, imagino, esteja de acordo com seu caráter.

— É mesmo?

— Esqueceu-se de agradecer aqueles que o ajudaram pelo caminho. Como posso esperar que me agradeça por ter-lhe salvado a vida?

Cromwell ergueu as sobrancelhas, evidentemente surpreso.

— Essa bala era para mim? — Ele não queria acreditar, não até terem interrogado Grenville e descoberto a conspiração e seus maquinadores.

Liderados por um frágil, porém galante Penruddok, o levante poderia ter tomado um curso completamente diverso sem a intervenção de Quentin. Do modo como as coisas se apresentavam, o plano foi por água abaixo. Formado por seis conspiradores regionais organizados em associações locais sob o comando de lorde Rochester, o plano iria por terra agora que Cromwell, o alvo principal, saíra ileso. A reunião monarquista marcada para Marston Moor na mesma hora da tentativa de assassinato de Cromwell causou pouco interesse.

— Nós os liquidaremos, não se preocupe. — Cromwell se deteve, percebendo o que acabara de dizer, e bateu no braço de Quentin. — Ouviu o que eu disse, Quentin? Eu disse "nós". — E fez uma rara confissão. — Apesar de nosso estremecimento, senti a sua falta. Será bom recebê-lo de volta. — Rapidamente, começou a distribuir ordens. — Fortaleceremos as tropas da Torre. Traremos os soldados de volta da Irlanda.

— E aumentar a guarda ao redor de Whitehall.

— E enforcar todos os bastardos que se opuserem a mim. — Cromwell mostrou-se contrito de súbito. — Disse antes que fui mal agradecido. Como sugere que eu pague o homem que salvou minha vida?

Quentin estava de bom humor, por isso disse ardiloso:

— Poderia retornar a posse de suas propriedades e seu título. E...

— E? — Cromwell pegou a bolsa de dinheiro.

— E permitir que ele fique o resto da vida com a mulher que ama.

— Para sempre? — O olhar incrédulo de Cromwell indicava que ele considerava o casamento tudo menos um mar de rosas. — Um desejo simples de atender.

— Mesmo que a noiva tenha sido bem sucedida em escapar do carrasco? Mesmo assim?

A expressão de Cromwell azedou.

— Mesmo assim.

— Então se prepare para perdoar minha noiva! E me parabeneze, Oliver, pois logo farei parte do grupo dos homens casados.

Os sinos de Santo Sepulcro tocavam, desta vez, porém, por um motivo feliz. Naquela manhã aconteceria o casamento pelo qual todos os londrinos ansiavam, esperando ver a noiva que chegava em sua liteira.

— A Dama Notável está se casando com o magistrado, sabe — diziam as fofoqueiras.

— E por que não? Primeiro ela roubou seu dinheiro. Depois roubou o coração. Agora resta roubar o nome.

— Roubar? — Os espectadores deram uma olhada no sorridente noivo que, obviamente, entregava tudo de bom grado.

— Ora, vejam como ele olha para ela...

E por que não? No vestido em veludo branco acompanhado por um chapéu prata com pluma e botas brancas, ela era uma visão e tanto.

— Está linda — ele sussurrou, inclinando-se para tomar a mão dela à porta da igreja. — A mais linda mulher que já vi. Agradeço a Deus o fato de logo se tornar minha para sempre.

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

— E eu agradeço pelo fato de, se acreditarmos o bastante, o final ser feliz — ela sussurrou, pois tudo se resolveu no fim. Tudo, exceto sua briga com Scar.

Embora ela tivesse insistido na inocência do pai e Tobias revelado o verdadeiro motivo para os encontros de Anne e Jamie Stafford, Scar não acreditou na história deles. Talvez, Tobias concluiu, era-lhe muito mais confortável viver com aquele ódio a aceitar a realidade. Todavia, Devondra encontrou paz e amor em seu coração conforme a cerimônia prosseguia.

— Tobias trouxe o anel?

— Sim. — Olhando por sobre o ombro, Quentin sorriu ante o contentamento estampado no rosto do homenzinho.

Ela sussurrou:

— Tomara que não seja roubado.

Devondra sentiu o anel tocar um dedo, depois outro antes de ser colocado no dedo médio, um símbolo eterno de amor. Pertenceria a Quentin Wakefield para sempre. E o faria feliz, jurou.

— Ah, pai, se ao menos pudesse me ver agora. — Sabia que ele estaria orgulhoso e feliz.

A cerimônia foi breve. Devondra deslizou os braços ao redor dos ombros do marido, deleitando-se com o beijo ritual, estremecendo de paixão ao saber que aquele homem lindo e determinado lhe pertencia.

— Venha, amor — ele sussurrou, acariciando-a de modo a fazer Tobias corar. — Está na hora de nos saborearmos como marido e mulher. — E então voltou a beijá-la apaixonadamente.

A comemoração do casamento foi muito alegre com a cerveja da estalagem King's Head sendo servida aos barris. Depois houve muita dança, na qual mesmo o jubiloso Tobias deu seus passos como qualquer outro homem. Depois, entre risos e congratulações, os recém-casados foram acompanhados escada acima para o leito nupcial, um costume observado desde a Idade Média.

Ainda que diversos pares de olhos os observassem tomar seus lugares na larga cama de colchão de plumas, Quentin e Devondra mal os notaram, muito menos ao ministro que lhes dava a bênção, pois só tinham olhos um para o outro. Por fim, foram deixados a sós.

— Minha adorada esposa, como eu te amo — Quentin murmurou.

— Mostre-me! — Os olhos dela o desafiavam, do modo como ele mais adorava.

O olhar intenso dele a cativou ao fitar sua beleza nua. Percorrendo a mão pelas curvas suaves, deteve-se nos seios. Aquela era sua noiva, sua parceira para todo o sempre. E valia cada sacrifício feito.

Com um arfar, trouxe-a para junto do peito, moldando as bocas num beijo apaixonado. As mãos a acariciavam, prontamente incendiando-a como sempre fazia com o mínimo toque.

O fogo os consumiu quando os corpos se uniram. Com as mãos, os lábios e palavras, deram total vazão ao amor que sentiam. Abraçados, rolaram pela cama, unidos no amor, na carne, nos corações, nas almas.

Epílogo

Mansão Wakefield, 1660

Devondra estava parada junto à janela, admirando a neve. Era tão limpa, tão branca, a promessa de um novo começo. Talvez aquele fosse o futuro prometido por Quentin para ela e para o filho deles, de quatro anos de idade.

Haviam se passado de fato cinco anos desde o dia em que acreditara que sua vida tivesse chegado ao fim? Parecia impossível, mas era isso mesmo. Cinco anos. Ah, e quantas mudanças esses cinco anos haviam trazido! Oliver Cromwell tinha deixado de lado a espada e o cetro. A perda de sua filha predileta pesara demais em sua saúde já fragilizada. Após uma febre galopante, morrera rapidamente, deixando o caminho aberto para os Stuart retornarem ao trono.

— O Lorde Protetor — sussurrou.

O dele fora um reinado breve que trouxera a paz por um curto período após a Guerra Civil, mas seu fracasso em trabalhar junto ao Parlamento e o uso de força militar logo tornaram o seu governo deveras impopular. Caíra vítima do que ele mesmo chamara de "necessidade cruel" ante o corpo do rei Charles.

Seu marido tivera muito trabalho à medida que os cidadãos de Londres se mostravam cada vez mais decepcionados. A política religiosa de Cromwell agradava apenas alguns moderados como ele mesmo. Como um todo, as pessoas haviam se cansado da disciplina Puritana, que procurava forçar os homens a serem bons.

O sucessor de Oliver Cromwell fora seu filho mais velho, Richard, uma escolha insensata. Embora fosse um homem agradável de quem Quentin muito gostava, ele era mais adequado para a vida pacata do campo. A tarefa de reger uma nação em turbulência mostrara-se dura demais para ele.

— Eu lhe darei uma moeda se puder fazer parte de seus pensamentos — Quentin declarou, abraçando-a por trás e afastando-lhe uma mecha de cabelo da testa, com ternura.

— Eu só estava pensando em como sou feliz. — Ela se recostou em seu ombro. — Gosto de estar casada com você.

— Mãos ao alto! Bang! Bang!

— Mas o quê...?

A voz estridente do filho interrompeu as reflexões de Devondra e Quentin.

— O dinheiro ou a vida!

Pegando o menino no colo, Quentin balançou a cabeça.

— Ele andou ouvindo as histórias de Tobias de novo. Precisamos explicar algumas coisinhas para este rapazinho, senão em poucos anos terei as mãos cheias com ele.

— Jamie... — Perplexa, Devondra balançou a cabeça. Acalentando o filho nos braços, Quentin sorriu.

— Ah, deixe-o estar. Está na hora de ele entender como eram as coisas. Quero que conte a respeito do avô para ele. Quero que ele perceba como as coisas eram e por que alguns de nós tivemos de fazer o que fizemos.

Os sinos da igreja próxima começaram a tocar.

— Deus salve o rei!

O rei Charles II, já em comunicação com membros do Parlamento, assinara a Declaração de Breda, pela qual concordava em retornar à Inglaterra e reassumir o trono. Ele aportara em Dover sob aclamação e demonstrações de entusiasmo. Em seu décimo terceiro aniversário, fora de Rochester a Londres, em meio à multidão sorridente. Os velhos tempos haviam retornado.

— Ah, como eu queria que papai estivesse aqui para ver este dia!

Quentin pôs um braço ao redor do filho e outro da esposa.

— Talvez esteja, pelo menos em espírito.

— Quem sabe...

CHE 370 – Mais forte que o destino – Kathryn Kramer

Os sinos tocaram de novo, e Devondra soube em seu coração que o Cavaleiro James estava com eles. E soube algo mais: que enquanto houvesse amor nos corações dos homens, tudo terminaria bem.

FIM